



VIDAS DOS SANTOS




Padre Rohrbacher



EDITORA DAS AMERICAS



AVISO AO LEITOR:

Os nomes de Santos acompanhados do sinal (*) indicam biografias compiladas por Jannart Moutinho Ribeiro, as quais constituem acrescentamento necessário à obra do Padre Rohrbacher.

PADRE ROHRBACHER

VIDAS DOS SANTOS

EDIÇÃO ATUALIZADA POR

JANNART MOUTINHO RIBEIRO

SOB A SUPERVISÃO DO

PROF. A. DELLA NINA

(BACHAREL EM FILOSOFIA)

VOLUME I

EDITÔRA DAS AMÉRICAS
Rua Visconde de Taunay, 866 — Telefone: 51-0988
Caixa Postal 4468
SÃO PAULO

NIHIL OBSTAT

PADRE ANTÔNIO CHARBEL. S. D. B.

IMPRIMATUR

São Paulo, 10 de Julho de 1959

† Paulo Rolim Loureiro

Bispo Auxiliar e Vigário Geral

Vidas dos Santos

INTRODUÇÃO (*)

SERMÃO DE TODOS OS SANTOS

Em Lisboa, no Convento de Odivellas. Ano 1643.

Beati mundo corde (1).

§ I

143 A festa mais universal e a festa mais particular, a festa mais de todos e a festa mais de cada um, é a que hoje celebra e nos manda celebrar a Igreja. É a festa mais universal e mais de todos, porque, começando pela fonte de tôda a santidade, que é Cristo, e pela Rainha de todos os santos, que é a Virgem Santíssima, fazemos festa hoje a tôdas as jerarquias dos anjos, fazemos festa aos patriarcas e aos profetas, aos apóstolos e aos mártires, aos confessores e às virgens. E não há bem-aventurado na Igreja triunfante, ou canonizado ou não canonizado, ou conhecido ou não conhecido na militante, que não tenha a sua parte ou o seu todo neste

(*) A Editôra das Américas houve por bem colocar, como Introdução a esta obra, o inspiradíssimo Sermão de Todos os Santos, do P. Antônio Vieira, onde o Autor exalta a glória da Santidade e propicia a todos nós lições a serem meditadas.

(1) Bem-aventurados os limpos de coração (Mt 5, 8).

grande dia. E êste mesmo dia tão universal e tão de todos, é também o mais particular e mais próprio de cada um, porque hoje se celebram os santos de cada nação, os santos de cada reino, os santos de cada religião, os santos de cada cidade, os santos de cada família. Vêde quão nosso e quão particular é êste dia. Não só celebramos os santos desta nossa cidade, senão cada um de nós os santos da nossa família e do nosso sangue. Nenhuma família de cristãos haverá tão desgraciada que não tenha muitos ascendentes na glória. Fazemos pois hoje festa a nossos pais, a nossos avós, a nossos irmãos, e os que tendes filhos no céu, ou inocentes ou adultos, fazeis também festa hoje a vossos filhos. Ainda é mais nossa esta festa, porque, se Deus nos fizer mercê de que nos salvemos, também virá tempo, e não será muito tarde, em que nós entremos no número de todos os santos, e também será nosso êste dia. Agora celebramos, e depois seremos celebrados: agora nós celebramos a êles, e depois outros nos celebrarão a nós. Esta última consideração, que é tão verdadeira, foi a que fêz alguma devoção à minha tibieza neste dia tão santo, e quisera tratar nêle alguma matéria que nos ajude a conseguir tão grande felicidade. Dividirei tudo o que disser em dois discursos, fundados nas duas palavras que tomei por tema, e nas duas do título da festa. Pois a festa é de todos os santos, no primeiro discurso veremos quão grande coisa é ser santos, e no segundo, quão fàcilmente o podemos ser todos. O primeiro nos dá a primeira palavra do tema: *beati;* o segundo nos dará a segunda: *mundo corde.* Digamos à Virgem Santíssima: *Regina Sanctorum omnium, ora pro nobis,* e ofereçamos-lhe a costumada *Ave Maria.*

§ II

Beati mundo corde.

144 A mais poderosa inclinação e o mais poderoso apetite do homem é desejar ser. Bem nos conhecia êste natural o demônio, quando esta foi a primeira pedra sôbre que fundou a ruína a nossos primeiros pais. A primeira coisa que lhe disse e que lhe prometeu foi que seriam: *Eritis* (Gên 3, 5), e êste *eritis,* êste *sereis* foi o que destruiu o mundo. Não está o êrro em desejarem os homens ser, mas está em não desejarem ser o que importa. Uns desejam ser ricos, outros desejam ser nobres, outros desejam ser sábios, outros desejam ser poderosos, outros desejam ser conhecidos e afamados, e quase todos desejam tudo isto, e todos erram. Só uma coisa devem os homens desejar ser, que é ser santos. Assim emendou Deus o sereis do demônio com outro sereis, dizendo: *Sancti eritis, quia Ego sanctus sum* (2). O demônio disse: Sereis como Deus, sendo sábios; e Deus disse: Sereis como Deus, sendo santos. E vai tanto de um sereis a outro sereis, que o sereis do demônio não só nos tirou o ser como Deus, mas tirou-nos também o ser, porque nos tirou o ser santos, e o sereis de Deus, exortando-nos a ser santos, como êle é, não só nos restitui o ser como Deus, senão também o ser. Quando Moisés perguntou a Deus o que era, respondeu Deus definindo-se: *Ego sum qui sum* (Êx 3, 14): Eu sou o que sou — porque só Deus tem por essência o ser. Agora diz a todos os homens por bôca do

(2) Vós sereis santos, porque eu sou santo (Lev 11, 45).

mesmo Moisés: Se sois tão amigos e tão ambiciosos de ser, sêde santos, e sereis, porque tudo o que não é ser santo, é não ser. Sêde rei, sêde imperador, sêde papa: se não sois santo, não sois nada. Pelo contrário, ainda que sejais a mais vil e mais desprezada criatura do mundo, se sois santo, sois tudo o que pode chegar a ser o maior e mais bem afortunado homem, porque sois como aquêle que só é e só tem ser, que é Deus. Todo o outro ser, por maior que pareça, não é, porque vem a parar em não ser. Só o ser santo é o verdadeiro ser, porque é o que só é, e o que há de permanecer por tôda a eternidade.

145 Bastava esta só razão para os homens, que temos alma imortal, desejarmos a santidade sôbre tôdas as coisas, e desprezarmos tôdas as coisas só por ser santos. Mas quero que os mesmos santos e todos os santos nos ensinem e animem a esta verdade. Todos os santos quantos há e pode haver, pela mesma ordem em que hoje os celebra a igreja, se reduzem a quatro classes. Deus, que também se preza de ser e de se chamar santo; a Mãe de Deus, que é a mais santa entre tôdas as puras criaturas; os santos anjos, repartidos em nove coros; os homens santos, divididos em seis jerarquias. Ora, vejamos como todos êstes santos nos ensinam a estimar sôbre tudo o ser santos, e comecemos por Deus.

146 Se perguntarmos aos teólogos qual é o maior atributo de Deus, responder-nos-ão que todos são iguais, porque todos e cada um dêles é Deus. Mas se perguntarmos qual é o que mais declara e engrandece o ser do mesmo Deus, S. Dionísio Areopagita, que é o que mais altamente escreveu dos atributos divinos, diz que o ser santo: *Deus per excellentiam cuncta excellentem Sanctus Sanctorum*

praedicatur. Quando dizemos que Deus é santo, e Santo dos Santos, louvamos em Deus uma excelência que é mais excelente que tôdas: *Excellentiam cuncta excellentem.* O grande doutor da Igreja, Santo Ambrósio, ainda disse mais, ou com maior expressão: *Nihil pretiosius invenimus, quo Deus praedicare possimus, nisi ut sanctum apellemus: quodlibet aliud inferius est Deo, inferius est Domino:* Quando queremos louvar e engrandecer a Deus, nenhuma coisa achamos de maior estimação e de maior preço que chamar-lhe santo, porque tudo o demais que dissermos é inferior a Deus, e só quando lhe chamamos santo dizemos o que é. Antigamente, como Deus era só conhecido em Judéia, no resto do mundo havia muitos chamados deuses, os quais todos tinham sacrifícios e sacerdotes. E que fêz o verdadeiro Deus para se distinguir dos deuses falsos? Mandou que o seu Sumo Sacerdote trouxesse na testa uma lâmina de ouro com esta letra: *Sanctum Domino* (Êx 28, 36): A santidade ao Senhor — porque só aquêle Senhor, que tem por atributo o ser santo, é o verdadeiro Deus.

147 Mais fizeram os profetas, os quais, falando de Deus, deixavam o nome de Deus, e o trocavam pelo nome de Santo. Lêde Isaías e os demais, e achareis: *Ad Sanctum Israel respiciente: Blasphemaverunt Sanctum Israel: In Sancto Israel laetaberis: Veniat consilium Sancti Israel* (3), e assim em muitos outros lugares, não havendo panegírico, invectiva ou declamação em que não tragam

(3) Olharão para o Santo de Israel (Is 17, 7).
— Blasfemaram o Santo de Israel (Is 1, 4).
— Alegrar-te-ás no Santo de Israel (Is 41, 16).
— Chegue-se o conselho do Santo de Israel (Is 5, 19).

sempre na bôca o Santo de Israel, o Santo de Israel. E que Santo de Israel é êste? É Abraão, Isaac, ou Jacó? É Moisés, Josué, ou Davi? É Elias ou Eliseu? Não. O Santo de Israel, de que falam os profetas, é Deus. Pois, se é Deus, por que lhe não chamam Deus, ou o Deus de Israel, senão o Santo de Israel? Porque em Israel havia naquele tempo muitos idólatras, que veneravam e sacrificavam aos deuses falsos da gentilidade; e para distinguir o Deus verdadeiro dos deuses falsos, não acharam os profetas outra diferença mais individual, nem outra distinção mais adequada, que chamar-lhe o Santo. Se lhe chamaram Deus, equivocava-se o nome de Deus com o dos ídolos, a quem os idólatras também chamavam deuses; mas chamando-lhe o Santo, tiravam tôda a equivocação e tôda a dúvida, porque só o atributo da santidade era o que distinguia e provava no Deus de Israel a única e verdadeira divindade. Tanto significa, tanto monta, e tão alta e divina coisa é, ainda no mesmo Deus, o ser santo.

148 Mas, se os profetas queriam distinguir o Deus verdadeiro dos falsos, por que não fundavam a distinção na verdade, senão na santidade? Por que não diziam o verdadeiro de Israel, senão o Santo de Israel? Porque, ainda que o verdadeiro se opõe formalmente ao falso, mais se qualifica o ser divino pelo atributo de santo que pelo de verdadeiro. Ouvi uma das maiores ponderações com que se pode avaliar e conhecer quão sublime e divina coisa é, ainda na estimação e veneração do mesmo Deus, o ser santo. Jurou Deus a Davi que seria o seu reino eterno, porque dêle descenderia o Messias; e como fêz Deus êste juramento, ou por quem jurou? Coisa estupenda! *Semel juravi in sancto meo, si David mentiar*:

semen ejus in aeternum manebit (Sl 88, 36): Jurei a Davi, pelo meu Santo, que não hei de faltar à verdade do que lhe prometi, e que há de ser pai do Messias. — *In Sancto meo,* pelo meu Santo! E que santo é êste, pelo qual Deus jura? Já sabeis que juramento se faz sempre por aquilo que mais se venera ou mais se estima. Fora de nós, juramos pela vida de el-rei, pela cruz, por Cristo, por Deus, porque é o que mais veneramos; dentro em nós, juramos por nossa vida, por nossa alma, porque é o que mais estimamos. Da mesma maneira, não tendo Deus fora de si por quem jurar, jura pelo que tem dentro em si, e jura por si mesmo, enquanto santo, porque o ser santo é o que mais estima, o que mais preza, e, se se pode dizer assim, o que mais venera. Parece que havia Deus de jurar pela sua verdade, e jura pela sua santidade, como se ficara mais estabelecida a verdade do seu juramento na firmeza da sua santidade que da sua mesma verdade. Em Deus tudo é igual, e tão verdadeiro é como santo, e tão santo como verdadeiro; mas buscando Deus dentro de si mesmo um atributo que, ou fôsse ou parecesse mais soberano e mais digno de veneração, pelo qual pudesse jurar, jurou Deus verdadeiro por Deus Santo: *Semel juravi in Sancto meo.*

§ III

149 Por tão altos e tão admiráveis têrmos como êstes nos ensinou Deus em comum quão grande coisa seja o ser santos, e o mesmo documento confirmou cada uma das três Pessoas divinas em particular, por exemplos não menos maravilhosos. — Sôbre a Encarnação da Pessoa do Filho mandou o

Eterno Padre por embaixador o anjo S. Gabriel, e o que lhe deu por instrução que dissesse de sua parte à Virgem Santíssima, foi que o Filho de Deus e seu, que de suas entranhas havia de nascer, seria santo: *Ideoque, et quod nascetur ex te sanctum, vocabitur Filius Dei* (4). De sorte que, tendo o Eterno Padre um Filho igual a si mesmo, e querendo que por segunda geração e segundo nascimento, sendo Deus, fôsse também homem, o que lhe deu a êle, e o que prometeu à sua Mãe, foi que seria santo: *Quod nascetur ex te sanctum.* Notai o *sanctum* e o *ex te*: santo, e de vós. Não lhe deu riquezas, porque o fêz Filho de uma Mãe muito pobre: *ex te;* não lhe deu honras, porque o fêz Filho de uma Mãe muito humilde: *ex te;* não lhe deu mandos, nem dignidades, nem impérios temporais, porque, ainda que a Virgem era descendente de reis, todos êsses cetros e coroas tinham já degenerado aos instrumentos mecânicos de um oficial, com quem era desposada: *ex te.* E, que lhe deu? Deu-lhe o ser santo: *Quod nascetur ex te sanctum.* Pois a seu Filho não lhe daria outra coisa um Pai onipotente? Os pais, tudo quanto têm e tudo quanto podem, dão a seus filhos, e mais, se são primogênitos e únicos, como Cristo era. Pois a um Filho primogênito, a um Filho único, um Pai todo-poderoso, um Pai Deus e Senhor de tudo, não lhe dá outra coisa mais que o ser santo? Não, e por isso mesmo. Ao Filho primogênito e único do Eterno Padre competia-lhe a herança de todos os bens de seu pai; e todos os bens que Deus tem, e todos os que pode dar, é fazer a

(4) Por isso mesmo o santo que há de nascer de ti, será chamado Filho de Deus (Lc 1, 35).

um homem santo e mais santo, porque tudo o mais, ou não é nada, ou, para ser alguma coisa, há de ser também santificado e santo. Enquanto Filho, herdeiro de sua Mãe, pertenciam-lhe ao mesmo Cristo o cetro de Davi e a casa de Jacó, que também Deus lhe mandou prometer: *Dabit illi sedem David patris ejus, et regnabit in domo Jacob* (5); mas essa mesma casa e êsse mesmo cetro deu-lhe Deus a seu Filho por tal modo que, de temporal que era, o converteu em espiritual, para que tudo nêle fôsse só santidade, e êle, por todos os modos, mais e mais santo.

150 Vêde como dizem o que digo, os que viram o mesmo Unigênito do Padre: *Vidimus gloriam ejus, gloriam quasi unigeniti a Patre, plenum gratiae et veritatis* (6): Vimos — diz S. João — a sua glória, a sua majestade, a sua grandeza, e bem mostrava que era glória, que era majestade, que era grandeza de Filho Unigênito do Eterno Padre. — E em que consistia essa glória, essa majestade e essa grandeza? *Plenum gratiae et veritatis*: em ser cheio de graça e de verdade. — A graça é a santidade formal, ou a forma santificante, que faz e denomina santos; e nesta graça, nesta santidade, neste ser santo consistia tôda a glória, tôda a grandeza e tôda a majestade do único herdeiro do Padre. E se perguntardes ao Evangelista a razão de serem só êstes os bens que contém a herança de um Pai todo-poderoso e Senhor de tudo, o mesmo Evangelista tem já dado a razão nas mesmas palavras: *Plenum gratiae et veritatis*: cheio de graça e de verdade. Porque tudo o que não

(5) Dar-lhe-á o trono de seu pai Davi, e reinará eternamente na casa de seu pai Jacó (Lc 1, 32).

(6) Nós vimos a sua glória, glória como de Filho unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade (Jo 1, 14).

é graça de Deus e santidade, é mentira. As riquezas mentira, as honras mentira, os mandos mentira: só o estar em graça de Deus é verdade, só o viver em graça de Deus é verdade, só o morrer em graça de Deus, em que consiste o ser santo, é verdade: *Plenum gratiae et veritatis.* Isto deu o Eterno Padre a seu Filho, para que vós aprendais a saber o que haveis de procurar aos vossos. Procurai-lhes que sejam santos, e esta é a maior riqueza, a maior honra, a maior felicidade que lhes podeis alcançar, e os maiores e só verdadeiros bens de que os podeis deixar por herdeiros.

151 Vamos à Pessoa do Filho. A Pessoa do Filho é a Sabedoria de Deus. Fêz-se homem a Sabedoria Divina, veio ao mundo para ensinar aos homens, e que lhes ensinou? Nenhuma outra coisa, senão a ser santos. Naquela escada de Jacó, como todos sabeis, representou-se em visão e profecia a Encarnação do Verbo Encarnado. No alto da escada estava Deus inclinado sôbre ela, porque uma das Pessoas divinas havia de descer ao mundo; ao pé da escada estava Jacó, que era o homem, ou o gênero humano, porque o modo com que Deus havia de descer era encarnando e fazendo-se homem; e a escada chegava da terra ao céu, porque o fim do mistério da Encarnação, e o fim por que Deus desceu do céu à terra, foi para ensinar e mostrar ao homem como havia de subir da terra ao céu. E para esta subida tão notável e tão nova, que até então estava ignorada, que é o que ensinou o Deus que desceu e encarnou, que é o que ensinou o Verbo e a Sabedoria divina a Jacó, ou ao homem, que nêle se representava? O mesmo Verbo o diz no capítulo décimo da mesma Sabedoria, falando do mesmo Jacó: *Osten-*

dit illi regnum Dei, et dedit illi scientiam sanctorum (Sab 10, 10): Mostrou-lhe o céu e o reino de Deus, e ensinou-lhe a ciência de ser santo. — De sorte que, vindo a Sabedoria divina em pessoa, e descendo do céu à terra a ser Mestre dos homens, a nova cadeira que instituiu nesta grande universidade do mundo, a ciência que professou, foi só ensinar a ser santos, e nenhuma outra. A Retórica deixou-a aos Túlios e aos Demóstenes; a Filosofia aos Platões e aos Aristóteles; as Matemáticas aos Tolomeus e aos Euclides; a Medicina aos Apolos e aos Esculápios; a Jurisprudência aos Solões e aos Licurgos: e para si tomou só a ciência de ensinar a salvar e fazer santos: *Regnum Dei, et scientiam sanctorum.*

152 Em tôdas as ciências, é certo que há muitos erros, dos quais nasce a diferença das opiniões; em tôdas as ciências há muitas ignorâncias, as quais confessam todos os maiores letrados que não compreendem nem alcançam. Pois, se vinha a Sabedoria de Deus ao mundo, por que não alumiou êstes erros, por que não tirou estas ignorâncias? Porque errar ou acertar em tôdas estas matérias, sabê-las ou não as saber, nenhuma coisa importa: o que só importa é saber salvar, o que só importa é acertar a ser santos, e isto é o que só nos veio ensinar o Filho de Deus. Nem ensinou aos filósofos a composição do contínuo, nem aos geômetras a quadratura do círculo, nem aos mareantes a altura de Leste a Oeste, nem aos químicos o descobrimento da pedra filosofal, nem aos médicos as virtudes das ervas, das plantas, das pedras e dos mesmos elementos, nem aos astrólogos e astrônomos o curso, a grandeza, o número, as influências dos astros: só nos ensinou a ser humildes, só nos ensinou a ser castos, só nos

ensinou a desprezar as riquezas, só nos ensinou a perdoar as injúrias, só nos ensinou a sofrer as perseguições, só nos ensinou a chorar e aborrecer os pecados, e a amar e exercitar as virtudes, porque estas são as regras e as conclusões, êstes os preceitos e os teoremas por onde se aprende a ser santos, que é a ciência que professou e veio ensinar a Pessoa do Filho de Deus: *Scientiam sanctorum.*

153 A Pessoa do Espírito Santo com o seu próprio nome nos prova e confirma o mesmo. O Padre também é espírito, e também é santo. Pois, por que se chama só a terceira Pessoa Espírito Santo? A razão é — dizem todos os teólogos — porque ao Espírito Santo compete o ofício de santificar e de fazer santos. Tôdas as obras de Deus, que chamam *ad extra,* isto é, que saem de Deus e se terminam às criaturas, são indivisamente de tôda a Santíssima Trindade, na qual o poder e o obrar não só é igual, senão um só e o mesmo. Mas por certa propriedade, fundada na natureza ou origem das mesmas pessoas, umas obras se atribuem a umas pessoas, e outras a outras. E porque à terceira Pessoa se atribui particularmente o santificar e fazer santos, por isso se chama Santo.

154 E para que vejais quão grande significação é na mesma Pessoa do Espírito o nome de Santo e o atributo ou atribuição de santificar, notai o muito que com ela se supre, e a grande carência ou vazio que com ela se enche. O nome ou antonomásia de santo, e o ofício de santificar e fazer santos não lhe pudera competir ao Pai, que é a fonte original e inascível da santidade? Não lhe pudera competir ao Filho, que foi o que, encarnando, nos mereceu essa mesma santidade? Sim. Pois por que se deu

ao Espírito Santo? Disse com alto pensamento Ruperto, que para suprir a infecundidade da terceira Pessoa. A divindade no Padre é fecunda, no Filho é fecunda, no Espírito Santo não é fecunda. No Padre é fecunda, porque gera o Filho; no Filho é fecunda, porque, juntamente com o Padre, produz o Espírito Santo; no Espírito Santo só não é fecunda, porque não produz outra Pessoa divina. Pois, que meio podia haver para suprir na terceira Pessoa esta infecundidade? O meio foi cederem nela as outras Pessoas divinas a virtude ou atribuição de santificar e fazer santos e o título e antonomásia de se chamar Santo. A terceira Pessoa não pode gerar nem produzir pessoa que seja Deus? Pois faça santos. A terceira Pessoa não se pode chamar Pai nem se pode chamar Filho? Pois chame-se Santo. Tão grande, tão alta, tão sublime, tão divina coisa é ser santo, e com tão maravilhosos documentos nos ensinaram esta verdade em si mesmas as três Pessoas divinas.

§ IV

155 Depois do Padre, Filho e Espírito Santo, segue-se a Filha do Padre, a Mãe do Filho, a Espôsa do Espírito Santo, a Virgem Santíssima, a qual, como a mais santa entre tôdas as puras criaturas nos dirá melhor que tôdas quão grande bem é sermos santos. No capítulo vinte e quatro do Eclesiástico nos refere a mesma Senhora como Deus, que a escolheu por morada, lhe deu a herança de tudo quanto tinha vinculado ao povo de Israel, que era o morgado do mesmo Deus: *Tunc praecepit et dixit mihi creator omnium; et qui creavit me requie-*

vit in tabernaculo meo, et dixit mihi: In Israel haereditare (7). E que vos parece que escolheria e tomaria para si a Virgem Maria de tôda a universidade de bens naturais e sobrenaturais dêste imenso morgado? Só tomou o que era santo, e nenhuma outra coisa. Do que não era santo, pôsto que fôsse precioso e estimado, não quis nada, porque tudo é nada; do que era santo, tomou tudo, porque só o ser santo é tudo. Ouçamos a mesma Senhora, e ponderemos o que diz com a atenção que suas palavras merecem. Primeiramente, do que pertence ao lugar, diz que escolhe uma cidade santa e uma casa santa, para nela servir a Deus em sua presença, sem nenhum outro cuidado: *In habitatione sancta coram ipso ministravi, et in civitate sanctificata similiter requievi* (8). E quanto ao que pertencia à pessoa, sendo tantos e tão excelentes os dotes naturais que Deus desde seu princípio tinha repartido com as mulheres famosas daquela nação, de tudo isto nenhum caso fêz a Senhora, tudo deixou, tudo desprezou, e só tomou e quis para si a santidade de todos os santos: *In plenitudine sanctorum detentio mea* (Eclo 24, 16): Detive-me — diz — na enchente de todos os santos — porque tudo o que não é ser santo pode inchar, mas não pode encher — aqui me detive, aqui parei, aqui insisti e não passei, nem tive para onde passar daqui.

156 Oh! quem me dera ter neste auditório tôdas as senhoras do mundo, tão prendadas e tão prêsas,

(7) Então o Criador de tudo deu-me os seus preceitos, e faloume, e aquêle que me criou descansou no meu tabernáculo, e disse-me: Possui a tua herança em Israel (Eclo 24, 12 s).

(8) Exerci diante dêle o meu ministério na morada santa, e repousei na Cidade Santa (Eclo 24, 14 s).

tão tidas e tão retidas das vaidades do mesmo mundo, para que vissem o de que só se haviam de deixar prender e deter, à imitação da maior Senhora e Rainha de tôdas! Tudo quanto a apreensão e fantasia feminil estima e preza, viu a benditíssima Virgem no grande teatro de Israel, de que Deus a fizera herdeira: *In Israel haereditare*. Viu a nobreza do sangue, antiga e ilustre em Sara, soberana e real em Micol, mas não a deteve o esplendor da nobreza, nem lhe moveu ou alterou os espíritos. Viu a formosura servida e adorada em Raquel, buscada e preferida em Abisai, mas não a deteve a formosura, nem julgou por digna de ser vista a que leva após si os olhos. Viu a fecundidade grande e invejada em Lia, maior e mais desvanecida em Fenena, mas não a deteve o apetite natural de ser mãe, nem desejou perpetuar-se em mais vidas. Viu a riqueza doméstica em Rebeca, e os tesouros reais em Sulamites, mas não a deteve cobiça ou ambição de riquezas, porque tinha o coração em outros tesouros. Viu as galas e afeitas de Jesabel, e todo o valor do Oriente engastado nas jóias de Ester, mas não a deteve a aparência vã dos aparatos do corpo, como a que só cuidava em ornar o espírito. Viu a que o mundo chama ventura nas bodas não esperadas de Rute, e nas muito mais venturosas de Séfora, mas não a deteve o especioso laço das bodas, antes lhe fizeram horror as delícias do tálamo. Viu as vitórias e triunfos de Débora, e os despojos e troféus da famosa Judite, mas não a deteve a fama com o ruído de seus aplausos, nem afetou vitórias e triunfos. Viu, finalmente, coroada Abigail, e assentada Bersabée em igual trono com Salomão, mas não a deteve a soberania daquelas

alturas, porque era mais alto o seu ânimo que os tronos, e de maior esfera que as coroas.

157 Pois, Senhora, se todos êstes bens da natureza e da fortuna, se tôdas estas grandezas e felicidades da vida, que os homens tanto estimam, tanto prezam e tanto invejam, nem divididas, nem juntas vos encheram os olhos, se por tôdas passastes pisando-as, e nenhuma vos pareceu digna, nem de vos deter um momento, nem de vos fazer parar um passo, que é o que vistes, que só vos agradou, que é o que vistes, que só vos deteve ou teve mão, para que ali parassem os passos do vosso desejo, para que dali não passassem os vossos afetos? Vi a humildade, diz a Senhora, vi o desprêzo de si e do mundo, vi o recolhimento, vi o silêncio, vi a modéstia, vi a temperança, vi a paciência, vi a fortaleza, vi a mortificação das paixões e a resignação da própria vontade, vi o amor de Deus e a caridade do próximo, vi, enfim, tôda a santidade, virtudes e graça de que estiveram cheios os santos, e nesta enchente de santidade é que só tomei pé, nesta parei, nesta me detive e nesta me detenho: *Et in plenitudine sanctorum detentio mea.* Isto é o que diz de si a Mãe de Deus. E porque êste foi o seu juízo e a sua eleição, por isso foi Mãe de Deus, não só porque estimou o ser santa mais que tôdas as coisas, mas porque deixou e desprezou tôdas as coisas para ser mais santa.

§ V

158 Os anjos, que são a terceira classe dos santos que hoje celebra a Igreja, assim como nos persuadem com suas inspirações, nos ensinam com seu exemplo quão grande coisa é ser santos. O exer-

cício dos anjos no céu é estarem sempre louvando a Deus. Nós não o sabemos louvar, porque o não vemos; êles, que o estão sempre vendo, só o louvam como devem. Mas, quais são os louvores, ou as lisonjas que os anjos cantam a Deus? O profeta Isaías, que uma vez foi admitido a os ouvir, o disse: *Seraphim stabant, et clamabant alter ad alterum: Sanctus, Sanctus, Sanctus* (Is 6, 2 s): Estavam os serafins divididos em dois coros, e o que cantavam alternadamente a grandes vozes, era: Santo, Santo, Santo. — Isto diziam e repetiam sem cessar, como também os ouviu, daí a oitocentos anos, S. João no seu Apocalipse: *Et requiem non habebant, dicentia: Sanctus, Sanctus, Sanctus* (9). Se isto não estivera tão expresso em um e outro testamento, quem tal cuidara? Deus não é um objeto imenso, as grandezas de Deus não são infinitas, os anjos que o vêem e conhecem intuitivamente não são tão entendidos e tão sábios? Pois, como não variam de vozes nem de pensamento? Por que não discorrem por outras perfeições divinas, por que não louvam e não engrandecem outros atributos? Por isso mesmo. Porque vêem a Deus, porque o conhecem, e porque são entendidos. Quem louva ou lisonjeia discretamente, diz tudo o que pode e tudo o que mais agrada, e a maior grandeza que se pode dizer de Deus, e o louvor que mais lhe agrada é chamar-lhe santo. Por isso o primeiro côro dos anjos diz Santo, e o segundo responde Santo; o primeiro torna a dizer Santo, e o segundo torna a repetir Santo; e isto dizem, e isto sempre estão dizendo sem cessar, uma e mil vêzes, e isto hão de continuar a dizer por tôda a eternidade, porque, depois

(9) E não cessavam de dizer: Santo, Santo, Santo (Apc 4, 8).

de dizerem que Deus é Santo, Santo e mais Santo, nem os serafins do céu, que são os anjos de mais alto entendimento e de mais profunda ciência, sabem dizer mais, nem lhes fica mais que dizer. É Deus eterno, é imenso, é infinito, é onipotente, mas tudo isso são grandezas, porque estão juntas com o ser santo. Se Deus, por impossível, não fôra santo, todos os outros seus atributos careceram da sua maior perfeição. Por isso é perfeição em Deus o ser eterno, porque é eternamente santo; por isso é perfeição o ser imenso, porque é imensamente santo; por isso é perfeição o ser infinito, porque é infinitamente santo; por isso é perfeição o ser onipotente, porque é todo-poderosamente santo: *Sanctus, Sanctus, Sanctus.*

159 Isto é o que os anjos dizem de Deus. E de si, que dizem, ou que podem dizer? O que podem e são obrigados a dizer todos os que perseveraram no céu e o não perderam, é que todo o seu bem e tôda a sua felicidade consistiu em ser santos. Houve no céu entre os anjos aquela grande batalha que sabemos: Lúcifer, com os maus, rebelou-se contra Deus; S. Miguel, com os bons, seguiu as partes de seu Senhor; êstes venceram, aquêles foram vencidos, e que ganharam os que ganharam a vitória, que perderam os que perderam a batalha? Nenhuma outra coisa mais que o ser ou não ser santos. Os que ganharam a vitória ganharam o ser santos, porque ficaram confirmados em graça; os que perderam a batalha perderam o ser santos, porque foram privados da mesma graça, e em tudo o mais que tinham por natureza ficaram como dantes eram.

160 Daqui se entenderá um famoso lugar de Ezequiel no capítulo vinte e oito, onde chama querubim a Lúcifer: *Tu Cherub extentus, et protegens,*

et posui te in monte sancto Dei, in medio lapidum ignitorum ambulasti. Perfectus in viis tuis a die conditionis tuae, donec inventa est iniquitas in te (10): Tu, ó querubim, eras o anjo de maior esfera, e que debaixo de tuas asas tinhas todos os outros: *Tu Cherub extentus, et protegens.* Eu te criei Santo e em graça, e te pus no céu: *Posui te in monte sancto.* Tu estavas entre os serafins, onde passeavas com liberdade de superior: *In medio lapidum ignitorum ambulasti.* E desde o dia de tua criação fôste perfeito, até que em ti se achou o pecado e maldade, que tu inventaste: *Perfectus in viis tuis, donec inventa est iniquitas in te.* Em suma, que Lúcifer, como diz o texto, e declaram conformemente todos os Padres, era por natureza serafim, e criado entre os serafins, e superior a todos. Pois, se era serafim, como lhe chama o profeta, em nome de Deus, não serafim, senão querubim? E se lhe nega o nome de serafim, porque já não era anjo, senão demônio, por que lhe chama querubim: *Tu Cherub?* Porque serafim significa amor e amante, e querubim significa ciência e sábio; e ainda que Lúcifer, pela rebelião e pelo pecado, perdeu o amor e a graça de Deus e os outros dons sobrenaturais, não perdeu a sabedoria e as ciências, nem os outros dotes do entendimento e da natureza, com que fôra criado. Tão anjo ficou no saber, como dantes era, tão anjo no poder, tão anjo na capacidade da esfera, tão anjo na beleza e formosura natural, e em tudo o mais como dantes, e

---

(10) Tu eras um querubim que estendia as tuas asas e protegia, e eu te pus sôbre o monte santo de Deus, tu andaste no meio das pedras incendidas. Tu eras perfeito nos teus caminhos desde o dia da tua criação, até que a iniqüidade se achou em ti (Ez 28, 14 s).

sòmente privado da graça e da santidade, em que por sua culpa e maldade se não quis conservar.

161 De sorte que a principal diferença que então houve e hoje há entre Miguel e Lúcifer, é que Miguel chama-se S. Miguel, e Lúcifer não se chama santo. Direis que também foi privado Lúcifer da glória e da vista de Deus. Não foi, porque essa ainda a não tinha, que se já tivera visto a Deus não o pudera ofender nem perder a graça e santidade. Mas, assim como Deus o privou da graça e da santidade, por que o não privou também de tudo o mais? Quando um vassalo se rebela contra seu rei, confiscam-lhe todos seus bens. Pois, se Lúcifer se rebelou contra Deus, por que lhe confiscam só a graça e a santidade, e lhe deixam tudo o mais? Porque só a graça e a santidade são bens: tudo o mais que têm os anjos maus, uma vez que não têm santidade, antes são males que bens. A ciência, sem santidade, é ignorância; a formosura, sem santidade, é fealdade; o poder, sem santidade, é fraqueza; a grandeza, sem santidade, é miséria; e por isso são os anjos maus os mais miseráveis de tôdas as criaturas, assim como os anjos bons os mais felizes e bem-aventurados de tôdas: êstes porque são santos, aquêles porque não são santos.

§ VI

162 Vamos aos homens, e perguntai a todos os que estão no céu que coisa é ser santos? A esta pergunta não quero responder com Escrituras nem com palavras, senão com obras. As coisas estimam-se pelo que valem e pelo que custam. Tudo o que fizeram e padeceram os santos, foi por ser santos. A

esperança tão longa e tão constante dos patriarcas, a fé e paciência dos profetas, o zêlo e pregação dos apóstolos, os tormentos e mortes dos mártires, as penitências e asperezas dos confessores, a continência e pureza das virgens: tudo santo, e tudo por ser santos. Mas não é esta a matéria que se haja de passar e escurecer com uma tão abreviada generalidade. Discorramos por cada uma das jerarquias dos santos, e vejamos quanto se empenharam por conseguir êste nome.

163 Olhai para os patriarcas nos dois primeiros, e vereis a Isac lançado sôbre a lenha, esperando com a garganta nua o rigor, por não dizer a desumanidade do golpe, e a Abraão com a espada em uma mão, para cortar a cabeça ao único filho, e com o fogo na outra, para o queimar em holocausto e sepultar em cinzas. Podia haver maior resolução, nem mais heróico e deliberado empenho, assim na sujeição do filho ao pai, como na obediência do pai a Deus? O mesmo Deus confessou que não podia ser maior. Mas, se virdes que um anjo naquele mesmo flagrante tem mão no braço a Abraão, voltai os olhos para o de Jefté, armado doutra espada e do mesmo zêlo, e vereis não suspenso, mas, executado o tremendo sacrifício, derramando o pai animoso com suas próprias mãos o sangue da inocente filha, também única, e sem herdeiro. E por que vos parece que se atreveram êstes dois homens a uma tão espantosa e medonha ação, de que se estremece o amor e tapa os olhos a natureza? Abraão, por não quebrar um preceito, Jefté, por não faltar a um voto, e ambos por ser santos. Abraão podia duvidar, com grande fundamento, se um preceito tão novo e inaudito, e tão repugnante às promessas que o mesmo Deus lhe

tinha feito, era ilusão; Jefté, com maior razão ainda, podia duvidar se o voto naquele caso obrigava, não sendo tal a sua tenção, nem lhe tendo vindo tal coisa ao pensamento; e, contudo, ambos seguiram a parte mais dificultosa e mais segura, por não deixar em escrúpulo a salvação, nem pôr em dúvida o ser santos.

164 Aos patriarcas seguem-se os profetas, e aos profetas os apóstolos. E se entre os profetas vos assombrais de ver um Isaías serrado pelo meio, e um Daniel na cova dos leões, e um Jonas engolido da baleia, nos apóstolos, que foram menos em número, vereis a Pedro crucificado, a Paulo degolado, a André aspado, a Felipe apedrejado, a Bartolomeu esfolado, a Mateus e Tomé alanceados, a Simão e Tadeu espedaçados, e todos, enfim, dando o sangue e a vida em testemunho da fé que pregaram, não só para ser santos êles em si, mas para fazer santos a outros.

165 E que direi eu de vós, ó fortíssimo e luzidíssimo exército dos mártires, tão infinito no número como nos esquisitos gêneros de martírios? Se entro no anfiteatro de Roma, vejo-vos lançados às feras, ou lançados aos Neros, aos Décios, aos Diocleciano, aos Trajanos, mais feros que as mesmas feras. A muitos de vós reverenciaram os leões, os ursos, os tigres, mas a nenhum perdoou a vida a impiedade mais que brutal dos tiranos, sempre mais obstinados e furiosos. As pedras de Estêvão, as setas de Sebastião, as grelhas de Lourenço e Vicente já eram tormentos vulgares. Que máquinas e invenções de atormentar não excogitou a sevícia raivosa de se ver vencida, para combater e tentar vossa fortaleza? A uns mártires penduravam pelos cabelos, ou por um pé, ou por ambos, ou pelos dedos polegares, e assim, no ar e despidos, com azorragues de nervos remata-

dos em pelotas de chumbo ou abrolhos de aço, os batiam e martelavam com tal fôrça e continuação os cruéis e robustos algozes, que ao princípio açoitavam corpos, depois feriam as mesmas chagas ou uma só chaga, até que não tinham já que açoitar nem ferir. A outros, estirados e desconjuntados no ecúleo, ou estendidos na catasta, aravam ou cardavam os membros com pentes e garfos de ferro, a que pròpriamente chamavam escorpiões, ou metidos debaixo de grandes pedras de moinho, lhes espremiam como em lagar o sangue, e lhes moíam e imprensavam os ossos, até ficarem uma pasta confusa, sem figura nem semelhança do que dantes eram. A outros cobriam todos de pez, resina e enxôfre, e, ateando-lhes o fogo, os faziam arder em pé como tochas ou luminárias nas festas dos ídolos, esforçando-se para êste suplício com lhes dar a beber chumbo derretido. A outros, nos mais rigorosos frios do inverno, metiam em tanques enregelados, com banhos de água quente à vista, e liberdade de se passarem a êles, para que enfraquecesse o remédio os que não vencia o tormento. A outros coziam em couros, juntamente com serpentes e cães danados, e assim os lançavam ao mar, para que naquela estreita, medonha e asquerosa prisão, primeiro acabassem mordidos e atassalhados dos dentes venenosos, do que afogados das ondas. A outros escalavam vivos pelos peitos, e lhes arrancavam o coração e entranhas palpitantes, ou lhes atavam as mãos e os pés a quatro ramos grossos de árvores, dobrados a fôrça e soltos ao mesmo tempo, com que súbita e violentìssimamente os espedaçavam em quartos. A outros assentavam em cadeiras de ferro afogueado, a outros faziam andar descalços sôbre lâminas ardentes, a outros metiam em caldeiras

de azeite e alcatrão fervendo, a outros em bois de metal abrasado, a outros em fornalhas de chamas vivas. E tudo isto sofriam e suportavam aquêles valorosos cavaleiros de Cristo, não só com paciência e constância, mas com júbilo e alegria. Por quê? Só por ser e segurar o ser santos, como exclama a Igreja: *Omnes sancti, quanta passi sunt tormenta, ut securi pervenirent ad palmam martyrii.*

§ VII

166 Os santos doutôres, esquadrão também laureado, não fizeram ou não se desfizeram menos por ser santos. Foram a luz do mundo e o sal da terra, e assim como a tocha se consome para alumiar, e o sal se derrete para conservar, assim êles, para alumiar as cegueiras do mundo, e conservar a fé e religião em sua pureza, não só se pode dizer com verdade que consumiram a vida, mas que derreteram e estilaram a alma. Todos êsses livros, tantos e tão admiráveis de S. Basílio, de S. Crisóstomo, de Santo Atanásio, de Santo Ambrósio, de S. Jerônimo, de Santo Agostinho e dos dois Gregórios, quatro doutôres da Igreja Grega e quatro da Latina, e os dois que depois se acrescentaram a êste sagrado número, Santo Tomás e S. Boaventura, os livros igualmente doutíssimos dos santos bispos, Hilário, Cipriano, Fulgêncio, Epifânio, Isidoro, e um e outro Cirilo, e os dos antiquíssimos padres Clemente Romano, Dionísio Areopagita, Erineu, Justino, Gregório Taumaturgo, Clemente Alexandrino, Lactâncio, e infinitos outros, todos êstes escritos, digo, cheios de divina e celestial doutrina, que outra coisa são, sem encarecimento nem metáfora, senão as almas dos mesmos santos, e as

quinta-essências dos seus entendimentos estiladas pela pena?

167 Ali se vêem refutadas e convencidas tôdas as seitas dos antigos filósofos pitagóricos, platônicos, cínicos, peripatéticos, epicureus, estóicos; ali os mistérios profundíssimos da fé facilitados e críveis, e os argumentos contrários desvanecidos; ali as tradições apostólicas sucessivamente continuadas, e as definições dos concílios gerais e particulares estabelecidas; ali as dificuldades da Sagrada Escritura e os lugares escuros dela declarados, e o Velho e Novo Testamento, e os Evangelhos entre si concordes; ali as questões altíssimas da Teologia sutilìssimamente disputadas e resolutas, as controvérsias debatidas e examinadas, e o certo como certo, o falso como falso, e o provável como provável, tudo decidido; ali as heresias antigas e modernas expugnadas, e as cavilações dos hereges desfeitas, e os textos sagrados, corruptos e adulterados por êles, conservados em sua original pureza; os Ários, os Apolinares, os Macedônios, os Nestórios, os Donatos, os Pelágios, os Maniqueus, os Eutíquios, os Elvídios, os Jovinianos, os Vigilâncios, e os Luteros e Calvinos, que em nossos tempos os ressuscitaram, sepultados outra vez e convencidos; ali, finalmente, os vícios perseguidos, os abusos emendados, as virtudes sinceras e sólidas louvadas, as falsas e aparentes confundidas, e tôda a perfeição evangélica digesta, praticada e posta em seu ponto.

168 E para tudo isto — que muitos não entendem, nem capacitam — que compreensão e vastidão de tôdas as ciências divinas e humanas era necessária; que memória de tôdas as histórias sagradas e profanas; que escrutínio da cronologia de todos os tempos;

que notícias de tôdas as terras e gentes, de suas leis, costumes, cerimônias, ritos; que inteligência e conhecimento exato de tôdas as línguas, latina, grega, hebréia, caldaica, siríaca, umas originais dos textos sagrados, outras em que foram vertidos! E que estudo, que aplicação, que continuação e trabalho era outrossim necessário para adquirir esta imensa erudição, ajudado o engenho natural e elevado de contínuas orações ao céu, donde vem a verdadeira luz! Estas eram as minas em que cavavam e suavam aquêles diligentíssimos e utilíssimos operários, estas as riquezas inestimáveis que metiam e acumulavam nos tesouros da Igreja, estas as armas finíssimas e escudos impenetráveis de que forneciam a Tôrre de Davi para as futuras ocasiões e batalhas, como hoje se experimenta, empregando e aplicando a estas — que com razão se chamam obras — tôdas as fôrças do espírito, tôdas as potências da alma, e todos os sentidos do corpo, negando-lhe o descanso de dia, e o repouso e sono de noite, e chegando a não gostar nem sentir o mesmo que comiam, como à mesa de el-rei S. Luís de França lhe aconteceu a Santo Tomás. Mas, como eram tão doutos e sábios, sabiam melhor que todos quão grande coisa é ser santos, e por isso o procuravam êles ser com esta vida, e que os demais o fôssem com esta mesma doutrina.

169 Por outro caminho bem diverso conquistaram o ser santos os anacoretas, deixando o trato e comunicação das gentes, e indo-se viver aos desertos; mas também lá lhes não faltaram batalhas, porque se levavam a si consigo, nem vitórias, porque os levava Deus. Estas eram as plantas do céu, de que estavam cultivados os êrmos da Palestina, da Tebaida, do Egito, e aqui viviam como anjos, porque souberam

fugir dos homens, os Paulos, os Hilariões, os Arsênios, os Onofres, os Pacômios, os Macários. Em muitos anos, e alguns em tôda a vida, não se viam; eram porém muito para ver aquelas veneráveis cãs nunca tocadas de ferro, como nazareus da lei da graça, da qual de noventa, qual de cento, qual de cento e vinte anos, estendendo o jejum e a abstinência as vidas, que tanto desbarata e abrevia o regalo. Habitavam as grutas e covas, das quais, quando saíam, mais pareciam cadáveres que homens vivos. Das mãos de S. Pedro de Alcântara escreve Santa Teresa que eram como feitas de raízes, e o mesmo podemos dizer das estátuas ou semelhanças dêstes santos velhos, secos, pálidos, mirrados, e como feitos ou tecidos das raízes das mesmas ervas de que se sustentavam.

170 Mas como na carne enfraquecida e debilitada com as penitências se criam e crescem os mais robustos espíritos, invejosos os do inferno de tanta santidade, se armavam fortemente contra êles, e, fazendo daqueles desertos campanha, lhes davam crudelíssimos combates. Umas vêzes lhes apareciam os demônios transfigurados em áspides, basiliscos, dragões, e outros monstros horrendos que os queriam tragar, como ao grande Antônio; outras os assombravam com tremores espantosos da terra, relâmpagos, trovões e raios, com que parecia que as mesmas grutas se partiam, e caíam sôbre êles os montes; e talvez na maior serenidade e frescura do ar, lhes traziam e punham diante dos olhos as mesmas figuras humanas de que tinham fugido, mais capazes pelo gesto e pelos trajos de provocar amor que mêdo; e êstes eram entre todos os mais apertados e furiosos assaltos. Mas, que faziam aquêles constantíssimos atletas da casti-

dade, quando os cilícios, de que sempre andavam armados, lhes não bastavam? Ou se valiam dos lagos e rios enregelados, como S. Francisco, ou nas silvas e espinhos, como São Bento, ou no fogo, metendo nêle a mão e deixando derreter os dedos, como S. Diogo, e desta sorte, com a memória do mesmo inferno que lhes fazia a guerra, o venciam e triunfavam dêle. Assim venciam, porque eram assistidos da graça de Deus, e assistia-os Deus tão eficazmente com sua graça, porque êles contìnuamente assistiam também a Deus, orando e contemplando.

171 De alguns se escreve que de noite mediam as horas da oração com um novo e admirável relógio do sol, porque começavam a orar quando se punha, e acabavam quando nascia. Mais fazia Simeão Estilita, a quem com razão podemos chamar Anacoreta do Ar, e não da terra. Vivia sôbre uma coluna de trinta e cinco côvados de alto, onde perseverou oitenta anos ao sol, ao frio, à neve, aos ventos, comendo uma só vez na semana, e orando de dia e de noite, quase sem dormir. Umas vêzes orava de joelhos e prostrado, outras em pé e com os braços abertos, e nesta postura estava reverenciando contìnuamente a Deus com tão profundas inclinações, que dobrava a cabeça até os artelhos. Teodoreto, testemunha de vista, quis saber o número a estas inclinações, e tendo contado mil duzentas e quarenta e quatro, cansado de contar, não foi por diante. Oh! assombro! Oh! prodígio! Oh! exemplo singularíssimo do que pode a fraqueza do nosso barro fortalecida da graça! Um tal gênero de vida, mais foi admirável que imitável. Mas o que mais admira, é que lhe não faltaram imitadores. Estilita quer dizer o habitador da coluna, e houve outro estilita, também Simeão, e outro esti-

lita, Daniel, e outros. Tanto preço tem, nos que o sabem avaliar, o ser santo.

§ VIII

172 Por remate, ou por coroa de todos os santos, põe a Igreja no último lugar o suavíssimo côro das Virgens, cujas vozes, pôsto que mais delicadas, mas igualmente fortes, nos acabarão de persuadir, como elas se persuadiram, esta mesma verdade. Pesa-me de chegar tão tarde a esta jerarquia, em que é obrigação deter-me mais um pouco; mas como a matéria é de casa, ao menos das grades para dentro será de agrado. Aos de fora seja embora de paciência.

173 Que extremos não obraram as santas virgens por ser santas? Que façanhas não empreenderam varonilmente? Que rigores e asperezas não executaram em si mesmas? Que galas, que regalos, que delícias e contentamentos da vida, que riquezas, que grandezas, que pompas e fortunas do mundo não desprezaram? Que finezas, que excessos, que máquinas dos que as pretendiam, não resistiram? Que bodas humanas, por altas e soberanas que fôssem, não renunciaram, só por conservar e defender a virginal pureza, e manter a fé prometida a Cristo, com quem se tinham desposado? Santa Edita, filha de Elgaro, rei de Inglaterra, morto o pai e um irmão que tinha único, ficou herdeira do reino, e por mais instâncias que lhe fizeram os povos, juntos em côrtes, que se casasse, nem o amor da casa real em que nascera, nem a sucessão da família e da coroa, nem a memória do pai e irmão, que nela se extinguia, foram bastantes para a mover um ponto da firmeza de seu propósito, nem para a arrancar do canto de

uma religião, onde, coberta de cilício, amortalhou a vida e, depois, sepultou o corpo, que permaneceu incorrupto. Santa Eufrosina, senhora ilustríssima em Alexandria, não podendo de outro modo fugir e escapar de seu pai e do matrimônio nobilíssimo concertado por êle, mudando o trajo de mulher e o nome, e chamando-se Esmaragdo, desconhecida e em terra estranha, tomou o hábito de monge, em que viveu trinta e oito anos enterrada em uma estreita cela, donde nunca saiu. Santa Petronila, filha do Príncipe dos Apóstolos, S. Pedro — antes de ser chamado ao apostolado — tendo feito voto a Cristo de perpétua virgindade, e não se podendo defender das bodas de Flaco, senhor romano, que com amor a solicitava, e com poder de armas a queria obrigar a ser sua espôsa, pediu de prazo três dias para deliberar, e nêles, com ferventíssimas orações, impetrou do mesmo Cristo lhe tirasse a vida, e assim o conseguiu valorosa e gloriosamente no fim do terceiro dia. Mais violentamente se defendeu de semelhante perigo Santa Maxelende, ilustríssima por sangue nos Estados de Flandres, mas mais ilustre pela causa de o haver derramado. Celebraram-se com grande pompa as festas das bodas concertadas por seus pais com Harduíno, senhor principal, rico e poderoso, que, entre muitos que pretendiam esta fortuna, a tinha alcançado. Foi levada por fôrça a santa virgem às mesmas festas, mas negou a mão com tal desengano, e persistiu nêle com tal firmeza que, afrontado e corrido o espôso de se ver desprezado, trocando o amor em fúria, se arremessou à espada, e a santa se deixou matar intrèpidamente.

174 E pôsto que em tantos e tão apertados casos fôsse admirável o valor e constância com que

tôdas estas santas defenderam a pureza virginal que tinham prometido a Cristo, considerada porém a condição natural de mulheres, ainda tenho por maior façanha a de Santa Brígida Virgem, chamada a de Escócia, e a de Santa Uvilgo Fortis, que alguns, com errado mas bem apropriado nome, chamam *Virgo fortis*. Eram estas santas o extremo da formosura, e vendo-se por esta causa solicitadas e pretendidas de muitos e poderosos senhores para o matrimônio, pediram a seu divino Espôso as privasse daquela graça, que outras tanto estimam e com tantas artes afetam; e o Senhor, que só se namora da beleza da alma, se agradou tanto desta petição, que de repente ficaram tão feias e disformes, que ninguém as podia ver, e só elas se viam contentes.

175 Que direi dos rigores, asperezas e piedosas tiranias com que êstes anjos em carne a mortificavam, afligiam, e verdadeiramente martirizavam? A austeridade de vida, o rigor e horror das penitências de Santa Clara, primeira cópia do retrato original de Cristo crucificado, seu padre, São Francisco, quem há que a possa declarar? A de Santa Azela, virgem romana, dentro em Roma, e quando Roma era o maior teatro das delícias e vaidades do mundo, declarou S. Jerônimo. Diz que da mais populosa cidade fêz êrmo; que a terra nua lhe servia de cama e de lugar de oração; que os joelhos, pela muita continuação dela, se lhe tinham endurecido em calos como de camelo; que se sustentava do jejum, e que só o quebrava com pão e água, mas com tal moderação e parcimônia, que nunca, nem com pão matava a fome, nem com água a sêde; que jamais viu nem foi vista de homem, ainda quando visitava os sepulcros dos mártires, e que tendo uma irmã também donzela, esta a

amava, mas não a via. Santa Margarida, filha dos reis de Hungria, de quatro anos tomou o hábito de monja, e de cinco se vestiu de cilício; de dia, para mortificar os passos, entre os pés e o calçado metia certos abrolhos de ferro, e de noite, para o pouco sono que tomava sôbre uma tábua, se cingia de peles de ouriços com todos seus espinhos. Santa Genoveva, padroeira da real cidade de Paris, a quem o famosíssimo Simeão Estilita desde a Grécia, onde vivia sôbre a sua coluna, mandava visitar a França e encomendar-se em suas orações Santa Macrina, irmã de S. Basílio Magno, tanto no sangue como na aspereza e severidade da vida. Santa Lutgardis, legítima filha do gloriosíssimo patriarca S. Bernardo, singular herdeira de seu ardentíssimo espírito, e digníssimo exemplar de tôdas as que vestem e professam o mesmo hábito. Estas santas virgens, e muitas outras, que extraordinários modos de penitências não inventaram, mais engenhosas para se martirizar a si mesmas, que os tiranos para atormentar os mártires?

176 É coisa digna de admiração que, padecendo os mártires pela fé e culto de Cristo, os tiranos não dessem em executar nêles os mesmos tormentos da Paixão de Cristo; mas isto inventou e executou em Santa Catarina de Sena e em Santa Clara de Monte Falco o amor de seu divino Espôso. Catarina, com as chagas nas mãos, nos pés e no lado, e a coroa de espinhos na cabeça, e Clara, com todos os instrumentos da mesma Paixão do Senhor insculpidos e entalhados no coração. Até as doenças mais penosas provocavam e conseguiam, para que onde não podiam chegar as dores fabricadas da arte, penetrasse as da natureza, e não houvesse em corpos tão delicados parte alguma, dentro nem fora dos ossos, que não penasse

com particular tormento. Tôdas as enfermidades de quantas é capaz o corpo humano, padeceu juntamente e por tôda a vida, Santa Lidovina, com excesso da paciência de Jó, e afronta da indústria do demônio. Uma Cristina houve, entre as outras que, não se satisfazendo das penas desta vida, padeceu as do purgatório por muitos anos, como também Santa Teresa experimentou as do inferno. A mesma Santa Teresa dizia: *Aut pati, aut mori*: ou padecer, ou morrer, porque se não atrevia a viver sem padecer. E Santa Madalena de Pazzi, não sei se com maior energia: *Pati, non mori*: padecer sim, morrer não, porque na morte acaba-se o exercício de padecer, e na vida dura e persevera. Mas dizei-me, virgens puríssimas — ou dizei-o aos que o não sabem entender — por que fôstes tão ambiciosas de penas? A vossa vida não era inculpável e inocente? As vossas almas não eram gratíssimas a Deus? Pois, por que sois tão inimigas ou tão tiranas de vossos corpos? Deixai êsses rigores e essas penitências para as Teodoras e Pelágias, que foram grandes pecadoras; deixai-as para uma Maria Egipcíaca, que viveu dezessete anos em torpezas, enlaçada do demônio e sendo laço dos homens; mas vós, que não tendes pecados graves que pagar, e se alguns tivestes leves, os tendes tão abundantemente satisfeito, por que vos mortificais, por que vos afligis, por que vos martirizais com tanto excesso? Porque sabiam quão grande coisa era ser santas, e o queriam ser mais e mais.

§ IX

177 E se êstes extremos fizeram as santas virgens por conservar a pureza virginal na paz, que

fariam para a defender na guerra? A maior e mais dura guerra com que podiam combater a constância daquelas fortíssimas donzelas os amorosos inimigos, que tão prendados estavam de sua beleza, era a terrível e perigosa indiferença com que lhes propunham a eleição de um de dois extremos, ou o matrimônio ou o martírio, ou casar ou morrer, ou perder o estado virginal ou a vida. Entre êstes dois extremos não se dava meio, e cada um dêles, vestido das circunstâncias que o acompanhavam, ainda era mais perigoso e mais terrível, porque a vida, que se lhes oferecia no matrimônio, era adornada de jóias, de riquezas, de delícia, de grandezas, de coroas, e ainda do mesmo império do mundo; e a morte, que se lhes ameaçava no martírio, era armada de afrontas, de açoites, de cárceres, de cadeias, de grilhões, de algemas, de espadas, de torquezes, de serras, de rodas, de navalhas, de fogueiras, e de todos os instrumentos e máquinas com que pode atormentar o ferro e o fogo. Deixo os menores estados e fortunas, pôsto que ilustres e grandes, que a Santa Cecília se dotavam com as bodas de Valeriano, a Santa Tecla com as de Tamiris, a Santa Inês com o filho do prefeito de Roma, a Santa Luzia, a Santa Felícula, a Santa Flávia Domitila, com outros de semelhante qualidade e riqueza; só é muito, para não passar em silêncio, que a Santa Digna se oferecesse com o matrimônio a coroa de Ibérnia, a Santa Efigênia a de Etiópia, e a Santa Catarina e Santa Susana todo o império Romano, que naquele tempo dominava o universo, a uma com as bodas do imperador Maximino, e a outra com as de Maximiano. Mas pesou tanto mais que tudo isto, na estimação daqueles invencíveis corações, a pureza virginal que professavam e tinham consa-

grado a Cristo, que pela conservar inteira e sem mancha dariam mil coroas e mil impérios, pesando-lhes sòmente de ter uma só vida, e não mil vidas, a que deram e sacrificaram pela defender. Não chegava Inês a ser mulher, porque era menina de treze anos, mas foi tão varonil e tão bizarro o seu ânimo, que não só aceitou a morte como martírio, mas a justificou como castigo. Disse, quando a levavam a morrer — como refere Santo Ambrósio — que justamente ia sentenciado e condenado à morte o seu corpo, pois contentara a outros olhos que não eram os de seu Espôso, Cristo: *Pereat corpus, quod amari potest oculis quibus nolo.*

178 E já que estamos nesta matéria, não vos quero ficar devedor de dois casos, que em tôda a História Eclesiástica me contentaram singularmente, e de tal resolução e bizarria que só por instinto divino se puderam empreender e executar. Nem me noteis de multiplicar tantos exemplos, porque quando se há de falar de muitos santos, senão no dia de todos? A maior desumanidade que os tiranos usavam com as santas virgens, era mandá-las meter nas casas públicas entre as mulheres infames, para que ali perdessem por fôrça a mesma castidade virginal que defendiam, não entendendo que esta virtude, como as demais, está na alma, e não no corpo, e que só se perde pelo consentimento, e não pelo sentimento. Sendo pois levada Santa Eufrásia a uma destas casas, seguiu-a um soldado denodado, para lograr a ocasião. Era virgem prudente, levava uma redoma de óleo consigo, e disse ao soldado desta maneira: — Com condição que desistas do teu intento, eu te darei um óleo, com o qual, se entrares untado nas batalhas, não poderás ser ferido dos inimigos. E para que vejas por expe-

riência a virtude dêste óleo, eis aqui me unto o pescoço com êle; faze tu a prova com a tua espada, e seja com tôda a fôrça. — Fê-lo assim o soldado, e, descarregando um talho com a maior fôrça que pôde, a cabeça da santa saltou fora dos ombros, o corpo caiu morto em terra, e a pureza virginal ficou em pé e inteira. Era Santa Eufrásia de Antioquia; a que agora se segue era de Aquiléia, e chamava-se Digna. Tendo rendido aquela cidade Átila, rei dos hunos, gente feroz e bárbara, coube esta santa donzela por despôjo a um capitão, o qual também a quis despojar da mais estimada jóia que, como tal, tinha consagrado a Cristo. Estavam alojados em uma tôrre que caía sôbre o rio Natizon, e, provocada Digna do seu patrão, sem mostrar que se negava ao que êle pretendia, pediu-lhe que quisesse subir ao alto da tôrre, como o lugar mais retirado; subiram, e tanto que lá se viu Digna, voltada para o bárbaro que vinha atrás, disse-lhe: — Se me queres lograr, segue-me. — E dizendo isto, lançou-se da tôrre abaixo no rio, onde, afogando com a vida a sua injúria, salvou com a morte a sua castidade. Oh! Digna, verdadeiramente digna de eterna memória, e que ao teu valor, e ao de Eufrásia, se levantem duas estátuas de bronze no Templo da Virtude! Ambas tirastes do perigo mais purificada a pureza, uma por água, outra por sangue, merecedoras ambas que por vós se dissesse de vosso divino Espôso: *Hic est Jesus, qui venit per aquam et sanguinem; non in aqua solum, sed in aqua et sanguine* (11).

---

(11) Êste é Jesus Cristo, que veio com a água e com o sangue, não com a água tão-sòmente, senão com a água e com o sangue (1 Jo 5, 6).

179 Mas, tornando às santas virgens, que aceitaram antes a morte que o matrimônio, só por conservar o estado virginal, ainda temos outras, que fizeram maior façanha, porque conservaram o mesmo estado virginal juntamente com o matrimônio. Isto foi conservar-se a sarça verde no meio das chamas, e não martírio que passou em um ou em poucos dias, senão de tôda a vida. Santa Pulquéria, filha do imperador Arcádio, e, por morte de seu irmão Teodósio, herdeira do império, casou com Marciano, com tal condição que ela havia de guardar o voto que tinha feito de perpétua virgindade, e assim o guardou: o trono era comum, mas o tálamo dividido. Mais fizeram aquêles dois famosíssimos pares, um de Alemanha, outro de Inglaterra, a imperatriz Santa Conegundes e o imperador Santo Henrique, a rainha Santa Edita e o rei Santo Eduardo. Ambos êstes príncipes foram casados, e em tôda a vida, não só um dêles, senão, ambos, recìprocamente virgens. E por que não pareça que esta soberania anda vinculada às coroas, e só se acha em ânimos reais, na mesma virtude foram insignes Santa Basilisa e S. Julião, casados, de fortuna particular, pôsto que de nobre sangue. Mas se o estado do matrimônio é tão santo que, sendo dantes puro contrato, o fêz Cristo um dos sacramentos de sua Igreja, e como tal uma das fontes da graça, se o uso e comércio natural dêle é lícito e justo, por que se abstiveram êstes santos dos interêsses do mesmo comércio, do agrado tão doce e lisonjeiro dos filhos; da multiplicação da família, que o mesmo Deus chama bênção sua; da sucessão da casa própria, para a qual o que se trabalha é com gôsto, e o que se adquire sem dor, porque não há de passar a outros; e, finalmente, por que se privaram daquele único

reparo da mortalidade, e quiseram não só morrer em si, mas acabar consigo? Só se admirará desta resolução, como de tôdas as outras que temos referido, quem não souber quão grande coisa é ser santo, e quanto pode a ambição desta grandeza nos que verdadeiramente a conhecem. Tudo o que a natureza apetece, tudo o que os sentidos amam, tudo o que o gôsto deseja, tudo o que mais solicita e se pega ao coração, tudo o que honra a memória e conserva a posteridade, deixaram e desprezaram êstes santos; e, pelo contrário, tudo o que encontra e repugna a êsses mesmos apetites naturais, tudo o que molesta e aflige êsses mesmos afetos humanos, tudo mortificaram, tudo venceram, tudo sopearam, tudo abraçaram por vontade, e sem obrigação, por gôsto, e sem repugnância, por amor, e sem dificuldade. Por quê? Porque queriam ser e haviam de ser santos, e por isso hoje o são, e os celebramos como bem-aventurados.

§ X

180 De todo êste largo discurso estou vendo que tirastes duas conclusões todos os que me ouvistes: uma muito conforme ao assunto que propus, e outra muito contrária a êle. A primeira conclusão é que verdadeiramente, sem dúvida, é muito grande coisa o ser santos. Porque, se Deus, entre todos seus atributos de infinita perfeição estima e em certo modo reverencia sôbre todos o atributo de santo; e se tôdas as Pessoas da Santíssima Trindade, e cada uma em particular, nos deram tão soberanos exemplos e documentos desta mesma estimação; se a Virgem Mãe de Deus, por antonomásia, Virgem Prudentíssima, entre todos os bens e felicidade da terra e

do céu, nenhuma outra levou os olhos, roubou o coração e prendeu os passos, senão a santidade de todos os santos, em que também o mesmo Deus, seu Filho, a sublimou sôbre todos; se os anjos e serafins que assistem ao lado do trono divino, o que só exaltam e apregoam, e os louvores que cantam à majestade de seu Senhor, é ser Santo, Santo e mais Santo; e se a excelência em que o mesmo Senhor confirmou aos anjos bons e obedientes, e a de que privou aos maus e rebeldes, foi a de ser santos; e se os santos de tôdas as jerarquias, patriarcas, profetas, apóstolos, mártires, confessores, virgens, tanto trabalharam, tanto padeceram, e tais extremos e excessos fizeram por chegar, como chegaram, a ser santos, não há dúvida que o ser santo é grande coisa, e não só grande, senão a maior de tôdas. E esta é a primeira conclusão que inteiramente concorda com a primeira parte do meu assunto.

181 A segunda conclusão, e totalmente contrária à segunda parte dêle, é que eu prometi de vos provar quão fàcilmente podemos todos ser santos, e tudo quanto até agora tenho mostrado e discorrido, pelas vidas e ações dos mesmos santos, e por suas grandes batalhas e vitórias, são coisas tôdas tão dificultosas e repugnantes à natureza, e tão superiores à fraqueza humana, que antes parece nos impossibilitam totalmente, e nos tiram tôda a esperança, não só de chegar a ser, mas ainda de aspirar a ser santos. Ora, não vos desanimeis os que isto inferis, antes vos animai e consolai muito, porque a facilidade que vos prometi, ainda é mais fácil do que eu o propus e vós podeis imaginar. Tudo o que fizeram os santos por ser santos, foi muito bem empregado, e ainda pouco, porque muito mais impor-

ta, muito mais vale, e muito mais é ser santos; mas, para chegar a o ser, não é necessário tanto, senão muito menos. Não é necessário guardar a perpétua continência das virgens, porque tendes a licença e liberdade do matrimônio, com que foram santos Adão e Eva, Zacarias e Isabel, Joaquim e Ana. Não é necessário ser anacoreta, nem ir viver aos desertos, porque podeis ser santos na vossa casa, como José, Samuel, Davi, que morreram na sua. Não é necessário ser doutor, nem queimar as pestanas sôbre os livros, porque basta que saibais os Mistérios da Fé e os Mandamentos, como S. Paulo, por sobrenome o Simples, S. Junípero, Santo Hermano, e aquêles de quem dizia Santo Agostinho: Levantam-se os indoutos, e levam o reino do céu aos letrados. — Não é necessário ser mártir, porque não só não padecendo martírio, mas fugindo dêle e escondendo-vos, podeis ser santo, como o foi Santo Atanásio, S. Feliz, S. Silvestre, e outros. Nem menos é necessário ser apóstolo, patriarca ou profeta, porque êstes ofícios e dignidades passaram com o tempo, e podeis ser santos como o foram todos os que depois dêles vieram.

182 Pois, que é necessário para ser santo? Uma só coisa, e muito fácil, e que está na mão de todos, que é a boa consciência ou limpeza de coração, como diz o nosso tema: *Beati mundo corde*. Olhai como Deus quis facilitar o céu e o ser santos, que pôs a bem-aventurança e santidade em uma coisa que ninguém há que não tenha, e a mais livre e mais nossa, que é o coração. Assim como o coração é a fonte da vida, assim é também a fonte da santidade; e assim como basta o coração para viver, ainda que faltem outros membros e sentidos, assim, e muito mais, basta a pureza de coração para ser

santo, ainda que tudo o mais falte. Se o ser santo dependera dos olhos, não fôra santo Tobias, que era cego; se dependera dos pés, não fôra santo Jacó, que era manco; se dependera de algum outro membro do corpo, não fôra santo Jó, que estava tolhido de todos, e só lhe ficou a língua: e, ainda que não tivera língua, também fôra santo, porque Santa Cristina, sendo-lhe a língua cortada, louvava a Deus com o coração, e com o coração, sem língua, eram tais as suas vozes, que as ouviam não só os anjos no céu, senão também os circunstantes na terra. De sorte que, para um homem ser santo, não é necessário coisa alguma fora do homem, nem ainda é necessário todo o homem: basta-lhe uma só parte, e essa a primeira que vive e a última que morre, para que lhe não possa faltar em tôda a vida, que é o coração.

183 Tendo o coração puro, e ou vos faltem ou sobejem tôdas as outras coisas, nem a falta vos será impedimento, nem a abundância estôrvo para ser santo. Salomão pedia a Deus (Prov 30, 8) que o não fizesse rico nem pobre, mas que lhe desse o necessário para passar a vida, receando que não poderia ser santo em qualquer daqueles extremos; mas eu vos asseguro que, ou sejais rico, ou pobre, ou pobríssimo, de qualquer modo podeis ser santo. Se fordes rico e puderdes dar esmola, dai-a, e sereis santo, como foi S. João Esmoler; se fordes pobre, e tiverdes necessidade de pedir esmola, pedi-a, e sereis santo, como foi Santo Aleixo; e se fordes tão desamparado, que não tenhais quem vos dê esmola, tende paciência, e sereis santo, como foi S. Lázaro.

184 Tertuliano teve para si que os reis e imperadores não só não podiam ser santos, mas nem ainda cristãos; mas errou neste sentimento, como

em outros, Tertuliano, porque escreveu quando ainda no cristianismo não havia mais coroas que as do martírio. Rei foi de França S. Luís, rei de Inglaterra Santo Eduardo, rei de Escócia S. Guilhelmo, rei de Suécia Santo Erico, rei de Dinamarca S. Canuto, rei de Boêmia S. Casimiro, rei da Noruega Santo Olao, rei de Castela S. Fernando, e imperador Santo Henrique, e todos santos, porque, se na grandeza da sua fortuna têm maior matéria para os vícios os príncipes, também têm mais alta esfera para as virtudes.

185 Das dignidades eclesiásticas se deve fazer o mesmo juízo. Uns santos vereis com mitras de bispos, com capelos de cardeais e tiaras de pontífices na cabeça, e outros com essas mitras, capelos e tiaras aos pés, e por quê? Uns porque deixaram o lustre da dignidade, outros porque sustentaram o pêso; uns porque reconheceram o perigo, outros porque continuaram o trabalho; mas, uns e outros, santos. Não foi menos santo São Gregório, sendo papa, do que S. Pedro Celestino, porque renunciou à tiara; nem menos santo Agostinho, sendo bispo, do que Santo Tomás, porque recusou às mitras; nem menos santo São Carlos Borromeu, sendo Cardeal, do que S. Francisco de Borja, porque não quis aceitar os capelos.

186 Aquêle é e será mais santo, em qualquer estado, que usar dêle com mais puro coração. E se não, discorrei por todos os estados, ou altos ou baixos do mundo, e achareis nêles o vosso, para que vejais que no vosso, se quiserdes, podeis ser santo. Que lugares há mais mal avaliados no mundo do que os palácios dos reis, como oficinas da vaidade, da potência, da inveja e do engano, e onde nunca, ou

raramente, entra a verdade; mas nem por isso há nêles ofício que não esteja santificado. Mordomo-mor foi S. Leodegário, camareiro-mor S. Jacinto, estribeiro-mor S. Vandrigilo, monteiro-mor S. Mauraneu, porteiro-mor S. Patrício, copeiro-mor S. Patroclo, capitão da guarda S. Sebastião, viador S. Saturo, secretário Santo Anastácio, conselheiro S. João Damasceno, S. Germano, S. Melânio, e em cada um dêstes ofícios muitos outros santos.

187 Uma das profissões mais arriscadas a não ser justo é a dos ministros da justiça, ou sejam os que a sentenciam, ou os que a defendem, ou os que a escrevem, ou os que a executam; mas todos, se o fizerem com pureza de coração, podem ser santos. Santo Ereberto e Santo Tomás de Cantuária, foram chanceleres; S. Hieroteu e S. Dionísio Areopagita, desembargadores; S. Pudente e Santo Apolônio, senadores; S. Fulgêncio, procurador da fazenda real; Santo Ambrósio, S. Crisóstomo e S. Cipriano, advogados; S. Marciano, S. Genésio e S. Cláudio, escrivães; Santo Anastásio e S. Ferréolo, juízes do crime; Santo Aproniano e S. Basilides, esbirros ou beleguins; e até no vilíssimo exercício de algozes foram santos S. Ciríaco, Santo Estratonico, e outros.

188 Em nenhum gênero de vida parece que anda mais arriscada a eterna que no daqueles que trazem a sôldo a temporal à custa do sangue próprio e alheio, tão duros como o ferro de que se vestem, tão violentos como o fogo de que se armam, e tão vãos e jactanciosos como o vento que nas caixas e trombetas os chama, e nas bandeiras os guia. É porém infinito o número de soldados santos, que dando a vida constantemente por Cristo na Igreja militante, ornados de coroas e palmas entraram na

triunfante. Só na perseguição de Trajano padeceram martírio de uma vez seis mil soldados, que foi a famosa Legião dos Tebeus; e na de Diocleciano e Maximiano também em um só dia dez mil, desterrados primeiro para a Armênia, e depois crucificados. Não falo nos generais, como Santo Eustáquio e Constantino, nem nos marechais, como S. Nicostrato e Santo Antíoco, nem nos tribunos ou mestres de campo, como S. Marcelino e S. Floreano, nem nos capitães de cavalos, como S. Querino e S. Vital, nem nos capitães de infantaria, como S. Górdio e S. Marcelo, nem nos alferes, como Santo Exupério e S. Juliano, porque da virtude e valor dos soldados se vê quão santos seriam os que os governavam.

189 S. Paulo disse que a raiz de todos os pecados é a cobiça; e estando estas raízes tão arraigadas nos que professam a mercancia, e tão estendidas em cada um por tôdas as partes do mundo, nem por isso deixam de produzir frutos de santidade. Delas nasceu um S. Francisco de Assis, um S. Fulgêncio, um S. Guido, e não só um, senão dois Firumêncios, ambos santos, e outros muitos.

190 E, se de todos êstes exercícios, de sua natureza tão perigosos, e quase encontrados com aquêles em que se lavram os santos tem dado a terra ao céu tantos e tão gloriosos, que será nos ofícios e artes mecânicas, em que o trabalho, companheiro inseparável das virtudes, desterra a ociosidade, que é origem de todos os vícios? Não falando no gloriosíssimo S. José, nos Santos Apóstolos e no mesmo Cristo, que, depois de fabricar o mundo, se não desprezou de trabalhar em uma destas artes, escolhendo entre tôdas a que mais simpatia tinha com o lenho da cruz. S. Jacó de Boêmia foi carpinteiro,

S. Sinforiano escultor, S. Paulo Helático torneiro, S. Floro serrador, Santo Elígio ourives, Santo Andrônico prateiro, S. Duustano ferreiro, S. Marciano armeiro, S. Gildas fundidor, S. Próculo pedreiro, S. Crispim sapateiro, Santo Homobono alfaiate, Santo Onúfrio tecelão, S. Gualfundo celeiro, Santo Aquilas corrieiro, S. João de Deus livreiro, Santo Isidoro lavrador, S. Maurício hortelão, S. Leonardo pastor, Santo Alderico vaqueiro, Santo Arnoldo marinheiro, S. Patênio pescador, S. Ventiro almocreve, S. Ricardo carreiro, Santo Adriano correio, S. Guilhelmo moleiro, S. Germiano taverneiro, S. Quiríaco cozinheiro, Santo Alexandre carvoeiro, Santo Henrique carniceiro, Santo Erineu varredor das imundícias ou carretão: e não há ofício, estado e exercício tão trabalhoso, tão baixo, e ainda pouco limpo, que, se se faz com limpeza de coração, não possa fazer santos. *Beati mundo corde*.

§ XI

191 Temos visto como em todos os estados, em todos os ofícios e em tôdas as fortunas podemos alcançar a maior fortuna de tôdas, que é ser santos; temos visto que o instrumento necessário para ser santos é só e ùnicamente o coração, contanto que seja puro e limpo; só resta para complemento da facilidade com que vos prometi que todos podemos ser santos, declarar quão fàcilmente podem todos conseguir esta mesma limpeza. A limpeza do coração consiste em estar limpo de pecados, e não há nenhum pecador, por grande que seja, que não possa conseguir esta limpeza de coração tão breve e tão fàcilmente que, se entrou nesta igreja pecador, não possa

sair dela santo. Presentou-se a Cristo um leproso, e pondo-se de joelhos: *genu flexo,* disse assim: *Domine, si vis, potes me mundare* (Mt 8, 2 s): Senhor, se quereis, bem me podeis alimpar desta lepra. — Respondeu o Senhor: *Volo, mundare*: Quero, sê limpo — e no mesmo ponto ficou limpo daquele tão feio e tão asqueroso mal: *Et confestim mundata est lepra ejus.* Pode haver maior brevidade, pode haver maior facilidade de conseguir a limpeza? Parece que não. Pois eu vos digo, e é de fé, que muito mais breve e muito mais fàcilmente podeis conseguir a limpeza de coração se o mesmo coração quiser. A lepra do coração, mais feia, mais imunda e mais asquerosa que a do corpo é o pecado. E para que vejais quanto mais fácil e mais brevemente se consegue a limpeza desta lepra, ponhamos o mesmo leproso que Cristo curou, à vista de um coração também leproso pelo pecado, e veremos qual consegue a limpeza com maior facilidade.

192 Estava leproso o coração de Davi, não outro, senão aquêle coração de quem êle disse com os mesmos têrmos do nosso texto: *Cor mundum crea in me, Deus* (12). E estava tão penetrado da lepra, que havia já um ano que perseverava no pecado, quando o exortou o profeta Natã a que considerasse o estado miserável de sua consciência, e se convertesse de todo coração a Deus, de quem vivia tão esquecido. Fê-lo assim Davi, mas que fêz? Sòmente disse: *Peccavi* (2 Rs 12, 13): Pequei, — e não tinha bem pronunciado esta palavra quando o profeta lhe disse que já estava perdoado e restituído à graça de Deus: *Dominus quoque transtulit*

(12) Cria em mim, ó Deus, um coração puro (Sl 50, 12).

peccatum tuum (13). Comparai-me agora a Davi com o leproso, e vêde qual conseguiu a limpeza da lepra mais fácil e mais brevemente. O leproso pôs-se de joelhos: *genu flexo*, e Davi não se ajoelhou; o leproso disse cinco palavras: *Si vis, potes me mundare* — e Davi não disse mais que uma: *Peccavi*: e com tudo isto o leproso não tinha ainda conseguido a limpeza, antes estava duvidoso dela: *Si vis;* e Davi já a tinha conseguido e estava certificado disso da parte do mesmo Deus: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum*. Logo, muito mais fácil e muito mais brevemente conseguiu o coração de Davi a limpeza da sua lepra, do que o leproso a da sua. Mas quando o conseguiu o leproso? Quando Cristo lhe respondeu: *Volo, mundare*: Quero, sê limpo. — Agora vos peço eu que me respondais a mim, e eu vos prometo que com a vossa resposta ficarão limpos os vossos corações ainda mais brevemente que o leproso com a resposta de Cristo, porque a resposta de Cristo comunicou a limpeza ao leproso com duas palavras, e a vossa resposta há de comunicar a limpeza aos vossos corações só com uma sílaba. Respondei, pois, cristãos, ao que vos pergunto. Não vos pesa muito de ter ofendido a um Deus de infinita majestade e bondade, por ser êle quem é? Não vos pesa e vos arrependeis entranhàvelmente de ter sido ingratos a um Deus que vos criou, e vos deu o ser, e vos remiu com seu sangue? Não detestais de todo coração todos vossos pecados, por serem ofensas suas? Não tendes nesta hora firmes propósitos de nunca mais o ofender? Sim? Pois êste sim, dito de todo coração, basta para que o mesmo coração fique e esteja já

(13) Também o Senhor transferiu o teu pecado (2 Rs 12, 13).

limpo de todos seus pecados; e êsse sim, sendo uma só sílaba, fêz nos vossos corações o mesmo efeito, e mais maravilhoso ainda, que as palavras de Cristo no leproso.

193 Pois, se na limpeza do coração consiste o ser santos, e esta limpeza de coração se pode conseguir tão fàcilmente só com um movimento do mesmo coração, que coração haverá tão fraco, ou que homem de tão fraco e de tão pouco coração que não se resolva a ser santo? Se o ser santo fôra uma coisa muito dificultosa, bem nos merecia o céu e a bem-aventurança que, pela gozar eternamente, se venceram tôdas as dificuldades. Mas é tão fácil que, sem vos bolir do lugar onde estais, e sem mover pé nem mão, nem fazer ou padecer coisa alguma, só com um ato do coração, e o ato mais natural, mais fácil e mais suave do mesmo coração, que é amar, e amar o sumo bem, podemos ser santos. Exorta Moisés a amar a Deus de todo coração, que é o mandamento em que se encerram todos, e conclui assim: *Mandatum hoc non supra te est, neque procul positum* (Dt 30, 11): Êste mandamento não é sôbre nós, nem está longe de nós. — Se fôra sôbre nós e estivera lá no céu: *In caelo situm* (ibid 12), tê-lo-íamos por impossível; se estivera longe de nós, e com muito mar em meio: *Trans mare positum* (ibid 13), te-lo-íamos por muito dificultoso. Mas é muito fácil e está muito perto, porque está o cumprimento dêle dentro do nosso coração: *Sed juxta te est sermo valde in corde tuo* (14). Moisés, que não prometia o céu, disse que estava perto de nós o cumprimento

(14) Mas esta palavra está muito perto de ti, no teu coração (Deut 30, 14).

dêste preceito; mas Cristo, que promete o céu, ainda disse mais e melhor, porque diz que o preceito, e o céu, e o merecimento dêle não só está perto de nós, senão dentro de nós: *Regnum Dei intra vos est* (15). Cuidamos que o céu, onde subiram os santos, está muito longe, e enganamo-nos: o céu não está longe, senão muito perto, e mais ainda que perto, porque está dentro de nós, e dentro do que está mais dentro, que é o coração. E que haja almas, e tantas almas, que tendo o céu dentro de si na vida, fiquem fora do céu na morte, e que podendo tão fàcilmente purificar o coração e ser santas, só porque não querem o não sejam? Se para amar a Deus e ganhar o céu houvéramos de atravessar os mares tormentosos e contrastar com todos os elementos, pouco era que se fizesse pela bem-aventurança certa do céu o que tantos fazem por tão pequenos interêsses da terra; mas, tendo-nos Cristo tão facilitada a bem-aventurança, que entre a mesma bem-aventurança e o coração não haja mais que a condição de ser limpo: *Beati mundo corde*, e, podendo o mesmo coração alcançar essa limpeza em um instante de tempo e com um ato de amor, e de amor ao Sumo Bem, que não sejamos todos santos, e não queiramos ser bem-aventurados?

194 Quero acabar esta admiração com um ai de S. Bernardo, pregando neste mesmo dia aos seus religiosos, o qual a êles e a todos pode servir de exemplo e de confusão: *Beati mundo corde, quoniam ipsi Deus videbunt*: *Beati plane, et omnino beati qui videbunt, in quem desiderant Angeli prospicere. Tibi dixit cor meum, exquaesivit te facies mea, faciem tuam, Domine, requiram. Quid enim*

(15) O reino de Deus está dentro de vós (Lc 17, 21).

mihi est in caelo, et a te quid volui super terram? Defecit caro mea et cor meum, Deus cordis mei et pars mea, Deus in aeternum: quando adimplebis me laetitia sum vultu tuo? Vae mihi ab immunditia cordis mei, qua impediente, nedum mereor ad beatam illam visionem admitti. Quer dizer: Bem-aventurados os limpos de coração, e verdadeiramente bem-aventurados, porque êles verão aquela face divina, a qual os anjos sempre estão vendo e sempre estão desejando ver. A vós, Senhor, diz o meu coração: Nenhuma coisa desejo, senão ver-vos de face a face, porque nenhuma outra há para mim, nem na terra nem no mesmo céu. Desmaia o meu coração nas ânsias dêste desejo, porque só o Deus do meu coração é o único e todo o bem que o pode satisfazer. E quando chegará aquela ditosa hora em que, com a vista de vosso rosto, fique satisfeito? Mas, ai de mim — diz Bernardo — que pela pouca limpeza de meu coração — quero-o dizer com as suas próprias palavras — ai de mim, que a impureza e imundícia de meu coração me impede e faz indigno de ser admitido àquela bem-aventurada vista! *Vae mihi ab immunditia cordis mei, qua impediente, nedum mereor ad beatam illam visionem admitti.* Se isto dizia de si um coração tão puro, um coração tão santo, um coração tão elevado, tão estático, tão seráfico e tão abrasado no amor divino, se isto dizia no coração de Bernardo a humildade, que dirá noutros corações a verdade? Se o corpo estiver no claustro, e o coração no mundo? Se o coração, depois de se dar a Deus, estiver sacrificado ao ídolo? Se o coração, que devera estar cheio de caridade e amor de Deus, estiver ardendo em amor que não é caridade? Se as palavras, que saem do coração, e os pensamentos,

que não saem, forem envoltos em impureza? Ai de tal coração e de quem o tem: *Vae mihi ab immunditia cordis mei!* Êste vae e êste ai de São Bernardo em dia de Todos os Santos, fique por matéria de meditação a todos os que o querem ser. Advirtam, porém, e tenham por certo, que se êste ai de conhecimento e temor se converter em ai de dor, em ai de pesar, em ai de verdadeiro e firme arrependimento, êsse mesmo ai, dito de todo coração, com ser uma só sílaba — como dizia — bastará para purificar de tal sorte o mesmo coração que, sendo nesta vida santificado por graça, mereça ser na outra beatificado por glória: *Beati mundo corde.*

Padre Antônio Vieira.

A MONSENHOR BISPO DE TOUL, O PAPA SÃO LEÃO IX

Santíssimo e amadíssimo Pai.

É um homem do vosso país e sacerdote da vossa diocese que ousa apresentar-vos êste tributo de piedade filial. A quem poderia eu melhor oferecer uma Vida dos Santos do que a um santo do meu país, ao mesmo tempo santo de todos os países? Pois, se Brunon de Dabo nasceu para a terra em a nossa pátria particular de Lorena, Leão IX morreu, isto é, nasceu para o céu, em Roma, pátria comum de todos os cristãos. Ademais, foram fiéis e sacerdotes da vossa diocese que me deram a primeira idéia desta coleção.

Graças à bondade divina e à vossa intercessão paterna, o país de vosso nascimento e de vosso primeiro afeto pastoral não degenerou do que o vistes. Durante êstes nove séculos, apesar das revoluções dos impérios e das seduções do inferno, conservou a fé católica na sua pureza. Reviveis geralmente nos vossos sucessores, notadamente na piedade e no zêlo dos dois mais recentes. Os mosteiros são menos numerosos, quer na montanha, quer na planície; mas por tôda parte há mais igrejas paroquiais e mais sacerdotes votados ao santo ministério. A multidão dêsses sacerdotes forma uma espécie de congregação

religiosa de que é pai o bispo. Há uma casa para receber os postulantes, uma casa para receber os noviços, noviços e postulantes que para aí se dirigem às centenas e aí vivem vários anos seguidos, a fim de que o pai, por si próprio e pelos seus assistentes, consiga melhor conhecê-los, apreciá-los, admiti-los ou não admiti-los, aplicá-los a um mister ou a outro. A casa dos postulantes chama-se pequeno seminário; a casa dos noviços é o grande seminário. Todos os anos, o pai ou o bispo convoca para o noviciado um bom número dos seus sacerdotes, para aí se renovar, com êle, no espírito divino do sacerdócio. Eis, amado padre do século onze, o que a vossa afeiçoada diocese apresenta ainda no décimo-nono.

Não é tudo. Em quase cada paróquia, há, com o nome de irmã, uma religiosa ou duas, às vêzes mais, para formar no conhecimento e no amor de Deus as crianças, especialmente as meninas. Mais de uma paróquia possui, com o nome de irmão, um religioso ou dois, para instruir em particular os meninos. Essas várias congregações religiosas, nascidas na vossa querida diocese, mantém nela noviciados que, por mais habitados que estejam, não bastam ainda. Até na Alemanha setentrional são exigidas as vossas irmãs hospitalares para o cuidado dos enfermos; enviam-se vossas irmãs de escola até à pobre igreja da África, que estendia para Leão IX os seus braços agonizantes e que, agora, vai ressuscitando aos poucos; querem-se-vos os irmãos até num novo mundo chamado América, do qual a Groenlândia, conhecida nos vossos dias, não é senão uma pequena extremidade.

Há, mais, outra maravilha, que Deus, indubitàvelmente, já vos deu a conhecer na sua infinita luz,

Há vários anos vêdes chegar ao céu, do lado do Extremo Oriente, e de uma terra infiel, milhares de almas santas, trazendo, ainda fresca, a veste de batismo. Pois bem, Santíssimo Padre Leão, essas nuvens de anjinhos, sim, podemos dizê-lo, são da vossa amada diocese de Nancy e de Toul. É a um dos vossos sucessores, o penúltimo, e a quem o substitui, que êsses milhares de almas inocentes devem o estar no céu, e ver Deus, frente a frente, convosco. Talvez fostes vós mesmo que inspirastes a Carlos de Forbin-Janson a fundação da *Associação da Santa Infância*, destinada a auxiliar os missionários e os fiéis da China, mediante preces e esmolas, na busca do batismo e da vida eterna a tantos milhares de crianças, que pais infiéis e bárbaros atiram e abandonam diàriamente às ruas, aos lagos, aos rios, como lançavam os egípcios do Faraó os recém-nascidos dos israelitas às águas do Nilo. Sim, sem dúvida, sois vós, Santíssimo Padre Leão, sois vós que, revivendo nos nossos piedosos bispos Carlos de Forbin-Janson e Aleixo Menjaud, fundastes essa obra de caridade verdadeiramente apostólica. Protegei-a sempre, tanto com os vossos sucessores no trono de Toul, como com os vossos sucessores no trono de São Pedro.

Disse que na vossa diocese de Nancy e de Toul são hoje os mosteiros menos numerosos que no século onze. É verdade, se entendemos os mosteiros tais quais eram naquela época. Hoje mesmo talvez haja o mesmo número, mas debaixo de outra forma, a de comunidades ou conventos domésticos. Por exemplo, conhecemos uma família de dez filhos, dotada de considerável riqueza: o filho único consagrou-se ao sacerdócio, as nove irmãs vivem em comunidade com

a mãe, que é viúva. O tempo se lhes divide entre o trabalho e a prática das boas obras. Isso lembra um pouco o tempo dos apóstolos em Jerusalém, onde cada casa de cristãos era como igreja. Ora, Santíssimo Padre Leão, em grande número de paróquias da vossa antiga diocese de Toul, existem diversas dessas comunidades primitivas. Conhecemos sete ou oito numa apenas de tais abençoadas paróquias. Trata-se de quatro ou cinco irmãs, às vêzes mais, que vivem juntas, com a mãe, a tia, uma das irmãs, ou então uma dentre elas que faz o papel de tia e de mãe. Mantêm-se virgens por amor a Deus e para servi-lo mais perfeitamente. Trabalham na casa, nos jardins, nos campos. Quando o gênero de ocupação o permite, encantam-lhe a monotonia com a reza do rosário, o canto das litanias da Santa Virgem ou também das vésperas, que sabem de cor. No seu jardim, cuidam dos vasos de loureiros ou de outros graciosos arbustos, destinados a ornar, nos dias de festa, a casa de Deus, os altares do Senhor e da Santa Mãe. Tanto quanto possível, assistem à missa todos os dias e comungam freqüentemente. Gostam de nutrir a alma com piedosas leituras, particularmente da Vida dos Santos.

A fim de secundar os bons desejos de uma dessas comunidades, arranjei-lhe as Vidas de Alban Butler, sacerdote católico da Inglaterra, traduzidas em francês pelo padre Godescard. Mas imediatamente o cura da paróquia, e, logo mais, outros sacerdotes me fizeram estas observações: As Vidas de Butler e de Godescard estão repletas demais de dissertações históricas e críticas. Tais dissertações podem ser boas na Inglaterra, para combaterem as falsas idéias dos protestantes. No seio de nossas piedosas famí-

lias, tão profundamente católicas, são excessivas, embaraçam a leitura, e as almas simples têm trabalho demasiado para distinguir a vida do santo. Além disso, dir-se-ia que Butler, para não enfurecer os protestantes do seu país, retirou de várias vidas as mais maravilhosas virtudes e ações. Ora, eis precisamente o que buscam as nossas fervorosas almas, e se admiram de não ver em certas vidas de santos o que elas próprias fazem comumente. Conviria, pois, escolher as vidas originais dos santos, tais quais lemos com interêsse na *História Universal da Igreja Católica*, e reuni-las numa coleção que apresentasse às famílias cristãs, nos santos de cada dia, uma leitura edificante, suficientemente longa, mas não demasiadamente. Pareceram-nos justas tais observações. Em conseqüência, tentamos satisfazer o desejo dos nossos confrades, oferecendo cada dia a vida pormenorizada de um santo ou de dois, e acrescentando a todos os santos do dia as informações que nos proporciona, no seu Martirológio, a nossa Santa Igreja Romana.

Visto que êste trabalho deve a sua origem ao país do vosso nascimento e do vosso noviciado pontifical, Santíssimo Padre Leão, bispo de Toul e de Roma, é muito natural que vo-lo dediquemos, para que lhe deis a vossa bênção paternal, não sòmente como bispo de Toul, senão também como bispo de Roma. Tanto mais que foi extraído em grande parte de outro trabalho, mais considerável, o qual tem por fim direito justificar e glorificar a Santa Igreja Romana, principalmente com as grandes coisas que vós e os vossos primeiros sucessores no Trono apostólico empreendestes e executastes, para devolver à Igreja de Deus a sua antiga beleza e estender o reino de Deus sôbre todos os reinos. Os gloriosos trabalhos

de Leão IX, Gregório VII, Urbano II, Calixto II e seus semelhantes, foram combatidos pelas fôrças do inferno e caluniados por elas nas histórias dos homens. Humilde sacerdote do vosso país da Lorena e da vossa diocese de Nancy e Toul, da qual saiu, convosco, a grande restauração da Igreja na Idade-Média, empreendemos, com o auxílio de Deus e para a sua glória, a apresentação da história universal de Igreja católica nossa mãe, e a apresentação dessa Igreja sempre digna de Deus pelo grande número de santas almas e santas obras que não cessa de produzir. Para chegarmos ao término de tão longo trabalho, inúmeras vêzes invocamos os amados santos cuja vida esboçamos, vós particularmente, santíssimo e amadíssimo Padre Leão. E vos agradecemos pùblicamente, a vós e a todos os santos de Deus, pela assistência que nos prestastes. Aceitai como homenagem do nosso reconhecimento filial esta Vida dos Santos que preparamos para aumentar o número dos vossos imitadores na terra. A vantagem temporal que talvez nos advenha, empregá-la-emos com o mesmo fito, particularmente em prol das almas mais abandonadas da África.

Santíssimo Padre Leão, a igreja agonizante da África deposita em vossas mãos os seus derradeiros suspiros. Deus parece querer ressuscitá-la nos dias de hoje e, segundo se afigura, por vossa intercessão. Eis como o concluo: não distante do vosso berço de Dachsburg, em Saverne, um judeu, filho de rabino e êle próprio rabino noviço, é chamado por Deus para o seio da sua Igreja, não sòmente para nela receber o batismo, senão também o sacerdócio, e, seguindo os passos do Salvador, formar discípulos do apostolado entre o que há de mais abandonado entre os homens.

O judeu Liberman, feito cristão e sacerdote da santa Igreja romana, no meio de inúmeras provas, dores e cruzes, fundou, pois, uma tríplice congregação do Sagrado Coração de Maria, congregação de padres, congregação de irmãos, congregação de irmãs, que se consagram, uns e outros, ao serviço e à salvação das almas mais abandonadas neste mundo, notadamente do povo mais abandonado dentre todos os povos: os negros da África. Santíssimo e amadíssimo Padre, é principalmente para secundar tal obra que desejamos empregar o fruto temporal dos nossos trabalhos.

Para isso, dignai-vos, Santíssimo Padre Leão, dar-nos, a nós e aos nossos, a vossa bênção paterna.

Escrito na terra, em Paris, na festa de todos os Santos, no ano de redenção de 1852.

ROHRBACHER,

Sacerdote da diocese de Nancy
e de Toul.

A MONSENHOR ALEXIS MENJAUD,

bispo de Nancy e de Toul

Monsenhor,

Permitistes-me dedicar-vos esta coleção de Vidas dos Santos. Para melhor testemunhar o espírito de fé e de religião com o qual reverencio e amo a vossa autoridade e a vossa pessoa, achei que devia dirigir-vos a minha dedicatória na pessoa de um dos vossos mais santos e ilustres predecessores, Brunon, bispo de Toul, nosso santo pai o Papa São Leão IX. Simultâneamente chefe da Igreja universal, bispo de Toul, oriundo desta mesma diocese, São Leão IX parece a bandeira que melhor fala, por assim dizer, a todo o mundo com que profunda veneração e religioso afeto considero e amo, cada um do seu pôsto, o nosso santo pai o Papa, o meu bispo, os nossos confrades do sacerdócio e todos os fiéis de minha pátria terrena.

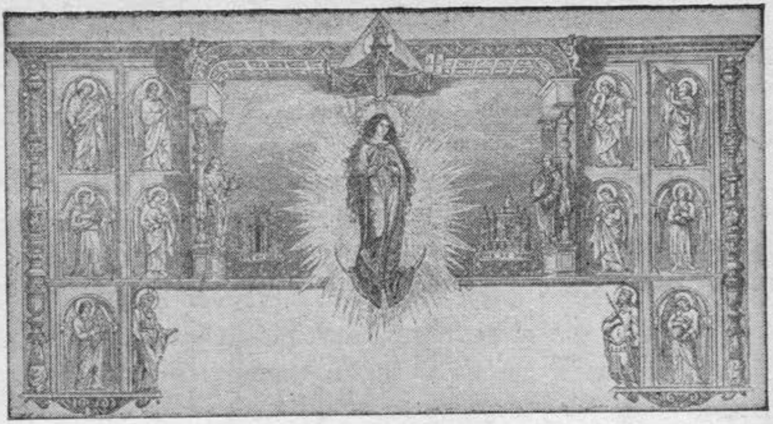
Sou, caríssimo Senhor e Pai, vosso devotado servidor e filho,

ROHRBACHER,

Sacerdote da diocese de Nancy

e de Toul

Janeiro



1.º DIA DE JANEIRO

A CIRCUNCISÃO, FESTA DO SANTO NOME DE JESUS

Iniciamos o ano santo com o nome de Jesus. É iniciar bem. Esperemos terminar igualmente bem.

Visto que é Deus que faz as coisas, a êle cabe principalmente dar-lhes o nome que convém. Assim, dá ao mais ilustre dos patriarcas o nome de Abraão, isto é, *pai elevado da multidão*, pois seria o pai elevado de uma multidão de nações; e deu-lhe êsse misterioso nome, quando Abraão recebeu a circuncisão na carne como sinal exterior da sua aliança. Assim também, no dia da circuncisão, dá ao santo precursor o nome de João, isto é, *cheio de graça*, para salientar a extraordinária graça e virtude que nêle haveria. Mas, dentre todos os nomes existentes

no céu e na terra, que nome escolherá para o seu Verbo feito carne, para seu próprio Filho feito homem? Será o nome de Monarca, Potentado, Dominador, Rei dos Reis, Senhor dos senhores? Não. Chamar-se-á Jesus, isto é, Salvador! E por quê? O próprio Jesus no-lo dirá: "Porque vim a êste mundo, não para chamar justos, mas para chamar pecadores; não para os condenar, senão para os salvar." E, para os salvar, derramará o sangue, não sòmente na circuncisão, senão também na cruz. Ó doce nome de Jesus, nome acima de todo e qualquer outro nome, como sois bem escolhido para mim! Amo-vos, adoro-vos! Sois a minha esperança, sois o meu amor.

O nome de Jesus é incomparável, não sòmente pelo que significa, senão também pela infinita virtude que encerra. O próprio Jesus nos diz: "Tudo quanto pedirdes em meu nome, obtereis. E ainda, os que em mim crerem, realizarão em meu nome milagres, expulsarão os demônios". Com efeito, diz São Pedro ao coxo: "Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho dou-te. Em nome de Jesus o Nazareno, levanta-te e caminha!" E o coxo levantou-se e caminhou. Finalmente, São Paulo nos ensina que êsse nome está acima de qualquer nome, e que em nome de Jesus, tudo vergará o joelho, o que está no céu, o que está na terra, o que está no inferno. Ó meu Jesus, como me alegro por terdes tão belo nome, tão poderoso nome!

Armem-se todos os demônios contra mim: Viva Jesus! e não terei mêdo. Viva Jesus! Só de ouvirem

tal nome, fugirão. Viva Jesus no meu espírito, no coração, na alma, na memória, no corpo, em todos os meus membros! Viva Jesus em todos os meus pensamentos, em tôdas as minhas palavras, em todos os meus atos! Viva Jesus na saúde e na enfermidade, na alegria e na tristeza, na vida e na morte! Escuta, minha alma: quando não mais soubermos senão meditar, tornaremos a dizer baixinho o nome de Jesus. Escuta, minha alma: quando estivermos na derradeira agonia, respiraremos o nome de Jesus, a fim de, em nome de Jesus, despertarmos na outra vida.

UMA PALAVRA SÔBRE OS VOTOS DE ANO BOM

Jesus Cristo saudava os discípulos com estas palavras: "A paz seja convosco!" Era a saudação dos patriarcas e dos profetas. É porque a verdadeira paz, a paz de Deus, encerra todos os bens. Diziam igualmente os apóstolos no comêço e no fim das suas epístolas: "A paz e a graça de Deus sejam convosco!" É sempre o mesmo voto, mais ou menos explicado. Dizemos comumente: "Bom dia! Bom Ano!" No fundo, vem a ser sempre a mesma coisa, pois um dia verdadeiramente bom, um ano verdadeiramente bom, mas bom diante de Deus e para a eternidade, é o que se pode desejar de melhor a si próprio e aos outros. Em vários países dizem os fiéis: fiz o meu bom dia, para dizerem: tive a ventura de comungar hoje. Falam muito bem tais cristãos.

Bom dia, bom ano, são para muita gente palavras ao ar, vãs fórmulas. Por que não fazermos delas uma coisa santa, a exemplo de Jesus Cristo e

dos seus apóstolos? Por que não fazermos delas um ato de caridade cristã, uma prece do coração? Por que não nos desejarmos sinceramente uns aos outros um dia verdadeiramente bom, um ano verdadeiramente bom diante de Deus e para o céu, santificado no amor de Deus e do próximo? Fazem-no almas simples. Por que o não fazermos nós?

Meu Deus, perdoar-me-eis uma extravagância de criança? Eu vos desejo um bom ano! Eu vos desejo um ano em que sejais conhecido, amado, glorificado por todos! Desejo-vos um ano em que eu vos ame de todo o meu coração, de tôda a minha alma, com tôdas as minhas fôrças, um ano em que vos ame como vós próprio me amais. Sim, meu Deus e meu Pai, desejo-vos assim um bom ano de todo o meu coração. Satisfazei-me o desejo.

* * *

SÃO FULGÊNCIO

São Fulgêncio, bispo de Ruspa, na África, viveu em tempos difíceis, de revoluções políticas e de perseguição religiosa.

Na época de Santo Agostinho, achava-se a África romana dominada pelo cisma dos donatistas e pela heresia dos pelágios. Até entre os católicos, havia muitos que não viviam segundo o Evangelho. Via-se castigada a África. Um povo dos mais cruéis, saído do fundo da Alemanha, os Vândalos, apoderara-se dela e assediava a cidade de Hipona, quando Santo Agostinho lá exalava o derradeiro suspiro. Foi inexprimível a tristeza. Durante os cem anos que subsistiu tal povo, foram os católicos incessantemente expostos às mais cruéis perseguições. Mal havia alguns pequeninos intervalos em que podiam respirar e munir-se de sacerdotes e bispos. Os vândalos, cristãos na sua maioria, mas contaminados da heresia de Ário, que negava a divindade de Jesus Cristo, eram piores que os idólatras: pilhavam igrejas e mosteiros, faziam trajes das vestes sagradas, pisavam o corpo e o sangue de Jesus Cristo, e, sem esmorecer, escogitavam novos meios para atormentar os católicos. Houve grande número de confessores e mártires. Certa vez, houve quase cinco mil, quer bispos, quer sacerdotes, diáconos e leigos distintos, exilados para um medonho deserto, para onde os seguia o

povo fiel. Todavia, ninguém era mais mal tratado que os vândalos que se convertiam à verdadeira fé. Arrancavam-lhes a pele da cabeça, cortavam-lhes as mãos, o nariz, as orelhas, a língua. Entretanto, no meio da mais cruel dessas perseguições, não houve um só que abandonasse a religião.

Deus suscitou principalmente dois santos para amparar os seus eleitos em tão horríveis provações. O primeiro, Santo Eugênio, bispo de Cartago, que veremos no dia 13 de julho; o segundo, São Fulgêncio, bispo de Ruspa. Descendia de uma família senatorial de Cartago, e a princípio foi êle próprio recebedor geral dos impostos de uma província. Mas, a partir da idade de vinte e dois anos, abandonou o mundo, entrou num mosteiro paupérrimo, apesar da oposição de sua mãe que, durante vários dias seguidos, continuou, à porta do mosteiro, a chamá-lo de volta, com gritos e lágrimas. Mais tarde, foi bàrbaramente espancado pelos arianos, por ensinar a fé católica. Embarcou para o Egito, a fim de visitar os desertos santificados por Santo Antônio e os demais solitários. Um bispo da Sicília o desviou dessa viagem, por estar o Egito, então, repleto de heréticos e separado da comunidade de São Pedro por um pérfido cisma. Fulgêncio empreendeu a peregrinação a Roma, para visitar os túmulos dos apóstolos. De regresso à África, construiu um mosteiro, que não tardou em se encher de grande número de pessoas piedosas. Finalmente, mau grado seu, viu-se bispo de Ruspa em 508.

São Fulgêncio conservou no episcopado as práticas da vida monástica. Nunca usou vestes preciosas, e prosseguiu nos jejuns habituais. Inverno e estio, trajava apenas uma paupérrima túnica cingida por

um cinto de pele à guisa dos monges. Não trazia o calçado dos clérigos, mas o dos religiosos, e freqüentemente caminhava de pés nus. Nunca usava paramentos preciosos nem de côres berrantes, nem os permitia aos seus monges. O que lhes cobria o corpo era um hábito comum. Não se desfazia do cinto para dormir, e oferecia o sacrifício com a mesma túnica na qual se deitava, dizendo que, para essa santa ação, era preferível mudar de coração a mudar de hábitos. Jamais logrou ninguém obrigá-lo a comer carne, fôsse de que espécie fôsse. Nutria-se de ervas, de grãos e de ovos, sem condimentá-los com azeite, enquanto foi moço; na velhice, persuadiram-no a usá-lo, receosos de que, enfraquecendo-se-lhe a vista, não pudesse mais ler. Nunca bebeu vinho, a não ser por motivos de saúde, e, assim mesmo, o temperava com tamanha quantidade de água, que nem se percebia o gôsto de vinho. Antes de que os irmãos fôssem avisados para o ofício da noite, velava para orar, ler, ditar ou meditar, por lhe não restar tempo durante o dia, ocupado que vivia com as questões do seu povo. Com tal trabalho, descia contudo às vêzes para celebrar as Vésperas com os outros. Até então nunca fôra visto em lugar nenhum, sem viver com monges; foi por isso que o primeiro favor que solicitou aos habitantes de Ruspa, depois de haver sido feito seu bispo, foi o de lhe darem um lugar para erguer um mosteiro. Um nobre varão, chamado Postumiano, cedeu-lhe um pequeno terreno não muito distante da igreja, onde alguns pinheiros altíssimos formavam um bosque cuja folhagem tornava agradável o lugar. São Fulgêncio aceitou-o, com maior prazer ainda, por se lhe depararem naquele lugar as madeiras necessárias à construção. Mandou

imediatamente chamar o amigo, o padre Félix, com a maior parte da sua comunidade. O outro ficou sob a direção de um dos irmãos, de nome Vital, mas com a mesma união entre os dois mosteiros, como se se tratasse de um apenas.

Enquanto São Fulgêncio se ocupava dessas obras de piedade, o rei dos vândalos, Trasamundo, mandou que os seus sequazes o prendessem para ser levado à Sardenha com os outros bispos. Apesar da dor por ter de abandonar a sua igreja, antes de poder instruí-la, não deixou de testemunhar júbilo por participar da gloriosa confissão dos seus colegas. Saiu de Ruspa, acompanhado de monges e de clérigos, deixando os leigos debulhados em lágrimas. Recebeu-o com honra a cidade de Cartago; foram-lhe dados presentes, que enviou ao mosteiro mandado construir, e embarcou sem nada levar senão a riqueza de uma ciência singular, que partilhava com todos os que visitava. Embora fôsse São Fulgêncio, pela ordenação, o último dos bispos exilados, em número superior a sessenta, todos o reconheciam primeiro, em virtude da ciência e da virtude de que dispunha. Nas coisas duvidosas, o primaz e os demais bispos queriam sempre ouvi-lo, para saber-lhe o parecer, e o incumbiam de explicar as resoluções comuns. Quando se tratava de responder em nome de todos, aos bispos de além-mar, quer em questões de fé, quer em outras matérias, de tal o encarregavam. Além das missivas públicas que escrevia em nome dos sessenta bispos, compunha ainda outras, particulares, para todos os que lhas pedissem, quando tinham de fazer advertências ao povo, ou corrigir alguém. Ainda a São Fulgêncio era que se dirigiam

os que tinham sido punidos de censuras pelos seus bispos ausentes, a fim de que intercedesse por êles.

No início do exílio, não lhe foi dado formar mosteiros, tendo conduzido em sua companhia um número demasiadamente pequeno de monges; todavia, não logrando dispensar a vida em comunidade, persuadiu dois bispos a morarem com êle, e, reunindo monges e clérigos, imitou um grande mosteiro. Tinham a mesma mesa, oravam e liam juntos; havia uma diferença apenas: os monges se distinguiam dos clérigos pela maior austeridade, e nada possuíam de seu. A casa era o oráculo da cidade de Cagliari, capital da Sardenha; os aflitos lá é que buscavam consôlo; lá se compunham as divergências, lá se explicava a Escritura, lá se concediam esmolas. Muitas vêzes São Fulgêncio, mediante as suas exortações, atraía para a vida monástica aquêles cujas necessidades havia aliviado. As boas novas chegavam todos os dias a Cartago, onde o povo fiel se rejubilava.

Além dos sessenta bispos da província de Bizacena, Trasamundo, o rei, exilou vários outros do restante da África, de sorte que se contam até duzentos e vinte. Levaram consigo várias relíquias da África à Sardenha, entre outras o corpo de Santo Agostinho, que lá ficou durante duzentos anos. O santo papa Símaco proporcionava todos os anos aos exilados o alimento e as vestes necessárias. Achou oportuno, outrossim, consolá-los por missivas, e para tal se valeu da pena de Enódio. Enviou-lhes, ao mesmo tempo, relíquias de São Nazário e de São Romano, que êles lhe tinham solicitado na missiva ao diácono Hormisda. Resgatou os cativos na Ligúria, no Milanês e em várias outras províncias, dan-

do-lhes, mais, consideráveis presentes e enviando-os para casa.

Entretanto, Trasamundo quis saber quem era o mais poderoso defensor da doutrina católica. Disseram-lhe que Fulgêncio, entre os bispos exilados. Imediatamente mandou o rei chamá-lo a Cartago. O santo bispo, valendo-se da oportunidade, instruiu cuidadosamente, sôbre o mistério da Trindade, os católicos que iam procurá-lo em casa, ensinando-lhes que Pai, Filho e Espírito Santo fazem um só Deus, embora subsista a diferença de pessoas. Apressavam-se em ouvi-lo todos os fiéis, pois sabia falar com inexcedível graça. Respondia a quantos o interrogavam, sem desprezar ninguém, pronto sempre a ouvir os outros, e a com êles aprender, se verificasse que Deus lhes havia revelado algo melhor. Ensinava os que tinham concordado em batizar-se de novo, a chorar o êrro, e reconciliava-os com a Igreja. Amparava os que iam cair, os quais, por sua vez, fortalecidos pelas suas palavras, atacavam confiantemente os arianos. O rei, advertido dos progressos realizados pela fé católica em Cartago, através dos bons ofícios de São Fulgêncio, enviou-lhe um escrito repleto do veneno da heresia ariana, com a ordem de responder quanto antes. Sendo o escrito bastante longo, o santo bispo reduziu a algumas objeções divididas por artigos, aos quais acrescentou respostas nítidas e sólidas. Antes de os enviar a Trasamundo, examinou-os demoradamente com vários varões capazes, deu-os até a conhecer ao povo, em seguida os mandou ao rei, que os aguardava com impaciência. Trasamundo leu-os atentamente, admirando a eloqüência do autor, elogiando-lhe a humildade, mas sem por isso tirar melhor proveito. O povo de Cartago,

sabendo que as proposições do rei tinham sido refutadas, rejubilou-se extremamente com a vitória da fé católica contra o arianismo.

Para ainda experimentar a ciência do santo bispo, enviou-lhe o rei outras questões, ordenando ao portador que as lesse sòmente uma vez na presença dêle, sem lhe permitir copiá-las. São Fulgêncio compôs três livros dirigidos ao rei Trasamundo. No primeiro, trata das duas naturezas de Jesus Cristo numa pessoa, mostrando principalmente que há uma alma racional, além da divindade; no segundo, trata da imensidade do Filho de Deus; no terceiro, trata da sua paixão, para mostrar principalmente que não foi a divindade que sofreu. O rei, assombrado com a resposta, não mais ousou propor questões a São Fulgêncio, mas um dos bispos arianos, chamado Pinta, teve mais ousadia. Compôs um escrito que o santo refutou como os precedentes.

Trasamundo desejava reter mais tempo, em Cartago, São Fulgêncio. Mas disseram-lhe os arianos: "Senhor, êle torna inútil o vosso zêlo; já perverteu alguns dos nossos bispos, e se não derdes imediatamente as vossas ordens, desaparecerá a nossa religião." O rei cedeu à advertência, e tornou a enviar São Fulgêncio à Sardenha. Para evitar que o povo acorresse à partida do santo, mandou que embarcasse durante a noite; mas os ventos contrários detiveram o barco na costa por vários dias, o que deu ensejo a que quase tôda a cidade pudesse reunir-se para dizer-lhe adeus, e comungar pela sua mão. Notando um varão virtuoso, Juliateu, que se afligia extremamente, disse-lhe: "Não choreis; voltaremos em breve, e a Igreja católica recobrará a liberdade." Recomendou-lhe, porém, segrêdo, temendo passar

por profeta. Assim fazia no tocante a todos os seus dons sobrenaturais. Nunca pedia a Deus que realizasse milagres; e quando lhe recomendavam, para as suas orações, enfermos e outros aflitos, respondia: "Vós sabeis, Senhor, o que convém à salvação das nossas almas; cumpra-se primeiramente a vossa vontade!" Os milagres, dizia, não proporcionam justiça, mas fama, que, sem a justiça, só presta para nos condenar.

Chegado à Sardenha, construiu um novo mosteiro, com a permissão do bispo de Cagliari, perto da igreja do mártir São Saturnino, longe do ruído da cidade. Reuniu em tal lugar mais de quarenta monges, que obrigava a observar exatamente a regra da profissão, sobretudo no tocante a nada terem de seu, mas tudo em comum. Era isso, para êle o essencial da vida monástica. Dizia que um monge podia, às vêzes, ser obrigado pela enfermidade do corpo a valer-se de nutrição mais delicada, mas que atribuir-se a propriedade, nem que fôsse de coisas insignificantes, era sinal de orgulho e avareza. Distribuía pessoalmente com grande discrição aos servidores de Deus o que lhes era necessário, prestando atenção às fôrças e fraqueza de cada um, advertindo aquêles a quem dava demais que se humilhassem em virtude da sua fraqueza. Como tinha grande cuidado em prevenir os pedidos dos seus religiosos, não queria que o avisassem, mas que esperassem com tôda a resignação.

Ainda durante o segundo exílio, escreveu Fulgêncio várias missivas de edificação a pessoas que viviam na Sardenha, na África e em Roma, a senadores, viúvas e virgens de grande reputação. Tais são as missivas a Proba, Gala e Teodora. Era Proba

uma jovem de ilustre nascimento em Roma, que abraçara a virgindade. São Fulgêncio escreveu-lhe duas grandes missivas, ou antes dois tratados, para a confirmar na virtude; o primeiro da virgindade e humildade; o segundo da prece. Gala era irmã de Proba, filha do cônsul Símaco e viúva de um cônsul que não chegara a viver um ano com ela. Abraçou a continência, e São Fulgêncio a instruiu sôbre os deveres da viúva cristã. São Gregório, papa, escreveu, depois, sôbre as suas virtudes e feliz morte. Teodoro era um senador que foi cônsul em 505; em seguida, entregou-se a Deus inteiramente e, com sua mulher, abraçou a continência. São Fulgêncio congratula-se com êle por tão feliz mudança, e assinala como importa o exemplo dos grandes, que perdem ou salvam, consigo, várias pessoas.

O santo bispo terminava outros escritos, quando terminou o exílio. Trasamundo morreu em vinte de março de 523, e teve por sucessor Hilderico, que devolveu a liberdade à igreja da África e permitiu se ordenassem bispos por tôda parte. Assim, recobrou a África o livre exercício da religião católica, após sessenta anos de interrupção, a contar depois da perseguição de Genserico, em 457. São Fulgêncio regressou, pois, à África com os demais bispos exilados. Foram acolhidos em Cartago como confessores de Jesus Cristo, sobretudo São Fulgêncio, mais conhecido que os outros na cidade, de onde saíra sòzinho. O povo, reunido na margem, mal o percebeu, deu um grande grito de júbilo, e ouviram-se cantos de louvor a Deus em tôdas as línguas. Todos queriam ser os primeiros em lhe receber a bênção, e todos queriam tocá-lo pelo menos com a ponta dos dedos. Os bispos rumaram, em primeiro lugar, para a igreja de Santa

Agiléia, precedidos e seguidos do povo, que os conduzia em triunfo. Os mais zelosos circundaram São Fulgêncio, para lhe aliviarem o calor e abrir-lhe caminho. Deus, para patentear a caridade daquela gente, permitiu sobreviesse uma forte chuva; mas as piedosas criaturas não se abateram. Caminhando São Fulgêncio de cabeça descoberta, os mais nobres estenderam sôbre êle os mantos, para protegê-lo da água. O santo, após visitar os amigos de Cartago, saiu para dirigir-se a Ruspa. Durante todo o caminho, bastante longo, a gente, de todos os lados, se lhe postou na frente, trazendo lâmpadas, archotes e ramos de árvore, dando graças a Deus por lhe mostrar tão santa personagem.

De regresso a Ruspa, São Fulgêncio continuou a viver com os monges, como um dêles. E para que os seus sucessores nada pudessem pretender em prejuízo dos religiosos do mosteiro, declarou por escrito que êle próprio nada pretendia, e que, se lá permanecia não era por ter direito a tal, mas porque lhe permitiam ficar. Levou até mais longe as precauções, pois adquiriu uma casa na vizinhança da igreja, e a reformou cômodamente, para poder servir de morada ao bispo de Ruspa. Cuidou também do alojamento dos clérigos e das regras dos seus costumes, desejando que todos estivessem perto da igreja, que cada um cultivasse um jardim com as próprias mãos, que se esforçassem por salmodiar com graça e bem pronunciar, que evitassem o luxo nos hábitos, e que se não imiscuissem nos negócios seculares, receoso de que tal ocupação os desviasse com demasiada freqüência das funções do seu ministério. Escolheu-os quase todos dentre os monges. Prescreveu dois dias de jejum por semana, nas quartas-feiras e nas sextas,

a todos os clérigos, às viúvas e aos leigos que o pudessem, ordenando-lhes, mais, que assistissem aos ofícios e às preces do dia e da noite.

Depois do último exílio, São Fulgêncio compôs ainda vários escritos, particularmente um tratado da fé para um tal Pedro, que, indo a Jerusalém e temendo ser surpreendido pelos hereges que fervilhavam no Oriente, instou com êle para que lhe desse uma regra no tocante ao assunto. Ali ensina e prova expressamente, o que faz também alhures, que o Espírito Santo procede simultâneamente do Pai e do Filho.

Um ano antes da morte, deixou secretamente a igreja e o mosteiro para retirar-se a outro que mandara erguer num pequeno rochedo, na ilha de Circina; lá, redobra as mortificações e as lágrimas, atento constantemente à prece ou à leitura, como se sentisse a aproximação do derradeiro dia. Mas a caridade o obrigou a regressar a Ruspa para fazer cessar as queixas produzidas pela sua ausência. Adoeceu e, durante mais de dois meses em que foi atacado de agudíssimas dores, dizia a Deus: "Dai-me agora a paciência, e, depois, o perdão." Vendo-se perto do fim, reuniu todos os clérigos e os monges, e, após lhes pedir perdão pela severidade que temia ter-lhes dispensado, distribuiu o dinheiro que restava às viúvas, às órfãs e aos forasteiros, chamando cada um pelo nome. Não se esqueceu dos clérigos na distribuição, sabendo como estavam necessitados. Quanto aos que iam visitá-lo, dava-lhes a bênção.

Morreu no primeiro dia de janeiro de 533, no vigésimo-quinto ano do episcopado e no sexagésimo-quinto de vida. Não foi possível dar-lhe sepultura no mesmo dia, mas levaram-lhe o corpo ao oratório do mosteiro, onde os clérigos e os monges passaram

a noite inteira a cantar salmos, hinos e cânticos. De manhã, quando a gente da vizinhança chegou para o funeral, levaram-no mãos de sacerdotes à igreja da cidade, chamada segunda, onde o santo bispo guardara relíquias dos apóstolos. Foi o primeiro que mereceu ser enterrado nessa basílica, não tendo sido lá, até então, enterrado nenhum padre nem leigo, segundo o antigo costume. No entanto, foi pôsto de lado o costume, em virtude do amor que todos dedicavam ao santo bispo. Um dos discípulos lhe escreveu a vida.

JOSÉ MARIA TOMASSI

O bem-aventurado José Maria Tomassi, que morreu nos primeiros anos do século dezoito, é uma prova, entre muitas outras, de que a Igreja de Deus é sempre fecunda em santos e que os séculos nada podem contra ela, por serem a sua duração e fecundidade de Deus, que é sempre o mesmo.

José Maria Tomassi era filho de Júlio Tomassi, duque de Palma e príncipe de Lampedosa. Nasceu em Alicate, na Sicília, em 12 de setembro de 1649, e foi educado na piedade. Tôda a família vivia nas práticas da religião e das boas obras. Um tio e três irmãs do jovem Tomassi já tinham entrado no claustro. José Maria, à fôrça de súplicas, logrou seguir a mesma vocação; e, após ter desistido dos direitos hereditários em favor de um irmão cadete, foi admitido ao seio dos teatinos de Palermo, proferindo os votos em 25 de março de 1666. O seu fervor, o amor à prece, as austeridades e o zêlo por tôdas as práticas da vida religiosa não lhe impediam dedicar-se ao estudo. A teologia, as línguas eruditas, as antiguidades eclesiásticas e a liturgia o ocupavam o dia inteiro. Aprendeu hebraico, caldaico, etíope, árabe, sírio, e de um sábio judeu da época, Moisés de Cavi, que em seguida se tornou cristão, tomou inúmeras aulas. As suas pesquisas nas bibliotecas e nos conventos de Roma o conduziram a descobrimentos

importantes sôbre tôdas as partes da antiga liturgia, e é sôbre tal assunto que gira a maior parte dos seus trabalhos.

Apesar do amor que devotava ao retiro e da aplicação ao estudo, desempenhou diferentes misteres na ordem, e pelos papas foi adido a várias congregações. Clemente XI dedicava particular estima ao padre Tomassi. Tomou-o como confessor, e quis ouvir-lhe o parecer, quando foi eleito papa, para saber se devia aceitar tão elevada dignidade. Nomeou-o cardeal em 18 de março de 1712, e o modesto religioso, tendo-lhe escrito para expor as razões da sua recusa, se viu obrigado a aceitar o cargo. O novo cardeal conservou, quanto pôde, os hábitos e a simplicidade do convento. A casa, a mesa, a criadagem, tudo nêle indicava horror ao luxo. Ao mesmo tempo, as suas rendas eram empregadas em boas obras. Não satisfeito com distribuir dinheiro aos pobres de Roma, enviava auxílios para longe. Mandou entregar quinhentos escudos aos católicos suíços, que então lutavam contra os cantões protestantes. Cuidava de distribuir esmolas em todos os lugares em que dispunha de benefícios ou de bens. Em Roma, decorava as igrejas, especialmente a de São Martinho do Monte, que constituía o seu título de cardeal; e lá gostava de ensinar catecismo às crianças. Foi no meio dos seus piedosos cuidados que a morte o colheu em 1.º de janeiro de 1713, com a idade de sessenta e três anos. Foi beatificado por Pio VII, em 5 de junho de 1803.

Outras pessoas dessa mesma família se ilustraram pela piedade. Publicou-se, no ano de 1738, a vida do duque Júlio de Palma, pai do cardeal, e, em 1762, a vida de seu tio, Carlos Tomassi, irmão

mais velho de Júlio, que cedera os direitos ao cadete, para entrar na ordem dos teatinos, e que nela viveu nas práticas da perfeição religiosa. No fim da vida do duque Júlio se encontra a de dom Fernando Tomassi, irmão segundo do cardeal. Tinham êles quatro irmãs, e tôdas se tornaram religiosas. A segunda delas, chamada no mundo Isabel, e no claustro Maria Crucificada, foi qualificada venerável; e um decreto de Pio VI menciona que ela praticou em grau heróico as virtudes. A sua vida foi escrita por Turano, e publicada em 1704. Encerra, em resumo, a vida de Rosália Traina, duquesa de Palma, sua mãe, que, com o consentimento do marido, se retirou a um mosteiro, para perto das filhas, e lá viveu trinta anos nos exercícios da piedade. Assim, tôda a família parecia destinada a oferecer grandes exemplos de fervor e de desapêgo ao mundo.

* * *

BEM-AVENTURADO GUILHERME (*)

Abade de São Benigno

Guilherme teve por biógrafo um discípulo: Raul Glaber. O bem-aventurado nasceu no castelo de Orta, perto de Novara, na Itália, em 961. O pai, Roberto, conde de Volpiano, naquela época, empenhava-se na defesa de seus domínios contra o imperador Otão.

Guilherme, menino quieto e dócil, estava destinado à vida religiosa. Era contemplativo e vivia ensimesmado. Apresentado pelos pais no mosteiro de Locédia, erigido perto de Vercelli, ali fêz o bem-aventurado profissão.

Anos depois, contristado por ver que no mosteiro a observância não era escrupulosamente guardada, conseguiu transferir-se para Cluny, instando com o abade Meyeul, então de passagem por Locédia, para que o aceitasse. Corria o ano de 987, e Guilherme não tardou em se associar à obra da reforma dos mosteiros que Cluny empreendera.

Em companhia dalguns monges, dedicou-se a reerguer a velha abadia de São Benigno de Dijon. Pouco mais tarde, o bispo de Langres, que solicitara a reforma de São Benigno, elevou-o ao sacerdócio.

ordenando-o e dando-lhe a bênção abacial, tais os méritos do bem-aventurado.

Bem depressa a abadia de São Benigno transformou-se num grande centro, onde então se agrupavam os reformados mosteiros da Borgonha, Lorena e Itália.

Guilherme era duma firmeza a tôda a prova, mas era terno e afeiçoado aos monges que dirigia. Prudentíssimo, cheio de zêlo, muitas vêzes foi o bem-aventurado Guilherme julgado excessivamente escrupuloso e enérgico em matéria de disciplina. Quando se tratava de justiça, Guilherme não hesitava em se opor aos poderosos, aos grandes da terra. A tal zêlo muito deve a êle a abadia de Fécamp.

Foi em Fécamp que faleceu o nosso firme abade, a 1.º de janeiro de 1031. Por intermédio da duquesa Cristina de Sabóia, os religiosos de Fécamp procuraram obter a canonização do servo de Deus, mas em Roma, que se julgou o severo caráter do bem-aventurado um tanto contrário à perfeição cristã, acrescentando a isto os milagres pouco numerosos e autênticos, não teve solução o pedido apresentado.

O nome de Guilherme consta em alguns martirológios como bem-aventurado ou venerável.

* * *

BEM-AVENTURADA ZEDISLAVA BERKA (*)

A bem-aventurada Zedislava Berka foi, desde a mais tenra idade, grandemente piedosa. Aos seis, sete anos, deixou a casa paterna para levar vida de oração e de penitência, na solidão, coisa que os pais não viam com bons olhos. Assim, quando completou dezesseis anos, apressando-se, obrigaram-na a se casar, o que fêz, desposando um homem de nobre família, mas violento e orgulhoso.

Das núpcias, nasceram-lhes quatro filhos, aos quais a jovem mãe procurou encaminhar nas veredas da caridade, dirigindo-os ao amor de Deus.

Com a autorização do marido, que conseguiu abrandar, entrou para a ordem terceira dos dominicanos, de modo que pôde contribuir para a construção do priorado de São Lourenço, nos domínios do espôso.

Zedislava, doce com os pobres e principalmente com prisioneiros e peregrinos, nascera na Boêmia. Falecida em 1252, vários milagres operaram-se à beira de seu túmulo, o que levou o povo a chamá-la santa. Pio X, a 29 de agôsto de 1909, aprovou-lhe o culto, que já de há muito lhe era rendido.

* * *

BEM-AVENTURADO UGOLINO DE GUALDO (*)

Ermitão de Santo Agostinho

Confessor

Ugolino era originário da Úmbria, de Gualdo, onde nasceu no início do século XIII. Desde menino, retraído, mostrara grande inclinação para a vida solitária.

Afastado da cidade, havia um lugar em que uma grande pedra chamava a atenção: ali, sòzinho, o jovem Ugolino fazia, demoradamente, as suas orações, daí a pedra receber o nome do bem-aventurado. Encarregado pelos beneditinos de Gualdo para formar um priorado, Ugolino desincumbiu-se perfeitamente da missão.

Em janeiro de 1260, no dia primeiro, faleceu em odor de santidade. O corpo foi inumado na igreja dos santos Antônio e Antonino, de Spoleto. Bento XV confirmou-lhe o culto, séculos depois, em 1919.

* * *

BEM-AVENTURADO VICENTE MARIA STRAMBI (*)

Bispo e Confessor

Nasceu Vicente Maria Strambi em Civita-Vecchia no dia 1.º de janeiro de 1745. O pai era piemontês, mas de origem milanesa. Em 1767, em Viterbo, foi ordenado padre. No ano seguinte, com o nome de Vicente Maria de São Paulo, ingressou na congregação dos passionistas, congregação fundada por São Paulo da Cruz (1).

Por Pio VII, foi nomeado, em 1801, bispo de Macerata e Tolentino. De posse da sede, recusou-se a prestar juramento de fidelidade a Napoleão Bonaparte, o que lhe valeu sete anos de exílio.

Enfêrmo, faleceu em 1824, a 1.º de janeiro. Gregório XVI, em 1843, declarou-o venerável. Pio XI, em 1925, proclamou-o bem-aventurado.

No mesmo dia, em Cesaréia, na Capadócia, lançamento do túmulo de São Basílio, o Grande, confessor e doutor da Igreja, notável pela ciência e sabedoria, ornado de tôdas as virtudes. Pelejou em

(1) Vicente Maria escreveu uma vida de São Paulo da Cruz

defesa da Igreja contra arianos e macedonianos. A festa de São Basílio, o Grande, celebra-se a 14 de junho, quando então se comemora sua ordenação episcopal.

A festa de São Magno, mártir.

Em Chieti, a festa de São Justino, bispo daquela cidade, célebre pela santidade e pelos milagres.

Em Aix, Provença, São Basílio, bispo, cuja sede desconhecemos. Citado por Sidônio Apolinário, crê-se que seria num dêstes lugares: Arles, Marselha ou Riez.

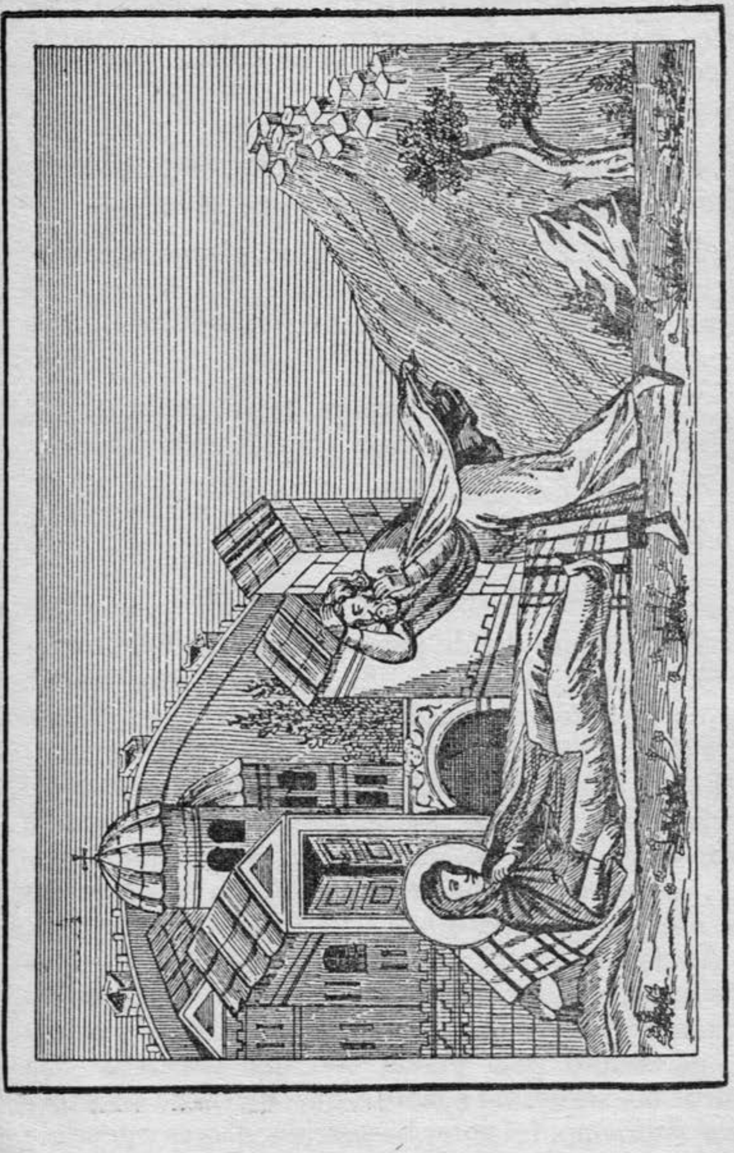
Em Autun, Santo Agripino, bispo, desaparecido em 540. Participou de dois concílios em Orleans.

Em Bourges, São Félix, bispo.

Em Viena, São Claro, abade.

Em Clermont, Santo Establo, bispo.

No primeiro dia de janeiro, o martirológio romano cita ainda: em Roma, Santo Almáquio, mártir, que os gladiadores mataram por ordem de Alípio, prefeito da cidade, por haver dito pùblicamente: "É hoje a oitava do nascimento do Senhor; renunciai ao culto supersticioso dos ídolos, e abstende-vos, a partir dêste momento, de oferecer sacrifícios impuros". — No mesmo lugar, na via Ápia, trinta soldados, mártires, coroados sob o imperador Diocleciano. — Ainda em Roma, Santa Martinha, virgem, que, após haver sofrido vários tormentos sob o imperador Alexandre, conquistou finalmente a palma do martírio, perecendo pelo gládio. — Em Espoleto, São Concórdio, sacerdote e mártir, que, na época do imperador Antonino, foi antes bastonado, depois estendido



Santa Eufrosina e seu pai. Miniatura dos meados do século IX.

sôbre o cavalete, e, em seguida, penou longamente na prisão, onde o foi consolar um anjo; terminou a vida pelo gládio. — No monte Senário na Toscana, o bem-aventurado Bonfílio, confessor, um dos sete instituidores da ordem dos Servitas, o qual, tendo honrado a santa Virgem com ardente zêlo, foi chamado por ela a gozar da ventura dos céus. — Em Alexandria, Santa Eufrosina, virgem, que se distinguiu no mosteiro pela severa abstinência e por milagres.

2.º DIA DE JANEIRO

SANTO ADALARDO, *abade de Corbie, na França.*

Santo Adalardo ou Adelardo provinha de uma família de grandes e santas personagens, cujos descendentes ainda hoje ocupam vários tronos da Europa. O principal antepassado dessa família é Santo Arnulfo, prefeito do palácio de Austrásia, bispo de Metz, e anacoreta nas montanhas dos Vosges. São seus bisnetos Carlos Martelo, o rei Pepino o Breve, o imperador Carlos Magno, do qual se gabam de descender mais ou menos diretamente quase tôdas as famílias soberanas.

Adalardo, cuja vida foi escrita por dois santos, Gérard e Pascase-Radbert, era neto de Carlos Martelo, filho de Bernardo, sobrinho do rei Pepino, e primo de Carlos Magno. Veio ao mundo pelo ano de 753, e foi criado na côrte com os demais príncipes. Eginardo, por volta de 771, o colocou entre os condes e grandes que compunham a côrte de Carlomano, rei da Austrásia. Com a idade de vinte anos, retirou-se para o mosteiro de Corbie, na França, e, após um ano de noviciado, professou. Confiaram-lhe o cuidado do jardim, trabalho que lhe servia de piedosa meditação. O primeiro jardineiro foi nosso primeiro pai, ou melhor, o próprio Deus, que plantou o jardim

das delícias e nêle colocou nossos antepassados. Era ao jardim das Oliveiras que o Salvador mais gostava de retirar-se com os seus discípulos. Foi num jardim que o sepultaram. Foi num jardim que as santas mulheres o procuraram morto, e o encontraram ressuscitado. Em cada um de nós é a alma um jardim de Deus, que devemos cultivar e vigiar cuidadosamente. Assim meditava o irmão Adalardo. Mas, não logrando tolerar as visitas dos parentes, os louvores que recebia e as questões mundanas de que lhe falavam, fugiu secretamente para a Itália, e se retirou ao monte Cassino, considerado fonte da vida religiosa. Esperava lá viver oculto, mas não ficou muito tempo sem ser reconhecido, e em breve exigiu Carlos Magno que regressasse.

Pouco depois da sua volta a Corbie, foi eleito, com o consentimento do abade, sucessor dêste. Em seguida, Carlos Magno o enviou à Itália, a fim de que assistisse, com os seus conselhos, ao jovem Pepino, seu filho, coroado rei dos lombardos em 781. Adalardo para lá rumou e de tal modo se portou que diziam ser um anjo caído do céu. Inacessível aos presentes, era o terror dos grandes e o consôlo dos pobres. Em primeiro lugar reprimiu a tirania dos poderosos, restabeleceu a justiça e reteve todos nos limites das suas respectivas funções. Conquistou de tal maneira a confiança do papa São Leão II, que êste pontífice lhe dizia, rindo: "Sabei que, se um dia descobrir que sois outro que não o que vos julgo, nunca mais confiarei em nenhum dos francos." As cidades de Benevento e Espoleto empenhavam-se numa luta cruel; êle foi a Benevento, e entre as duas cidades estabeleceu uma paz sólida, de modo que a fama se lhe estendeu até os gregos e os habitantes

das ilhas. Entre os seus amigos literatos, davam-lhe umas vêzes o nome de Agostinho, outras de Antônio. Chamavam-lhe Agostinho, em virtude da eloqüência e do amor aos trabalhos do santo doutor; Antônio, porque se esforçava, como êste santo, em imitar as virtudes dos outros, e em reuni-las em si.

Tendo Carlos Magno morrido em 814 e cabendo-lhe por sucessor o filho Luís o Piedoso, Santo Adalardo, após governar o reino da Itália com bastante sabedoria, voltou ao mosteiro de Corbie na França. Luís era bom, mas meticuloso e desconfiado. Antes do fim do ano, privou dos seus favores Santo Adalardo e seus dois irmãos, Vala e Bernardo, além das irmãs dêles, Gondrada e Teodrada. Adalardo foi exilado para a ilha e mosteiro de Noirmoutiers; Bernardo, monge em Corbie, foi relegado a Lérins; Gondrada a Poitiers, no mosteiro da Santa Cruz, onde levou uma vida de edificação; Teodrada, já religiosa no mosteiro de Soissons, lá continuou tranqüilamente. O conde Vala, privado dos favores como os outros, valeu-se disso para abandonar o mundo e fazer-se monge em Corbie.

Adalardo santificava-se com júbilo no exílio, quando foi chamado de volta em fins de 821. O imperador Luís testemunhou-lhe arrependimento pelo que se passara, e lhe devolveu tôda a confiança. Adalardo quis renunciar à dignidade de abade, mas os seus religiosos recusaram-se a consentir em tal desejo. Visitava freqüentemente as diferentes casas que dependiam do seu mosteiro. Em Saxe, concebeu o projeto de fundar um novo mosteiro, no qual se formariam missionários para a conversão dos povos do norte. Recebeu o nome de nova Corbie. Santo Anscário, discípulo de Adalardo, de lá iria sair para

divulgar a fé cristã na Suécia, Noruega, Islândia e até Groenlândia, que faz parte da América do Norte.

Tinha Adalardo a alma repleta de doçura e compaixão, não lhe conhecendo limites a caridade para com os pobres. Era tamanha a sua piedade que o canto da Igreja lhe fazia verter constantemente lágrimas. Adoeceu na velha Corbie três dias antes do Natal. Comungava todos os dias. Hildeman, seu discípulo, então bispo de Beauvais, lhe ministrou a extrema unção. Jesus Cristo apareceu-lhe, para chamá-lo à recompensa celeste. Finalmente, morreu em 2 de janeiro de 827, algumas horas após receber o santo viático. Os seus dois santos biógrafos citam diversos milagres verificados no seu túmulo.

SÃO MACÁRIO DE ALEXANDRIA,
Anacoreta

São Macário de Alexandria, contemporâneo de São Macário do Egito, vendia a princípio amêndoas, na cidade natal, para ganhar a vida. Em breve, seguindo o exemplo de Santo Antônio, que ainda vivia, abandonou a cidade e o mundo, e retirou-se para o deserto. Eram os fins de 335. Lá passou sessenta anos, ùnicamente entretido nos exercícios de penitência e de contemplação. Os anacoretas do deserto tinham, cada um, a sua cela, onde trabalhavam e oravam durante a semana. No sábado e no domingo, reuniam-se todos na igreja, a fim de participar do ofício divino e da comunhão. Quando faltava um dêles, os demais concluíam que estava enfêrmo e iam visitá-lo. A sua caridade era igual à mortificação. Um dia, teve Macário desejo de comer uvas frescas. Levaram-lhes algumas, muito lindas. Enviou-as a outro irmão doente, que as recebeu com alegria, pois as queria realmente; no entanto, mandou-as a outro, mais longe, e assim até o último, que as fêz levar a Macário, como bom presente. Todos tinham tido vontade de comer as uvas. Macário, admirando a abnegação e caridade dos irmãos, não as tocou.

Tendo ouvido elogiar bastante o mosteiro de Tabena, governado por São Pacômio, Macário para

lá se dirigiu, disfarçado de artesão, e pediu que o acolhessem como noviço. São Pacômio fêz-lhe ver que era demasiadamente idoso para habituar-se aos jejuns e às vigílias dos irmãos e que, após tentar inùtilmente, os deixaria, aborrecido com êles. Por sete dias o recusou. Macário, que sempre ficara em jejum, disse-lhe então: "Padre, recebei-me; se não jejuar e não fizer o que os outros fazem, vós me expulsareis do mosteiro." Pacômio persuadiu os seus religiosos, em número de mil e quatrocentos, a admitirem o recém-chegado. Chegou a quaresma. Um jejuava até o cair da noite, outro dois dias seguidos, outro cinco; êste ficava de pé a noite inteira, e sentava-se apenas de dia para trabalhar. Macário, pegando uns ramos de palmeira para fazer cêstos e esteiras, ficou de pé num canto, e até a Páscoa não tomou pão nem água, nem se sentou, nem se apoiou, não cessando de trabalhar durante todo o tempo; sòmente nos domingos, saboreava umas fôlhas de repolho cruas, para fingir que comia e evitar a vanglória. Os outros, diante daquilo, disseram ao abade: "Donde mandastes vir, para condenação nossa, êste homem que não tem carne? Ou o expulsais, ou então nós todos nos iremos". Pacômio rogou a Deus que lhe mostrasse quem era aquêle homem. Foi-lhe revelado que se tratava de Macário. Pegando-o pela mão, Pacômio o conduziu à igreja, abraçou-o e disse-lhe: "Aproximai-vos, venerável ancião. Sois Macário, e nada me dissestes. Havia anos que desejava conhecer-vos, pelo que ouvia dizer de vós. Agradeço-vos terdes domado meus filhos, os quais não se gabarão dos seus exercícios. Rogo-vos que volteis para o lugar de onde viestes, pois bastante nos edifi-

castes, e muito orastes por nós." Macário, depois de orar com todos os irmãos de Tabena, afastou-se.

Com o dom dos milagres, teve a glória de ser perseguido pelos arianos em virtude da fé católica e da divindade de Cristo. Foi exilado em 375, com São Macário do Egito, e morreu em extrema velhice, por volta do ano de 395.

* * *

SÃO MARTINIANO (*)

Bispo e Confessor

Em 423, Martiniano sucedeu ao bispo Marolo na sede de Milão, tendo sido eleito por todo o povo. Tremendo, procurou fugir àquela dignidade, o que levou Enódio, bispo de Pavia, em fins do século V, a elogiá-lo: Martiniano aliava a prudência da serpente à simplicidade da pomba.

Quando da condenação de Nestório, no concílio de Éfeso, os bispos orientais que se opunham a São Cirilo de Alexandria desejavam que Martiniano ficasse de acôrdo com êles, e os sentimentos do Santo foram mal interpretados, uma vez que, naquela época, nada sabia das dissensões que agitavam o sínodo de Éfeso.

São Martiniano, também conhecido como São Martinho, faleceu no dia 29 de dezembro; desconhece-se o ano exato. É de crer que tenha sido por volta de 435. Está colocado no martirológio romano no dia 2 de janeiro.

* * *

SANTO ASPÁSIO (*)

Confessor

Há muita lenda em tôrno de Santo Aspásio. Segundo Bernier (1), foi o Santo enviado de Sens para Melun por um bispo, para pregar o Evangelho. Cheio do Espírito Santo, desincumbiu-se magnìficamente dos deveres com zêlo infatigável.

Na cidade de Melun há uma igreja em honra do santo sacerdote Aspásio, erguida, supõe-se, sôbre seu túmulo.

Há quem diga que tenha sido bispo de Eanze, mas nada existe de positivo sôbre esta dignidade. Mesmo a época em que viveu não é conhecida exatamente. Acredita-se que faleceu em 560.

Não podemos duvidar de que Aspásio não seja um autêntico santo. O culto das relíquias pelos fiéis é fato incontestável.

* * *

(1) Bernier, os dois santos padroeiros de Melun.

SÃO VICENTINIANO (*)

Ermitão

Quando os pais de São Vicentiniano faleceram, o menino viu-se só, mas, graças à bondade de dois homens, pôde fazer frente às rudezas do mundo: o bispo de Cahors, Didier, levando-o pela mão, recomendou-o a um duque da Aqüitânia, que, tomando-o sob sua proteção, tratou da educação e da formação do pequenino órfão.

Tempos depois, porém, já moço, piedoso e dado à contemplação, desentendeu-se com o duque, que desejava que o Santo se casasse. Passou, então, a receber maus tratos do protetor, o que, todavia, durou pouco: um dia, arrebanhando o que lhe pertencia, e que era pouquíssimo, fugiu de casa.

Chegando ao ermo de Limousin, ali se estabeleceu e passou a levar vida de ermitão.

São Vicentiniano, nascido em Anjou, faleceu a 2 de janeiro de 672. Na transladação do corpo, que levaram para uma igreja havia pouco terminada, muitos milagres tiveram ocasião, o que veio aumentar-lhe a reputação de santidade. Assim, desde o dia da morte, o culto de São Vicentiniano passou a existir.

A vida do Santo foi escrita, parece, por um contemporâneo, mas, deve-se-lhe dar pouco crédito, uma vez que é considerada fabulosa.

* * *

BEM-AVENTURADO AIRALDO (*)

Bispo e Confessor

Airaldo, que era filho de Guilherme II, conde de Borgonha, teve um irmão que chegou a ser papa: Calisto II. Outro, foi Raimundo, depois rei de Castela, e um terceiro, chamado Henrique, conde de Portugal.

Airaldo foi prior dos cartuxos de Portas, e levava vida de retiro, interrompida quando foi feito bispo de São João de Mauriana. Isto, porém, não lhe foi capaz de roubar o amor pela solidão; pelo contrário: sempre que podia, estava no mosteiro, e ali se renovava no espírito de fervor.

O bem-aventurado Airaldo faleceu, segundo as crônicas dos cartuxos, a 2 de janeiro de 1146, e na catedral de Mauriana, onde foi enterrado, lê-se no túmulo, o seguinte epitáfio:

Hic jacet Airaldus, claro de sanguine natus,
Portarum monachus, pontificumque decus,
Ecclesiae lumen, miserorum atque columen,
Virtude et signis splendidus innumeris.

* * *

BEM-AVENTURADO BENTIVOGLIO DE BONIS (*)

Confessor

O bem-aventurado Bentivoglio de Bonis nasceu em 1188, filho duma nobilíssima família de São Severino, cidade das Marcas. O pai chamava-se Giraldo de Bonis, e a mãe, mulher piedosa e suave, Albásia.

São Francisco então revolucionava aquêles idos. Um discípulo do *Pobrezinho de Assis,* irmão Paulo de Espoleto, foi quem atraiu o nosso bem-aventurado para a ordem: Bentivoglio, tudo deixando, foi ter com São Francisco, dêle recebendo o hábito da santa pobreza. Mais tarde, dois outros irmãos de de Bonis lhe seguiram o exemplo.

* * *

Nos *Fioretti,* no capítulo XLII, há referências ao bem-aventurado. Diz: *Dos belos milagres que Deus fêz pelos santos frades, frei Bentivoglio, frei Pedro,* etc. Mais adiante: *Como frei Bentivoglio carregou um leproso por quinze milhas em pouquíssimo tempo.* E desenvolve: "A província de Marca de Ancona foi, antigamente, do mesmo modo que o céu de

estrêlas, adornada de santos e exemplares frades, os quais, como luminárias do céu, iluminaram e adornaram a Ordem de São Francisco e o mundo com exemplos e com doutrina. Entre outros, foi em primeiro lugar frei Lúcido, o antigo, o qual foi verdadeiramente luzente de santidade e ardente pela caridade divina, cuja maravilhosa língua, informada pelo Espírito Santo, fazia maravilhosos frutos de pregação.

"Um outro foi frei Bentivoglio de São Severino, o qual foi visto por frei Masseo ser levantado no ar por muito tempo, estando êle em oração na selva, pelo qual milagre o dito frei Masseo, sendo então pároco, deixou a paróquia e fêz-se frade menor; e foi de tanta santidade que fêz muitos milagres na vida e na morte, e seu corpo repousa em Muro.

"O sobredito frei Bentivoglio, vivendo uma vez sòzinho em Trave Bonanti, para vigiar e servir a um leproso, tendo ordem do prelado para sair dali e ir a um outro lugar, distante quinze milhas, não querendo abandonar o leproso, com grande fervor de caridade tomou-o e carregou-o nos ombros e levou-o da aurora ao sol poente, por tôda aquela estrada de quinze milhas até ao dito lugar onde fôra mandado, que se chamava Monte Sancino. A qual viagem, se êle fôsse águia, não teria podido em tão pouco tempo voar; e por êste divino milagre houve grande assombro e admiração em todo aquêle país (1).

O culto do bem-aventurado Bentivoglio foi confirmado por Pio IX em 1852. Era simples, humilde,

(1) **I Fioretti**, Ed. Vozes, 1950, 3.ª ed., págs. 113, 114.

todo penitente, e, ordenado padre, passou a trabalhar pela salvação das almas com um zêlo infatigável.

Bentivoglio de Bonis faleceu no dia 25 de dezembro de 1232, e a festa na ordem de São Francisco celebra-se a 2 de janeiro.

* * *

BEM-AVENTURADO GERALDO CAGNOLI (*)

Confessor

O culto do bem-aventurado Geraldo Cagnoli foi confirmado por Pio X, e data de 12 de maio de 1908. Morto no dia 30 de dezembro de 1345, é honrado na ordem franciscana a 2 de janeiro.

Geraldo era natural de Valenza, onde nasceu em 1270. Valenza pertencia à diocese de Pavia, e naquela cidade, aos dez anos, perdeu o pai, passando então, por quatorze anos, a cuidar da mãe doente. Desdobrando-se admiràvelmente, bom filho, paciente e meigo, tudo fêz para consolar a viuvez da boa mulher, que, quando morreu, lhe deixou, talvez, o desejo de se dar a Deus.

Na Sicília, para onde se transferiu, viveu numa gruta, como ermitão. Mais tarde, entrou na ordem dos frades menores, tornando-se franciscano, incumbindo-se da cozinha do convento de Randaccio.

Geraldo era simples, desejava ardentemente viver na obscuridade, e tanta simplicidade era edificante para os demais companheiros. Conta-se dêle, porque o Senhor o favorecera com freqüentes êxtases, a seguinte história.

O bem-aventurado Geraldo Cagnoli, como se viu, era o responsável pela cozinha. Um dia, e era dia de grande festa, estava êle, na igreja, num dos seus arrebatamentos; o tempo foi passando. Quando caiu em si, deu-se conta de que a cozinha ficara ao deus-dará. E a refeição dos irmãos? Como havia de ser, se poucos minutos faltavam para que todos os frades se reunissem à mesa? Que diria o Padre superior?

Correndo, esbaforido e aflito, foi-se para o pôsto abandonado. Qual não foi, então, o espanto que teve: um desconhecido jovem muito formoso, todo de branco, dum branco imaculado e angélico, ia saindo de perto do fogão, onde tachos e caldeirões, a borbulhar e fumegar, deixavam escapar um delicioso cheiro. E o almôço, feito pelo anjo, que era anjo o formoso jovem, foi saboreado por todos os irmãos, admirados, a concordar que jamais haviam comido coisa mais suave: verdadeiramente eram manjares do céu.

Geraldo lutou heròicamente, pouco antes de falecer, contra terríveis assaltos do demônio, aos quais venceu com a ajuda de Deus, que lhe enviou a Mãe Santíssima para o acoroçoar. E o bem-aventurado, confortadíssimo com a doce aparição da Virgem Maria, pouco depois, era o ano de 1345, falecia santamente.

Em 1374, um de seus braços foi transportado para Pisa, para a igreja de São Francisco, onde lhe foi consagrado um altar.

* * *

BEM-AVENTURADO MARCOLINO DE FORLI (*)

Dominicano-Confessor

Marcolino nasceu em Forli. Desde menino, professou no convento dos irmãos pregadores daquela cidade da Itália setentrional. Tido, depois de adulto, pelos irmãos, como pouco instruído, nada eloqüente, nem sequer suspeitavam que recebia, de Deus, imensos favores, tais como aquêle, supremo, da Virgem que lhe aparecia na cela e com êle conversava. Era, pois, digníssimo: humilde, penitente, amava os pobres, pelos quais constantemente se afligia. Sempre fazendo tudo o que lhe estava ao alcance, socorria-os e consolava. Às crianças, dedicava-lhes carinhos; ternamente, dava-se aos órfãos.

Quando morreu, a 2 de janeiro de 1327, calma e docemente, a surprêsa que se apossou de tôda a gente, particularmente dos irmãos do convento, foi enorme: um anjo, enchendo os ares com voz forte e clara, aos que acompanhavam o entêrro inteirou-os da santidade e méritos do bem-aventurado. Muitos milagres, então, foram operados.

Em 1750, o papa Bento XIV confirmou-lhe o culto.

* * *

BEM-AVENTURADA ESTEFÂNIA QUINZANI (*)

Virgem

Estefânia era filha de pais humildes, originária duma aldeola surgida em Bréscia, denominada Orcimovi. O pai chamava-se Lourenço Quinzani.

Menina ainda, tinha já a bem-aventurada o firme propósito de ingressar nalgum mosteiro, o que sucedeu anos depois, ao completar os quinze, quando então foi admitida na ordem terceira de São Domingos.

Um dia, o apóstolo Santo André apareceu-lhe, mostrando uma grande cruz: desde aquela época, passou Estefânia a meditar seguidamente sôbre a paixão de Jesus Cristo, acrescentando a esta prática severas penitências.

Era-lhe objeto constante da caridade o socorro aos pobres. Aos doentes, visitava-os seguidamente, consolando-os e pensando-os. Favorecida por Deus, num dos êxtases, que lhe eram comuns, recebeu no corpo a impressão dos estigmas sagrados.

Quando faleceu, em 1530, era venerada por todos. Em 1784, obteve-lhe o corpo o duque de Parma, que o depositou numa riquíssima peça, tra-

balhado relicário, o qual ficou exposto na Igreja de Colorno.

O papa Bento XIV proclamou o culto da bem-aventurada Estefânia Quinzani em 1740. A data do nascimento não se conhece completa, mas sabe-se que ela veio ao mundo em 1457.

* * *

BEM-AVENTURADO GASPAR DEL BUFALO (*)

Confessor

Pio VII era expulso de Roma. O governador, encarando demoradamente Gaspar del Bufalo, disse:

— Escolhe tu a deportação ou o juramento de fidelidade ao imperador Napoleão.

Com uma resposta imediata e digna, retrucou êle:

— Não posso, não devo, não quero jurar.

Foi, então, o exílio.

Gaspar nascera em Roma, no dia 6 de janeiro de 1786. Desde muito jovem, criança ainda, sentira-se atraído por tudo aquilo que dizia respeito às coisas de Deus. Depois dos estudos, foi feito cônego de São Marcos. Ordenou-se em 1808. Era suave, calmo, mas resoluto, e dado às obras de caridade.

Caído Napoleão, tornou a Roma, onde então, incontinenti, principiou a trabalhar nos fundamentos do instituto dos padres missionários do precioso Sangue. Iniciaram-se assim as obras das missões pelas quais o papa Pio VII desejava regenerar seus

Estados, uma vez que os fiéis jaziam quase que totalmente privados dos sacramentos.

Composta as *Constituições* da ordem e estabelecidas casas de formação dos futuros missionários, pensou o bem-aventurado Gaspar em enviá-los por todo o mundo. Na Itália, o trabalho foi penoso, principalmente em Nápoles, mas, auxiliado por Deus Del Bufalo viu, afinal, o êxito da emprêsa.

Muitos pecadores, em praça pública, foram convertidos ao ouvir as palavras dos missionários. Os maus livros, os objetos todos que pudessem ofender a Deus, eram queimados pùblicamente.

Ao lado da obra que se iniciava, Gaspar Del Bufalo organizou congregações, incumbindo as mães de instruir os filhos na religião cristã.

Durante o cólera de 1836, trabalhou duramente em Roma. Cansado, retirou-se para Albano, pensando em se preparar para receber a morte. Adoecendo, assim mesmo dizia a missa todos os dias, mas, agravando-se o mal, foi proibido, pelo médico, de celebrar o santo sacrifício.

Sempre piorando, no dia 27 de dezembro recebeu o santo viático e a extrema-unção. No dia seguinte, calmamente, falecia. Estava-se, então, no ano de 1836. Muitos milagres se operaram durante a vida e depois da morte de Gaspar Del Bufalo.

Pio X proclamou-o bem-aventurado em 1904. E Pio XII o canonizou em 12 de junho de 1954.

No mesmo dia, a oitava de Santo Estêvão, o primeiro mártir.

Estêvão, cheio de graça e de fortaleza, fazia grandes prodígios e milagres entre o povo, mas, alguns da sinagoga, chamada dos libertos, dos cirenenses, dos alexandrinos, e dos que eram da Cilícia e da Ásia, levantaram-se a disputar com Estêvão, e não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito que inspiravam as suas palavras. Então, subornaram alguns que dissessem que lhe tinham ouvido dizer palavras de blasfêmia contra Moisés e contra Deus. Amotinaram, assim, o povo, os anciãos, e os escribas. E, avançando contra êle, arrebataram-no e levaram-no ao conselho, e apresentaram falsas testemunhas que diziam: "Êste homem não cessa de proferir palavras contra o lugar santo e contra a lei, porque o ouvimos dizer que êsse Jesus de Nazaré há de destruir êste lugar e há de mudar as tradições que Moisés nos deixou".

Fixando nêle os olhos, todos os que estavam sentados no conselho viram-lhe o rosto como o rosto de um anjo (1).

A uma pergunta do sumo sacerdote, Estêvão pôs-se destemidamente a falar, fazendo o resumo da história do povo de Israel, discorrendo sôbre o tempo de Moisés e depois de Moisés, terminando por dizer: "Homens de cerviz dura, e incircuncisos de coração e ouvidos, vós resistis sempre ao Espírito Santo; assim como foram vossos pais, assim sois vós também. A qual dos profetas não perseguiram os vossos pais? Mataram até os que prediziam a vinda do Justo, do qual vós agora fostes traidores e homicidas; vós, que

(1) At. 6, 8. 15.

recebestes a lei por ministério dos anjos, e não a guardastes".

Ao ouvir tais palavras, enraiveciam-se nos corações, rangiam os dentes contra êle. Mas, como êle estava cheio do Espírito Santo, olhando para o céu, viu a glória de Deus e Jesus que estava em pé à direita de Deus. E disse: "Eis que vejo os céus abertos, e o filho do homem, em pé, à direita de Deus".

Então êles, levantando grande clamor, taparam os ouvidos, e todos juntos arremeteram contra êle com fúria. E, tendo-o lançado fora da cidade, apedrejavam-no. As testemunhas depuseram os seus vestidos aos pés de um jovem, chamado Saulo (2). E apedrejavam Estêvão, que orava e dizia: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito". E, pôsto de joelhos, clamou em voz alta, dizendo: "Senhor, não lhes imputes êste pecado". E tendo dito isto, adormeceu no Senhor. Saulo era cúmplice na morte de Estêvão (3).

Era a perseguição contra a Igreja.

Naquele dia, levantou-se grande perseguição contra a Igreja que estava em Jerusalém, e todos se dispersaram pelas províncias da Judéia e da Samaria, exceto os Apóstolos. Alguns homens piedosos sepultaram Estêvão, e fizeram um grande pranto sôbre êle. Saulo assolava a Igreja, entrando pelas casas, e, tirando com violência homens e mulheres, fazia-os meter na prisão (4).

(2) Ver Santo Estêvão, dia 26 de dezembro.

(3) At. 7, 51. 60.

(4) At. 8, 1. 3.

No mesmo dia, em Roma, a lembrança de vários santos Mártires que, desprezando uma ordem do imperador Diocleciano, pela qual êsse príncipe ordenava fôssem os livros sagrados entregues aos oficiais da justiça, preferiram entregar o corpo aos algozes a abandonarem aos cães as coisas sagradas. — Em Antioquia, o martírio de Santo Isidoro, bispo. — Em Tomi, na província do Ponto, os santos Argeu, Narciso e Marcelino seu irmão, ainda jovem. Tendo sido êste, sob o imperador Licínio, engajado entre os novos soldados, e recusando-se a marchar (contra os cristãos), foi cruelmente espancado, depois metido por longo tempo numa sórdida prisão, e finalmente atirado ao mar, onde terminou o martírio. Seus dois irmãos morreram pelo gládio. — Em Milão, São Martiniano, bispo. — Em Nítria, no Egito, Santo Isidoro, bispo e confessor. — No mesmo dia, Santo Siridião, bispo.

— — — —

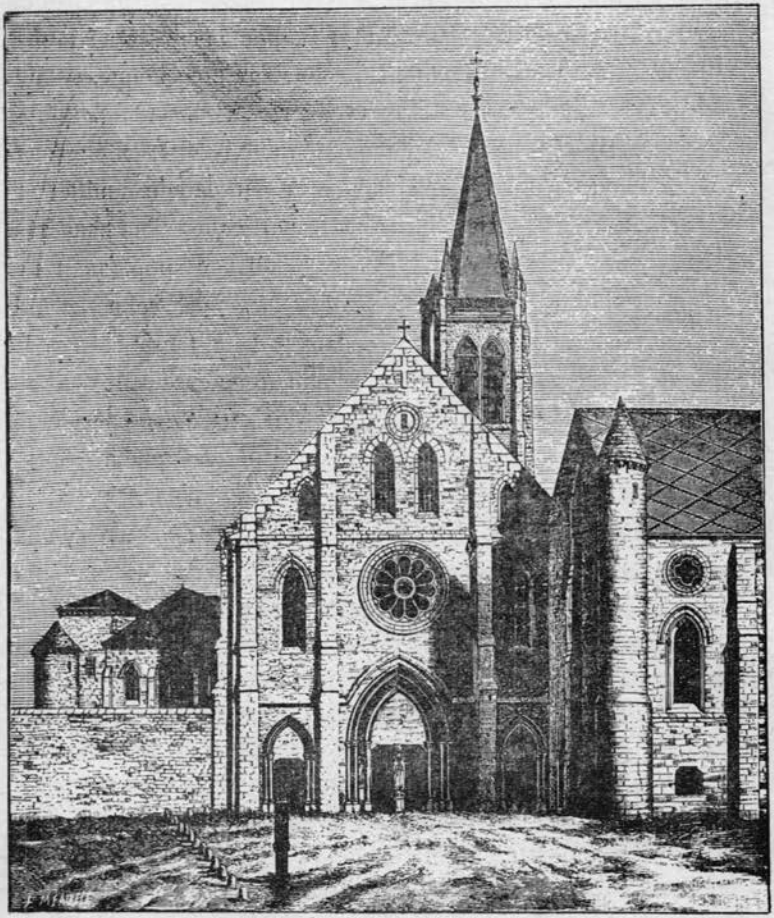
3.º DIA DE JANEIRO

SANTA GENOVEVA, *Virgem e Padroeira de Paris.*

No ano de 420, São Germano, bispo de Auxerre, legado do papa São Celestino, e São Lôbo, bispo de Troyes, rumaram para a Grã-Bretanha a fim de combater a heresia dos pelágios, os quais pretendiam poder o homem, sòzinho, e sem a graça divina, merecer o céu e ver Deus na sua essência. Pelo caminho, os dois pontífices chegaram ao burgo de Nanterre, perto de Paris. Os habitantes, sabedores da reputação de ambos, apresentaram-se em multidão. São Germano fêz-lhes uma exortação, e, olhando o povo que o circundava, viu de longe uma jovem em quem notou algo de celestial. Pediu-lhe que se aproximasse e, com grande assombro de todos, beijou-lhe respeitosamente a testa. Perguntou-lhe o nome, e quem eram seus pais. Responderam-lhe que se chamava Genoveva. Seu pai Severo e sua mãe Gerôntia apresentaram-se ao mesmo tempo. São Germano congratulou-se com êles por terem tal filha, e predisse-lhes que, um dia, seria exemplo para tôdas as criaturas humanas. Exortou-a a lhe descobrir os segredos do coração, e perguntou-lhe se queria consagrar-se a Jesus Cristo, como espôsa. Genoveva

declarou que era êsse o seu propósito, e rogou ao santo bispo lhe desse a bênção solene das Virgens. Entraram na igreja para a prece da nona; em seguida, entoaram-se vários salmos, e fizeram-se longas preces durante as quais o santo bispo manteve a mão direita sôbre a cabeça da jovem. Depois, almoçou com ela e seus pais, e recomendou a êstes que lha levassem no dia seguinte. Não faltaram ao compromisso, e São Germano perguntou a Genoveva se se lembrava do que tinha prometido. "Sim, santo padre, disse ela, e espero observá-lo com o auxílio de Deus e por meio das vossas orações." Olhando para o chão, viu êle uma moeda de cobre com o sinal da cruz; pegou-a, e, dando-a a Genoveva, disse-lhe: "Guardai-a por amor a mim, levai-a sempre pendente do pescoço e como único ornamento, e deixai o ouro e as pedras preciosas às que servem o mundo." Recomendou-a aos pais, e continuou a jornada.

Desde a idade de quinze anos até os cinqüenta, santa Genoveva não comeu senão duas vêzes por semana, no domingo e na quinta-feira; e assim mesmo, tratava-se apenas de pão de cevada e favas; nunca bebeu vinho nem coisa nenhuma que pudesse entontecê-la. Alguns dias depois da partida de São Germano, a mãe pretendeu impedi-la de ir à igreja num dia de festa, e, não logrando retê-la, a bateu na face. Imediatamente, ela cegou e cega ficou durante dois anos. Finalmente, lembrando-se da profecia de São Germano, disse à filha que lhe trouxesse um pouco de água do poço e que sôbre ela fizesse o sinal da cruz. Santa Genoveva lavou-lhe os olhos, e ela começou a ver um pouco; quando a filha repetiu o ato duas ou três vêzes, a mãe recobrou inteiramente a vista.



A antiga igreja de Santa Genoveva, em 1516.

Após a morte dos pais, Genoveva foi viver em Paris, em casa de sua mãe espiritual, ou madrinha. Lá recebeu solenemente, com outras duas virgens, o véu das mãos do bispo. Deus provou-a pelos sofrimentos; todo o corpo foi atacado de paralisia, e, durante três dias, ela pareceu morta. Quando recobrou a saúde, contou que um anjo a tinha conduzido à morada dos justos, para receber o prêmio que Deus reserva aos que o amam. Recebeu também o dom de ler no âmago dos corações.

Entretanto, São Germano de Auxerre, em 447, foi chamado pela segunda vez à Grã-Bretanha, e para lá rumou com São Severo, bispo de Trèves. Os dois prelados tomaram o caminho por Paris. Os habitantes dessa cidade, sabedores de que êles chegavam, foram encontrá-los e rogaram a São Germano que lhes desse a bênção. Êle pediu-lhes notícias de Genoveva. Compreendeu pelas respostas que a sua reputação era violentamente atacada por calúnias. Conhecendo-a perfeitamente, rumou para ela, e saudou-a tão humildemente que todos se encheram de assombro. Falou ao povo, para justificá-la e, a fim de provar a sua virtude, mostrou, no lugar em que repousava, o chão encharcado de lágrimas. Tendo persuadido todos da inocência de Genoveva, continuou a jornada.

Um dia, espalhou-se a notícia de que Átila, rei dos hunos, iria devastar a Gália. Os cidadãos de Paris tomados de pânico resolveram emigrar e transportar os seus haveres a cidades mais fortificadas. Genoveva, reunindo as companheiras, aconselhou-lhes dedicar-se aos jejuns, às preces e às vigílias, a fim de lograrem, como Judite e Ester, escapar à calamidade que as ameaçava. Reuniram-se com Geno-

veva no batistério, e destinaram vários dias a tais obras de penitência. A santa, por outro lado, dizia aos homens que não abandonassem Paris, visto que as cidades para as quais pretendiam retirar-se seriam devastadas pelos bárbaros, ao passo que, com a proteção de Cristo, Paris ficaria salvo.

Mas os habitantes de Paris sublevaram-se contra ela, chamando-lhe falsa profetisa. Falavam até em assassiná-la a pedradas, ou afogá-la num sorvedouro. Apareceu então de Auxerre o arquidiácono de São Germano, que encontrou os parisienses amontoados nos cantos das ruas, e bradando que matariam Genoveva. Disse-lhes: "Não cometais tamanho crime. A que pretendeis matar, soubemo-lo do nosso bispo São Germano, foi escolhida por Deus desde o seio materno; e eis aqui elogios ou bênçãos que lhe trago da parte do santo pontífice." Os habitantes de Paris, considerando o testemunho de Germano, temeram a Deus e deixaram de molestar-lhe a fiel servidora. Chegaram até a conceber por ela uma veneração religiosa, quando viram, de acôrdo com a profecia, que os hunos se afastavam da sua província.

Segundo duas Vidas antiqüíssimas de Santa Genoveva, mais antigas até que Gregório de Tours, os francos assediaram durante muitos anos, ou melhor, dez anos, a cidade de Paris, o que provocou uma fome extrema, estando tôdas as cercanias devastadas. A cidade abriu as portas, e o rei dos francos, Childerico ou Hilderico como o chamam essas Vidas, lá, pelo menos durante algum tempo, fixou moradia. A protetora dos parisienses durante tais calamidades foi santa Genoveva. Na fome, arranjou-lhes mantimentos que foi procurar pessoalmente com barcos no Sena, até Arcis-sur-Aube e em Troyes. Em



Santa Genoveva em meditação. Segundo um desenho e uma gravura de Mellan.

seguida, várias vêzes obteve de Hilderico o perdão dos que êle havia condenado à morte. O rei, apesar de bárbaro e pagão, não pôde deixar de respeitá-la. De resto, era tão grande a fama de Genoveva, que do fundo da Síria São Simeão Estilita pedia notícias dela e se recomendava às suas preces.

O que excitava a admiração e o afeto de todos não era apenas a sua terna piedade, que a fazia verter lágrimas cada vez que erguia os olhos ao céu, não era sòmente a sua viva caridade para com os pobres, mas o grande número de milagres que Deus lhe permitia realizar. Viram-na, com o sinal da cruz, curar enfermos, devolver a vista aos cegos, o ouvido aos surdos, expulsar demônios, ressuscitar mortos. Viram-na realizar milagres dêsse gênero em vários lugares, principalmente em Paris, Meaux, Laon, Troyes, Orléans e Tours. Várias vêzes foi em romaria a esta última cidade, a fim de honrar as relíquias de São Martinho. Tinha também particular devoção por São Dionísio de Paris, e mandou erguer-lhe, bem como aos companheiros de martírio, uma igreja no lugar em que tinham vertido o sangue pela fé de Jesus Cristo. Foi ainda ela que formou o projeto da basílica dos apóstolos São Pedro e São Paulo, começada por Clóvis e terminada por santa Clotilde. Finalmente, após uma vida de 80 anos, passada na prática de tôda espécie de boas obras, Genoveva morreu em 3 de janeiro de 512, cinco semanas depois de Clóvis, o primeiro rei cristão dos francos. O seu corpo foi sepultado perto do do príncipe, no recinto da nova igreja dos apóstolos, que ainda não estava concluída, e que, com o tempo, tomou o nome de Santa Genoveva, trazido até o nosso século.

* * *

SÃO GÓRDIO (*)

Mártir

São Górdio era da Capadócia, nascido em Cesaréia. Militando nas armas, chegou a centurião dos exércitos do império romano.

Um dia, Diocleciano reiniciou a perseguição aos cristãos, e Górdio, impressionado com a crueldade que então se infligia a homens, mulheres e crianças, retirou-se da carreira e ingressou no deserto. A graça, agindo no futuro santo, fêz com que visse a inutilidade das coisas presentes. E assim, dando-se à prática da contemplação, cada vez mais se imbuía do espírito cristão.

Duma feita, tornando à cidade num dia de festa pagã, aos grupos que se espalhavam aqui e ali pôs-se a repetir em alta voz as palavras do profeta Isaías: *Fui encontrado pelos que me não buscavam; claramente descobri-me aos que não perguntavam por mim* (1).

Que significavam tais palavras tiradas dos textos sagrados? Queria São Górdio dizer que era cristão, declarando-o abertamente, desassombradamente.

---

(1) Is 65, 1 e Rom 10, 20.

Todos, então, atiraram-se a êle, agarraram-no e, barulhenta e rudemente, levaram-no ao palácio do governador.

— Quem és tu? perguntou-lhe êste.

— Sou Górdio, de Cesaréia mesma.

— Que fazes?

— Sou centurião.

O governador enfitou-o demoradamente, e, ao cabo, murmurou:

— Então és centurião, hem?

E, elevando a voz, perguntou:

— Por onde andaste?

— Retirado, no deserto, a meditar sôbre os mistérios da fé.

— Então és daquele a quem chamam Cristo?

— Sim, sou-o, e inteiramente.

O governador, condescendendo, disse-lhe:

— Não vês que assim tu te atiras ao suplício? Perseveras?

São Górdio, levantando os olhos para o céu, recitou:

— *No meio da tribulação invoquei o Senhor, e o Senhor, ouvindo-me, livrou-me do perigo. O Senhor está comigo: não temo. Que pode fazer-me o homem?* (2). *Ainda que eu ande por um vale tenebroso, não temerei males, porque tu estás comigo* (3).

E continuando a cantar outros salmos apropriados à ocasião e ao fortalecimento da alma, exasperou

(2) Sl 118, 5, 6.
(3) Sl 23, 4.

o governador. Era o martírio que, célere, se aproximava.

Os parentes e os amigos, aproximando-se dêle, choravam-lhe já a morte. E o santo, olhando-os cheio duma calma santa, disse-lhes:

— Não choreis, meus queridos. Guardai vossas lágrimas, os prantos vossos, para os verdadeiros inimigos de Deus. Não vêdes que, se pudesse, por meu Jesus daria a vida mil vêzes? Ah, se fôra possível! Como glorificaria eu o Senhor!

E, com o olhar perdido nas lonjuras, acrescentou, depois dum curto silêncio:

— Vem-me à lembrança, agora, o primeiro centurião que assistiu à morte do Salvador, do meu Jesus, aquêle que lhe proclamou a divindade em presença dos judeus, daqueles que ainda não tinham saciada a cólera.

Era no ano de 304, e São Górdio, ansioso pelo suplício, teve a cabeça cortada.

* * *

SÃO PEDRO BÁLSAMO (*)

Mártir

Como Pedro, o príncipe dos apóstolos, também êste Pedro foi crucificado. Como Pedro, o chefe da Igreja, também êste Pedro morreu acalentando o desejo da morte. Quando, segundo os atos do martírio, Severo, o governador, depois dum longo interrogatório, percebeu a inutilidade de tudo que fizera para dissuadi-lo da religião católica, disse-lhe: "Se assim é, vou pronunciar tua sentença", o Santo respondeu ardentemente: "Ouvi-la é o meu maior desejo".

Pedro Bálsamo era de Eleuterópolis, na Palestina. Foi aprisionado quando da perseguição de Maximino. Severo era o governador da província. Prêso o Santo, foi levado à presença de Severo. Vejamos, segundo os atos do martírio:

— Como te chamas? perguntou o governador.

— Do nome de meu pai, respondeu tranqüilamente o Santo, chamo-me Bálsamo. Do batismo recebi o nome de Pedro.

— Qual teu país, tua família?

— Sou cristão.

— Que fazes?

— Existirá neste mundo coisa mais honrosa ou melhor do que praticar o cristianismo?

Severo, perscrutando-o:

— Tu não conheces os editos imperiais?

Pedro:

— Eu conheço os preceitos de Deus, soberano do universo.

Severo:

— Tu não sabes que há um edito dos clementíssimos imperadores que prescreve a todos sacrificar aos deuses sob pena de morte?

Pedro:

— E tu, sabes que há uma lei do rei eterno, segundo a qual quem quer que sacrifique aos demônios morrerá? A quem me aconselhas tu a obedecer? A ti, e então ser condenado a infelicidade eterna? Melhor seria morrer por tuas mãos e viver eternamente no reino do grande Rei, que, ao mesmo tempo, é o verdadeiro Deus. Que devo fazer?

Severo:

— Se me perguntas, aconselho-te a executar o edito: sacrifica aos deuses.

Pedro:

— Como poderia eu sacrificar a deuses de pau e de pedra, como êsses que tu adoras?

Severo:

— Quero que saibas que tenho poderes para te matar e vingar essas afrontas que me fazes.

Pedro:

— Minha intenção não é a de afrontar quem quer que seja. Exprimo-te tão-sòmente o que está escrito na lei divina.

Severo:

— Tem compaixão de ti mesmo, e sacrifica.

Pedro:

— Para que tenha compaixão de mim mesmo, digo-te, não devo sacrificar aos teus deuses.

Severo:

— Meu desejo é o de ser doce. Vê: deixo-te tempo para que reflitas. Salva tua vida.

Pedro:

— Tal dilação não terá qualquer utilidade: jamais se mudarão meus sentimentos. Assim, faze já o que tens de fazer. Por que mais tarde? Põe fim ao trabalho que o demônio, teu pai, começou. Digo-te que nunca farei o que Jesus Cristo me proíbe fazer.

Severo:

— São tuas últimas palavras?

Pedro:

— São minhas últimas palavras.

Severo:

— Vejamos.

E o governador, ordenando aos guardas que estirassem o Santo no cavalete, ficou, impaciente, aguardando um resultado. Cumprida a ordem, Severo olhou o mártir demoradamente, aproximou-se um pouco. Perguntou, trocista:

— Então? Que me dizes agora, Pedro? Sabes o que vem a ser o cavalete?

Pedro:

— Vamos, prepara as unhas de ferro.

Severo:

— Não vais sacrificar?

Pedro:

— Se conhecesses minha disposição de espírito, digo-te não estarias aí a falar de sacrifícios. Já te disse que só faço o que meu Deus ordena.

Severo, aos algozes:

— Redobrai os tormentos!

Se Severo esperava ver o Santo gemer ou gritar de dor, ou pedir que pusesse fim ao suplício, enganava-se muito, porque Pedro, à medida que a dor aumentava, mais e mais alto cantava, e alegremente:

— *Fiz um pedido ao Senhor, que renovarei sem cessar: quero viver na casa do Senhor todos os dias de minha vida: tomarei do cálice de salvação, e invocarei o Senhor.*

O sangue descia-lhe, em riachos, pelo corpo todo. Os carrascos, cansados, a uma ordem do governador, foram substituídos por outros. Os assistentes, compungidos, gritavam-lhe:

— Obedece ao governador! Sacrifica! Tem pena de ti mesmo! Livra-te dos tormentos!

Pedro, cessando o cântico:

— Tormentos? Que tormentos? Tormentos sofrê-los-ia eu se não fôsse fiel ao meu Deus.

Um dos juízes gritou-lhe:

— Pedro Bálsamo, sacrifica! Sacrifica ou tu te arrependerás amargamente.

Pedro:

— Não sacrificarei! Nada há de que possa arrepender-me.

Severo, aproximando-se mais:

— Se assim é, vou pronunciar tua sentença.

Pedro, aliviado:

— Ouvi-la é o meu maior desejo.

Severo, duramente olhando para o mártir:

— Tal é nossa ordem: Por teres recusado, Pedro Bálsamo, obedecer o edito dos imperadores invencíveis; por teres obstinadamente tomado o partido dum homem crucificado, tu, Pedro Bálsamo, tu mesmo serás crucificado!

Era a 3 de janeiro. e o ano o da graça de 311.

* * *

SÃO NARCISO (*)

Bispo

São Narciso era bispo de Sahrgord, na Pérsia, e viveu nos tempos da perseguição movida por Sapor.

Narciso, e o discípulo José, presos, foram levados à presença do rei, que lhes perguntou, carinhosamente, se desejavam morrer ou levar vida tranqüila. Com palavras suaves, melífluas, procurava ameaçá-los, e, pois, atemorizá-los.

São Narciso, firmemente, respondeu ao soberano:

— Senhor, tenho mais de oitenta anos. Passei tôda a existência no serviço de meu Deus. A Êle uma só graça peço, e insistentemente...

— Qual? perguntou o rei, interrompendo-o.

— A de, continuou o velho bispo, perseverar no seu amor e de lhe render, até a morte, o culto que lhe é devido.

O rei exasperado, dirigiu-se ao discípulo, ao lado do mestre:

— Pensas do mesmo modo?

José, também firmemente, respondeu:

— Penso como meu mestre pensa.

Sem tardança, foram ambos conduzidos ao lugar da execução, e ali, corajosamente, cumpriram o martírio.

* * *

SÃO BLIMONT (*)

Abade e Confessor

Blimont era duma nobre e rica família do Delfinado. Doente, e curado pela intercessão de Valéry, procurou obter dos pais o consentimento para o servir como discípulo. Conseguida a permissão, foi procurar aquêle por quem suspirava e que então era abade de Leucone, no Ponthieu. Sempre ao lado do mestre, à morte dêste, foi escolhido, pelos monges da abadia, para a dirigir.

Um ano depois, os piratas que operavam naquelas bandas empreenderam arremetidas por tôda a região, obrigando a população a fugir. Blimont e os monges dispersaram-se, e alguns com o abade, foram ter a Bobbio. Quando a calma voltou, Blimont procurou a abadia de Leucone, mas, ao chegar, pesarosamente viu que tudo estava completamente arruinado. Foi, então, viver numa celazinha modesta, à espera dos demais companheiros que, sabia-o êle, um dia tornariam.

Com efeito, assim foi, e, em 668, com a autorização do rei Clotário II, erigiu um novo mosteiro.

Blimont percorreu todo o país e, ardorosamente pregou a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo, comba-

tendo denodadamente um resto de paganismo que procurava ganhar alento e se expandir.

Cansado e doente, mas feliz, morreu em 660, sendo inumado numa igreja que construíra. O bom abade é padroeiro da cidadezinha que lhe tomou o nome.

* * *

SANTA BERTÍLIA (*)

Viúva

Bertília, desde menina, suspirava por uma vida de piedade. Era de família nobre e rica, benquista e de vastas amizades. Moça já, viu o desejo de viver longe do mundo, afastada do burburinho do século, ruir por terra: os pais queriam casá-la. Obediente, recomendando-se a Jesus Cristo e a Maria, consentiu em desposar um jovem de boa casta, chamado Guthland.

Docemente, Bertília falou-lhe do desejo que, desde pequenina, tivera, e o marido, tocado por tamanha franqueza e tão grande simplicidade, resolveu permitir que a Santa trilhasse o almejado caminho. E fêz mais: prometeu-lhe que, também êle, embora vivendo juntos, guardaria perpétua continência.

Seria possível dizer da alegria que se apossou da jovem espôsa de Jesus Cristo? Que lhe teria passado na alma ao receber do puro moço Guthland resposta tão piedosa, mas ainda ao se inteirar de que também êle se propunha guardar a castidade?

No mesmo instante, ambos fizeram os votos, e resolveram consagrar tôda a fortuna, que não era pequena, para socorrer os pobres, os doentes, os

órfãos — todos aquêles, enfim, que se viam desprotegidos da sorte.

Guthland, jovem ainda, morreu pouco depois, e Bertília, desimpedida, retirou-se para Marolles, no Artois. Ali, construiu uma igreja. Perto, uma celazinha, onde passou a viver reclusa.

Dando-se a Deus inteiramente, à oração e às austeridades, faleceu em 687.

A festa de Santa Bertília, também conhecida por Bertila, celebra-se a 3 de janeiro. É a padroeira da igreja de Marolles.

* * *

A BEM-AVENTURADA BONNE DE ARMAGNAC (*)

Virgem

Bonne de Armagnac era filha de Bernardo, então conde da Marca, e de Leonor de Bourbon, filha de Jaime, rei da Hungria. Nasceu em 1434, no dia 23 de fevereiro, em Auvergne, no castelo de Carlat.

Instados por Santa Colette, os pais resolveram consagrar a Deus a pequenina Bonne. Quando cresceu, inconformou-se com aquela resolução paterna, mas, no mesmo instante, tocada pela graça, arrependeu-se de tão precipitado comportamento. E, um dia, pouco depois, em Lezignan, entregava-se às clarissas.

Jaime, o irmão, que se opusera àquele dar-se a Deus, foi procurá-la, tentando dissuadir a irmã, mas encontrou-a firme no propósito de levar a vida para a qual fôra consagrada. Nem doçura nem ameaças conseguiram demovê-la. Desanimado e irritado, Jaime deixou-a.

Desde aquêle dia, passou Bonne de Armagnac a conceber uma singularíssima devoção à paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. E o Filho de Maria,

manifestando-se a ela, disse-lhe que o pai não tardaria a morrer e, então, o irmão, chefe da família perseguiria o convento de Lezignan acirradamente. Longe de se apoquentar com tais revelações, Bonne, pelo contrário, passou a amar e a desejar com mais ardor a Jesus, cheia de alegria por ser de Deus.

Quando adoeceu, deu-se com mais fervor à meditação dos mistérios da paixão, encontrando, então, um confôrto como jamais. E, cheia de ardor, às irmãs que lhe rodeavam o leito, exortou-as no zêlo que deviam dedicar no serviço de Deus e na salvação das almas.

Um dia, pediu a presença do confessor. Queria, pela última vez, receber a absolvição. Era a 3 de janeiro; morria, horas depois, tranqüilamente, no Senhor.

Por ocasião do decreto de Urbano VIII, em 1625, o culto de Bonne de Armagnac já vinha sendo tributado há mais de um século.

* * *

No mesmo dia, a oitava de São João, apóstolo e evangelista.

Na Irlanda, São Fintan, confessor, no século VI. Ignoram-se-lhe as datas de nascimento e morte. Diz-se que foi discípulo de São Comgall de Bangor.

Em Dijon, Santo Eustádio, ao que parece, primeiro abade de São Benigno.

Na Bretanha Armórica, São Melor, ou Melário, confessor no século VIII. Nasceu e viveu em Armórica, onde foi martirizado, por ordem do tio.

No mesmo dia, em Roma, na via Ápia, a festa de Santo Antero, papa, que sofreu a morte sob Júlio

Maximino, e foi sepultado no cemitério de Calixto. — No Helesponto, os santos mártires Cirino, Primo e Teógenes. — Na Cilícia, São Zózimo e Santo Atanásio, escrivão, ambos mártires. — No mesmo dia, os santos Teopento e Teonas, que sofreram um glorioso martírio durante a perseguição de Diocleciano. — Em Pádua, São Daniel, mártir. — Em Vienne, na Gália, São Florêncio, bispo, que, exilado no tempo do imperador Galiano, recebeu nessa cidade a honra do martírio.

4.º DIA DE JANEIRO

SÃO TITO,

discípulo de São Paulo, e bispo de Creta.

Nascera Tito entre o gentio. São Paulo o fêz nascer, através do Evangelho, para Jesus Cristo. Assim, chama-lhe seu filho, e dêle se valia como de secretário e intérprete. No ano de 51, Paulo o conduziu em sua companhia ao concílio de Jerusalém. Os judeus queriam submetê-lo à circuncisão, mas o apóstolo lhes resistiu, para que ficasse bem claro que os gentios convertidos à fé não eram obrigados a tal cerimônia, como decidira o concílio de Jerusalém. Enviado pelo amo a Corinto, Tito lá conciliou, com sabedoria e felicidade, as divergências nascidas. Tendo Paulo pregado a fé na ilha de Creta ou Cândia, lá deixou o seu querido discípulo, para terminar o que ainda se fazia mister e estabelecer sacerdotes nas cidades. Assim, podemos considerá-lo metropolitano de Creta. O apóstolo escreveu-lhe a êsse respeito uma epístola, sôbre os deveres dos bispos, dos sacerdotes, dos diáconos e dos simples fiéis. Em 63, mandou-o pregar o Evangelho na Dalmácia. Algum tempo depois, voltou Tito a Creta, onde morreu com mais de oitenta anos de idade, pelo fim do primeiro século.

* * *

SÃO GREGÓRIO, *bispo de Langres.*

Era São Gregório de Langres oriundo de uma família de senadores, e fôra conde de Autun durante quarenta anos. Após a morte de sua mulher, de quem teve vários filhos, foi nomeado bispo de Langres, e imediatamente se tornou recomendável pela abstinência e pelas vigílias. Bebia apenas água, só comia pão de cevada e levantava-se, às ocultas, de noite, para ir orar na igreja. Vivia em Dijon, onde foi sepultada Santa Benigna. Mas o túmulo da ilustre mártir só era conhecido por um resto de tradição popular, o que fazia temesse o santo bispo tratar-se do túmulo de um pagão. Em tal incerteza, proibiu se lhe prestasse qualquer culto. Mas santa Benigna lhe apareceu; êle, então, ordenou lhe fôssem as relíquias trasladadas, e em sua honra construiu uma igreja e um mosteiro que dotou com os seus próprios bens. O papa Santo Hormisda confirmou a fundação.

Gregório curtiu grandes penas na família, em conseqüência das guerras entre os filhos de Clóvis, que haviam partilhado a França. Os reis Teodorico e Hildeberto, após fazerem uma aliança, trocaram reféns. Tratava-se de filhos de senadores, e entre êles figurava um netinho do bispo. Surgindo de novo desinteligência entre os dois soberanos, os jovens foram retidos como escravos pelos que lhes tinham a

custódia. Vários lograram escapar, mas outros não puderam fazer o mesmo. Entre os últimos, estava o netinho do bispo, chamado Átala. Após inúmeras buscas, soube Gregório que o rapaz estava reduzido a guardar cavalos de um senhor franco no território de Trèves. O franco, sabedor de que nobre estirpe era êle, exigia exorbitante resgate.

Diante de tão triste nova, o cozinheiro do santo bispo disse-lhe: "Se me deixardes agir, talvez consiga safá-lo do cativeiro." Leão — era o nome do criado — obtendo sem esfôrço tôda permissão, partiu para o país de Trèves, e, secretamente, lidou para raptar o jovem Átala. Mas foi inútil. Disse, então, a um particular: "Vendei-me como escravo ao bárbaro; o preço será vosso. O que quero apenas é ter acesso à casa." O franco, tendo-o comprado, perguntou-lhe o que sabia fazer. "Sou excelente cozinheiro, respondeu-lhe Leão. Não tenho igual. Se tiverdes que regalar o soberano, ninguém será capaz de fazer coisa melhor. — Muito bem, respondeu o outro, domingo tenho de oferecer um banquete a parentes e vizinhos. Pois bem, faze com que todos se admirem e digam que não viram coisa melhor nem sequer na mesa do rei." Leão obedeceu, e os convivas ficaram extasiados. A partir de então, o amo dedicou-lhe grande afeto e lhe confiou tudo quanto dizia respeito à nutrição dos seus homens.

Ao cabo de um ano, quando o amo já não tinha a menor suspeita, Leão rumou para o campo com Átala, deitou-se longe com êle, sôbre a relva, costas contra costas, para que ninguém desconfiasse de que estavam a falar, e disse ao jovem: "É tempo de cui-

darmos de regressar à nossa terra. Esta noite, quando tiverdes encerrado os cavalos, cuidai de não dormir. E quando eu vos chamar, estai pronto, porque vamos partir".

Naquele dia, tinha o bárbaro convidado grande número de parentes, entre os quais o genro. À meia-noite, quando todos se ergueram da mesa, Leão reconduziu o genro do amo, e lhe ofereceu uma última taça. "Mas, disse o genro, gracejando, favorito de meu sogro, quando pensas em lhe pegar alguns cavalos e regressar ao teu país? — Se fôr a vontade de Deus, retrucou Leão, também gracejando, penso em fazer isso esta mesma noite. — Contanto, disse o outro, que os meus criados montem tão boa guarda que de mim nada tires." Despediram-se, rindo.

Quando todos adormeceram, Leão chama Átala, e, após selar os cavalos, lhe pergunta se tem uma espada. Átala responde-lhe que só dispõe de uma pequena lança; Leão entra no aposento do amo, e se apodera do escudo e da frâmea. O amo pergunta: "Quem é? Que me querem? — Sou o vosso servidor Leão, responde o outro, e vou acordar Átala, para que leve imediatamente os cavalos ao passo. Está dormindo como se tivesse bebido. — Bem, disse o amo, faze o que quiseres."

Montaram os dois a cavalo, e chegaram ao Mosa, que atravessaram a nado, deixando na outra margem cavalos e pertences. Mergulharam na floresta. Era a terceira noite que estavam em caminho, e nada tinham comido. Felizmente, deparou-se-lhes uma árvore carregada de ameixas. Tendo refeito um pouco as fôrças, tomaram o caminho de Champagne.

Em breve, ouviram passos de cavalos. Para que os caminhantes os não vissem, deitaram-se atrás de uma moita de espinheiros, de espada desembainhada, resolvidos a defender-se, se fôssem descobertos. Próximo da moita, detiveram-se os cavalos e um dos cavaleiros disse: "Que pena fugirem-nos os celerados! Se os encontro, pela minha alma, mandarei enforcar um e cortarei em pedaços o outro." Quem falava era o próprio amo, que vinha de Reims e os procurava. Ia infalìvelmente descobri-los, não fôsse o obstáculo da noite. Quando os cavaleiros se afastaram, os dois fugitivos entraram na mesma noite em Reims.

Tocavam-se as matinas do domingo, quando os dois bateram à porta do sacerdote Paulel, velho amigo de São Gregório de Langres. O sacerdote, após ouvir o relato das suas aventuras, disse: "Então é verdadeira a visão que tive; esta mesma noite, vi duas pombas voar para mim e repousar em minhas mãos." Os jovens suplicaram-lhe um pouco de comida, embora antes do ofício do domingo, pois havia quatro dias que não sabiam o que era comer. O sacerdote deu-lhes pão banhado em vinho, e, ocultando-os com cuidado, foi às matinas. Ao sair, encontrou o amo que os procurava, e que lhe pediu notícias. O sacerdote despistou-o, e o homem afastou-se. Após se refazerem durante dois dias, os jovens rumaram para Langres. Quando São Gregório os viu, chorou de alegria, e abençoou mil vêzes a Providência. Deu a liberdade a Leão, bem como a tôda sua família, e, mais, um trecho de terra. Tão curiosos pormenores soubemo-los de um autor contemporâneo, São Gregório de Tours, no terceiro livro da sua *História dos Francos*.

Quanto a São Gregório de Langres, de quem era bisneto o de Tours, morreu no começo do ano 541, e, de acôrdo com a sua vontade, foi enterrado perto do túmulo de São Benigno em Dijon, pertencente, então, à diocese de Langres.

* * *

O BEM-AVENTURADO LIBÊNCIO,

Arcebispo de Bremen

Adaldago, arcebispo de Bremen e de Hamburgo, morto em 988, teve por sucessor São Libêncio, ou Lievizo. Êste prelado, sapientíssimo e virtuosíssimo, fôra à Itália com o bispo Adaldago e o papa Bento V, quando êste foi relegado ao Saxe, e Adaldago só encontrou Libêncio a quem pudesse confiar o govêrno da diocese de Hamburgo. Recebeu o pálio do papa João XV, e o bordão pastoral do imperador Oton III, e foi o primeiro arcebispo de Bremen consagrado pelos seus sufragâneos, pois até então tal arcebispo era sagrado pelo de Maiença. Mas Adaldago obteve do papa Agapito o poder de ordenar bispos na Dinamarca e nos demais países do norte, nêles incluídas a Islândia e a Groenlândia, e os seus sucessores foram ordenados pelos bispos de sua dependência.

A pureza de Libêncio era tal que só raramente se mostrava às mulheres; os jejuns tornavam-no sempre pálido, a humildade o fazia parecer no claustro um simples monge, pois eram monges que serviam a igreja de Bremen, como as demais que tinham fundado. Contentava-se dos bens da sua igreja, e não ia à côrte para aumentá-los. Ficava tranqüilamente em casa, ocupado em governar a diocese e conquistar almas, e mantinha em rígida disciplina tôdas as comu-

nidades de sua dependência. Cuidava pessoalmente dos hóspedes e dos enfermos, e servia-os, embora tivesse incumbido o sobrinho Libêncio do govêrno do hospital. Enquanto o país dos eslavos viveu em paz, visitou freqüentemente os povos além do Elba, e desincumbiu-se fielmente da sua missão entre os pagãos.

Suenão ou Swein que, em sueco, significa *guerreiro*, fôra batizado em 972 com seu pai Haraldo, rei da Dinamarca, e tivera por padrinho o imperador Otão I. Mais tarde, impaciente por reinar, rebelou-se contra o pai, e terminou por o matar em 985. Para lograr êxito no criminoso empreendimento, prometera aos pagãos restabelecer o culto dos ídolos, o que realmente fêz. Libêncio lhe enviou porém sem resultado, várias cartas e legados, para fazê-lo desistir da apostasia e das violências contra os cristãos. A justiça de Deus se incumbiu de perseguir o culpado. Comprometido por duas vêzes numa cruel guerra contra os eslavos, Suenão foi aprisionado em ambas as vêzes, despojado e expulso do seu reino por Erico, rei da Suécia, repelido pelo rei Etelred da Inglaterra, aonde fôra pedir asilo, reduzido a exilar-se durante catorze anos na Escócia. De volta ao reino da Dinamarca, após a morte de Erico, cuja viúva desposou, viu-se de novo despojado pelo filho de Erico, o rei Olaus da Suécia, que se fizera cristão. Sòmente então se arrependeu e penitenciou da apostasia. O rei Olaus da Suécia devolveu-lhe o reino, por consideração a sua mãe, sob a condição de que êle restabeleceria a religião cristã e se esforçaria até para difundi-la entre os povos estrangeiros. A partir de tal momento, o êxito coroa os empreendimentos de Suenão. Um chefe de piratas normandos, rei da Noruega, o ataca com uma frota considerável, mas é completa-

mente derrotado no ano de 1000, e, impelido pelo desespêro, se lança ao mar. Suenão, senhor assim de dois reinos, ordena se receba a religião cristã, e estabelece em Escânia o bispo Gotaldo, vindo da Inglaterra.

São Libêncio teve ainda a satisfação de assistir a tão felizes mudanças, pois só morreu no comêço do ano 1013. Na noite que lhe antecedeu a morte, dizia aos que lhe estavam perto: "Meus filhos, aprendei com o meu exemplo a nunca desconfiar da providência divina. Segui o papa Bento V, exilado, apesar de tudo quanto fizeram para que eu desistisse. Servi-o enquanto viveu e, depois da sua morte, prestei tôda espécie de serviços a monsenhor Adaldago. Confiou-me o cuidado dos pobres; depois me fêz seu camareiro. Sucedi-lhe, apesar de indigno, pela vossa escolha e pela graça do soberano. Perdoemos de bom coração tôdas as faltas que cometemos uns contra os outros." O santo prelado morreu no dia seguinte, 4 de janeiro, após vinte e cinco anos de pontificado. O santo rei Henrique, ao saber da notícia, muito se entristeceu e testemunhou grande confiança nas suas preces.

* * *

SANTA FAUSTA (*)

Virgem e Mártir

De Santa Fausta pouco se sabe. Sabe-se que a virgem mártir é venerada na Gasconha, e cultuada na diocese de Auch, onde existe uma paróquia sob sua invocação. Tem a festa fixada em 4 de janeiro. Sôbre ela, as mais antigas citações dos historiadores vêm do século IX.

Quando foi das invasões dinamarquesas, temendo-se pelas relíquias da mártir Fausta, transportaram-nas, em 864, da Gasconha para Limousin, e mais tarde para Arnac, onde ficou depositada numa dependência da abadia de Solignac.

Em 1247, nova transladação teve ocasião, e as relíquias, da abadia, passaram para a de Prée, em Bourges. Há quem diga que Santa Fausta foi martirizada em Fesenzac, e que, sôbre o túmulo, lhe ergueram uma basílica, depois destruída pelos dinamarqueses, mas não existe ainda sôbre isto a última palavra.

A festa da transladação é mencionada por Labbe.

* * *

SÃO FERREOL (*)

Bispo de Uzès e Confessor

São Ferreol, quando o tio, Firmo, bispo de Uzès, faleceu, sucedeu-lhe naquela dignidade. Era simples, doce, de bom gênio, ganhando, com isto, a amizade e a afeição dos fiéis.

Um dia, resolveu dedicar-se à conversão dos judeus que viviam no país, e os invejosos, inimigos de Jesus, denunciaram-no ao rei Childeberto como amigo de judeus e sarracenos. Tais intrigas lhe valeram o exílio, e o rei, querendo conhecê-lo, ordenou, um dia, que o levassem a Paris. Reconhecido por Childeberto como verdadeiro servo de Deus, penitenciou-se o rei do que lhe fizera, restituindo-o, imediatamente, à diocese que o aguardava, ansiosa.

Com efeito, São Ferreol foi recebido com grande alegria por todos, e, incontinenti, reencetou a obra interrompida.

Perto do fim da vida, um anjo do Senhor apareceu-lhe, anunciando-lhe a proximidade da morte. Ferreol, agradecido a Deus, redobrou de fervor e preparou-se para deixar o século. Pouco depois do anúncio do céu, morria sossegadamente, em 581.

O corpo de São Ferreol ficou exposto na igreja de São Paulo de Uzès, onde milagres sem conta se realizaram.

À abadia que fundou em Uzès, deixou uma *Regra para os Monges*, segundo nos diz São Gregório de Tours.

* * *

SANTA FARAILDA (*)

Virgem

Esta Santa, nascida na Bélgica, é representada, quase sempre, com um ganso nos braços. Conta-se que, apiedada da sorte dum ganso selvagem, que fôra morto por um criado da casa, para o jantar, da ave aproximou-se, quando já depenada, e restituiu-lhe a vida.

Farailda, desde menina, secretamente, prometera a Deus guardar a virgindade. Os pais, porém, desejavam vê-la casada e, pois, casaram-na com um rico senhor, chamado Gui. Como resolvera guardar o voto que fizera, foi cruelmente maltratada pelo marido, mas Deus, infinitamente bom, protegeu-a sempre, permitindo que o prometido pudesse ser cumprido.

Morto o marido, deu-se tôda ela à oração, à penitência e às obras de misericórdia, obrando vários milagres. Assim, conta-se que, em terras de Bruay, de seu domínio, perto de Valencianas, a Santa, condoída dos camponeses que trabalhavam de sol a sol sem que tivessem perto um riacho, uma fontezinha para matar a sêde, fêz brotar um veio d'água fresca, para dessedentar os trabalhadores. Dizem, também,

que as águas desta fonte são eficacíssimas para curar males de crianças.

Santa Farailda viveu até a mais extrema velhice. Morreu santa e quietamente no ano de 740. É padroeira da cidade de Gand.

* * *

SÃO RIGOBERTO (*)

Arcebispo de Reims e Confessor

Rigoberto foi monge, e mais tarde, abade de Orbais, antes de ser arcebispo de Reims. Era padrinho de Carlos Martelo, e, na contenda havida entre êste e Ragenfrido, administrador de Nêustria, tendo ficado neutro, foi exilado para a Gasconha pelo afilhado, vencido que fôra Ragenfrido.

Tempos depois, havendo uma reconciliação, Rigoberto pôde voltar e oficiar na sua catedral.

Nosso Santo viveu sempre na solidão e na oração, praticando austeridades. A tôdas as provas que passou, suportou-as santamente. Foi amado pelo povo, que o venerava com grande ardor, e quando faleceu, em 744, tôda a cidade, comovida, chorou, privada que se viu do pai espiritual.

O corpo de São Rigoberto descansa em São Tierry de Reims, onde está desde 864.

* * *

BEM-AVENTURADA ÂNGELA DE FOLIGNO (*)

Viúva

A bem-aventurada Ângela nasceu em Foligno, na Úmbria, de pais ricos e família conceituada. Casou-se muito moça, e teve vários filhos, vivendo frìvolamente. Mais tarde, ela mesma diria que "vivia no pecado".

Deus propiciou-lhe meios de conversão. Antes da morte dos seus todos, pais, marido e filhos, principiou a se capacitar da vida vazia que levava. Pôs-se a pensar nos pecados que cometia friamente, e resolveu, temerosa do fogo eterno, confessar as faltas tôdas. E assim fêz. Quando, porém, chegou a vez das mais graves, envergonhada, deixou de as referir ao confessor, acrescentando aos muitos pecados um sacrilégio.

Ângela passou, então, a ser mais perseguida pelo remorso que a assaltava há já algum tempo. Foi quando, sempre atormentada, invocou São Francisco, que lhe apareceu. Confortada, demandou, no dia seguinte, a catedral de Foligno, achegou-se a um franciscano, que era capelão do bispo, e lhe fêz uma completa confissão de todos os pecados, desanuviando a consciência.

Fazendo penitência, dando-se às austeridades e à meditação, agora sossegada, ofereceu-se tôda a Jesus, propondo-se guardar, para sempre, a castidade.

Aquela brusca mudança de vida preocupou os familiares, que lhe caíam em cima, a perguntar, irreverentes:

— Que loucura é essa, Ângela? Onde já se viu semelhante coisa?

E procuravam, por todos os meios, afastá-la do caminho que se traçara, que era o da verdade.

Deus fêz com que ficasse livre para se dedicar a Êle só. Como vimos, levou-lhe os pais, o marido e os filhos. Destarte, desimpedida, entregou-se livremente à penitência, à oração e à contemplação.

As visões que teve de Jesus crucificado foram inúmeras, e o desejo de o servir sem limites, apossou-se daquela serva de Deus, paulatinamente, mas sem cessar. Que desejava ela? Desejava, e muito ardentemente, deixar o mundo para sempre. Queria abraçar a pobreza, a santa pobreza do *Pobrezinho de Assis,* e mendigar.

— És muito jovem, Ângela, diziam-lhe todos, mesmo os conselheiros franciscanos. És muito jovem para viveres em tais austeridades.

Deus, porém, assim quis. As visões de Jesus crucificado multiplicavam-se, e Ângela em lágrimas, decidiu-se ao que tão ardorosamente vinha almejando. Vendendo tudo o que possuía, o que conseguiu apurar deu-o aos pobres. Em seguida, fêz uma peregrinação a Roma, para obter de São Pedro a pobreza absoluta.

Vivendo reclusa, a bem-aventurada passou a receber os favores de Deus em violentos arroubos. Com Ângela, na mesma cela, vivia uma irmã, cha-

mada Maria, simples e boa. A cada instante, acreditava que a companheira, caída no chão, iria morrer. Muitos, então, julgaram-na possuída do demônio. Certa vez, em Assis, na igreja de São Francisco, pôs-se a gritar medonhamente, e tanto, que a todos apavorou, amedrontando o próprio confessor, que, temeroso, nem se aproximava da serva de Deus.

Numa segunda visita a Assis, sucedeu a mesma coisa, de modo que, quando se acalmou, o confessor proibiu-a de ir àquela cidade. Ângela retornou a Foligno, e no ano seguinte, 1296 ou 97, começou a ter grandes sofrimentos, que duraram até o fim da vida. As visões sucediam-se ininterruptamente.

Um dia, proibiram-na de se avistar com o confessor: os irmãos, escandalizados, com os constantes encontros e consultas, vedaram-lhe a igreja franciscana. Os maldosos sempre perseguiram e disseram cruas inverdades da bem-aventurada, mas Ângela, ajudada por Deus, pacientemente, a tudo sobrepujou.

Em 1307, em companhia da bem-aventurada Pasqualina, visitou as clarissas, fêz a última peregrinação a Assis, e visitou Santa Maria dos Anjos. De volta a Foligno, pouco depois, adoeceu gravemente. Sofrendo horrores, assim ficou, abatida e exausta, por três semanas, mas, à medida que a morte se aproximava, o sofrimento ia-se arrefecendo, tanto que morreu calma e docemente, rodeada de numerosos irmãos. Era na oitava dos santos Inocentes, 4 de janeiro de 1309, e a terceira ordem de São Francisco perdia uma forte personalidade.

Ângela de Foligno foi uma das grandes místicas católicas. O papa Bento XIV tinha-a como a uma Santa Teresa, a um São João da Cruz.

Vejamos suas últimas palavras:

— Oh, meus filhos! Esforçai-vos para ser caridosos para com todos os homens. Em verdade, digo-vos que muito chorei pelos pecados do próximo com todo o meu coração. Foi quando mais recebi favores do Senhor. Mais do que quando chorava os meus próprios pecados. Em verdade, não há caridade maior sôbre a terra do que chorar os pecados do próximo. O mundo zomba disto que estou a dizer, porque parece ser contra a natureza: saber que o homem possa chorar e sofrer por causa dos pecados alheios, como se fôssem os seus, e mais do que os seus. Mas a caridade que isto faz não é dêste mundo. Oh, meus filhos! Esforçai-vos para ter esta caridade. E não julgueis ninguém, mesmo que estejais vendo alguém pecar mortalmente. Digo-vos que não julgueis os pecadores, porque desconheceis os julgamentos de Deus.

A bem-aventurada Ângela de Foligno foi uma das maiores místicas e contemplativas da Idade-Média. A Jesus Cristo, amou-o ternamente. Imitou-o na pobreza, na humildade e na penitência.

* * *

BEM-AVENTURADA ORINGA (*)

Virgem

Nascida no castelo de Santa Cruz, em Arno, na Toscana, é a bem-aventurada Oringa conhecida também como Cristã da Cruz. Os irmãos, procurando casá-la, aterrorizaram-na com aquela idéia. Assim, um dia, depois de muito apanhar, porque queriam dobrá-la, fugiu para Lucques, onde se empregou na casa dum rico senhor. Ali, sossegada, levou vida de pobreza, a orar e a fazer penitência.

Um dia, retornando à terra natal, conseguiu reunir as mulheres mais devotas e com elas viveu, observando as regras de Santo Agostinho.

Diz-se que seu corpo não conheceu qualquer corrupção, depois da morte, ficando perfeitamente conservado por duzentos anos, sendo afinal, num incêndio irrompido em 1514, consumido pelo fogo.

Os agostinianos celebram-lhe a festa a 4 de janeiro, data em que, no ano de 1310, faleceu.

* * *

No mesmo dia, em Roma, são Prisco, sacerdote; são Presciliano, clérigo; e santa Benta, piedosa mulher, os quais faleceram pelo gládio, e mereceram a

palma do martírio sob Juliano o Apóstata. — Ademais, em Roma, Santa Dafrosa, mulher de são Flaviano, mártir, a qual, após a morte do marido, foi primeiro banida, depois decapitada sob o mesmo imperador. — Em Bolonha, os santos Hermes, Ageu e Caio, que sofreram o martírio sob o imperador Maximiano. — Em Adrumeto, na África, a comemoração de São Mávilo, que durante a perseguição do imperador Severo, tendo sido exposto às feras por ordem do crudelíssimo presidente Escápula, recebeu a coroa do martírio. — Na África, os santos e ilustres mártires Aquilino, Gêmino, Eugênio, Marciano, Quinto, Teódoto e Trifão.

Na diocese de Belley, Santo Estêvão de Burgo, cartuxo, desaparecido em 1118. Muitos milagres foram operados à beira do túmulo em que repousa.

Em Reims, o bem-aventurado Roger de Elan, confessor, falecido em 1160. Era natural da Inglaterra. Deixando a terra natal, fêz-se religioso na França, na abadia cisterciense de Lorroy-en-Barry. Era fiel observador da regra, humilde e de grande bondade.

Em Malinas, Santa Isabel de Rosenthal, virgem.

Na Inglaterra, o bem-aventurado Tomé Plumtree, mártir. Nascido em Lincoln, graduou-se em Oxford. Convertido ao catolicismo, tornou-se padre. Num levante que houve no norte da Inglaterra, ao dizer a missa, então proibida, foi condenado à morte.

5.º DIA DE JANEIRO

SÃO SIMEÃO ESTILITA

A vida de São Simeão foi escrita por três autores, não sòmente contemporâneos, senão também testemunhas oculares da maior parte dos fatos. São êles o bispo Teodoreto, que compôs o seu trabalho dezesseis anos antes da morte de Simeão; Antônio, discípulo do santo, e o sacerdote Cosmas, seu amigo, que governava uma paróquia das cercanias, e que, em nome de tal paróquia, lhe escreveu uma carta que ainda possuímos.

Nascera Simeão numa localidade da Cilícia, chamada Sisan, na fronteira da Síria e, desde a idade de treze anos, guardou ovelhas pertencentes ao pai. Um dia em que o rebanho não podia sair em virtude da neve, foi à igreja com os pais e lá ouviu ler o Evangelho que diz: "Bem-aventurados os que choram, ai dos que riem; bem-aventurados os que têm puro o coração". Perguntou a um ancião como se podia adquirir tal felicidade. O outro lhe disse que era pelo jejum, pela prece, humildade, pobreza, paciência, e lhe aconselhou a vida monástica como sendo a mais elevada filosofia. Tendo recebido no coração essa semente da palavra divina, Simeão entra numa igreja de mártires, prostra-se no chão, e roga Àquele

que quer a salvação de todos os homens, que o conduza ao caminho da perfeição. Tendo permanecido longamente em tal postura, sobrevém-lhe um suave sono durante o qual tem uma visão que êle soía narrar assim: "Parecia-me estar cavando um alicerce, e que alguém me dizia que cavasse mais. Desejando repousar, não podia, porque êle me ordenava que continuasse a cavar. Assim procedeu quatro vêzes. Finalmente, disse-me que o alicerce era bastante profundo, e que eu podia, sem temor, erguer uma construção da forma e da altura que me aprouvesse." A predição, observa Teodoreto, foi verificada pelo fato, pois os fatos superam a natureza humana.

Depois dessa advertência interior, entrou Simeão num mosteiro vizinho, e lá ficou dois anos. Mas o desejo de uma vida mais perfeita o fêz passar a outro, governado por um santo varão chamado Heliodoro, que para êle entrara com a idade de três anos, transcorrendo sessenta e dois sem sair. O mosteiro contava oitenta monges. Simeão demorou-se dez anos e a todos ultrapassou em austeridade, pois, enquanto os outros comiam um dia sim, um dia não, êle só comia uma vez por semana. Os superiores o repreendiam, como se se tratasse de uma irregularidade, mas não conseguiram persuadi-lo, nem diminuir-lhe o ardor pela penitência. Um dia, pegando uma corda trançada de fôlhas de palmeira e, por conseguinte, duríssima, com ela cingiu o corpo desde os rins até os ombros, de tal modo que ela lhe entrou na carne. Levou-a sob o hábito bastante tempo para que todo o corpo se transformasse em úlcera. Perceberam-no finalmente pelo cheiro e pelo sangue que dela escorria. Tiraram-lha com muito esfôrço; a roupa estava colada à carne pelo sangue; para arrancá-la, foi mister

umedecê-la durante três dias; quanto à corda, houve necessidade das incisões dos médicos. A operação lhe causou dores tão vivas que o julgaram morto durante algum tempo. Quando sarou, disseram-lhe os superiores que se fôsse, de mêdo que o seu exemplo se tornasse prejudicial a homens mais fracos que pretendessem imitá-lo. Retirou-se para o deserto da montanha, e desceu a uma cisterna sêca, onde continuou a louvar a Deus. Ao cabo de cinco dias, os superiores, repreendidos por visões, arrependeram-se de o haver repelido, e mandaram procurá-lo. Encontraram-no e retiraram-no da cisterna com uma corda. Algum tempo depois, rumou êle para Telanissa, localidade situada aos pés de uma montanha perto de Antioquia. Numa pequenina cabana, encerrou-se durante três anos.

Quis, então, imitar o jejum de Moisés e de Elias, e passar quarenta dias sem comer. O abade Bassus, superior de um mosteiro vizinho, estava incumbido de inspecionar os sacerdotes do campo. Simeão rogou-lhe que tapasse a porta com barro, sem lhe deixar nada na cela. Respondeu-lhe Bassus que matar-se não era uma virtude, e sim o maior dos crimes. "Meu pai, retrucou-lhe Simeão, deixai-me, então, dez pães e uma jarra de água; se tiver necessidade de alimento, tê-lo-ei à mão". Assim se fêz. Ao cabo de quarenta dias, voltou Bassus, tirou o barro com o qual estava fechada a porta e, entrando, viu todos os pães intactos, a jarra ainda cheia de água e Simeão prostrado, sem voz, sem movimento, sem respiração. Pedindo uma esponja, o superior umedeceu-lhe os lábios, e lhe ministrou os divinos mistérios. Fortalecido, Simeão levantou-se e tomou algum alimento, isto é, alface, chicória e semelhantes verduras, que mastigou e engo-

liu, pouco a pouco. Bassus, arrebatado, regressou ao seu mosteiro, que contava mais de duzentos monges, e lhes narrou a maravilha. Desde então, continuou o nosso santo a jejuar dessa maneira todos os anos, quarenta dias seguidos, e já havia transcorrido vinte e oito anos em tal modo, quando Teodoreto compôs o seu trabalho. Ficava de pé nos primeiros dias, em seguida sentava-se, continuando a orar, depois estendia-se, semimorto.

Depois de passar três anos na cela perto de Telanissa, subiu ao tôpo da montanha, e mandou fazer um cinto de muralhas sem teto, no qual se encerrou, com uma corrente de ferro, de vinte côvados de comprimento, prêsa por uma extremidade a uma grande pedra, e pela outra ao pé direito, a fim de, mesmo que o quisesse, não poder sair daquele espaço. Lá, entretinha-se na meditação das coisas celestes. Melécio, então vigário de Antioquia, aconselhou-o a tirar a corrente, mostrando-lhe que a vontade bastava para manter o corpo parado com liames intelectuais. Rendeu-se Simeão e, mandando chamar um ferreiro, livrou-se da corrente.

Espalhou-se por tôda parte a reputação de Simeão, e todos acorriam a êle, não sòmente da vizinhança senão também de lugares distantes vários dias de caminhada. Levavam-lhe paralíticos, rogavam-lhe que curasse enfermidades. Os que recebiam o que tinham solicitado voltavam com alegria, e publicavam os benefícios, o que atraía ainda maior número de pessoas. Tôda espécie de povos aparecia: ismaelitas, persas, armênios, iberos, homeritas e árabes dos mais longínquos. Vinham das extremidades do Ocidente, da Itália, da Gália, da Espanha, da Grã-Bretanha. A reputação do santo estendia-se até

os etíopes e os citas nômades. Em Roma, era tão grande que os artesãos tinham pôsto pequeninas imagens do santo na entrada de tôdas as lojas, para atrair a sua proteção. Teodoreto afirma que assim ouviu dizer.

Sentia-se Simeão importunado pela incalculável multidão que se apinhava em volta dêle para tocá-lo e tirar uma bênção das peles que o cobriam. Parecia-lhe impertinente submeter-se a tão excessivas honras, e penoso ser constantemente daquela maneira instado. Foi o que o levou a ficar de pé numa coluna, em grego *style* ou *stylos*, donde lhe veio o nome de Estilita. No ano de 423, mandou fazer uma de seis côvados de altura, na qual viveu quatro anos. Mandou erguer uma de doze côvados, depois outra, de vinte e dois. Ficou treze anos em ambas. Os últimos vinte e dois anos de vida, passou-os numa quarta coluna de quarenta côvados de altura. A coluna terminava com uma balaustrada, formando um pequeno recinto de três pés de diâmetro. Foi lá que Simeão se mantinha de pé, noite e dia, inverno e verão, exposto aos ventos e à chuva, à neve e à geada.

Os monges do deserto mandaram perguntar-lhe que modo tão estranho de vida era aquêle, ordenando-lhe que o abandonasse e seguisse o caminho trilhado pelos pais. Tinham dito ao enviado: "Se êle obedecer de boa vontade, deixai-o viver ao seu modo; se resistir e se mostrar escravo da própria vontade, tirai-o da coluna à fôrça." O enviado expôs a Simeão a ordem dos Padres, e Simeão avançou imediatamente um dos pés para descer. O enviado disse-lhe que permanecesse lá e se animasse, visto que o seu estado vinha de Deus. Os monges do Egito, escandalizados com tal novidade, mandaram dizer-lhe que estava



Peregrinos acampados ao pé da coluna de São Simeão. Segundo uma antiga gravura do Gabinete de Estampas de Paris.

excomungado. Melhor informados, porém, do seu mérito, de novo com êle se comunicaram.

Estranhava-se então, e ainda hoje se estranha um gênero tão extraordinário de vida. Pergunta-se qual a utilidade disso, e quais podem ser os objetivos da Providência. Os biógrafos contemporâneos de Simeão mostraram tais objetivos nos resultados para a humanidade e a Igreja. O padre Cosme, em particular, nos dá a conhecer a especial vocação de Simeão. Por duas vêzes lhe apareceu o profeta Elias num carro de fogo, e lhe recomendou fortemente duas coisas, o zêlo pela Igreja e a defesa dos pobres. "Cuida, disse-lhe, de que ninguém despreze o sacerdócio, e que todos obedeçam aos ministros sagrados. Sobretudo, porém, cuida dos pobres; saibam os infelizes de tôda espécie, os oprimidos, os órfãos e as viúvas que o teu auxílio jamais lhes faltará, e que serás sempre para êles pai e defensor. Cuida de jamais cederes às ameaças dos prefeitos e dos reis, ou de parecer ambicionar o favor dos ricos. Mas repreende com a mesma eqüidade, e em público, tanto o rico como o pobre. Sê, pois, firme, e está pronto a tudo sofrer. Arma-te de paciência e de doçura, a fim de que nunca possa coisa nenhuma arrancar-te ao dever. Depois dessa advertência celeste, Simeão decuplicou as austeridades. Durante nove anos, sofreu, entre outras coisas, de uma horrível úlcera no pé esquerdo. Todos, os sacerdotes, os bispos e o próprio imperador, por cartas, lhe rogavam descesse da coluna até que se curasse. Lá ficou êle, embora a tal dor se unissem ainda várias outras; e quando, no fim da quaresma, que êle, como habitualmente, passou sem comer nem beber, julgavam encontrá-lo morto, viram-no milagrosamente curado; recebeu a comu-

nhão pascal das mãos do bispo de Antioquia, Domnus, sobrinho e sucessor de João.

Em breve teve o santo a oportunidade de desempenhar o novo mister. Trezentos pobres obreiros de Antioquia foram ao pé da coluna queixar-se do prefeito da cidade. Devia a corporação dêles, todos os anos, tingir de vermelho, para a cidade de Antioquia, certo número de peles. O prefeito, varão cruel, teve a triste idéia de exigir três vêzes mais. Os obreiros, vendo-se arruinados por aquêle impôsto tirânico, sobretudo se se tornasse perpétuo, enviaram trezentos dos seus a Simeão o qual, comovido, mandou dizer ao prefeito que não oprimisse os infelizes, e se contentasse com o tributo comum. Riu-se o prefeito do santo, e ameaçou os obreiros de os fazer apodrecer no calabouço. Não teve tempo para isso. Ainda não tinham os trezentos legados saído do recinto de Simeão, quando alguém trouxe a notícia de que o prefeito, atacado de súbita hidropisia, rolava pelo chão torturado por espantosas dores; chegaram imediatamente cartas em que se rogava ao servidor de Deus que dêle se apiedasse; finalmente, todos os sacerdotes do seu govêrno rumaram para o pé da coluna pedindo ao santo que lhe devolvesse a saúde. Respondeu Simeão que era preciso deixar a questão a Deus; ao mesmo tempo, benzendo um pouco de água, disse: Se Deus prevê que êsse homem, uma vez curado, se há de portar melhor, desde que o molhem com esta água, sentirá a graça de Jesus Cristo; mas se Deus prevê o contrário, eu vos predigo, o enfêrmo não verá absolutamente esta água. Um mensageiro, imediatamente enviado, envidou todos os esforços; mal, porém, entrou na casa, soube que o prefeito acabava de expirar no meio de espantosas

convulsões. O exemplo espalhou um salutar terror entre os maus, e reanimou a esperança dos oprimidos (1).

Uma rainha de árabes tinha um ministro que tiranizava viúvas e órfãos, bem como o país inteiro. Os habitantes enviaram legados a Simeão, que mandou dizer ao cruel ministro: Cuida de te corrigir dos crimes de que te acusam, para que, roubando o bem alheio, o teu não percas. Mas o homem, longe de aquiescer a tal censura, maltratou o enviado que lha transmitira. O castigo não tardou. Nem ainda partira o legado, quando o ministro caiu como que petrificado, e morreu dizendo: Simeão, por favor, tende piedade de mim (2).

Entretanto, foram contar a Simeão que inúmeras pessoas se queixavam das suas advertências e das suas importunas intercessões nas causas de viúvas, órfãos e outros desventurados. Tratava-se de criaturas que, pouco temendo os juízos de Deus, oprimiam o povo. Resolveu êle, então, nada mais fazer, e deixar tudo à Providência; proibiu aos discípulos que admitissem queixosos ao seu recinto, pelo menos até que lhe fôsse dado conhecer de maneira mais precisa a vontade de Deus. Vários foram, pois, obrigados a voltar tristemente. Não tardou o nosso santo em ter uma visão, na qual foi severamente repreendido pela fraqueza, e ameaçado de ver passar a outro a vocação e autoridade; a fim de reparar o êrro, foi-lhe ordenado fazer o possível para a defesa dos pobres e aflitos, e deixar o resultado a Deus.

---

(1) Assemani, **Acta S. Simeon, Stylit.**, pág. 311.

(2) Ibid. pág. 343.

Pouco depois, dois irmãos, ainda moços, chegaram de Antioquia para lhe rogar proteção contra o conde de Oriente, crudelíssimo varão, que os perseguia em virtude de uma velha inimizade com o pai dêles que morrera. Simeão, que fôra amigo do pai, admoestou o conde nestes têrmos: "Não façais mal nenhum a êstes rapazes, pois me pertencem." Respondeu o conde que, longe de lhes querer mal, estava pronto a prestar a êle, com os dois rapazes, os mais humildes serviços. Era um gracejo. Aproximava-se a quaresma, em que Simeão não admitia ninguém ao seu recinto. Tendo os jovens regressado à cidade, o conde mandou prendê-los, ameaçou-os de prisão se se não submetessem a tôdas as suas exigências, e de tudo informou zombeteiramente o santo, mediante uma carta. Respondeu-lhe Simeão estas palavras: "Advirto-vos pela segunda vez; não façais o menor mal a êstes rapazes, para que não suceda sejais vós próprio levado perante a justiça, sem terdes a quem recorrer. Replicou o conde: "Sei que, durante êstes quarenta dias, fechais o vosso recinto, para passá-los no retiro. Far-me-eis, pois, o favor de empregar todo êsse tempo em me desejar o mal, pois se me desejardes o bem, não quero que me sobrevenha. Simeão disse: Infeliz! Desejou a maldição em vez da bênção. Deus há de ouvi-lo antes do que êle pensa." No terceiro dia da primeira semana do jejum, dois dias depois de se haver Simeão encerrado, atravessava o conde, num carro, a praça pública, quando sùbitamente o detiveram cinco oficiais do palácio. Com uma corda ao pescoço foi levado ao tribunal, onde numerosos acusadores exigiam vingança pelas suas inúmeras iniqüidades. O mestre da cavalaria, que recebera as ordens secretas do imperador, con-

denou-o a uma grande multa e mandou que o atirassem ao calabouço. O homem, então, suplicou humildemente aos dois jovens que por êle intercedessem com Simeão, e obtivessem missivas ao imperador. Responderam-lhe os dois que era precisamente o tempo em que o santo não recebia ninguém; que, a não ser tal, trataria indubitàvelmente da sua questão com o imperador e os prefeitos do pretório. Abandonado por todos, foi o infeliz ignominiosamente conduzido por tôdas as cidades até Constantinopla, onde o imperador o privou de todos os bens e o condenou ao exílio. Não chegou sequer ao lugar de exílio, uma vez que morreu mìseramente em caminho (1).

Após semelhantes fatos, a acorrência de infelizes de tôda espécie tornou-se prodigiosa. Reclamava-se a intercessão do santo, não sòmente contra a injustiça dos homens, senão também contra tôda espécie de calamidades. Assim, o território de Afsão foi devastado por uma multidão de ratos que atacavam os próprios animais, e os habitantes não tiveram dúvida em recorrer a Simeão. Mostrou-lhes êle, em primeiro lugar, que se tratava de um castigo pelos pecados cometidos; depois, ordenou-lhes que lhe levassem ao pé da coluna um pouco de pó, com êle fizessem três cruzes em cada casa, e uma nos quatro cantos da cidade, celebrassem as vigílias, com o santo sacrifício, durante três dias, e abrandassem a Deus mediante orações. Obedeceram-lhe e no terceiro dia não se viu mais um sequer dos *inúmeros bichos* (2).

No meio da multidão de homens que afluíam de tôda parte, Simeão era sempre um apóstolo no

---

(1) Assemani, **Acta S. Simeon. Stylit.**, pág. 315.

(2) Assemani, **Acta. S. Simeon. Stylit.**, pág. 318.

trono, a pregar constantemente tanto para os cristãos como para os pagãos. Aos primeiros, lembrava a perfeição do Evangelho, com os meios de correção dos defeitos. Assim, para desabituá-los de jurar pelo nome de Deus, pedia-lhes jurassem pelo seu (1).

Várias vêzes, em seguida às suas exortações, uma paróquia, uma localidade inteira, empenhava-se por escrito em ser fiel ao trato. Vimos um exemplo na carta que lhe escreveu a localidade de Fanir. Está em nome do sacerdote Cosme, dos diáconos, dos leitores e de todo o povo, com os seus magistrados; todos, unânimemente, subscrevem os preceitos que êle lhes impôs: santificar o domingo e a sexta-feira, não ter duas medidas, mas apenas uma, justa, não deixar ultrapassar os limites do seu campo, não recusar o salário aos obreiros, reduzir à metade o juro do empréstimo, devolver os penhores aos que pagam, julgar, segundo a eqüidade, a causa dos pequenos e dos grandes, não ter nenhuma deferência contra a justiça, e não receber presentes contra quem quer que seja, não caluniar ninguém, não manter relações com malfeitores e ladrões, reprimir os desdenhadores das leis, de freqüentar assìduamente a igreja. Seja anatemizado quem violar essas regras, quem se apoderar do bem alheio, oprimir os inocentes, subornar os juízes, tirar qualquer coisa aos órfãos, às viúvas, aos pobres, ou raptar mulher. Pois tudo quanto nos prescrevestes, e que nós ratificamos, queremos seja observado no futuro. E o que prometemos, juramos cumprir, juramo-lo por Deus, por Cristo e pelo Espírito vivificante e santificante, e pela vitória dos nossos imperadores. Se alguém ousar desobedecer, seja ana-

(1) Bolland, 5 de janeiro.

temizado segundo a vossa palavra; nós o repreenderemos, não teremos ligação com êle, a igreja não lhe receberá a oferta, não assistiremos ao sepultamento dos seus (1). Vê-se por êsse exemplo a salutar influência de Simeão nos contemporâneos. O padre Cosme, que lhe dirigiu a carta assinada por todos é o mesmo que lhe escreveu a vida.

Pelas suas pregações e pelos seus milagres, convertia Simeão particularmente milhares e milhares de infiéis: iberos, armênios, persas, árabes, especialmente árabes ismaelitas. Iam vê-lo em grandes grupos de duzentos ou trezentos, às vêzes de mil, renunciavam em voz alta aos erros dos antepassados, particularmente ao culto de Vênus, e quebravam os ídolos na sua presença; recebiam o batismo, e aprendiam dos seus lábios as leis segundo as quais deviam viver. O bispo Teodoreto assistiu um dia à conversão de um grupo de ismaelitas. Quase foi sufocado até, pois tendo Simeão dito que fôssem pedir-lhe a bênção episcopal, acudiram os ismaelitas com selvagem afoitamento; uns o puxavam pela frente, outros por trás, outros pelos lados; os mais afastados, montando nos outros, alongavam os braços, pegavam-no pela barba ou pelas vestes; ia ser esmagado, quando Simeão gritando, os afastou (2).

Muitas vêzes, ao pé da coluna, os credores perdoavam as dívidas aos devedores, os amos libertavam gratuitamente os escravos (3). Quando, no fim da quaresma, se reabriam as portas do seu recinto, não sòmente a montanha de Telanissa, senão

---

(1) Assemani, Acta. S. Simeon. Stylit., 396.

(2) Teod., pág. 883.

(3) Assemani, 345.

também as montanhas das cercanias fervilhavam de gente. Vê-lo de longe bastava a grande número de pecadores e pecadoras para abraçarem a penitência e retirarem-se em mosteiros. Invocavam-no, tanto ausente como presente. Os marujos iam agradecer-lhe havê-los socorrido na tormenta e salvado do naufrágio (1). Os cristãos da Pérsia lhe enviavam cartas e legados para agradecer-lhe haver libertado da prisão trezentos e cinqüenta dêles, e feito cessar a perseguição com o trágico fim do mago que a instigara (2). O próprio rei da Pérsia concebeu pelo santo a mais elevada estima. A uns legados que lhe falavam do santo, perguntou como vivia êste e quais eram os seus milagres. A rainha, sua espôsa, pediu azeite abençoado por Simeão e o recebeu como grande presente. Todos os cortesãos, apesar das calúnias dos magos, cuidavam de se instruir com êle, e lhe chamavam varão divino.

No meio dessa glória, era êle tão humilde que se julgava o último dos homens. De fácil acesso, doce e agradável, respondia a todos, fôsse artesão, camponês, mendigo. Dizia aos que libertara suas enfermidades: "Se alguém vos perguntar quem vos curou, dizei que foi Deus; guardai-vos de falar de Simeão, pois recaireis no vosso mal." Teodoreto, que o vira e com êle conversara várias vêzes, e que lhe escreveu o resumo da vida, bem via a dificuldade de acreditar em tais maravilhas. É por isso que diz: "Ainda que eu disponha por testemunhas, se assim devo falar, de todos os homens vivos, temo que a minha narração pareça à posteridade uma fábula intei-

(1) Ibid., 331-335.
(2) Ibid., 329-332.

ramente destituída de verdade. O que aqui se passa está acima da humanidade; entretanto, costumam os homens medir o que se lhes diz pelas fôrças da natureza, e quando alguma coisa lhe ultrapassa os limites, afigura-se mentira aos que desconhecem as coisas divinas (1).

No ano de 459, sofreu a cidade de Antioquia espantoso desastre.

Foi, na narrativa de uma testemunha ocular, durante a noite de 7 para 8 de junho, durante a noite do domingo de Pentecostes para a segunda-feira (2). O povo acabava de se entregar a tais desordens e brutalidades que superavam em muito a ferocidade das feras, segundo a expressão de Evagro (3). De súbito, pelas quatro horas da noite, verifica-se um tremor de terra tão furioso que faz desabar quase tôda a cidade, e sobretudo a parte mais rica e povoada. Várias localidades dos arredores tiveram a mesma sorte. O refúgio dos infelizes, na época, era o grande santo Simeão Estilita. Viu êste chegar ao pé da sua coluna uma multidão em pranto, sacerdotes e leigos, trazendo grandes cruzes, archotes e incensórios fumegantes. A afluência durou cinqüenta e um dias. Era tão grande o terror que ninguém ousava entrar nas casas nem trabalhar nos campos. Por tôda parte se ouviam gritos e gemidos. A única esperança da turba era Simeão. Estava pronta para tudo quanto êle ordenasse.

Após os cinqüenta e um dias de luto, houve, no mês de julho, uma grande solenidade, a última do

---

(1) Teod., 877, 887.

(2) **Acta S. Simeon. Stylit.** Evod. Assemani, p. 404. Romae, 1748.

(3) Liv. II, c. XII.

bem-aventurado Simeão. Não creio, diz o autor da sua vida, testemunha ocular, que jamais tenha havido reunião tão numerosa; era como se Deus tivesse arrancado dos seus países todos os povos do universo para os reunir num mesmo lugar, a fim de dizer o derradeiro adeus ao seu amado servidor. Êle, como pai que dita as últimas vontades a filhos dóceis, tendo mandado chamar os sacerdotes e o povo, consolou-os a princípio, e em seguida os exortou muito a observar os mandamentos de Deus. Acrescentou, então: "Agora, voltai para os vossos lares, e celebrai vigílias cristãs durante três dias; depois, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, ide, sem temor, cuidar dos vossos afazeres, e retomem os artesãos o seu respectivo trabalho; tenho a certeza de que Deus se apiedará de vós no futuro." Disse, e a todos despediu.

Trinta dias depois da partida dêles, em 29 de agôsto, um sábado, às onze horas, na presença de alguns dos seus discípulos, o servidor de Deus foi repentinamente atacado de um mal que, alastrando-se-lhe pelo corpo todo, em breve se fêz mortal. Do domingo à têrça-feira, o seu estado foi, pouco mais ou menos, o mesmo. Entretanto, emanava-se-lhe do corpo uma suavidade e uma variedade de odores incomparáveis. Finalmente, na quarta-feira, 2 de setembro, às nove horas, estando presentes todos os discípulos, prepôs dois dêles aos demais, e recomendou todos ao Senhor. Em seguida, ajoelhou-se três vêzes e, depois de se levantar, olhou para o céu. Gritando-lhe de todos os lados a multidão: "Abençoai-nos, Senhor!" êle volveu o olhar para as quatro partes do mundo, e, erguendo a mão, o abençoou e o recomendou ao Senhor por três vêzes; depois, erguendo de novo os olhos ao céu e batendo três vêzes

no peito, pousou a cabeça no ombro do primeiro discípulo e expirou. A multidão continuava a lhe contemplar o rosto, sem saber se estava vivo ou morto. Um dos discípulos valeu-se do tempo daquela incerteza, para mandar avisar às ocultas o bispo de Antioquia. Temia-se que o povo lhe raptasse o corpo. Pelo mesmo motivo, os discípulos não o baixaram da coluna para colocá-lo no relicário; pelo contrário, mostraram o relicário sôbre a própria coluna, aguardando o dia do funeral.

A nova da sua morte divulgou-se imediatamente por todo o mundo. Houve, ao mesmo tempo, luto e júbilo. Os órfãos e as viúvas perguntavam, entre lágrimas e soluços: Aonde iremos encontrar-vos agora, Simeão, vós que, após Deus, fôstes a nossa única esperança? Os que se viam oprimidos pelos poderosos e privados dos seus bens exclamavam com amargura: nós, os mais infelizes dentre os mortais, agora é que iremos temer a cólera e a cobiça dos lôbos! Como livrar-nos de tais angústias? Que auxílio invocaremos? Ah, quem despertará do sono êste leão cuja voz formidável fazia tremer todos os animais ferozes? Os enfermos diziam, chorando: aonde poderemos ir, encontrar um médico igual a vós, Simeão, vós que expulsáveis a enfermidade antes de ver o enfêrmo? O clero o lamentava como firme sustentáculo da fé e da disciplina. Ao mesmo tempo, todos se alegravam, refletindo que, após uma vida tão santa, fôra coroado no céu.

No seu funeral, houve incontável multidão. O patriarca de Antioquia, Martírio, apareceu com vários bispos. Ardaburo, que governava o Oriente com um poder quase soberano, também apareceu com vinte e um condes, um grande número de tribunos ou

generais, seguidos das tropas romanas. Os habitantes de Antioquia tinham-lhe pedido a honra de conservar na cidade as relíquias do santo, para lhes substituírem as muralhas que haviam desabado. Foi com tal pompa que o corpo foi transportado, a princípio pelos sacerdotes e bispos, desde o recinto da coluna até a primeira aldeia, pelo espaço de quatro milhas; em seguida, puseram-no num carro escoltado por guardas de honras, pelos príncipes, por todos os magistrados da cidade, pelas tropas romanas e por uma multidão sem fim de povo. Ao canto dos hinos, ao esplendor dos archotes, misturava-se o perfume que ardia à passagem do cortejo. Homens e mulheres, anciãos e moços, plebeus e nobres, desertavam as cidades para venerar as relíquias do santo, e receber dêle a sua derradeira bênção. O cortejo durou cinco dias, sendo a distância de quinze léguas. Na segunda-feira, tiraram-no do recinto, e na sexta-feira entrou em Antioquia, onde o corpo foi depositado na grande igreja. Um energúmeno, que fôra curado durante a passagem do corpo, o acompanhou até lá. O patriarca e o seu clero instituíram um ofício cotidiano em sua honra. Verificaram-se ainda mais milagres no seu túmulo do que os realizados durante o tempo em que vivera. O imperador pediu aos habitantes de Antioquia que lhe deixassem transportar os seus restos a Constantinopla. Mas êles lhe rogaram deixasse o corpo do santo na sua cidade, para substituir as muralhas ruídas pelo tremor de terra, o que lhes foi concedido. Eis a narração do padre Cosme, testemunha ocular, o qual, quinze anos depois da morte de Simeão, terminou de lhe escrever os atos ou a vida, em sírio.

* * *

SANTA SINCLÉTICA (*)

Virgem

Os pais desta santa virgem eram da Macedônia, mas radicados em Alexandria. Nesta cidade nasceu Sinclética. Rica, inteligente e bela, via-se constantemente disputada pelos moços, mas, como se consagrara a Deus, evitava-os sempre e sempre, temerosa. Passou, pois, a viver no retiro, saindo pouquíssimo. Era na solidão que encontrava as maiores satisfações espirituais. Sempre medrosa, procurava fortificar-se por meio de constantes jejuns e mortificações de tôda a sorte.

Mortos os pais, herdou, sòzinha, imensa fortuna, que, imediatamente, passou aos pobres.

Tomando consigo uma irmã que era cega, retirou-se do mundo, pedindo a um padre que lhe fôsse testemunha daquele abandono do século. Entregando-se definitivamente a Deus, experimentou as mais duras austeridades, redobrou as orações, jejuando vários dias na semana.

Logo, a virtude de Sinclética estendeu-se por tôda a parte, e uma multidão de piedosas mulheres procurou-a para que as dirigisse no caminho da verdade. Humilde, assustou-se e procurou dissuadi-las do intento, mas, pensando melhor, e penitenciando-se

da falta de zêlo, acedeu em aceitá-las. Assim, começou por incutir-lhes como princípio duma vida santa o amor de Deus e do próximo.

Quando discorria sôbre a humildade, costumava dizer:

— Um tesouro estará sempre em segurança enquanto permanecer escondido. Desvendado, será atirado à sanha de ladrões e audaciosos, que tudo farão para dêle se apossar.

O demônio perseguiu-a terrìvelmente. Sinclética, com as armas da oração, do jejum, das mortificações tôdas, enfrentou-o com o auxílio de Deus. E, da luta, saiu incólume e engrandecida.

Dos setenta e sete aos oitenta anos, uma febre contínua a atormentou dia e noite, minando-lhe o organismo cansado, mas não ao espírito. Êste, dos sofrimentos, saía sempre, e cada vez mais, agigantado e puro.

Finalmente, tornando-a insuportável aos que a viam, um câncer na bôca devorou-lhe todo o rosto, que fôra belo e objeto de comentários por parte de todos os moços de Alexandria. Também a esta última prova suportou com verdadeiro espírito de resignação. Era um motivo a mais para servir o divino Mestre, ao qual se dedicava de corpo e alma gostosamente. E quando os médicos, visitando-a, propunham-lhe êste ou aquêle remédio para debelar a dor, ou suavizá-la, afastava-os de si, entristecida.

Três dias antes de morrer, Santa Sinclética anunciou aos que com ela viviam, o desenlace. E assim foi. Estava com oitenta e quatro anos de idade, e principiava o ano de 400.

* * *

SÃO GERLACH (*)

Ermitão e Confessor

Êste Santo, natural de Walkenberg, na Holanda, iniciou-se na carreira das armas. Rodeado de maus amigos, não demorou muito tempo para abraçar uma vida de correrias, brigas, desordens e pilhagens. Casado, nem por isso se modificou.

Um dia, em meio a tropelias, recebeu a notícia de que a espôsa, jovem delicada e boa, falecera, sùbitamente. Foi um golpe. Em lágrimas, pôs-se a pensar naquela que se fôra, e no perigoso estado em que vivia, sem quaisquer preocupações no que dizia respeito à salvação da alma. Afastou-se, pois, das más companhias, e disse um solene adeus aos desregramentos.

Indo a Roma, ao papa Eugênio III fêz uma completa confissão de tôda a vida passada. E chorando, mas aliviado, recebeu a penitência: passaria sete anos cuidando dos doentes do hospital da Terra Santa.

Gerlach cumpriu com satisfação e humildade o que o papa lhe impusera.

Quando, passado aquêle tempo, regressou a Roma, sentava-se na cátedra de São Pedro outro

pontífice: Adriano IV. Ao novo sucessor de São Pedro, humilde, expôs o que tinha em mente e que amadurecera nos sete anos de penitência: desejava levar vida de ermitão, sem pertencer a ordens religiosas. Solitário, isolado de tudo, assim queria acabar a vida que tão desbaratadamente principiara.

Obtida a permissão, passou ainda uns dias em Roma, e depois retornou à terra onde nascera. Ali, longe do bulício, no ôco dum vasto carvalho frondoso, iniciou uma nova fase de vida, praticando as mais duras mortificações.

Sete anos depois, os monges de São Servais, onde Gerlach, percorrendo um trajeto assaz longo e penoso, ia ouvir, todos os dias, a santa missa, considerando-lhe a vida que levava relaxada, referiram o caso ao bispo. Foi então o Santo privado dos sacramentos.

O tempo, porém, incumbiu-se de reparar tal injustiça, e o prelado, inteirado da grande santidade do bom ermitão, desfez a proibição, penitenciando-se da afoiteza com que agira contra Gerlach.

Conta-se que Santa Hildegarda teve visões nas quais o Santo aparecia como grande merecedor diante de Deus.

O puro ermitão, quando nos últimos instantes, vendo que o padre que solicitara para lhe administrar o santo viático não aparecia, entregou-se, como sempre o fazia nas tribulações e necessidades, nas mãos de Deus: sabia que o Senhor não o abandonaria nos derradeiros momentos. De fato, um velho, doce e venerável, apareceu-lhe na cela, administrou-lhe os

sacramentos e, como surgira, desaparecera: era, segundo a opinião dos abalizados, São Servais.

São Gerlach morreu em 1170, e até os dias de hoje é muitíssimo venerado em Colônia, Ruremunda e Liège.

* * *

VIGÍLIA DA EPIFANIA DO SENHOR

No mesmo dia, o bem-aventurado Convoyon, abade, nascido em Comblessac, faleceu santamente em Pleban, em 868. Na diocese de Rennes celebra-se-lhe a festa no dia 28 de janeiro.

Ainda neste mesmo dia 5 de janeiro, Santa Amada, na Tebaida, abadessa no século V.

Em Sens, os santos Honoberto e Arnulfo, bispos que viveram quando de Carlos Martelo, no século VIII.

Em Metz, finalmente, o bem-aventurado Angilram, bispo, desaparecido em 791. Era sobrinho de Crodegand, e estudou na abadia de Gorze, tendo sido chanceler do império antes de ser elevado ao episcopado. Carlos Magno, em 784, fê-lo capelão-mor.

Em Roma, São Telésforo, papa, que atingiu a glória do martírio, sob Antonino o Piedoso, após ter muito sofrido pela defesa do nome de Jesus Cristo. — No Egito, comemoração de vários santos mártires, mortos na Tebaida mediante diversos gêneros de tortura, durante a perseguição de Diocleciano. — Na Inglaterra, Santo Eduardo, rei, ilustre pela castidade e pelo dom dos milagres. Um decreto do papa Inocente XI fixou-lhe a festa em 13 de outubro, dia da transladação do seu corpo. — Em Roma, santa

Emiliana, virgem, tia de São Gregório, papa, a qual, sendo chamada pela irmã Tarsila morta havia pouco, passou naquele dia da terra ao céu. — No Egito, Santa Apolinária, virgem.

* * *

6.º DIA DE JANEIRO

A EPIFANIA. OS MAGOS

Eis que os magos vão a Belém. Sigamo-los. Entram no estábulo. Entremos com êles. Lá se lhes depara o Menino com sua Mãe; prostram-se-lhe na frente e o adoram; prostremo-nos também e adoremos com êles. Abrem os seus tesouros, e oferecem-lhe ouro, incenso e mirra; ouro, como rei, incenso, como Deus, mirra, como homem mortal. Admiremos tais presentes. Admiremo-lhes o misterioso significado.

Quem são êsses magos? De onde vêm? São sábios, príncipes, reis e vêm do Oriente. E quem os conduz? Uma estrêla. Muitos séculos antes, predissera um profeta do país dêles que uma estrêla se ergueria de Jacó, e de Israel um cetro ou um novo rei. Viram tal estrêla, e foram adorar o novo rei. Pediram notícias em Jerusalém. O rei Herodes espantou-se, e com êle tôda Jerusalém. É que o cruel tirano tinha tamanho mêdo de perder a coroa, que matava seus próprios filhos, sob o pretexto de haverem conspirado contra êle. Astuto e mau, chama em segrêdo os magos, envia-os a Belém, e lhes recomenda que o avisem, mal descubram o menino, a fim de êle também o ir adorar. A chacina dos inocentes mostra tôda a sua sinceridade. Detestemos a cruel maldade de Herodes; admiremos a fé, a solicitude

dos magos; deploremos a cegueira dos escribas e dos fariseus, os quais dizem aos magos que Cristo devia nascer em Belém, lhes mostram o caminho e para lá não vão.

São os magos os nossos antepassados na fé: não pertenciam à raça de Jacó, como nós não pertencemos; saíam da gentilidade, como nós. Imitemos-lhes a fé, a solicitude e a perseverança. Mal viram a estrêla, abandonaram o seu país e foram; a indiferença dos judeus não os detém, não os desalenta a pobreza de um estábulo. Sigamos-lhes o exemplo. Mas, ó alma, que ofereceremos ao menino, ao pequenino rei? Nada possuímos que valha. Eis, talvez, um bom conselho. Dizem-nos os santos que o verdadeiro ouro é a caridade; o verdadeiro incenso o perfume das virtudes cristãs; a mirra a mortificação dos sentidos. Pois bem, mudemo-nos nesse ouro, nesse incenso, nessa mirra; tornemo-nos amor de Deus e do próximo, tornemo-nos edificantes, mortificados; desejemos ao menos tornar-nos; e, depois, ofereçamo-nos a Jesus, de todo o coração.

* * *

SÃO NILAMÃO, *recluso*

Teófilo, bispo de Alexandria, voltando de Constantinopla ao Egito, chegou por acaso a uma pequenina cidade chamada Geres, a duas léguas e meia de Pelusa. O bispo da cidade morrera, e os habitantes tinham escolhido como seu sucessor uma santa personagem de nome Nilamão, a qual chegara à perfeição da vida monástica. Vivia fora da cidade, numa cela em que se havia encerrado e cuja porta fechara mediante pedras. Tendo recusado o episcopado, Teófilo foi visitá-lo e lhe aconselhou ceder e receber de suas mãos a ordenação. Nilamão desculpou-se repetidas vêzes, e, notando que não conseguia persuadir Teófilo, disse-lhe: amanhã, meu pai, fareis o que vos aprouver; permiti-me dispor hoje os meus negócios. Voltou Teófilo no dia seguinte, de acôrdo com o combinado, e pediu-lhe que abrisse a porta. Respondeu-lhe Nilamão: "Antes, oremos. Está bem, retrucou Teófilo, e pôs-se a orar. Assim se passou o dia. Teófilo e os que com êle se achavam fora da cela, após aguardarem longo tempo, chamaram Nilamão em voz alta. Nilamão não respondeu. Finalmente, tiradas as pedras, abriram a porta e

encontraram-no morto. Revestiram-no de traje valioso, enterraram-no à custa do tesouro público, ergueram uma igreja sôbre o seu túmulo e todos os anos lhe celebraram o dia da morte com grande solenidade. A Igreja o comemora no dia 6 de janeiro.

* * *

O BEM-AVENTURADO JOÃO DE RIBERA,

Arcebispo de Valência

O bem-aventurado João de Ribera, patriarca de Antioquia e arcebispo de Valência, nasceu em Sevilha, em 13 de março de 1532. Seu pai, dom Pedro de Ribera, duque de Alcalá, vice-rei de Nápoles, era profundamente religioso, e cuidava assìduamente da educação do filho. Queria, antes de tudo, fazer dêle um cristão instruído e fervoroso. O jovem João de Ribera correspondeu perfeitamente às virtuosas intenções de seu pai, e desde cedo demonstrou grande aptidão e muito zêlo pelo estudo e pelas ciências. Assim, foi enviado, desde a mais tenra idade, à universidade de Salamanca, depois à de Sevilha, que superava momentâneamente a primeira pelo mérito de alguns dos professôres. Voltou, entretanto, para terminar os estudos, a Salamanca, onde recebeu o grau de doutor na presença de um considerável número de jovens gentis-homens atraídos de diferentes partes da Espanha pela reputação do candidato.

João não era menos notável pela pureza dos costumes e pela sinceridade dos sentimentos religiosos que pelos progressos feitos nas ciências. Nem o

exemplo nem os sarcasmos dos libertinos, sempre numerosos nas escolas públicas onde os jovens ficam abandonados a si próprios, nem o ímpeto das suas próprias paixões e a inexperiência da sua idade conseguiram fazê-lo desviar-se dos deveres. Seu pai, assombrado e comovido com virtude tão firme e sólida em idade tão fraca e inconstante, viu-o com prazer dirigir os passos para o estado eclesiástico. Com a sua permissão, fêz João os seus estudos teológicos, e teve o prazer de receber o sacerdócio em 7 de maio de 1557.

Penetrado da santidade das funções ligadas ao santo estado que acabava de abraçar, houve-se com todo o zêlo e fervor de que era capaz. Era tão viva a sua fé, que freqüentemente lhe parecia ver Nosso Senhor Jesus Cristo presente no sacrifício da Eucaristia, como o tinham visto outrora os apóstolos conversando com êles na terra; assim, da celebração dos santos mistérios fazia as suas delícias. A sua devoção não cessou de tornar-se cada vez mais terna, cada vez mais viva, até a sua morte.

Já lhe tinha merecido a estima geral a reputação da sua ciência e piedade. Filipe II em breve o nomeou para o trono episcopal de Badajoz, vago naquela ocasião. João, por longo tempo, recusou aceitar um fardo que se lhe afigurava demasiadamente temível; foi preciso que o papa e seu próprio pai o obrigassem, de certo modo. Obedeceu-lhes, pois, embora com repugnância; mas enquanto se esforçava, pelo retiro e pela prece, por atrair as bênçãos do céu, foi simultâneamente nomeado patriarca de Antioquia *in partibus infidelium* pelo papa, e arcebispo de Valência pelo rei da Espanha.

Achava-se, então, a diocese de Valência em estado adequado a excitar o zêlo de pastor tão cheio de fé. Desde a expulsão definitiva dos mouros por Fernando, o Católico, em 1492, tinham ficado nas províncias possuídas por tão longo tempo pelos infiéis grande número de famílias muçulmanas às quais vários tratados garantiam o livre exercício do seu culto. Valência, sobretudo, contava diversas, nos seus muros. Eram até as mais ricas e poderosas da cidade: as ciências, as artes, a indústria, o comércio achavam-se quase inteiramente em suas mãos. É fácil perceber que a presença delas devia constituir para os cristãos fervorosos objeto de escândalo, e para os fracos um motivo de sedução. Freqüentemente, até, o ódio existente entre os dois povos ocasionava graves desordens. Por várias vêzes, havia-se tentado convertê-los ao cristianismo pela persuasão; mas tudo malograra, e o rei não ousava ou não queria recorrer à fôrça para os expulsar definitivamente do reino.

Foi em tais conjecturas que Filipe II tomou a determinação de confiar o govêrno espiritual da diocese de Valência a João de Ribera. O santo pontífice Pio V, que então ocupava o trono de São Pedro, aplaudiu a escolha do monarca. João foi o único que se queixou da transferência.

Mal chegou à sua diocese, ocupou-se da reforma dos abusos, e sobretudo da reparação dos males que a fé e a piedade enfrentavam com a presença dos infiéis. A pluralidade de mulheres, autorizada pela sua religião, a dissolução dos costumes, a opulência na qual viviam quase todos, e o hábito que tinham de fazer trabalhar os escravos no domingo, tudo introduzira entre os cristãos bastante frouxidão e

desordem. É difícil não se deixar arrastar por exemplos tão sedutores para as paixões.

Ribera opôs, primeiramente, à corrupção geral tudo quanto um zêlo prudente e iluminado lhe podia sugerir de mais eficaz. Esmolas, jejuns, macerações do corpo, preces, instruções, visitas pastorais, nada foi descuidado no interêsse da causa de Deus.

Vendo, porém, que só lograva fraquíssimos resultados, e julgando que a conversão de alguns sequazes de Mafoma à fé de Jesus Cristo não constituía suficiente compensação para os seus trabalhos, achou de que seriam necessárias rigorosas medidas para salvar a religião dos perigos com os quais a ameaçava a presença dos infiéis. Várias vêzes, pediu ao conselho supremo de Castilha a total expulsão dos mouros, sem conseguir obtê-la. Opunham-se razões de estado a tal necessidade. Mas João empregou tal perseverança e ardor, que Filipe III concedeu, finalmente, o que Filipe II havia sempre recusado; e o conselho de Castilha, após madura deliberação, emitiu, no mês de janeiro de 1610, um decreto ordenando a todos os mouros que saíssem das terras da Espanha, no prazo de trinta dias, sob pena de morte para os retardatários. A medida fêz sair da Espanha quase trezentos mil muçulmanos, cujas famílias lá viviam havia séculos. O arcebispo suavizou o destino dos exilados na medida em que lhe foi possível e com todos os meios sugeridos pela caridade. Teve assim o consôlo de ver grande número, comovido pela generosidade dos seus processos e pelo interêsse que lhe testemunhava, abjurar os seus erros obstinados e abraçar, finalmente, uma religião que até aquêle dia tinham repelido com horror.

Filipe III obrigou-o a aceitar, mau grado seu, o cargo de vice-rei da província de Valência; e o santo bispo cumpriu os difíceis deveres que o cargo lhe impunha, com raro espírito de justiça e moderação. A cidade de Valência deveu-lhe o estabelecimento de um magnífico colégio, chamado *Corpus Christi*, em cujo recinto se formaram várias personagens ilustres. Nêle encontravam sempre os pobres um pai, os infelizes um consolador, as viúvas e os órfãos um protetor, os fiéis da diocese um pastor cheio de ternura pelas ovelhas. Por assim dizer, a sua caridade abraçava a humanidade inteira. Quantas vêzes o não ouviram exclamar que quisera poder verter o sangue para a conversão dos judeus, dos hereges e dos idólatras! Apesar das suas inúmeras ocupações, consagrava várias horas do dia à prece e à meditação dos santos mistérios. Não é de admirar que o Senhor o tenha favorecido com o dom dos milagres e da profecia. Os historiadores atribuem-lhe várias profecias que fêz sôbre fatos importantes, e entre outras a do desastre da famosa expedição naval enviada por Filipe II contra a Inglaterra, que foi, como sabemos, sorvida pelas ondas.

Ribera, carregado de anos e de méritos, foi arrebatado da sua diocese e da cristandade em 6 de janeiro de 1611, com a idade de oitenta anos, após longa e penosa enfermidade. Os povos de tôda a Espanha lhe deploraram a perda, e acorreram ao seu túmulo para lhe implorar auxílio. Foi beatificado por Pio VI, em 30 de agôsto de 1796.

* * *

SÃO MELÂNIO (*)

Bispo e Confessor

Pouco se sabe sôbre São Melânio. Nascido em Platz, diocese de Vannes, na Bretanha, à morte de Santo Amando, sucedeu-lhe na sede de Rennes, embora a contragosto, tão humilde era, e desejoso de viver obscuramente. Foi assim que, para fugir de quando em quando, e entregar-se à solidão, à oração e à meditação, erigiu um oratório na cidade natal, onde faleceu, segundo consta, em 530.

São Melânio principiou a ser venerado e cultuado logo após o falecimento, e São Gregório de Tours afirma que uma basílica lhe foi construída, em Rennes, sôbre o túmulo, onde se operaram inúmeros prodígios.

* * *

SÃO PEDRO DOROVERNE (*)

Abade

Como São Justo, bispo de Rochester, que veremos a 10 de dezembro, São Pedro Doroverne foi um dos companheiros de Agostinho, que o papa Gregório, o Grande incumbiu de converter a Inglaterra.

Em fins do século VI, São Gregório enviou o padre Cândido às Gálias, expressamente para administrar os bens da Santa Sé, ao mesmo tempo que lhe ordenava comprar, com as rendas, escravos entre dezessete e dezoito anos. Assim, confiando-os aos mosteiros da Itália, para que se instruíssem na religião, empregá-los-ia, mais tarde, em trabalhos apostólicos, quais sejam os de converter a própria nação inteira. E São Gregório levava tão longe as atenções da caridade que ordenou que um padre acompanhasse, na viagem para Roma, os jovens, não acontecesse que algum ou alguns dêles sucumbissem sem ter recebido o batismo.

Chegados os moços inglêses a Roma, o santo pontífice enviou-os imediatamente a receber os necessários ensinamentos.

Escolhia São Gregório, pouco depois, o chefe da expedição apostólica: Agostinho, do mosteiro de Santo André de Roma, ao qual se associaram outros

monges, cuja virtude, sabedoria e habilidade eram sobejamente reconhecidas.

A expedição partiu em princípios de 596. E o missionário apostólico Agostinho, atravessando tôda a Gália, chegou a Grã-Bretanha, nas costas da província de Cant. Depois de muita luta e insanos trabalhos, estabeleceu sua sede episcopal na capital do reino, então chamada Doroverne, e depois Cantuária. Erigiu um mosteiro, perto de Cantuária, a oriente, onde, por sua solicitação, o rei Etelberto edificou uma igreja em honra dos apóstolos São Pedro e São Paulo. Estava destinada à sepultura de Agostinho e dos bispos de Doroverne, bem como dos reis de Cant.

O primeiro abade dêste mosteiro foi o padre Pedro, que, com Lourenço, seguiu para Roma, a prestar contas dos serviços então realizados por Agostinho. À morte dêste, sucedeu-lhe o padre Lourenço.

Pedro governou cuidadosamente a nova fundação com firmeza e bondade.

Um dia, de volta duma viagem que fizera às Gálias, onde fôra tratar de negócios, foi surpreendido por furiosa tempestade. Atirado ao mar, pereceu. Dias depois, acharam-lhe o corpo a boiar, e sepultaram-no, sem que soubessem de quem se tratava, como a um pobre desconhecido. E, um belo dia, o humilde túmulo que lhe haviam dado, apareceu todo aureolado de forte luminosidade. Desenterrado, transferiram-no para a igreja de Bolonha.

São Pedro Doroverne desapareceu em 608, e, em 1915, o papa Bento XV confirmou-lhe o culto.

* * *

SANTO ERMINOLDO (*)

Abade

Erminoldo consagrou-se a Deus no mosteiro de Hirsau, passando tôda a vida enclausurado. Foi abade de Lorsch, mas, temeroso de que a sua eleição tivesse sido irregular, abandonou o cargo e retornou a Hirsau.

Tempos depois, tendo o bispo de Bamberg fundado a abadia de Prufening, Erminoldo foi escolhido para a governar. Em 1114, era êle o prior da nova casa e, três anos depois, o abade.

Erminoldo era duma firmeza a tôda a prova. Quando Henrique V foi excomungado, decidiu, um dia, visitar a igreja do mosteiro, mas Erminoldo, ordenando que lhe fechassem tôdas as portas, interdisse-lhe o sagrado recinto.

Nosso Santo faleceu em 1121, e muitos milagres tiveram ocasião à beira do túmulo, o que veio confirmar sua santidade e humildade, o espírito de oração e o desvêlo que sempre tivera com a pobreza.

* * *

SÃO GUERINO (*)

Bispo e Confessor

Em 1138, o clero e o povo de Sion, em Valais, escolheram São Guerino para bispo. Humilde, quis recusar a dignidade, mas, instado pelos fiéis, e depois pelo papa Inocêncio II, consentiu.

Antes de ser elevado ao bispado, êste Santo nascido na Lorena, por volta de 1065, foi abade dos religiosos dos Alpes. Zeloso, observador das regras, todo espírito de sacrifício, São Guerino elevou o nome da abadia que governou com firmeza e doçura a um só tempo.

São Bernardo, que o visitou, mais tarde, numa carta datada de 1136, felicitava-o pela boa ordem da abadia, que florescia e prosperava material e moralmente.

Como bispo, embora já velho, trabalhou com afinco, desenvolvendo grande atividade para santificar a diocese. Saudoso do antigo mosteiro dos Alpes, todos os anos, para recuperar as fôrças perdidas e buscar a solidão, procurava os irmãos dos primeiros tempos. Numa dessas idas, lá adoeceu e morreu, em 1150.

São Guerino foi sepultado na igreja do mosteiro, onde uma multidão enorme foi prestar-lhe as derradeiras homenagens.

Durante a revolução francesa, os monges, em 1793, preocupados com as relíquias de São Guerino, depositaram-nas num relicário e confiaram-nas aos irmãos João José e João Francisco Favre. Em 1886, repousava o santo bispo em Lan de Avau. Consta que, em 1804, por ocasião duma transladação solene, uma jovem paralítica foi curada miraculosamente, fato que concorreu para que se devotasse maior culto ao Santo.

* * *

BEM-AVENTURADA GERTRUDES VAN OOSTEN (*)

Virgem

Gertrudes Van Oosten, ou Gertrudes do Oriente, nasceu em Voorburg, aldeia da Holanda. Êste *do Oriente* que lhe completa o nome, veio duma canção que costumava cantar todos os dias, cujo título era *O Dia Vem do Oriente*, que dedicava a Nosso Senhor, que era a Luz vinda do Oriente.

Filha de pais muito pobres, foi obrigada, menina ainda, a trabalhar para conseguir a subsistência e ajudar a manter a casa. Um dia, em Delft, para onde fôra, arranjou duas amiguinhas, pobres também, mas puras e tementes a Deus. Seguindo-as na prática de exercícios espirituais, acabou por se entregar inteiramente a Deus.

Gertrudes meditava, principalmente, sôbre a paixão de Jesus Cristo. E, do Salvador, conseguiu graças inúmeras.

Certa vez, na sexta-feira santa do ano de 1340, Gertrudes chorava diante do Senhor crucificado, repassando que estava todo o sofrimento do Filho de Deus feito homem. Eis senão quando, sentiu-se marcada com os estigmas da paixão, nas mãos, nos pés e no lado direito. Foi-lhe, então, impossível esconder

aquela graça recebida do Altíssimo. Curiosos, a todo transe, queriam ver-lhe o sangue que corria, das chagas abertas, a tal ponto que já não mais dispunha de tempo algum para se dedicar às práticas de todos os dias. Assim, e também porque se tornara medrosa de que algum sentimento de vaidade pudesse tomar-lhe a alma, rogou a Jesus que lhe fizesse desaparecer os estigmas, no que foi atendida. O sangue deixou de correr, ficando apenas os sinais das sagradas feridas.

Gertrudes, embora fraca, sempre levou vida austera, de grandes mortificações, fazendo penitência até o dia da morte, que ocorreu a 6 de janeiro de 1358, na festa da Epifania.

* * *

SÃO PEDRO TOMÉ (*)

Patriarca de Constantinopla

Mártir

São Pedro Tomé era natural duma aldeola do Perigord. Mantendo relações com os carmelos, foi admitido na ordem, fazendo o noviciado em Condom. Pela vida em fora, singularmente, levou vida religiosa mesclada à diplomática.

No colégio de Lectoure, foi professor de humanidades e lógica. Quando terminou o noviciado, professou na ordem que o acolhera, sendo, anos depois, ordenado padre. Em seguida, graduando-se em teologia, na Faculdade de Paris, novamente passou a lecionar.

Feito procurador-geral dos carmelos, transferiu-se para Avinhão, naquela altura, 1342, residência papal. Em meio à côrte pontifical, foi-se sobressaindo, até que, sendo nomeado legado do papa Inocêncio VI, foi a Gênova tratar de questões ligadas a Milão e Veneza.

Em 1353, como bispo, foi o representante de Inocêncio junto do imperador Carlos IV, que, em Milão, fôra coroado rei da Itália.

Mais tarde, vêmo-lo a negociar com os cismáticos, na Sérvia, em seguida em Constantinopla, tratando com os ortodoxos.

Anos depois, tornava São Pedro Tomé a Constantinopla como legado universal no Oriente. Passando por Chipre, inteirou-se de que o rei Pedro concebera uma cruzada mais contra os turcos, cruzada que a Santa Sé apoiava e encorajava.

Uma fôrça expedicionária partiu para atacar Alexandria, que se conseguiu capturar, mas tãosómente conservar por pouco tempo. Pedro Tomé, levando a cruz, numa arremetida do inimigo, recebeu ferimentos que, meses mais tarde, ser-lhe-iam fatais.

Com efeito, em Chipre, morria o Santo das feridas recebidas em combate. Imediatamente, inúmeros milagres vieram atestar-lhe a santidade.

São Pedro Tomé foi um dos maiores defensores da Imaculada Conceição, tendo escrito, a propósito, um tratado que intitulou *De purissima B. V. Mariae conceptione libellus.*

* * *

BEM-AVENTURADO CARLOS DE SEZZE (*)

Confessor

Carlos era um menino retraído. Os pais eram pobres, muito pobres, mas desejavam que o pequeno estudasse, para, futuramente, levar vida melhor e abraçar o sacerdócio. Com infinitos sacrifícios, matricularam-no numa escola de Sezze, sua terra natal.

O bem-aventurado Carlos fêz pouquíssimo progresso nos estudos. Diz-se que difìcilmente conseguiu aprender as primeiras letras. Assim, deixando os livros, juntou-se aos irmãos e aplicou-se ao amanho da terra.

Deus, que já lhe traçara o caminho, um caminho que o levaria à perfeição e à santidade, fê-lo adoecer gravemente, mas curou-o milagrosamente.

Foi durante a doença que Carlos, estirado no catre, principiou a se enveredar pelo bom caminho: o da contemplação; vagarosamente, mas com grande interêsse, leu a vida dos bem-aventurados mártires, daqueles que desassombradamente se entregaram a Cristo, e a vida dos santos que, na solidão, haviam vivido tão-sòmente para aquêle doce e meigo Jesus.

Passou o jovenzinho, desde aquela época, a receber constantemente os sacramentos da penitência

e da eucaristia. E o desejo duma vida mais santa dêle se foi apossando, com rapidez. Estava com sete anos e já suspirava por um modo de vida mais austero. Fêz, então, em honra de Nossa Senhora, voto de castidade.

Novamente são, voltou aos irmãos, ao trabalho do campo, mais quieto, mais compenetrado do que dantes, diferente. "Seria da doença?" perguntavam-se os familiares.

E os anos foram passando. Aos vinte, Carlos adoeceu novamente. E a gravidade era tal que, em meio a febre que o consumia, prometeu, caso recuperasse a saúde, abraçar a vida religiosa.

Feita a promessa, ràpidamente a febre baixou, a doença cedeu, e o bom Carlos viu-se curado. Cheio de alegria e de esperança, sem perda de tempo, procurou os franciscanos, agora desaconselhado pelos pais, e descoroçoado pelos irmãos e amigos. Nada, porém, deteve-lhe a determinação. Rezando fervorosamente, conseguiu vencer as barreiras tôdas que se lhe antepuseram. Foi assim que, pouco depois da segunda enfermidade, entrava o moço para o meio dos observantes de Naziano.

Quão maravilhosa é a graça de Deus, aquela graça que, penetrando num ignorante, o torna esclarecido e douto! E o homem sem letras, afastado do convívio dos livros, discute e expõe as mais difíceis questões. Foi o que aconteceu com Carlos, que fêz a admiração de muitos ao tratar os mais difíceis pontos de teologia. O papa mesmo, então Clemente IX, recorria a Carlos, buscando-lhe o conselho.

Depois do noviciado, o jovem foi admitido na profissão, e adotou o nome de Carlos de Sezze.

Pertencendo agora inteiramente a Deus, observava santamente os votos todos. E, pelos irmãos da comunidade, era venerado.

Um dia, vivamente, tomou-o o desejo de se fazer às regiões bárbaras. Queria morrer, dar o sangue pela fé, conquistar novas almas para Nosso Senhor. É que muitos irmãos se preparavam para embarcar para a Índia, e aquilo lhe mexia com o zêlo. Contudo, Deus, que o queria para outras coisas, enviou-lhe terceira grave doença. E uma febre violenta quase o levou.

Em meio à convalescença, partiu para Roma, para novos ares. E, compreendendo que o Senhor não lhe permitira embarcar, para que destarte pudesse satisfazer o desejo ardente de morrer pela fé, submeteu-se, apagou o fogo do desejo — e aquilo foi, para Carlos, um motivo a mais para receber de Deus novos e maiores favores. Quem assim, por Deus, morria para si mesmo, merecia morrer para o céu. Nova doença, mas desta vez prolongada e aflitiva, que lhe pôs à prova a paciência, levou-o do século, em 1670, no dia 6 de janeiro.

SÃO RAIMUNDO DE PENHAFORTE

Nasceu no ano de 1175, no castelo de Penhaforte, na Catalunha. Seus pais, senhores do lugar, originavam-se dos antigos condes de Barcelona, e eram aliados do rei de Aragão. Jovem ainda, São Raimundo estudou tão bem que, desde a idade de vinte anos, ensinou as artes liberais, ou filosofia, em Barcelona, o que, aliás, fazia gratuitamente. Dedicava-se a formar os corações mais ainda que os espíritos; daí, o zêlo que inspirava sólida piedade em todos os discípulos. O tempo que conseguia furtar aos misteres do seu estado, empregava-o em socorrer os infelizes e pôr côbro às divergências nascidas entre os seus concidadãos. Assim, vê-se nos arquivos da igreja de Barcelona um tratado de ajustamento, feito no ano de 1204, entre dois cônegos, pela mediação de Raimundo de Penhaforte. Pelos trinta anos de idade, foi à universidade de Bolonha, e estudou direito canônico e direito civil com tal êxito que logrou o doutorado em ambos. Professou lá o direito canônico com o mesmo brilho mas com o mesmo desapêgo com o qual professara filosofia na Espanha. Entretanto, o senado de Bolonha quis destinar-lhe uma pensão tirada dos cofres públicos. Raimundo, apesar de não carecer do auxílio, aceitou-o para distribuí-la aos pobres, após ceder o dízimo ao seu cura.

As qualidades e virtudes do piedoso doutor o faziam um dos mais belos ornamentos da famosa escola, e a reputação já se lhe divulgara nos países afastados, quando o bispo de Barcelona, Beranger, décimo-quarto do nome, regressando de Roma, passou por Bolonha, em 1219. O fito do prelado era obter de São Domingos alguns dos seus discípulos, e rogar a Raimundo de Penhaforte voltasse com êle à Catalunha. Os obstáculos que se lhe antepuseram de início não puderam detê-lo. Redobrou os rogos e súplicas. O santo patriarca, a quem a Providência enviava todos os dias novos súditos, pôde, em breve, satisfazê-lo. Mas o professor, já acostumado a santificar o trabalho pela caridade, não parecia absolutamente disposto a deixar um país no qual trabalhava com tamanha utilidade. A fim de atacá-lo por lugar que só lhe podia ser sensível, mostrou-lhe o bispo as necessidades da igreja de Barcelona, a particular obrigação em que êle estava de se não recusar à pátria, e o perigo que devia temer de afastar-se do caminho de Deus, seguindo apenas a sua própria vontade. Finalmente, mostrou-lhe até o brilho da reputação que lhe atraía tão grandes aplausos e que não podia deixar de lhe multiplicar as ocupações, se desejasse responder a tôdas as pessoas que o consultavam. Por fim, Raimundo deixou-se persuadir. Alguns autores dizem que, a pedido do bispo, o papa Honório III acrescentou a sua ordem, obrigando o servidor de Deus a ir à Espanha e lá cuidar da educação do jovem rei de Aragão, Jaime I, como fôra estipulado da assembléia nacional de Lerida.

Entretanto, não foi à educação do príncipe, mas ao serviço dos altares que Raimundo quis dedicar-se,

a princípio. Munido de um canonicato, e logo depois da dignidade de arquidiácono, na igreja de Barcelona, tornou-se modêlo dos santos ministros pela inocência de vida, pela regularidade e exatidão em todos os misteres. Novas rendas lhe permitiram aumentar as liberalidades com os pobres, a quem chamava seus credores. E o zêlo da casa de Deus, que o devorava, o levava a se aproveitar de tôdas as ocasiões para que o serviço divino fôsse desempenhado com mais decência e majestade. A festa da Anunciação era, então, bastante descuidada nas igrejas da Espanha: a de Barcelona figurava entre elas. Contudo, pelas suas piedosas importunidades, conseguiu finalmente o santo cônego do bispo e do capítulo que a grande festa fôsse celebrada com ofício solene. Uma parte das suas rendas foi consagrada a tal fundação, e em proveito dos cônegos da catedral, que deviam dar exemplo a todos os eclesiásticos da diocese.

Pronto sempre a partilhar o seu com o indigente e a comunicar as suas luzes a todos quantos iam consultá-lo, Raimundo de Penhaforte não se recusava a ninguém, e fazia-se amar de todos. Era conhecido o seu nome, e geralmente respeitado o seu mérito, quer pelos grandes, quer pelos pequenos. A sua terna piedade, a modéstia exemplar e uma caridade sem limites tinham causado impressão nos espíritos e nos corações. O brilho das suas virtudes contribuiu mais para a reforma do capítulo que tôda a autoridade de que havia sido revestido pelo bispo. Mas o desejo de levar uma vida mais perfeita, mais penitente e menos exposta aos olhos dos homens, cujos louvores temia, o impelia a mudar de estado. Professor em Bolonha, testemunhara as grandes virtudes de São

Domingos e os milagres que Deus, por êle, realizava. Via então com o mesmo prazer a vida inteiramente angélica dos seus primeiros discípulos estabelecidos, havia pouco, em Barcelona. Ouvindo a voz de Deus que o chamava ao retiro para o preparar ao apostolado, resolveu tornar-se imitador e irmão daqueles a quem não podia deixar de imitar. Pediu com humildade o hábito de religioso, e recebeu-o numa sexta-feira santa, primeiro dia de abril do ano de 1222, oito meses depois da morte do santo fundador.

O seu exemplo atraiu para a mesma ordem várias ilustres personagens, ainda menos ilustres pela riqueza e pelo nascimento do que pela doutrina. Figuraram entre elas Pedro Ruber, que o havia acompanhado a Bolonha, Raimundo de Rosannes, cantor da igreja de Barcelona, e outros piedosos eclesiásticos cuja vocação e cujos talentos deram novo brilho à ordem de São Domingos em tôda a Catalunha. Nada edificava mais que a profunda humildade e a simplicidade verdadeiramente evangélica do novo religioso. Tinha quarenta e sete anos, e ninguém jamais o viu menos submisso que o mais jovem dos noviços, nem menos ardente em abraçar todos os meios de progredir na prática das virtudes cristãs. O novo estado de vida foi para êle uma renovação de fervor e uma escola de perfeição.

Para tornar-se semelhante ao grande modêlo de todos os santos, imitando a humildade e a obediência do Homem-Deus, quis em tudo depender das luzes de um diretor. E foi com a mais perfeita abnegação de si próprio que estabeleceu o fundamento da elevada santidade que constituía o objeto dos seus desejos. As graças que recebia na oração aumentaram

sempre nêle o desejo de se mortificar e tornar-se útil ao próximo. Os superiores valeram-se sàbiamente de tais disposições para fazer frutificar as suas qualidades. Havia êle rogado que lhe impusessem uma severa penitência, para expiar, dizia, as vãs complacências que tivera, ensinando no mundo. Ordenaram-lhe compusesse nesse espírito uma Suma dos casos de consciências, para comodidade dos confessores. Raimundo empreendeu o trabalho, e executou-o com a exatidão que se admira com tanto mais motivo por ter trabalhado sem modêlo; a sua obra, igualmente útil aos penitentes e necessária aos diretores, segundo a expressão do papa Clemente VIII, era a primeira vista em tal gênero. O autor, ali, resolve tôdas as dificuldades, e decide os casos, quase sempre pela autoridade da Escritura santa e dos cânones, ou pela doutrina dos Padres e decretos dos papas, raramente pelas suas luzes particulares.

O zêlo da salvação das almas não lhe permitiu limitar-se a orar e escrever. Devia começar pela oração e pelo retiro. A obediência colocou-lhe a pena na mão. Mas a uma ocupação tão santa e já tão útil ao próximo acrescentou em breve as demais funções da vida apostólica, e a tôdas realizou com o êxito que se podia esperar das suas santas disposições. Instruir os fiéis pelo ministério da palavra; atrair os pecadores à penitência, e reconciliá-los no sagrado tribunal; apoiar os homens de bem, consolá-los nas suas dores, arranjar aos pobres as esmolas e os auxílios dos ricos, trabalhar sem esmorecer para conversão dos hereges, dos judeus e maometanos, ainda mesclados aos cristãos, ou pô-los fora de condição de continuar a corromper a fé e os costumes dos fiéis;

fazer, enfim, trabalhar o seu prestígio com os reis e príncipes para a glória da Igreja e o alívio dos povos; tais foram as ocupações de São Raimundo de Penhaforte, desde o dia da sua profissão religiosa até o da morte, isto é, durante cinqüenta ou cinqüenta e dois anos, pois viveu quase um século (1).

O que lhe não era dado fazer por si próprio, fazia-o freqüentemente pelo ministério dos que o tinham escolhido para lhes servir de guia no caminho do céu. Entre os seus penitentes, havia dois, sobretudo, de caráter bastante distinto: o rei de Aragão, Tiago I, cognominado o Conquistador, e o ilustre Pedro de Nolasco, francês de nacionalidade, e fundador da ordem da Graça para a redenção dos cativos. Veremos a seguir o que fêz São Raimundo para levar o primeiro a dominar as paixões e empregar a autoridade real na propagação e defesa da fé cristã. E a caridade de Jesus Cristo, que o impelia, o tornou uma espécie de cooperador do segundo na sua obra de misericórdia.

São Raimundo de Penhaforte foi empregado pelo papa Gregório IX no preparo da coleção das suas decretais. Tendo sido eleito geral dos irmãos Pregadores, após a morte do bem-aventurado Jordão, conseguiu que o desincumbissem da missão ao cabo de dois anos, no vigésimo capítulo geral realizado em Bolonha, no ano de 1240. Como o devorasse cada vez mais o zêlo da salvação das almas, retomou as funções do sagrado ministério. O fim único de todos os seus pensamentos era lograr novas conquistas para

(1) Vita S. Raymond., Acta SS., 7 jan. **Hist. des hommes illustres de l'ordre de S. Dominiq.,** t I.

Jesus Cristo, sobretudo entre os sarracenos. Foi com o intuito de facilitar a conversão de tais infiéis, que levou São Tomás a escrever o seu tratado contra o gentio, que introduziu o estudo do árabe e do hebraico nos vários conventos da sua ordem, e que fêz fundar dois entre os mouros, um em Túnis, em Múrcia o outro. Todos êsses meios reunidos produziram efeitos tão felizes que em 1256 o santo escrevia ao seu geral haverem recebido o batismo dez mil sarracenos.

A viagem que Raimundo empreendeu a Maiorca, com o rei Tiago de Aragão, proporcionou-lhe oportunidade para firmar a igreja fundada havia pouco naquela ilha. O rei Tiago ou Jaime era homem de guerra e hábil político. Apesar da docilidade com a qual ouvia os conselhos do santo sôbre os seus desregramentos, apesar das lindas promessas de mudar de vida, não tinha ânimo para vencer o seu infeliz pendor. Tendo-se alastrado a notícia de que mantinha relações ilícitas com uma dama da côrte, Raimundo instou com êle para que a repelisse; o rei o prometeu, mas não manteve a palavra. O santo, descontente com a demora, solicitou permissão para regressar a Barcelona; o rei recusou-lha, e proibiu-lhe, sob pena de morte, de embarcar. Raimundo, confiante em Deus, disse ao companheiro: "Um rei da terra nos cerra a passagem; mas o rei do céu resolverá a questão." Não falhou a esperança; com a loucura de Elias e Eliseu, estendeu o manto sôbre as vagas e atravessou, dessa maneira, sessenta léguas de mar; o milagre foi descrito, entre outros, na bula de canonização. O rei, informado do que se havia passado, voltou a si e seguiu com mais fidelidade os

avisos do santo, quer para a direção da consciência, quer para o govêrno do reino.

Entretanto, Raimundo, sentindo que o fim se lhe aproximava, preparou-se redobrando o fervor, consagrando os dias e as noites aos exercícios da penitência e da prece. Durante a derradeira enfermidade, os reis de Castela e Aragão visitaram-no com a côrte, e houveram-se por felizes com a sua bênção. Finalmente, morreu no centésimo ano de vida, em 7 de janeiro de 1275, após receber os sacramentos da Igreja. Os dois reis assistiram ao funeral, com os príncipes e princesas do sangue. Realizou-se à beira do túmulo um grande número de milagres, vários dos quais descritos na bula de canonização, por Clemente VIII, em 1601. Clemente X fixou a festa de São Raimundo em 23 de janeiro (1).

* * *

No mesmo dia Epifania do Senhor. Na Baviera, Santa Wiltrude, viúva, falecida em 986, espôsa de Bertoldo, duque da Baviera. Morto o marido, deixou o mundo, fazendo-se religiosa. Foi a primeira abadessa duma comunidade de beneditinas que fundou perto de Nuremberga.

Na diocese de Arras, o bem-aventurado Frederico de Saint-Vaast, morto em 1020, filho de Godofredo, Conde de Verdun.

No território de Reims, martírio de Santa Magra, virgem, que, durante a perseguição de Diocleciano, foi atirada ao fogo por ordem do presidente Rictiovare; tendo, porém, saído tal qual entrara, cortaram-lhe os seios, e encerraram-na em medonha prisão; em seguida, tendo sido rolada sôbre cacos

---

(1) **Acta SS.**, 6 jan. Godescard, 23 de janeiro.

pontudos e carvões ardentes, morreu, orando a Deus. — Na África, celebração de vários santos mártires, amarrados a postes e comidos pelo fogo, durante a perseguição de Severo. — Em Florença, Santo André Corsini, carmelita, da ilustre família dos Corsinis, bispo de Fiesoli, célebre pelos milagres; foi incluído entre os santos pelo papa Urbano VIII; celebra-se-lhe a festa no quarto dia de fevereiro.

7.º DIA DE JANEIRO

SÃO LUCIANO

Sacerdote e Mártir

São Luciano, sacerdote de Antioquia sofreu o martírio sob a perseguição de Maximino Daia, no ano de 312. Era varão austero na vida, sapientíssimo e muito eloqüente. Fêz uma edição da Santa Escritura, ou antes uma correção dos Setenta, segundo os melhores exemplares, de sorte que havia três edições famosas: a do Egito, feita por Hesíquio; a da Palestina, pelo mártir Panfilo; a de Antioquia, pelo mártir Luciano. Alguns autores compreenderam mal a propósito de São Luciano, sacerdote e mártir, o que Santo Alexandre de Alexandria disse de um tal Luciano, a quem não chama nem mártir nem sacerdote, isto



Maximino II, imperador romano.

é: que seguia os sentimentos de Paulo de Samosata, e que ficou separado da comunhão sob três bispos, pois os antigos que falam de São Luciano de Antioquia, como Eusébio e São Jerônimo, não dizem a respeito uma palavra sequer, e supõem, ao contrário, que viveu sempre na comunhão da Igreja e nela morreu. Há mais, ainda: temos de São Luciano, sacerdote e mártir, símbolo erguido contra o sabelianismo, vinte ou trinta anos antes do concílio de Nicéia, e que, salvo a palavra consubstancial, que ali se não encontra, professa a divindade de Jesus Cristo tão claramente como o próprio concílio. Diz-se:

"Segundo a tradição do Evangelho e dos apóstolos, cremos num só Deus, Pai todo-poderoso, criador de tôdas as coisas, e num só Senhor Jesus Cristo, seu Filho único, Deus, por quem tudo está feito; que foi gerado pelo Pai antes de todos os séculos, Deus de Deus; tudo de tudo, único de um único, perfeito de perfeito, rei de rei, senhor de senhor; Verbo vivo, sabedoria, vida, luz verdadeira, caminho, verdade, ressurreição, pastor, porta imutável e inalterável; imagem perfeitamente semelhante da divindade, da essência, do poder, da vontade e da glória do Pai; primogênito de tôda criatura, que estava no começo em Deus, Verbo-Deus, como está dito no Evangelho: E o Verbo era Deus; por quem foram feitas tôdas as coisas, e em que subsistem tôdas as coisas; que nos últimos dias desceu do alto, nasceu de uma virgem, segundo as Escrituras, e se fêz homem (1)".

---

(1) Bullus e dom Cellier.

SÃO NICETAS

Bispo dos Dácios

Entre os poemas de São Paulino, há um, importantíssimo, relativo a São Nicetas, bispo dos dácios, que chegou a Nola em 397, e lá celebrou a festa de São Félix. Paulino canta com amor a sua virtude e doutrina, admiradas pelos próprios romanos. Com os seus votos, acompanha-o no mar Adriático. Embarcando em Tarento, no meio dos cantos cristãos de vários grupos de irmãos e de irmãs virgens, o próprio Nicetas entoará no barco os salmos de Davi, os nautas continuarão com júbilo, e as enormes baleias ouvirão com espanto responder *Amen*. Desembarcando nas costas da Macedônia, atravessará os campos de Filipe, a própria cidade de Tomi, até que chegue à cidade natal, onde será recebido com alegria pela numerosa multidão de irmãos. O júbilo comunica-se repentinamente às frias regiões da cercania, pois foi dado a Nicetas cumprir o que anunciaram os profetas: mudar o lôbo em ovelha, e fazer comer juntos o boi e o leão. Ouvindo-lhe a voz, esquece-se o cita da ferocidade, acorrem os getas e os dácios. Os bessas, até então indomáveis na guerra e rebeldes a qualquer servidão, rejubilam-se de obedecer ao verdadeiro Senhor. O ouro, que outrora amontoavam nos veios do monte Hemus, transportam-no ao céu. As mon-

tanhas, que com o seu banditismo infestavam, protegem-nas hoje, povoadas de monges. Mais de um, transformado de animal feroz em anjo, santifica hoje, piedoso e justo, o próprio antro que outrora, ladrão, ensangüentava. Todos êsses bárbaros aprendem a cantar a Cristo, e chamam a Nicetas pai (1). Quatro anos depois, Nicetas voltou ainda a Nola para a festa de São Félix. Paulino, que lhe chama pai e mestre, o recebeu com alegria ainda maior por não esperar revê-lo, pois se falava de guerra e de movimentos entre os godos (2).

Até agora não se está de acôrdo sôbre se São Nicetas, bispo dos dácios, e cantado por São Paulino, é, ou não, o mesmo que São Nicetas, bispo de Aquiléia, de quem descobriu o cardeal Mai vários escritos (3). O primeiro, intitulado *Razão da fé*, é uma breve justificação do símbolo de Nicéia sôbre a divindade do Verbo, contra a heresia ariana, que então atacava a fé católica. Nesse opúsculo, bem como nos outros, São Nicetas cita a Santa Escritura, não segundo a versão Vulgata de São Jerônimo, mas segundo a antiga versão itálica. O segundo escrito, mais longo, trata *da potência ou pessoa do Espírito Santo,* contra os macedônios, cujas interrogações capciosas e sofismas assinala aos fiéis. São Nicetas prova pelo Velho e pelo Novo Testamento que o Espírito Santo é Deus, que procede do Pai, que é um mesmo Deus com o Pai e o Filho, e deve ser adorado com o mesmo culto. Segue-se uma breve explicação dos diversos nomes dados pela Escritura a Nosso Senhor Jesus

(1) Paulino: Poema 17.

(2) Poema 27.

(3) Mai, **Scriptor., veter.**, t. VII, p. 314 e 340.

Cristo. Na explicação do símbolo, dirigida aos neófitos, que em breve receberiam o batismo, São Nicetas de Aquiléia diz, entre outras coisas: "Após a confissão da bem-aventurada Trindade, professais crer na santa Igreja católica. A Igreja, que é, senão a congregação de todos os santos? Desde o comêço do mundo, quer os patriarcas, quer Abraão, Isaac e Jacó, quer os profetas, quer os apóstolos, quer os mártires, quer os demais justos do passado, do presente, do futuro, todos constituem uma mesma Igreja, porque, santificados por uma mesma fé e um mesmo procedimento, marcados ou selados com o mesmo espírito, tornaram-se um mesmo corpo, corpo do qual é Cristo a cabeça, como está ensinado e escrito. Digo mais: até os anjos, até as virtudes e as potestades superiores se confederam nessa única e mesma Igreja, pois tôdas as coisas se reconciliaram em Cristo, não sòmente as coisas que estão na terra, senão também as que estão no céu. Crêde, pois, que nesta única e mesma Igreja, obtereis a comunhão dos santos. Sabei que esta Igreja única é a Igreja católica estabelecida em tôda a terra. Deveis reter-lhe firmemente a comunhão, pois há também outras igrejas falsas. Não tenhais nada em comum com elas, que são as dos maniqueus, catafrígios, marcionitas, ou finalmente outros hereges ou cismáticos. Tais igrejas cessaram de ser santas, visto que, iludidas pelas doutrinas dos demônios, crêem diversamente, agem diversamente do que ordenou Jesus e do que não ensinaram os apóstolos pela tradição.

São Nicetas termina com estas palavras: "Sendo assim, ficai no que aprendestes e vos foi transmitido. Mantende sempre o pacto que fizeste com o Senhor, isto é, o símbolo que confessais diante dos anjos e

dos homens. Há poucas palavras, mas contém todos os mistérios. É um resumo de tôdas as Escrituras, uma espécie de coroa de preciosas pérolas, a fim de que, não sabendo vários fiéis ler, e não podendo os que sabem ler as Escrituras, em virtude das suas ocupações seculares, tenham, entretanto, todos um conhecimento suficiente da salvação. Finalmente, nossos bem amados, quer descanseis, quer trabalheis, quer durmais, quer vigieis, repassai tão salutar conferência no coração; seja o vosso espírito sempre no céu, a vossa esperança na ressurreição, o vosso desejo na promessa. Trazei sempre diante de vós, com confiança, a cruz de Cristo e sua gloriosa paixão. E tôdas as vêzes em que o inimigo vos perturbe a alma com o temor, a avareza ou a cólera, respondei-lhe com ameaça: "Renunciei e renuncio a ti, e às tuas obras, e aos teus anjos, pois cri no Deus vivente, e em Cristo; marcado pelo seu espírito, aprendi a nem sequer temer a morte. Dêsse modo a mão de Deus vos defenderá, o Espírito de Cristo conservará na santidade a vossa entrada na Igreja, desde agora e para sempre."

* * *

SÃO REINALDO (*)

Mártir

A família de São Reinaldo foi famosamente belicosa, e o Santo, um dos mais pacatos membros, ingressando no mosteiro de São Pantaleão, em Colônia, ali professou por pouco tempo. Designado para superintender as obras do mosteiro, tornou-se alvo da antipatia dos operários, principalmente dos cortadores de pedra. Homens, todos êles, de maus instintos, concertaram um plano: matariam o superintendente e lhe esconderiam o corpo.

Um dia, quando São Reinaldo passeava às margens do Reno, avançaram para êle e, a marteladas assassinaram-no e atiraram com êle num charco, nas proximidades do grande rio. Era pelo ano de 960.

Os irmãos do mosteiro procuraram-no, em vão, por muito tempo. Ora, uma mulher, que vivia nas imediações, jazia enfêrma, de longa data, e muito sofria. Certa noite, teve um sonho singular: viu num pântano, que reconheceu ser aquêle próximo ao rio, um corpo estendido, morto, e uma voz que lhe dizia:

— Se me transportares daqui para o mosteiro, ver-te-ás curada do mal que te aflige e suspiras por ver debelado.

Nem bem amanhecera, a doente referiu no mosteiro a visão que tivera a noite passada, e o corpo de São Reinaldo foi descoberto e honrosamente sepultado.

* * *

BEM-AVENTURADO WITIKIND (*)

Confessor

Witikind, duque de Westfália, pagão, foi um obstinado inimigo de Carlos Magno, e lutou, acirradamente, pela independência de seu povo. Afinal, vencido pelo grande imperador, depois de peripécias sem fim, submeteu-se, consentiu em ser instruído pelo vencedor e batizado. Carlos Magno mesmo serviu-lhe de padrinho.

Por outro lado, a dar crédito à lenda, o motivo que levou o duque de Westfália à conversão é o seguinte. Era numa das fases mais agudas da luta com o imperador. Witikind, à noite, numa trégua, concebeu a idéia de, disfarçado, entrar nas hostes inimigas e assim se inteirar de todos os movimentos adversos.

Como mendigo, de madrugada, entremeteu-se na linha que o hostilizava, justamente na hora em que se rezava a santa missa. E Witikind viu um belíssimo menino, todo de branco, quando o padre principiou a distribuir a comunhão. Reconhecendo no pequeno o Senhor, ardentemente desejou instruir-se nos mistérios da fé.

São Witikind trabalhou, cheio de zêlo e infatigàvelmente, para encaminhar os infiéis ao verdadeiro

Deus e reedificar as igrejas tôdas que havia, quando pagão, raivosamente destruído, erigindo várias outras, novas.

Em 804, em uma guerra contra os suevos, faleceu em combate.

* * *

SÃO TILLON (*)

Confessor

São Tillon, ou Hillon, nasceu na Saxônia, de pais pagãos. Quando menino, raptaram-no da casa paterna e venderam-no como escravo.

Era na época em que Santo Elói principiava a obter fama, na côrte do rei Clotário II, como ourives, conforme se verá no dia 1.º de dezembro. Tillon foi comprado por Santo Elói. O futuro bispo de Noyon, vendo-o, e nêle adivinhando uma natureza dócil e conformada, entregou-o aos cuidados dos monges de Solignac, em Limousin.

Tillon, alegre e agradecido, dedicou-se de corpo e alma aos estudos, fazendo rápidos progressos nas ciências, ao mesmo tempo que ia crescendo em virtude.

Santo Elói, por um trabalho que fizera ao rei, de ourivesaria, firmava-se definitivamente no conceito de Clotário. Destarte, lembrando-se de Tillon, fê-lo vir a Paris, transmitindo-lhe a arte que tanta reputação lhe ia proporcionando.

Feito bispo de Noyon e Tournai, ordenou o protegido, que se dava à oração e à penitência, mesmo quando a trabalhar. Uma vez sacerdote, Santo Elói enviou-o à Saxônia, em missão apostólica, e Tillon sempre reconhecido, ali ficou a trabalhar até a morte

do santo bispo, quando, então, regressou a Solignac e passou a viver recolhido. E o povo, sabedor da santidade, da simplicidade e doçura de Tillon, acorria a ouvir, da voz calma e compassada do Santo, palavras de consolação e edificação.

Tanta solicitude e tanta humildade foram recompensadas por Deus. E viu-se o Santo a operar milagres.

Pouco antes de morrer, passava já dos noventa anos, sucedeu um fato prodigioso. Sentindo-se nos últimos instantes, enviou Tillon alguns monges em busca do bispo de Limoges, pois desejava daquele santo prelado receber os derradeiros sacramentos. Ora, quando os enviados de Tillon chegaram à procura do bom bispo, jazia êle gravemente enfêrmo, impossibilitado de deixar o leito. Tristemente, inteirando os monges da situação em que se encontrava, viu-se, de repente, completamente bom, em tôda a antiga saúde: assim, de modo miraculoso, pôde deixar o quarto de doente e atender o apêlo do santo moribundo. Era em 702, e o pequeno ex-escravo, agora venerabilíssimo ancião, era solenemente sepultado na cripta da igreja de Solignac.

Em Flandres, Auvergne e Limousin há igrejas sob a invocação de São Tillon.

* * *

BEM-AVENTURADO VITAL (*)

Abade de Savigny

Vital foi um menino meigo, suave e virtuoso. Na escola, por tanta virtude, os colegas, compenetradamente, chamavam-no de o *Abadinho*. Quando cresceu e fêz-se adulto, o *Abadinho* tornou-se verdadeiro abade, o abade de Savigny, vivendo sob as regras de São Bento.

Vital desejava levar vida solitária. Quando resolveu deixar a pátria, o Conde de Mortain solicitou-o para ser capelão, ligando-o a si, mas o bem-aventurado, em quem fortemente pulsava um coração que suspirava cada vez mais pela solidão, e só, acabou, dentro de pouco tempo, embrenhando-se no deserto de Dompierre, na diocese de Séez.

Não demorou muito tempo para que um grupo de discípulos viesse imitar-lhe o gênero de vida, conhecedores da santidade, do espírito de caridade do bem-aventurado Vital, sabedores das conversões que realizara pelos arredores, cujo centro era o eremitério de São Guilherme.

Um dia, Raul de Fougères mandou chamá-lo. Desejava conhecê-lo, uma vez que de há muito ouvia referências sempre elogiosas a seu respeito. E tanto se agradou com aquela personalidade, que resolveu presenteá-lo.

Melhor presente não se poderia fazer àquela grande alma que só vivia para o Senhor: recebendo uma parte da floresta de Savigny, como doação, para que nela erigisse um mosteiro, Vital, alegre e reconhecido, logo principiou a obra, trabalhando com afinco. E o mosteiro, a pouco e pouco, foi surgindo. Debaixo das regras de São Bento, impondo-lhe austeras constituições, o bem-aventurado viu concluída a primeira fase de lutas. E a abadia, alguns anos mais tarde, desenvolvia-se magnìficamente, tanto que se estendeu para a Inglaterra e passou à Irlanda.

Vital morreu batalhando para o desenvolvimento de sua obra a 16 de setembro de 1122. Os monges de Savigny sepultaram-lhe o corpo numa capela da igreja abacial, quando, então, muitos milagres foram obrados pelo Altíssimo, que assim mostrava aos homens o quão santa e pura fôra aquela alma que acabava de chamar para lhe compartilhar da glória.

* * *

SANTO ALDRICO (*)

Bispo e Confessor

Santo Aldrico foi nomeado bispo de Mans em 832, e a 22 de dezembro do mesmo ano era consagrado pelo arcebispo de Tours.

Nascido em 800, Aldrico, aos doze anos, era enviado pelo pai para a côrte de Carlos Magno, com boas recomendações ao príncipe Luís, o Piedoso. Jovem aplicado e virtuoso, logo conquistou os corações todos. A côrte, porém, não o seduzia, e o desejo que acalentava era o de viver retirado, consagrado a Deus, para o que, buscando luzes que lhe alumiasse o caminho que devia tomar, passava grande parte das noites em ferventes orações.

Aos 21 anos, depois de muito refletir, decidiu-se por Metz, e ingressou no clero, quando então governava a diocese o bispo Gondulfo. Assim, dêste bispo, recebeu a tonsura.

Elevado ao sacerdócio, foi encarregado, sucessivamente, de várias responsabilidades, a última das quais foi, antes de se tornar bispo, a de inspetor de todo o clero e mosteiros da diocese. Foi nesta época que o imperador Luís, o Bondoso, solicitando-lhe os préstimos, fê-lo seu primeiro capelão e confessor.

Aos 32 anos estava alçado ao episcopado, ao qual se entregou de corpo e alma, todo humildade, paciên-

cia e caridade, por vinte e três anos. Neste espaço de tempo, severo consigo mesmo, doce e condescendente para com os outros, trabalhou pelo progresso do rebanho sem esmorecimento. Ajudou a pobreza, que o adorava, resgatou cativos e erigiu vários mosteiros, entre os quais o de São Martinho.

Com a morte de Luís, o Bondoso, guerras civis vieram-lhe perturbar a paz. O Maine viu-se em polvorosa. Os monges de São Calais, com os quais Aldrico tivera que sustentar mais de um processo sôbre os direitos da abadia em que viviam, apoiando o inimigo de Carlos, o Calvo, concorreram para que o santo bispo fôsse banido da cidade.

Passando por várias vicissitudes, Santo Aldrico, em 855, era atacado de paralisia, que já se havia manifestado, de modo brando, em 53, o que o impedira de tomar parte no concílio de Soisson. A doença, o cansaço, as provas tôdas que lhe enviou o Senhor não o descoroçoaram. Pelo contrário: orando sempre, fervorosamente, tudo fêz para servir a Deus com tôdas as fôrças que lhe restavam.

Afinal, a 24 de março de 856, faleceu, sendo sepultado na igreja de São Vicente, onde se encontram, até hoje, suas relíquias.

* * *

No mesmo dia, a volta do Egito do Menino Jesus.

Na Escócia, Santa Kentigerne, viúva, filha de Kelly, príncipe de Leicester, que, na Irlanda, desposou Feradach, também príncipe irlandês. Mãe do abade Fillan, depois da morte do marido, passou para a

Escócia e consagrou-se a Deus, vivendo, então, em grande austeridade.

Em Sens, Santo Anastácio, bispo e confessor. Sucessor de Arquibaldo na Sé daquela cidade.

Na Itália, o bem-aventurado Alberto de Siena, discípulo de Guilherme de Malaval, fundador da congregação dos guilhermistas.

No Tirol, São Valentino, bispo e confessor, cujos restos se encontram em Passau.

No mesmo dia, em Antioquia, São Cleros, diácono, submetido sete vêzes à tortura, mantido por longo tempo em estreita prisão, pela defesa da verdade; finalmente, com a cabeça cortada, terminou o martírio. — Em Heracléia, os santos Félix e Januário, mártires. — No mesmo dia, São Julião, mártir. — Na Dinamarca, São Canuto, rei e mártir, cuja festa se celebra no dia dezenove dêste. — Em Pavia, São Crispim, bispo e confessor. — No Egito, São Teodoro, monge, que brilhou pela santidade, na época de Constantino, o Grande, e de quem falou Santo Atanásio na vida de Santo Antônio.

8.º DIA DE JANEIRO

SÃO SEVERINO

Apóstolo da Nórica

Pelo meio do século quinto, a Nórica, que compreendia a Baviera e a Áustria atual era como que a grande estrada dos bárbaros rumo à Itália. Por lá passara Átila. Perto, na Panônia, Hungria atual, seus filhos se haviam mùtuamente exterminado por cruéis guerras. As guarnições romanas nas fronteiras do Danúbio, não sendo mantidas na decadência do império, desapareciam aos poucos e deixavam entrada livre a quem a quisesse. Os rúgios consideravam-se como que aliados de Roma; mas, como os romanos, viam-se atacados por novos povos, os hérulos, os turcilíngios, os alemães. Era uma guerra universal, cujo fim não se podia prever. Por tôda parte, cidades tomadas e arrasadas, populações levadas ao cativeiro. O refúgio dos povos, em tais calamidades, foi uma santa personagem de nome Severino, cuja vida foi escrita com muita candura por Eugipo, um dos seus discípulos (1).

Fôra à Nórica por uma ordem expressa de Deus. Nunca se soube de que nação era. Um sacerdote da

(1) **Acta SS.**, 8 de janeiro.

Itália, de grande autoridade, com o qual era Severino familiar perguntou-lhe um dia: "Santo mestre, de que província se dignou Deus enviar-vos a êste país?" Rindo, retrucou-lhe Severino: "Se me tomais por fugitivo, preparai-vos para pagar os que vierem buscar-me. Aliás, acrescentou, já sério, que serve a um escravo de Deus dizer de que país é e de que família, uma vez que, calando-se, evita mais santamente qualquer jactância. Se julgais que desejo sinceramente a pátria do alto, que necessidade tendes de conhecer a minha pátria terrena? Sabei, de resto, que o próprio Deus que vos fêz sacerdote me ordenou vir para o meio dêstes homens em perigo." Após essa resposta, nunca mais ousou quem quer que fôsse interrogá-lo sôbre a questão. No entanto, pela pureza do seu latim, julgou-se que era de Roma, ou, pelo menos, da Itália; e por algumas palavras suas, concluiu-se que, desejoso de alcançar a perfeição, deixara a pátria e se havia retirado para as solidões do Oriente, de onde Deus lhe ordenara fôsse socorrer os povos da Nórica. Finalmente, pelo cuidado que tinha em ocultar o nascimento, podia crer-se legìtimamente que era ilustre. A sua vida entre aquêles pobres povos era ainda mais pobre que a do mais pobre. Com exceção das festas, não comia senão depois de pôsto o sol, e na quaresma, uma vez por semana. Dormia inteiramente vestido sôbre um cilício estendido no piso do seu oratório; caminhava sempre de pés descalços, mesmo quando o Danúbio estava gelado.

Apareceu, a princípio, na cidade de Asturas, nos confins da Panônia e da Nórica. Foi acolhido por um ancião, porteiro da igreja, e de início se limitou a pregar pelo exemplo de sua própria vida, sustentando a profissão da fé católica por santas

obras. Mas um dia, dirigindo-se ao sacerdote, ao clérigo e ao povo do lugar, rogou-lhes, com muita humildade, trabalhassem, mediante jejuns, preces e obras de misericórdia, para desviar o projeto formado pelos bárbaros contra êles. Aquêles homens, porém, entregues aos desejos da carne, pouca atenção deram às suas exortações. De volta ao anfitrião, disse-lhe: "Saio imediatamente de uma cidade impenitente e que não tardará em perecer." Partiu para a cidade mais próxima, chamada Comagena, repleta de bárbaros que, sob o título de aliados de Roma, a dominavam, cometendo inúmeras violências, de tal sorte que o povo se tinha na conta de perdido. Indo à igreja, o santo, mal chegou, lhes assegurou a proteção de Deus, se se esforçassem por merecê-la através de jejuns, preces e esmolas. Ao mesmo tempo, o ancião que dera abrigo ao santo, em Asturas, levou-lhe, correndo a notícia de que a cidade está destruída e de havê-lo salvo pelos seus méritos.

Os de Comagena, comovidos pela nova, acreditaram no que o santo lhes dizia, e imediatamente abraçaram o jejum e a prática das boas obras. Durante três dias, reuniram-se na igreja, onde purificavam os pecados cometidos noutros tempos com gemidos e lágrimas. No terceiro dia, porém, no momento em que se celebrava o ofício da tarde, verificou-se sùbitamente um tremor de terra; os bárbaros, que se encontravam na cidade, de tal modo espantados ficaram, que obrigaram os romanos a lhes abrir imediatamente as portas. Saindo, fugiram, imaginando o inimigo atrás, prestes a envolvê-los. Como o terror crescesse com a noite, voltaram a espada contra si próprios, e mataram-se uns aos outros. O povo, livre

dos inimigos visíveis, soube de São Severino o modo de combater, pelo céu, os inimigos invisíveis.

Ao mesmo tempo, a cidade de Faviana, que alguns supõem Viena na Áustria, sofria os horrores da fome. Os habitantes acharam que o único remédio era mandar chamar em Comagena o homem de Deus. Ouvindo-lhes os rogos, o santo para lá rumou e disse-lhes: "Pelos frutos da penitência é que podereis ser libertados da calamidade da fome." O povo mostrou-se dócil. Soube o santo em breve, por revelação divina, que certa viúva, chamada Prócula, ocultara por longo tempo o trigo, e mandando-a chamar, disse-lhe diante de todos: "Por que, vós que sois de estirpe nobre, vos fizestes escrava da avareza? Eis que o Senhor se compadece dos seus servidores, e vós não sabereis o que fazer do bem mal adquirido, se não lançar o trigo ao Danúbio, e testemunhar para os peixes a humanidade que recusastes aos homens. Assim, ajudai a vós própria mais ainda que aos pobres, mediante os bens que pensais guardar, quando Jesus Cristo tem fome". Espantada com tais palavras, apressou-se a mulher em distribuir as reservas aos pobres. Pouco depois, viram-se chegar vários barcos carregados de trigo, provenientes da Rétia ou do Tirol, e que tinham sido retidos no Inn pelo gêlo.

Pela mesma época, um bando de bárbaros saqueou os arredores da cidade. Os habitantes queixaram-se com o homem de Deus. São Severino perguntou ao tribuno Mamertino quantos soldados havia para perseguir os bandidos. "Disponho de poucos, respondeu o tribuno, e é por isso que não ouso medir-me com tão grande multidão de inimigos. Se, porém, vossa reverência mo ordena, embora careçamos de armas, esperamos vencer pelas vossas preces."

Disse-lhe o servidor de Deus: "Se os vossos soldados não têm armas, os inimigos os armarão; é preciso, contudo, que partais logo em nome de Deus, e que partais com confiança; pela misericórdia do Senhor, o mais tíbio será um herói. O Senhor é que combaterá; de resto, trazei-nos, sãos e salvos, todos os bárbaros que conseguirdes pegar." A dois mil passos da cidade, encontraram os bandidos, que imediatamente empreenderam a fuga; os soldados apoderaram-se das armas abandonadas, pegaram alguns dos fugitivos e, acorrentados, levaram-nos ao servidor de Deus. São Severino mandou libertá-los, deu-lhes de comer e beber, e disse-lhes: "Ide, e dizei aos vossos cúmplices que nunca mais se aproximem daqui, pois Deus de tal modo combate pelos seus servidores, que os inimigos lhes trazem, não ferimentos, mas armas."

As virtudes e os milagres de Severino atraíram-lhe a confiança e a veneração universal, até dos hereges bárbaros. Facciteu, rei dos rúgios, consultava-o com freqüência, e nada fazia sem o seu conselho. No começo do reinado, vendo-se fortemente importunado pela vizinhança dos godos da Panônia, pediu-lhes passagem para ir à Itália. Recusaram-lha, e êle se persuadiu de que pretendiam matá-lo. Confessou os temores ao santo, que lhe respondeu: "Se a fé católica nos unisse, deveríeis ter-me, antes, consultado sôbre a vida eterna; mas como só me interrogais no tocante à segurança presente, que nos é comum, ouvi. Nada tendes que temer da multidão de godos nem da sua inimizade, pois em breve se irão, e vós reinareis na prosperidade. Contudo, não vos esqueçais das advertências da minha humildade; buscai a paz, até com os mais pequenos, e não vos apoieis nas vossas

próprias fôrças." Tudo se verificou como havia dito o santo, e o rei terminou tranqüilamente a vida.

Seu filho e sucessor, Felecteu, que também se chamava Fava, concebeu para com o santo a mesma confiança. Mas tinha mulher cruel, Gisa, que envidava todos os esforços para o desviar da clemência. Ariana furiosa, pretendia fazer rebatizar alguns católicos, mas, por respeito a Severino, o marido não consentiu no plano. Ela maltratava os romanos, e muitas vêzes mandava fôssem raptados para reduzi-los à escravidão. Um dia em que raptou alguns de Faviano, Severino rogou-lhe que os devolvesse à liberdade. Encolerizada, mandou que lhe respondessem: "Ocupai-vos de orar na vossa cela, e deixai-nos fazer dos escravos o que mais nos apraz." Respondeu Severino: "Tenho confiança em Nosso Senhor Jesus Cristo, que ela fará por necessidade o que recusou por má vontade." O fato verificou-se de perto. Havia, entre os bárbaros, alguns ourives que viviam encerrados para fabricar os ornatos e jóias do rei. Ora, no mesmo dia em que a rainha desprezara o servidor de Deus, o filho do rei, ainda muito moço, entrou na oficina dos ourives. Êles, encostando-lhe no peito a ponta de uma espada, juraram que, se alguém tentasse entrar antes de lhes ser prometida por juramento a liberdade, matariam o mocinho e, depois, se suicidariam. Diante de tal nova, a má rainha rasga as vestes, reconhece, em altos brados, que se trata de um castigo com o qual Deus a fere por lhe haver desprezado o servidor; põe em liberdade, apressadamente, todos os romanos que tinham sido raptados naquele dia, manda dar liberdade aos ourives, que lhe devolvem o filho. Acompanhada do marido, leva o menino a Severino, reconhece que

é em virtude das preces dêste que deve a conservação do filho, e promete nunca mais resistir às suas ordens.

Além da redenção dos cativos, foi ainda êle que, em tôdas as cidades e em todos os castelos, nutria e vestia quase todos os pobres. A sua caridade, nesse ponto, era tão admirável que muitos habitantes, embora também reduzidos às angústias da fome, davam de boa vontade aos pobres o dízimo da colheita. Severino exortou, por carta, todos os sacerdotes da Nórica a pagar tal dízimo aos pobres. Um dia em que, em conseqüência dêsse uso, lhe levaram uma grande quantidade de vestes, perguntou se os da cidade de Tiburn, que parece ter-se situado no Tirol, também lhe haviam levado roupa. Responderam-lhe que ainda o não tinham feito, mas que não tardariam em fazê-lo. O santo predisse que, por haverem postergado a oferta, seriam obrigados a oferecê-la aos bárbaros. Com efeito, pouco depois, estando a cidade assediada pelos godos, viram-se os habitantes obrigados a capitular e a ceder, entre outras coisas, para o seu resgate as vestes que tinham demorado em enviar ao servidor de Deus. Do mesmo modo, os habitantes de Laureac, cidade episcopal situada na confluência do Ems e do Danúbio, haviam hesitado em dar aos pobres o dízimo dos seus frutos, apesar das exortações de São Severino. Sùbitamente, quando o trigo começava a amadurecer, uma ferrugem ameaçou arruinar tôda a colheita. Os habitantes, assustados, foram confessar, aos pés do santo, que tinham merecido o castigo. Quando os viu arrependidos do êrro, ordenou-lhes um jejum, após o qual uma branda chuva lhes salvou a colheita quase perdida. O fato instigou-os a pagar quanto antes o prometido.

São Severino estabelecera, entre outros, um pequeno mosteiro perto de Passau, na confluência do Inn e do Danúbio, e os habitantes lhe haviam suplicado diversas vêzes que fôsse visitá-los, principalmente em virtude das correrias dos alemães, cujo rei Guibuldo o estimava e respeitava bastante. Um dia, o rei apareceu expressamente para o ver. O santo foi-lhe ao encontro, de mêdo que êle importunasse a cidade com a sua vinda; falou-lhe até com tamanha firmeza, que o rei se pôs a tremer, e confessou, depois, aos seus, nunca ter tido tão grande mêdo. Guibuldo disse-lhe que pedisse o que mais lhe aprouvesse, e o santo rogou-lhe que impedisse aos seus pilhar as terras dos romanos, e devolvesse gratuitamente os cativos. O rei respondeu-lhe que enviasse alguém, e Severino mandou um diácono, que de lá trouxe cêrca de sessenta cativos, enquanto o rei prometia que êle próprio enviaria os demais.

Mais tarde, os habitantes de Passau rogaram-lhe que fôsse visitar o rei dos rúgios, para lhes obter a liberdade de comércio. Respondeu-lhes: "Aproxima-se o tempo dessa cidade, que ficará deserta e privada de habitantes como tantas outras." Um mau gracejador — tratava-se de um sacerdote — disse então: "Ide-vos, santo varão, para que, na vossa ausência, interrompamos por algum tempo os jejuns e as vigílias". Diante de tão ímpio propósito, o santo chorou e embarcou no Danúbio, para ir ao seu grande mosteiro de Faviana. Mal partira, Cunimundo, rei dos suevos, surpreendeu Passau, matou tudo quanto lá restava, em particular o sacerdote, que em vão procurou refúgio no batistério. Advertiu igualmente os habitantes de Juvava ou Salzburg a que abandonassem imediatamente a cidade, para não perecerem

na mesma noite; e na mesma noite, os hérulos lá entraram, puseram tudo a ferro e sangue, e levaram grande número de cativos.

Os habitantes da cidade de Quintana, cansados das incursões dos alemães, abandonaram a morada e refugiaram-se em Passau. Os bárbaros sitiaram-nos. O infeliz povo implorou o auxílio de Severino. Êste pôs-se a orar, disse-lhes que marchassem contra o inimigo, que não tardaram em derrotar. Em seguida, falou-lhes: "Vinde comigo a Laureac, embora, um dia, seja preciso abandonar Laureac, em virtude da irrupção dos bárbaros, saiamos daqui quanto antes." Muitos o seguiram, outros ficaram; mas na mesma semana os turcilíngios surpreenderam Passau, mataram uns e levaram cativos outros.

Em Laureac, durante três dias, avisou o bispo São Constantino e todos os habitantes de que guardassem na cidade todos os mantimentos, e montassem guarda nos muros, durante a terceira noite, visto que os bárbaros preparavam uma surprêsa. Não tendo os batedores percebido inimigos, muito custou à população dar crédito ao santo, e a vigilância se fazia com descaso. Os bárbaros, que se haviam ocultado nos bosques, dêles saíram com o favor das trevas, e se aproximaram silenciosamente da cidade. De repente, um monte de feno acendido, por descuido, por alguém, lhes deu a certeza de que tinham sido descobertos; retiraram-se, saqueando o pouco que os habitantes não tinham guardado na cidade, e no dia seguinte se viu ao pé dos muros a série de escadas por êles trazidas para o assalto. Os habitantes pediram perdão a Severino, e humildemente reconheceram que às preces dêle é que deviam a salvação.

Feleteu, rei dos rúgios, sabedor de que os habitantes de tôdas as cidades que tinham escapado ao gládio dos bárbaros se haviam refugiado em Laureac, sob a guia do servidor de Deus, chegou com um exército para os levar às cidades que lhe eram tributárias. A nova encheu de consternação todos os refugiados, que temiam tal exército quase tanto quanto os bárbaros, e suplicaram a Severino fôsse à presença do rei, para o abrandar. Severino caminhou a noite inteira, e de manhã avistou o rei a vinte milhas de Laureac. O rei, assombrado, perguntou-lhe a causa de tão cansativa jornada. "A paz seja convosco, excelente príncipe, replicou o santo. Venho, embaixador de Cristo, rogar a graça dos vossos súditos. Lembrai-vos dos benefícios que vosso pai reconhecia ter recebido do céu. Durante o seu reinado, nada fêz sem me consultar. Dócil às minhas salutares advertências, desfrutou da prosperidade. — Mas, disse o rei, não permitirei que êste povo pelo qual intercedeis se torne prêsa dos alemães e dos turcilíngios, pois temos cidades e castelos em que se pode alojar. — Príncipe, respondeu-lhe com segurança o santo, foi, acaso, o vosso gládio que os defendeu até agora das rapinas dos bandidos? Não terá sido, antes, a proteção de Deus? Não recuseis o meu conselho: confiai-os à minha fé, para não serem mais arruinados que levados, com a marcha de tão grande exército. Tenho a certeza de que o meu Deus, que me permitiu ajudá-los nas calamidades, me tornará capaz de os transportar pessoalmente." O rei, comovido com tais palavras, retirou-se acompanhado das tropas, e os romanos, que Severino recebera na sua fé, saíram tranqüilamente de Laureac, e em boa harmonia viveram com os rúgios. O santo, retirando-se

para o seu velho mosteiro de Faviana, não cessava de advertir os povos e de predizer o futuro, assegurando que emigrariam todos para a terra romana sem perda da liberdade. A profecia verificou-se algum tempo após a morte do santo, pelos cuidados de Odoacro, a quem êle predissera o grande futuro.

Um dia, tendo-se Severino retirado para uma cela solitária, que muito lhe agradava, e que se situava a cinco milhas de Faviana, alguns bárbaros, rumando para a Itália, o visitaram, pedindo-lhe a bênção. Entre êles, encontrava-se um jovem de tão grande estatura que não lograva manter-se erecto na cela. Estava pobremente trajado. O santo, vendo-o curvado na sua presença, predisse-lhe muita glória e, às despedidas do jovem, respondeu com estas palavras: "Vai à Itália, vai; coberto agora pelas mais miseráveis peles, em breve distribuirás tesouros a muita gente." Chamava-se o jovem bárbaro Odoacro, e a Providência o destinava a pôr fim ao império romano do Ocidente, e a ser rei da Itália (1).

São Severino adoeceu em 5 de janeiro de 482. Mandou reunir os discípulos na noite de 7 para 8 a fim de os exortar à prece, à penitência e às demais virtudes cristãs e, após abraçá-los todos, recebeu o sacramento da eucaristia, iniciou o salmo cento e cinqüenta, e morreu ao proferir êste versículo: "Louvai o Senhor nos santos; louvem ao Senhor todos os espíritos." Recomendara aos discípulos, quando chegasse a transmigração à Itália, lhe transportassem o corpo com êles. Odoacro realizou em 488 a predição do santo. Numa expedição à Alemanha, aprisio-

(1) **Acta** SS., 8 de janeiro.

nou o rei Feleteu e a rainha Gisa, cortou a cabeça do primeiro, meteu no calabouço a segunda, e levou à Itália todos os súditos do império para os subtrair aos vexames impostos pelos bárbaros. Os discípulos de São Severino exumaram-lhe o corpo em 488, e o encontraram inteiro como estava no dia do sepultamento, apesar de não haver sido embalsamado. A sua translação foi acompanhada de vários milagres. Tinha mais a aparência de um triunfo que de uma retirada, pela pompa religiosa que produzia a escolta dos que deixavam o país a fim de se estabelecerem na Itália, e pelo concurso das cidades e aldeias, através das quais se passava. O corpo foi deposto em Montefeltro, na Úmbria, de onde foi transferido, cinco ou seis anos mais tarde, para Luculana, entre Nápoles e Pozzuoli, por ordem do papa São Gelaso.

* * *

SANTA GÚDULA

Virgem e padroeira de Bruxelas

Santa Gúdula teve por mãe Santa Amalberga, mãe de Pepino, prefeito do palácio de Austrásia. Em boa hora a enviaram a Nicela, onde foi educada na piedade sob as vistas de Santa Gertrudes, sua parente e madrinha. Voltou para o conde Vitger, seu pai, depois da morte de Santa Gertrudes, verificada em 664, e lá consagrou a Deus a sua virgindade, levando uma vida fortemente austera, em vigílias, jejuns e orações. Morreu em 8 de janeiro de 712.

* * *



Igreja de Santa Gúdula, em Bruxelas. Miniatura de um «Tratado sôbre a misericórdia», dos meados do século XV.

SÃO CARTÉRIO (*)

Mártir

Nos tempos de Diocleciano, um padre chamado Cartério, zeloso e destemido, resolveu transformar a casa em que vivia, em igreja.

Ali, tôdas as noites, ou, quando não, sempre que surgisse ocasião mais favorável, reunia os cristãos e pregava, ensinando-lhes a verdadeira fé.

Um dia, foi denunciado ao prefeito Urbano, que governava Cesaréia, na Capadócia. Fugindo, teve uma visão, na qual viu Nosso Senhor que lhe ordenava entregar-se aos perseguidores. Dizendo-lhe que muito iria sofrer, encorajou-o, fazendo-o ver que com êle estaria até o último instante. E acrescentou:

— Por ti, muitas almas serão convertidas.

Alegre, Cartério correu a entregar-se a Urbano. Prêso, foi terrìvelmente supliciado por não querer sacrificar aos deuses. Na prisão, um anjo, aparecendo-lhe, lhe curou as feridas tôdas, para que, no dia seguinte, quando então fôsse submetido a novos tormentos, pudesse suportá-los.

São Cartério, heròicamente, recebeu a coroa do martírio no ano de 304.

* * *

SÃO NATALAN (*)

Bispo e Confessor

São Natalan era natural da Escócia. Rico, senhor de vastas propriedades, a tudo vendeu e distribuiu aos pobres. Levando vida de anacoreta, dedicou-se à contemplação e ao estudo, adquirindo profundo conhecimento das ciências profanas e sagradas.

Quando, um dia, fazendo uma peregrinação a Roma, avistou-se com o papa, foi sagrado bispo.

De volta para a terra natal, como um apóstolo, pôs-se a pregar o Evangelho e a lutar contra os pelagianos ali existentes.

São Natalan erigiu duas igrejas em Tullicht, onde residia. Morto em 452, muitos milagres tiveram ocasião, atestando-lhe a santidade e o desprendimento que lhe era característico desde os primeiros anos da mocidade.

* * *

BEM-AVENTURADO TURPINO (*)

Bispo e Confessor

Turpino, bispo de Hamarid, na Noruega, procurando defender os direitos da Igreja, foi banido da cidade. Demandando Roma, em busca da proteção de São Pedro, o navio em que viajava, acossado por feia tormenta, acabou por aportar nas costas das Flandres, onde foi bondosamente acolhido por um abade chamado Ootsburg. Desde aquêle dia, em virtude das tribulações, uma febre dêle se apoderou, e, por complicações, veio a falecer no dia 8 de janeiro de 1285, edificando os hospedeiros com a paciência, bondade e virtudes outras.

* * *

SÃO FÉLIX (*)

Bispo e Confessor

São Félix, que era natural de Bourges, dada a notória santidade, foi eleito para o bispado de Nantes, quando da morte de Eumério, ocorrida em 594. Sucedendo-lhe, terminou a catedral começada pelo predecessor, consagrando-a solenemente. Dinâmico, pelejou corajosamente para sustentar a reputação dos bispos galo-romanos, interveio variadas vêzes nas questões havidas entre bretões e reis francos, e implantou a paz entre um conde de Vannes e Chilperico I, enquanto, na sua diocese, trabalhava para que os cânones do concílio de Tours de 567, fôssem cumpridos religiosamente, sem deixar de lado o combate que movia a um resto de paganismo que ainda existia entre os cristãos recentemente convertidos.

São Félix, sempre zeloso e cumpridor dos deveres, assistiu aos concílios de Tours, em 567, quando do rei Cariberto, ao de Paris, em 557, e, finalmente, a um terceiro, em Paris mesmo, convocado pelo rei Gontran em 573. Preocupado com todos os que serviam a Deus, sempre que podia, visitava os que se entregavam à vida de solitários.

Vitimado por uma epidemia que grassou na Bretanha, São Félix faleceu santamente a 8 de janeiro de 582, sendo enterrado na catedral. Numerosas curas foram operadas à beira da sepultura. Nantes, desde 1857, celebra-lhe a festa no dia 7 de julho, dia em que se deu a transladação das relíquias. Na terra natal, porém, é festejado no dia do aniversário de morte.

* * *

No mesmo dia, em Constantinopla, São Ciro, patriarca, desaparecido em 714.

Em Ratisbona, São Garibaldi, bispo e confessor. Primeiro bispo daquela cidade, sagrado por São Bonifácio, faleceu em 761.

Ainda em Ratisbona, Santo Eraldo bispo.

Na Inglaterra, Santa Pegue, virgem, irmã do festejado ermitão Guthlac. Como êste, deixou o mundo para viver austeramente. Faleceu em 719, em Roma, onde fôra, em peregrinação, visitar o túmulo dos santos apóstolos.

Na Inglaterra, ainda, São Wulsin, bispo e confessor, natural de Londres. Monge da abadia de Westminster, foi feito abade. Faleceu em 1005, pronunciando as palavras de Santo Estêvão, o primeiro mártir: "Vejo os céus abertos e Jesus de pé à direita do Pai".

* * *

No mesmo dia, em Beauvais, França, os santos mártires Luciano, sacerdote, Maximiano e Julião. Os perseguidores fizeram, antes, morrer pela espada os

dois últimos. São Luciano que chegara ao país dos galos. São Dionísio, persistindo em confessar de viva voz o nome de Jesus Cristo, e não cessando absolutamente de o fazer, após ser cruelmente flagelado, foi condenado ao mesmo suplício padecido pelos companheiros. — Ademais, Santo Eugeniano, mártir. — Na Líbia, os santos mártires Teófilo, diácono, e Heládio, os quais, rasgados antes a chicotadas, em seguida recortados com cacos de vasos, foram por fim lançados ao fogo, onde entregaram a alma a Deus. — Em Veneza, São Lourenço Justiniano, cuja festa se celebra em 5 de setembro. — Em Hierápolis, na Ásia, Santo Apolinário, bispo, que brilhou pela santidade e doutrina, sob o reinado de Marco Antonino Vero. — Em Nápoles, São Severino, bispo, irmão de São Vitorino, mártir, o qual, após realizar grande número de milagres, morreu em paz, cheio de virtude e mérito. — Em Pavia, São Máximo, bispo e confessor. — Em Metz, São Paciente, bispo.

* * *

9.º DIA DE JANEIRO

SANTOS JULIÃO E BASILISSA

Em Antioquia, festa de São Julião, mártir, e de Santa Basilissa, virgem, sua mulher, que passaram a uma vida mais feliz sob os imperadores Diocleciano e Maximiano. Basilissa, tendo conservado a virgindade com o marido, terminou tranqüilamente os seus dias. Quanto a Julião, após terem sido queimados inúmeros sacerdotes e ministros da igreja, que se haviam refugiado com êle para evitar a crueldade da perseguição, sofreu rigorosíssimas torturas, e foi decapitado em seguida ao aprisionamento do presidente Marciano. Com êle, enfrentaram a morte, Antônio, sacerdote, Anastácio, que Julião ressuscitou e fêz partícipe da graça de Jesus Cristo, Celso, menino, e Marcionila, sua mãe, com sete irmãos e vários outros companheiros.

* * *

SANTO ADRIANO

Abade na Inglaterra

O papa São Vitaliano procurava um varão digno de ser arcebispo dos inglêses, em substituição a Deusdedit, morto havia pouco. Mandou, pois, vir do mosteiro de Niridano, perto de Nápoles, o abade Adriano, africano de origem, muito culto nas sagradas escrituras bem como na disciplina quer eclesiástica, quer monástica, e perfeito conhecedor do grego e do latim. Adriano disse que era indigno de tal honraria, mas que podia indicar um homem cuja doutrina e idade melhor convinham ao episcopado. Tratava-se de um monge chamado André, que efetivamente foi julgado digno por quantos o conheciam; mas a sua debilidade física não lhe permitiu incumbir-se da missão. Instou-se de novo com Adriano que pediu algum tempo, esperando descobrir outro sucessor.

Havia, então, em Roma um varão de nome Teodoro, nascido em Tarso, na Cilícia, primeiramente filósofo em Atenas, e depois monge. Era instruidíssimo tanto nas letras divinas como nas humanas, em grego e em latim, possuía bons costumes e era venerado pela idade, pois contava sessenta e seis anos. Adriano, que o conhecia, apresentou-o ao papa e logrou a promessa de que seria ordenado bispo, sob a condição, porém, de o próprio Adriano o conduzir

à Inglaterra, pois sabia o que devia fazer para a viagem, tendo já estado duas vêzes na Gália. O papa queria, mais, que colaborasse com Teodoro na instrução dos inglêses e tomasse as medidas para nada introduzir naquela igreja de contrário à fé, como faziam por vêzes os gregos.

Um piedoso e sábio inglês, São Bento Biscop, achando-se naquela época em Roma, foi chamado pelo papa Vitaliano que lhe ordenou voltar ao seu país com Teodoro e Adriano, a fim de os auxiliar no empreendimento. Os três santos varões ficaram algum tempo na França, à beira do inverno. Santo Adriano foi a princípio à residência de Emmon, arcebispo de Sens, depois a Meaux, na residência de São Faron, e por longo tempo se demorou com êles. Egberto, rei de Cant, sabendo que o bispo que solicitara do papa se encontrava na França, mandou-lhe um senhor da côrte. São Teodoro tomou posse do trono de Cantuária no domingo, 27 de maio de 669. Deu primeiro a São Bento Biscop, depois a São Adriano o govêrno do mosteiro de São Pedro, onde êles formaram a famosa escola da qual saíram tantos ilustres varões.

Sendo Teodoro e Adriano, versadíssimos não sòmente na ciência eclesiástica, senão também nas letras humanas, reuniram grande número de discípulos que instruíam diàriamente. Explicavam-lhes a Santa Escritura, e, ao mesmo tempo, ensinavam-lhes astronomia, cômputo eclesiástico, e composição de versos latinos. Vários aprenderam latim e grego tão perfeitamente como a língua materna. Após assim esclarecer e edificar a Inglaterra durante trinta e nove anos, morreu Adriano em 9 de janeiro de 710.

* * *

SANTA PASCÁCIA (*)

Virgem e Mártir

Quando Benigno se dirigiu à Borgonha para pregar o Evangelho, todo zêlo e dedicado à salvação das almas, Pascácia, segundo consta, hospedou-o. Instruída na fé, converteu-se e foi batizada.

Era então nos tempos de Marco Aurélio. Morto Benigno, martirizado, Santa Pascácia, na perseguição que se processou foi prêsa. Depois de vários tormentos na prisão, inquebrantável, foi lançada ao fogo. Algumas pessoas piedosas recolheram-lhe os ossos, enterraram-nos reverente e honrosamente. Mais tarde, sôbre a tumba, ergueu-se uma capela. Santa Pascácia foi martirizada em 180.

* * *

SÃO MARCELINO (*)

Bispo e Confessor

Sôbre São Marcelino muito pouca coisa se sabe. Nem mesmo a sede do bispado pode adiantar-se com certeza. Segundo alguns autores, era a de Ancona.

Em São Gregório, o Grande, lê-se:

"Marcelino sofria de gôta, tanto que era obrigado a ser levado, dum lugar para outro, pelos domésticos. Um dia, houve um incêndio em Ancona, e o fogo propagou-se com rara rapidez. A luta que a população travou com as chamas não teve êxito algum, e a cidade estava, assim, a mercê do sinistro: arruinar-se-ia irremediàvelmente. Transportado para o local, São Marcelino postou-se bem em frente ao fogo, que, impotente para continuar a obra de destruição, se consumiu por si mesmo".

* * *

SÃO FELAN (*)

Abade

São Felan, desde menino, foi educado pelos pais, que piedosamente o amoldaram para a vida religiosa. Rico, bem parecido, quando moço desprezou luxo, posição social, as vantagens tôdas temporais, enfim, e foi-se à procura dum abade, solicitar o hábito monacal. Passou, então, a levar vida de oração e mortificação, numa cela mais ou menos afastada do mosteiro de Santo André, na Escócia.

Um dia, morto o abade que o admitira, procuraram-no os monges para que os governasse. Foi sob a direção de São Felan que a abadia se agigantou, espiritualmente.

Alguns anos mais tarde, demitindo-se, reuniu-se a seis ou sete irmãos, e principiou a construção duma igreja, onde oficiou por muito tempo.

Obrando vários milagres, morreu tranqüilamente em 710.

* * *

SANTA MARCIANA (*)

Virgem e Mártir

Marciana era natural da Mauritânia. Prometendo a Deus conservar a virgindade, despediu-se do século e foi viver em Cesaréia, numa cela.

Um dia, tal era a idolatria que se alastrava pela África, resolveu, intrèpidamente, combatê-la sem esmorecimentos, chegando mesmo a quebrar, em praça pública, a cabeça duma estátua de Diana.

Uma furiosa multidão avançou para ela, agarrou-a brutalmente e entregou-a às autoridades. Vergastada, não deixou escapar um grito, um gemido sequer. Tanta coragem a levou a ser condenada à morte sob os dentes e as garras das feras.

Um grande leão, novo, de enorme juba, em pleno vigor, aproximou-se de Marciana vagarosamente. Cheirou-a detidamente, e, como um gato amante de carinhos, nela se esfregou, amiga e suavemente.

Raivosos, os algozes, atiçando desmedidamente um touro selvagem, atiraram-no contra a Santa. Enfurecido, avançando para ela, varou-lhe a bêsta o peito com terrível cornada. Semimorta, um leopardo acabou por fazê-la em pedaços.

Santa Marciana recebeu a palma do martírio a 9 de janeiro do ano da graça de 303.

* * *

SÃO VANENGO (*)

Confessor

São Vanengo, de família rica e nobre, nasceu, ao que tudo leva a crer, em Fécamp. Foi moço valente e, ao mesmo tempo, doce e inclinado à prática das virtudes.

Chamado à côrte pela rainha Bathilde, foi feito conselheiro e preceptor do filho, Clotário.

Clotário, que o admirava, confiou-lhe o govêrno de Caux, onde o Santo trabalhou para adoçar o terrível caráter dos francos.

Grande e imperecível amizade o uniu a Santo Ouen, quando êste principiava a se empenhar na construção da abadia de Fontenelle. São Vanengo ajudou-os nos serviços, datando daquela época um dos seus mais nobres gestos, qual seja o de consagrar a fortuna para dotar os mosteiros menos favorecidos.

Outra grande amizade de São Vanengo foi São Wandrilo.

Inclinado para a vida religiosa, quis entregar-se a Deus, mas, refletindo, capacitou-se de que, casando-se, poderia, pela santidade da vida, edificar-se e aos demais homens.

Do casamento, nasceu-lhe um filho, ao qual, na abadia de Fontenelle, consagrou ao Senhor.

São Vanengo foi o fundador da abadia de Fécamp. Nesta abadia, no fim da vida, desejoso de recolhimento, deixando o século, pôs-se às ordens da abadessa: queria engrossar o número dos criados da comunidade. Humilde, obediente, devoto e santo, ali morreu em 688.

Enterrado na abadia de Fécamp, foi grandemente venerado.

* * *

BEM-AVENTURADO HONORATO DE BUZANÇAIS (*)

Mártir

Honorato era homem caridoso. Socorria a pobreza, ajudava quem se via em aperturas de momento, cuidava de alevantar o ânimo de viúvas e de prover os órfãos. Era mercador de animais.

Um dia, se para roubar ou não, dois dos seus criados o assassinaram covardemente. Honorato, que era estimabilíssimo, foi chorado por todos. Quando dos funerais, com grande acompanhamento, muitas curas foram operadas, miraculosamente.

Enterrado em Thenezay, onde se dera o assassínio, o povo de Buzançais rebelou-se, reclamando-lhe o corpo. Um conflito, então, se verificou, mas, como Honorato, pelos dois matadores, tivera a cabeça cortada, as duas localidades, apaziguadas, aceitaram o alvitre da Igreja, que se interpusera entre ambas: uma ficaria com o corpo e a outra com a cabeça. Buzançais ficou com aquêle e Thenezay com esta. E

tudo voltou à calma, nascendo daí o culto do bem-aventurado Honorato. A igreja de Thenezay festeja-o na data da morte.

O bem-aventurado foi morto, em 1250, perto duma fonte: ali existe uma capela, e é lugar de peregrinação.

* * *

BEM-AVENTURADO FILIPE BERRUYER (*)

Arcebispo e Confessor

Filipe Berruyer, nascido em Tours, foi sucessivamente encarregado dum canonicato na catedral de São Gatiano, bispo de Orléans e, finalmente, arcebispo de Bourges.

Orientado, desde pequeno, por uma boa e piedosa mãe, dispôs-se perfeitamente para a vida religiosa. Amava a pobreza, e tudo fazia para que, com facilidade, os desprotegidos da sorte tivessem acesso à sua presença.

Uma vez no canonicato, entregando-se às prédicas, obteve frutos invejáveis, no que diz respeito às conversões dos pecadores de Tours. Como bispo, velou pelo rebanho sem descanso, por cêrca de quinze anos.

Alçado ao arquiepiscopado, inclinado para uma vida de jejuns, orações e penitências, recebeu ordens do papa para que moderasse o ritmo que vinha empreendendo às austeridades, de modo que se não privasse a Igreja dos serviços que ela dêle esperava e necessitava.

Filipe Berruyer, no fim do arcebispado, obrou vários milagres, em Bourges, onde várias curas se processaram.

Preparando-se para uma boa morte, faleceu em 1261.

* * *

SÃO PEDRO SEBASTA (*)

Pedro Sebasta nasceu numa família antiga e piedosa, em 349. Era filho de Basílio, o Ancião e de Emelia, ilustres ambos, casal que teve muitos filhos, dos quais alguns seriam famosos, tais como Basílio, o Grande e Gregório de Nisse, e o próprio Pedro, o último dos filhos.

Pedro, morto o pai, ficou sob os cuidados da irmã mais velha, chamada Macrina, que lhe dedicou um amor todo especial. Foi-lhe, por assim dizer, o anjo da guarda. Dedicada, terna, incansável, encaminhou-o para uma vida de santidade, para a qual Pedro se esforçava por alcançar, de bom grado.

Mais tarde, encarregado de dirigir um mosteiro de homens, provàvelmente aquêle que o irmão Basílio havia fundado, porque às margens do rio Íris, teve ocasião de demonstrar a grande prudência, que lhe era característica, e a sabedoria e indústria, principalmente quando foi duma grande fome que assolou tôda a região: um número incontável de pobres, conhecendo-lhe a caridade, recorreu ao mosteiro e foi acolhido satisfatòriamente.

Pedro fêz-se sacerdote pelas mãos do irmão Basílio, então elevado ao bispado de Cesaréia.

Em 373, morria-lhe a mãe, já bem velha. Em 379, a perda foi duplamente pesada: em janeiro,

falecia o irmão Basílio, e, em novembro, aquela que lhe fôra tudo: mãe, mestra, consultora, o anjo tutelar — Macrina.

Com a morte do bispo Eustátio, de Sebasta, ariano, inimigo de Basílio, São Pedro sucedeu-lhe. Pôde, dessarte, combater por tôda a diocese o arianismo que se alastrara sobremodo.

Em 381, tomou parte no concílio de Constantinopla, naquele em que a heresia de Macedônio foi condenada, tendo ocasião de aparecer como um dos grandes e ardorosos defensores da verdadeira fé.

Cheio de zêlo, sábio, prudentíssimo, de santidade elevada a um alto grau, São Pedro Sebasta desapareceu em 391, sendo honrado com um culto público.

* * *

No mesmo dia, São Bertualdo, arcebispo e confessor. Nascido de família real, estudou, possìvelmente, em Glastonbury. Abade em 670, depois da morte do arcebispo de Cantuária, Teodoro, sucedeu-lhe em 692, a 1.º de julho. Governou a Igreja anglo-saxônica em crítico período, dadas as dificuldades surgidas entre o arcebispo a quem sucedera, e Wilfrido, arcebispo de York. Faleceu em 731, sendo sepultado na igreja de São Pedro de Cantorbéry.

Na diocese de Angers São Mouront, abade. — Em Esmirna, os santos mártires Vidal, Revocato e Fortunato. — Na África, os santos Epiteto, Jocundo, Segundo, Vidal, Félix e outros sete mártires.

* * *

10.º DIA DE JANEIRO

SANTO AGATÃO

Papa

Santo Agatão, siciliano de nascimento, foi ordenado papa, pela morte de Dono, em 26 de junho de 679, e permaneceu no trono dois anos, seis meses e catorze dias. Era tão bom e meigo que a todos encantava. No ano de 680, presidiu, pelos seus legados, o sexto concílio ecumênico, que se realizou em Constantinopla, e, seguindo as instruções do papa, condenou a heresia do monotelismo ou de uma só vontade em Jesus Cristo. A fé nos ensina que Jesus Cristo, sendo ao mesmo tempo Deus e homem, possui duas naturezas, a divina e a humana, e que, por conseguinte, possui também duas vontades, uma divina e uma humana. Alguns hereges do Oriente, entre os quais vários bispos de Constantinopla, negavam essa verdade da fé, e não queriam admitir senão uma vontade. O imperador Constantino Pogonato rogou ao papa que enviasse legados ao Oriente com missivas, a fim de reunirem os espíritos na verdadeira doutrina da Igreja. O santo papa Agatão aquiesceu de boa vontade ao rôgo do imperador.

Em 27 de março de 780, êle próprio realizou em Roma um concílio de cento e vinte e cinco bispos, onde nomeou os seus legados, e escreveu duas cartas ao imperador, ou aos imperadores Constantino, Heráclio e Tibério, pois os três irmãos tinham o título de augustos. A primeira está apenas em seu nome; a segunda está em seu nome e no de tôdas as igrejas do Ocidente. A que êle escreve em seu próprio nome é um tratado completo e pormenorizado da questão, e por isso um pouco longa. Senhor de doçura e de modéstia que subjugavam todos, Santo Agatão tal se mostra na sua carta. Fala de si com muita humildade, dos imperadores com grande afeto, chamando-lhes seus amados senhores e filhos. Agradece-lhes efusivamente o consôlo que lhe fizeram experimentar nas suas aflições e enfermidades quase constantes. Apressou-se em lhes satisfazer os piedosos desejos. Envia-lhes três bispos, dois sacerdotes, um diácono e um subdiácono da Igreja romana, com um sacerdote da Igreja de Ravena e vários monges. Envia-lhos, não pela confiança que deposita no saber dêles, senão para obedecerem às ordens do imperador. "Pois, diz, entre homens que vivem no meio de povos bárbaros, e que mal logram arranjar o sustento de cada dia com o trabalho físico, como seria possível encontrar a ciência perfeita das Escrituras? Sòmente nós é que conservamos com a simplicidade de coração a fé que nossos Pais nos legaram, pedindo a Deus, como nosso maior bem, conservarmos tanto os sentidos como as palavras das decisões dêles, sem acréscimo, nem diminuição, nem mudança. Demos aos legados alguns passos dos Santos Padres que esta Igreja recebe, com os próprios livros dêles, para que vo-los apresentem quando o ordenardes, e vos expli-

quem a fé desta Igreja apostólica, vossa mãe espiritual, não pela eloqüência secular de que estão desprovidos, mas pela sinceridade da fé que aprendemos desde o berço. Em conseqüência, autorizamo-los a satisfazer Vossa Majestade, mas apenas segundo o que lhes é impôsto, sem nada acrescentarem, diminuírem nem mudarem, expondo com sinceridade a tradição desta Sé apostólica, tal qual foi definida pelos nossos predecessores. Suplicamos a Vossa Mansidão que os escute favoràvelmente, segundo a sua benévola promessa."

Quando o excelente papa Agatão fala tão humildemente a saber dos seus legados, é preciso não nos esquecermos de que naquela época os papas enviavam até à Inglaterra homens de profundo saber, com livros e tudo quanto se fazia mister para instigar, em povos ainda bárbaros, o gôsto às letras, artes e ciências. Se os santos papas da época não os mencionam, cabe à história, cabe à Europa reconhecida fazê-lo. A própria missiva de Agatão, embora longa, não possui estilo desprezível. As coisas sucedem-se com ordem, os raciocínios são justos, as expressões claras, apesar de não possuirmos, talvez, o texto original. Reina por tôda parte uma modéstia, uma candura que convidam a persuasão. Talvez fôsse necessário tudo isso para desarmar a falsa ciência, a ciência sofística e pretensiosa dos gregos, sobretudo num momento em que veriam condenar cinco ou seis dos seus patriarcas.

Em seguida, o santo papa, na esteira da tradição dos apóstolos, dos pontífices apostólicos e dos concílios gerais, expõe a fé sôbre a Trindade e a Encarnação, principalmente no que diz respeito à questão das duas vontades, sôbre a qual afirma nìtidamente

que as três pessoas divinas, possuindo uma única natureza, possuem também uma única vontade, mas que em Jesus Cristo, havendo duas naturezas, há duas vontades e duas operações. "Tal é a doutrina apostólica que o nosso protetor, o bem-aventurado Pedro, nos transmitiu, não para que seja encerrada, mas para que retumbe em todo o universo com mais brilho que qualquer clarim, pois a confissão que Pedro fêz da verdade lhe foi revelada pelo Pai e, em recompensa, foi declarado bem-aventurado pelo Senhor. Êsse mesmo Pedro recebeu do Salvador de todos, e por uma tríplice recomendação, as ovelhas espirituais da Igreja; e, mediante a assistência dêsse mesmo Pedro, esta Igreja apostólica, que é a sua, nunca se desviou do caminho da verdade para qualquer parte de êrro. Assim, tôda a Igreja católica, e os concílios gerais sempre abraçaram fielmente e sempre seguiram em tudo a autoridade desta Igreja apostólica, como sendo a autoridade do próprio príncipe dos apóstolos. Enviamos-vos, portanto, a regra da verdadeira fé, que, tanto na prosperidade, como na adversidade, foi conservada e defendida corajosamente pela mãe espiritual do vosso império, a Igreja apostólica de Cristo, a qual, pela graça de Deus Onipotente, jamais será convencida de se haver afastado da senda da tradição apostólica, nem jamais sucumbiu à depravação das novidades heréticas; mas tal qual recebeu a fé dos seus fundadores, os príncipes dos apóstolos, a conservou sem mancha, segundo a promessa feita pelo Salvador ao príncipe dos seus discípulos nos sagrados Evangelhos: Pedro, Pedro, orei por ti, para que a tua fé não desfaleça; quando, pois, estiveres convertido, afirma teus irmãos. Considere, portanto, Vossa Majestade que foi o Senhor e o Salvador,

cuja fé é um dom, que prometeu que a fé de Pedro não desanimaria, e lhe recomendou firmar os irmãos. É o que todos os pontífices apostólicos, predecessores de minha fraca pessoa, sempre fizeram corajosamente, como sabem todos. Por insignificante que eu seja, quero imitá-los para cumprir o meu mister, pois, infeliz de mim, se calar a verdade que êles pregaram! Que direi perante o tribunal de Cristo? Que direi por mim? Que direi pelas almas que estão confiadas e das quais devo dar conta? Assim, desde o momento em que os bispos de Constantinopla se esforçaram por introduzir a novidade herética na Igreja imaculada de Cristo, os meus predecessores, de apostólica memória, não cessaram de os exortar, de os advertir, de os conjurar a desistir dêsse dogma herético, pelo menos calando-se."

Santo Agatão prova a distinção das duas vontades pelos passos da Escritura explicados pelos Padres. Acrescenta-lhes a definição do concílio de Calcedônia e a do quinto concílio. Continua a prova pela tradição, cita várias passagens dos Padres gregos em original, e dos Padres latinos traduzidos em grego, de São Gregório de Nazianzo, São Gregório de Nissa, São João Crisóstomo, São Cirilo de Alexandria, Santo Hilário, Santo Atanásio, São Dionísio o Areopagita, Santo Ambrósio, São Leão. Faz a aplicação de todos êsses passos e ajunta: "Poderíamos a êles acrescentar os que combateram pelo concílio de Calcedônia, a saber: João, bispo de Citópolis, Eulógio de Alexandria, Efrém e Anastásio de Antioquia."

Para completar a refutação do êrro, cita os passos dos antigos heréticos, que sustentaram não haver em Jesus Cristo senão uma operação e uma

vontade. "É preciso, pois, conclui, empregar tôdas as fôrças para libertar a santa Igreja de Deus, mãe do vosso império, dos desvios de semelhantes doutôres, e fazer de tal modo que todos os pontífices, todos os sacerdotes, todos os clérigos e todos os povos confessem unânimemente conosco a fé ortodoxa fundada na pedra firme desta Igreja, do bem-aventurado Pedro, Igreja que, pela graça e pelo auxílio do príncipe dos apóstolos, permanece isenta de qualquer êrro."

Essa carta, como a segunda, que tem o mesmo sentido, foi lida no concílio de Constantinopla reunido em novembro de 780, e todos os bispos com ela concordaram. Domiciano de Prusiada exprimiu-se nestes têrmos: "As cartas dirigidas ao nosso amo o imperador pelo nosso pai Agatão, santíssimo arcebispo da sede apostólica e suprema da antiga Roma, recebo-as e abraço-as como ditadas pelo Espírito Santo, através da bôca do bem-aventurado Pedro, príncipe dos apóstolos, e escritas pelo dedo do três vêzes bem-aventurado papa Agatão". Enfim, todo o concílio disse ao imperador na última sessão: "O chefe supremo dos apóstolos combatia conosco, pois nós tínhamos para nos animar o seu imitador, o sucessor do seu trono, ilustrando pelas suas letras o mistério de Deus. Ó príncipe, a antiga Roma vos ofereceu uma confissão escrita do próprio Deus, e uma carta do Ocidente trouxe a luz da doutrina. A tinta ali aparecia, mas Pedro falava por Agatão." A carta pela qual o concílio rogava a êsse bom papa que confirmasse o que acabava de dizer não mais o encontrou com vida. Agatão morreu em 10 de janeiro de 782, e teve por sucessor São Leão II.

* * *

SÃO GUILHERME

Arcebispo de Bourges

Guilherme provinha da ilustre família dos condes de Nevers. O cuidado da sua educação foi confiado ao tio Guilherme, arquidiácono de Soissons, cognominado o ermitão pela austeridade de vida. Desde cedo ensinou-lhe o hábil mestre a desprezar a riqueza e as grandezas perecíveis do mundo, a detestar-lhe os prazeres, e a temer-lhes o veneno oculto sob um aspecto sedutor. Guilherme correspondeu perfeitamente às esperanças do tio; só tinha entusiasmo pelo estudo e pelos exercícios da piedade. Entrou na carreira eclesiástica, e foi sucessivamente cônego de Soissons e de Paris. Mas, aumentando nêle, cada vez mais, a aversão ao mundo, resolveu abandoná-lo de vez, e retirarse para a solidão. Escolheu a solidão de Grandmont, e lá viveu na prática das maiores austeridades da penitência. Tendo-se verificado uma divergência entre os religiosos de côro e os irmãos conversos, que perturbou a paz de que êle desfrutava, passou-se para a ordem de Citeaux, que então esparzia por tôda parte o santo odor de Jesus Cristo. Fêz profissão na abadia de Pontigny, onde em breve se tornou modêlo perfeito da perfeição monástica. Após transcorrer algum tempo como prior dessa casa, foi escolhido abade de Fontaine-Jean depois de Châlis, perto de Senlis.

Longe de se valer do lugar, considerava-se o último dos irmãos. Vivia numa absoluta mortificação dos sentidos e das inclinações. Mereceu, dessarte, obter de Deus uma admirável pureza de coração, e o dom da prece no mais eminente grau. Unia a uma simplicidade maravilhosa grandes luzes que vertia na mais sublime oração. Descobria-se-lhe pela serenidade do rosto a calma interior da alma e, apesar de tôdas as suas austeridades, jamais perdeu a santa alegria que tantos encantos dá à virtude.

Enquanto o nosso santo desfrutava as doçuras do retiro, a morte arrebatava Henrique de Sully, arcebispo de Bourges, no mês de setembro de 1199. O clero, não conseguindo concordar quanto à escolha de um sucessor, mandou legados a Eudes, bispo de Paris e irmão do prelado falecido, rogando-lhe auxílio em tão importante questão. Ao chegar, verificou Eudes que eram propostos três abades de Citeaux como candidatos, e que a êle cabia escolher um dos três. Um dos candidatos era São Guilherme de Châlis. Eudes transferiu a decisão para o dia seguinte, foi rezar a missa numa igreja da Santa Virgem, colocou sob a toalha do altar três bilhetes selados, onde estavam escritos os nomes dos três abades. Assistiam-lhe dois varões ilustres pela ciência e pela virtude, um dos quais foi, mais tarde, arcebispo de Tours, sendo o outro bispo de Meaux. O bispo de Paris, terminando a missa, prosternou-se com êles, orando ao Senhor que lhe desse a conhecer a escolha. Em seguida, tirou do altar um dos três bilhetes e, abrindo-o, leu o nome de Guilherme. Só o confessou aos dois assistentes; no mesmo instante, porém, os cônegos da catedral, reunindo-se, mandaram pedir-lhe, com insistência, o abade Guilherme. O bispo,

extremamente surpreendido, louvou a Deus e publicou a escolha diante do povo, que se reunira em grande número. Era o dia 23 de novembro de 1199.

São Guilherme soube antes da nova da sua escolha pelo ruído público, e afligiu-se bastante, temendo abandonar o repouso da solidão para se incumbir do govêrno de tal igreja. Por isso, quando os legados de Bourges lhe foram suplicar que consentisse na escolha, respondeu humildemente que nada podia dizer, que tinha um superior, ao qual devia obedecer, de acôrdo com a constituição da ordem. Imediatamente lhe entregaram, contra a sua esperança, a carta do abade de Citeaux, que lhe ordenava não resistir à vontade de Deus nem ao seu chamado. Àquilo se acrescentava a ordem do cardeal Pedro de Cápua, legado apostólico na França.

São Guilherme abandonou a querida solidão, mas derramando uma torrente de lágrimas. Tomou o caminho de Bourges, e ali foi recebido como anjo enviado pelo céu, e sagrado, na presença de todos os bispos da província, por Elias, arcebispo de Bordéus. O seu primeiro cuidado foi conformar o exterior, tanto quanto o interior, às máximas do Evangelho, pois estava persuadido de que todo homem, e principalmente os bispos, devem começar por estabelecer em si próprio o reino de Jesus Cristo. Redobrou as austeridades, por ter de expiar, dizia, os seus próprios pecados e os do seu povo. Conservou o hábito monástico, sob o qual trazia constantemente um cilício. As suas vestes eram as mesmas tanto no inverno como no verão. Para sempre dispensou o uso da carne, embora mandasse servi-la aos forasteiros que com êle se sentassem à mesa.

A solicitude do santo arcebispo abraçava indistintamente todo o rebanho; mas interessava-se de maneira particular por aquêles cujas necessidades espirituais e físicas lhe eram conhecidas. "É por êsses, dizia, que fui especialmente enviado a Bourges." Os pecadores penitentes encontravam nêle um pai repleto de doçura, de meiguice; quanto aos pecadores inveterados, opunha-lhes uma firmeza inflexível, sem querer, no entanto, empregar contra êles os meios de rigor em uso na época.

Deparou-se-lhe em tôda a igreja galicana o costume de impor aos excomungados, ao lhes ser dada a absolvição, multas pecuniárias, além da satisfação canônica, sob pretexto de os preservar de recaídas, ao menos por um motivo de interêsse. O costume desagradava ao santo prelado. Todavia, havia homens de ilustre nome que lhe aconselhavam segui-lo, e dar aos pobres o dinheiro obtido com as multas, no caso de não desejar êle próprio aproveitá-lo. São Guilherme descobriu um meio para não seguir tal costume e, ao mesmo tempo, não escandalizar os que o seguiam, condenando-lhes abertamente o procedimento. Quando ministrava a absolvição aos excomungados, obrigava-os a uma caução sôbre a multa e, para mantê-los no dever, freqüentemente os ameaçava com exigi-la, jamais, porém, a exigindo.

Resistiu igualmente aos que lhe aconselhavam a perseguir pelas armas os maus incorrigíveis, a fim de proporcionar paz à Igreja. Alegavam-lhe o exemplo dos Padres do país, e o costume por êles estabelecido. Tomou Guilherme tempo para deliberar e rogar a Deus sôbre o assunto, mas nunca pôde resolver-se a verter sangue, devastar terras e pilhar,

Todavia, para não aparentar condenar temeràriamente o costume, prometeu segui-lo. Começou, com efeito, a combater os inimigos, não pelo ferro e pelo fogo, mas pelas armas espirituais. Chamava em particular os mais obstinados, dirigia-lhes as mais vivas reprimendas, ameaçava-os com o fogo do inferno; ao mesmo tempo, para tornar mais eficazes as suas exortações, orava, jejuava, velava assìduamente por êles. Não se lhe enganou a esperança. Com grande assombro do público, os lôbos faziam-se ovelhas, os perseguidores amigos; os que o desprezavam até então, não sòmente o chamavam arcebispo, senão também santo arcebispo, e lhe testemunhava filial docilidade. Os que permaneciam no seu endurecimento eram considerados pelos outros como reprovados. A sua santa vida lhe conciliava todos os corações. Todos se julgavam felizes por receber ordens dêle, por ser honrados com a sua bênção, ou até por lhe tocar a fímbria da veste.

Valeram-se algumas pessoas da sua doçura para atentar contra os direitos da igreja de Bourges, gabando-se de que o santo não ousaria resistir-lhes; não tardaram, porém, em perceber que tinham errado. Guilherme, com risco de perder os proventos, defendeu vigorosamente os direitos da igreja, até contra o rei Filipe Augusto, instigado por alguns cortesãos. Teve também de eliminar contradições da parte do seu capítulo e de alguns membros do clero, e disso triunfou pela sua firmeza, e mais ainda pela sua profunda humildade. O rei, tendo reconhecido que fôra enganado, tornou-se amigo do santo arcebispo;

os clérigos indóceis arrependeram-se do êrro, e tornaram-se filhos muito afeiçoados ao pai (1).

São Guilherme estava unido de terna e santa amizade a Godofredo, arcebispo de Tours, e Eudes de Sully, bispo de Paris. Visitavam-se de vez em quando, entretendo-se do cuidado das almas e do govêrno das igrejas. Guilherme teve a extrema dor de perder os dois amigos em 1208, o primeiro em abril, o segundo dois meses e meio depois. Não lhes sobreviveu muito tempo.

Em 1208, o papa Inocente III, após esgotar os caminhos da doçura com relação aos maniqueus do Languedoc, mandou pregar uma cruzada contra êles. São Guilherme, tendo lido as cartas apostólicas ao seu povo, foi o primeiro que abraçou a cruz, e exortou os assistentes, com bastante zêlo, a lhe seguirem o exemplo. Empenharam-se com grande vontade. Mas o santo arcebispo não teve tempo de realizar a promessa, pois morreu, quando se dispunha a partir.

Estava com febre, quando no dia 5 de janeiro de 1209, véspera da Epifania, pregou ao povo, como que lhe dando o último adeus, na igreja metropolitana de Bourges. A febre aumentou consideràvelmente, tanto mais que falava de cabeça descoberta, exposto ao vento e a um intenso frio. A enfermidade foi aumentando, e êle pediu a extrema-unção e, em seguida, o santo viático. Para o receber com mais respeito, levantou-se do leito, foi para a frente, ajoelhou-se, debulhado em lágrimas, orou longamente prosternado no chão, com os braços estendidos em cruz; depois, recebeu o corpo do Salvador com gran-

(1) Acta SS., 10 de janeiro.

de humildade e um mar de lágrimas. Era o quinto dia da enfermidade. Na noite seguinte, sentindo a aproximação do fim, quis antecipar as noturnas, que soía dizer à meia-noite. Tendo feito o sinal da cruz sôbre os lábios e o peito, mal conseguiu proferir *Domine labia*, pois não logrou continuar. Terminaram a reza os assistentes. Por um gesto, ordenou São Guilherme que o pusessem sôbre o chão. Estendeu-se a cinza, e deitaram-no em cima, revestido do cilício que trazia oculto; e pouco depois, entregou a alma. Era o dia 10 de janeiro, dia no qual lhe honra a Igreja a memória. Escolhera a sepultura na abadia da qual fôra tirado; mas o seu clero, além do povo, não pôde consentir naquele desejo, e êle foi enterrado em Santo Estêvão de Bourges. Realizara vários milagres, quando vivo, e, à beira do seu túmulo, verificaram-se inúmeros outros. São Guilherme de Bourges, do qual existem três Vidas escritas por autores contemporâneos, foi canonizado em 1218 pelo papa Honório III (1).

* * *

(1) **Acta SS.**, 10 de janeiro.

BEM-AVENTURADO EGÍDIO DE LORENZANA (*)

O bem-aventurado Egídio nasceu em Nápoles, na cidade de Lorenzana, e, desde criança, manifestou-se-lhe a piedade como o mais acentuado traço do caráter. Devoto de Santo Antônio de Pádua, era visto, constantemente aos pés do altar do grande Santo português, na igreja dos franciscanos da Observância.

Temeroso das falsidades do mundo, retirou-se para uma vida obscura, repartindo o tempo entre orações e trabalhos manuais, perto duma igreja consagrada a Nossa Senhora.

Humilde, doce e contemplativo, muito manso, as próprias aves ariscas não lhe tinham mêdo algum: aproximavam-se dêle, pousavam-lhe nos ombros, confiantemente comiam-lhe das mãos, entravam-lhe pela cela, despreocupadas e a cantar. Logo, o povo das circunvizinhanças começou a falar de Egídio, da vida santa que levava. E, um dia, uma multidão lhe apareceu no tranqüilo repouso. Que desejava? Apenas que a recomendasse a Deus, nas orações que tão fervorosamente fazia e que subiam diretamente ao céu.

Egídio amedrontou-se; chocava-lhe a humildade. Então, para escapar da concorrência, passou a traba-

lhar para um lavrador que residia perto do convento dos franciscanos.

O bem-aventurado sofreu terríveis assaltos do demônio, mas, com a graça de Deus, conseguiu suplantar as tribulações.

Sempre a orar, dedicando-se aos exercícios da contemplação e da penitência, Egídio vivia em freqüentes êxtases. Converteu, por exortações e pelo poder da oração, muitos pecadores.

Seis anos depois da morte, que ocorreu em 1518, encontraram-lhe o corpo como se estivesse vivo: não havia rigidez alguma, e o rosto apresentava a côr característica dum homem em plena saúde.

Leão XIII confirmou-lhe o culto em 1880.

* * *

SÃO MARCIANO (*)

Padre e Confessor

Marciano, nascido em Constantinopla, pertencente a uma família romana nobre e rica, levou vida de oração, de jejum e de solidão, quando possível, uma vez que o ministério o chamava constantemente.

Porque os pais lhe permitiam dispor da imensa fortuna que a família possuía, Marciano construiu igrejas, hospitais, e foi duma prodigalidade sem limites para com a pobreza que seguidamente o procurava.

São Marciano depositava em Deus a mais absoluta confiança, essa confiança que só os santos conhecem: caluniado, duma feita, por invejosos, a doçura e aquela confiança não lhe permitiram pôr-se em campo para a defesa. Assim, no silêncio, esperava, tranqüilamente, que Deus o fizesse.

Genádio, o patriarca, nomeou-o ecônomo de sua Igreja. Pôde, então, Marciano erigir e reparar grande número de igrejas na grande cidade de Constantino.

Dêste Santo, conta-se a seguinte história: um dia, um mendigo esfarrapadíssimo, dos mais pobres que jamais vira, o abordou, solicitando-lhe uma esmola. São Marciano, comovido com tanta indigência,

desfazendo-se, oculta e ràpidamente, do hábito, deu-o ao esfarrapado pedinte, que se foi alegremente.

Revestindo-se com a alva, o Santo dirigiu-se ao altar para oficiar. E os fiéis, admirados, depois escandalizados, viram-no, trazendo sob a alva, um hábito todo de ouro e pedrarias, que faiscava.

O patriarca, incomodado, nem bem terminara a cerimônia, correu a falar ao Santo. E, erguendo-lhe a alva, incontidamente, nada viu daquilo que todos haviam visto.

Deus concedeu àquele servidor o dom dos milagres, em virtude dos quais muitas pessoas, heréticas e arianas, se converteram.

Venerado por todo o povo, São Marciano faleceu em Constantinopla, no dia 1.º de janeiro de 471.

* * *

SÃO DOMICIANO (*)

Bispo e Confessor

Domiciano, nascido em 564, foi um bispo prudente, de muito tacto, que se preocupava, cheio dum zêlo que o consumia, com trazer para Deus as almas que dêle se achavam afastadas. Para converter o rei da Pérsia, então Cosroès, fêz tudo aquilo que lhe estava no alcance, mas quis Deus que não o conseguisse. É o que se depreende duma carta escrita a São Gregório, o Grande, com o qual, sôbre questões das sagradas Escrituras, se correspondia com alguma regularidade, quando bispo de Melitene, na Armênia.

São Domiciano foi um carinhoso protetor de viúvas, um desvelado pai de órfãos, um sustentáculo incansável da pobreza, que nêle encontrava aquêle apoio que não falha, porque da mão bondosa e poderosa do Senhor.

Morto em 602, São Domiciano, então em Constantinopla, onde fôra encarregado duma missão junto ao imperador, foi sepultado na igreja dos Santos Apóstolos. Mais tarde, foram-lhe as relíquias transladadas para a igreja de Melitene, a sua igreja, que o honra sobremodo. Em Constantinopla, São Domiciano é festejado juntamente com São Gregório de Nissa, todos os anos, em Santa Sofia.

* * *

SÃO GONÇALO DE AMARANTE (*)

Confessor

São Gonçalo era de Portugal. Nascido em 1187, foi confiado ao arcebispo de Braga, que o ordenou padre. Dotando-o excelentemente, pouco depois passava para um sobrinho os benefícios todos, logo partindo para a Terra Santa, onde permaneceu por muitos anos a visitar os lugares santos, depois Roma.

De volta, soube que o sobrinho, que bondosamente provera com os benefícios recebidos do arcebispo de Braga, fizera correr a notícia de que havia falecido, quando em peregrinação. Mal recebido pelo ingrato, não se abalou: fêz-se ermitão, e foi viver afastado de tudo.

Um dia, apiedado dos camponeses que trabalhavam longe de qualquer curso dágua que lhes matasse a sêde, fêz com que, dum rochedo, afluísse finíssimo vinho.

Acreditando que devia professar na ordem dos irmãos pregadores, deixou o retiro, ao qual voltou apenas terminado o período de noviciado.

É de crer que uma das maiores alegrias que conheceu neste século foi a revelação que teve do dia da morte, porque, satisfeitíssimo e ardorosamente,

pôs-se a preparar-se para uma boa morte, quando, então, nos derradeiros momentos, a Santa Mãe de Jesus apareceu-lhe. Era a 10 de janeiro de 1259, e São Gonçalo, santamente, deixava o duro mundo ingrato e vão.

* * *

BEM-AVENTURADO GREGÓRIO X (*)

Papa

Gregório X, cujo nome era Teobaldo Visconti, foi duma humildade edificante: todos os dias lavava os pés de muitos pobres. A caridade, essa, levava-o a procurar os infelizes, provendo-os do que necessitassem. Austero, alimentava-se sòmente uma vez por dia, e o tempo que conseguia subtrair aos afazeres, passava-o, ou a orar, ou, então, dedicava-o à contemplação. Desde criança, caracterizara-se pelo apêgo ao estudo e por virtudes incomuns. Era profundo conhecedor do direito canônico, e, quando freqüentou a universidade de Paris, aperfeiçoando-se nas ciências eclesiásticas, o rei São Luís era-lhe um dos admiradores. Duma feita, quando Inocêncio IV lhe ofereceu o bispado de Placência, recusou-o por humildade. Era, então, arcediago de Liège, e recebeu a incumbência de ir pregar a cruzada para a recuperação da Terra Santa. Atendendo ao pedido do papa, empreendeu perigosa e delicada missão na Palestina.

Foi na Terra Santa que, em meio à missão que lhe fôra confiada, recebeu a notícia de sua eleição para a cátedra de São Pedro. Estava em São João d'Acre e era a 1.º de setembro de 1271.

Acedendo à vontade de Deus, aceitou com humildade aquela dignidade máxima. Retornou à Itália e adotou o nome de Gregório X.

Tal nova foi festejadíssima pelos cristãos que estavam na Palestina, uma vez que o novo papa se tornara figura muito popular e querida. Agora, mais do que nunca, confiavam no perene socorro que haviam de ter. Veriam estabelecidos a paz e o acôrdo entre os príncipes cristãos.

Gregório X foi coroado em Roma, no dia 27 de março de 1272, e principiou, logo em seguida, a tratar das questões da Terra Santa, conseguindo o apoio da Itália e da França.

O bem-aventurado papa reinou por pouco tempo, mas, desde a elevação até a morte, ocorrida em 1276, envidou todos os esforços no sentido do restabelecimento da paz na Terra Santa, lutando pela unidade do Oriente, numa época em que a Itália mesma se via atribulada pelos guelfos e gibelinos, aos quais procurou o sumo pontífice apaziguar.

Em 1274, teve ocasião o concílio de Lion. Gregório deixaria Roma para não mais voltar.

No concílio, que presidiu na igreja de São João, na presença de Jaime I, rei de Aragão, dos patriarcas latinos de Antioquia e Constantinopla, de delegados da Inglaterra, Sicília, Alemanha, França, bem como doutras partes, dum grande número de bispos, de muitíssimos abades e personalidades das ordens inferiores, Gregório X desenvolveu o objeto da assembléia: reforma da Igreja, união dos gregos cismáticos, e o eterno problema, sempre carinhosamente tratado: auxílio à Terra Santa.

Findo o concílio, partiu para Roma, mas foi obrigado a interromper a viagem, quando na Toscana. Atacado de pleurisia, morria a 10 de janeiro, beijando ardentemente o crucifixo, banhando-o de lágrimas incontidas. Era em Arezzo, e o corpo do bem-aventurado papa foi repousar na catedral de São Pedro, precisamente na capela de São Silvestre, onde, então, muitos milagres tiveram lugar.

* * *

SÃO PEDRO URSÉOLO (*)

Confessor

Pedro Urséolo foi doge de Veneza, filho de importante família daquela cidade. Aos vinte anos, comandando uma frota que lhe foi confiada, desbaratou a pirataria que então infestava o mar Adriático.

Nascido em 928, teve vida agitada. É de crer que tenha tomado parte no levante popular havido em 976, que redundou na morte do doge Pedro Candiani, o Quarto, no incêndio do palácio dos doges, que se propagou e destruiu parte de Veneza. O fato é que, alçado ao comando, sucedeu ao doge morto. Foi, então, administrador enérgico, cheio de tacto e incansável.

Assim que se viu no poder, tratou de reparar os estragos causados pelo fogo, quando do incêndio ateado ao palácio, principiando pela restauração da igreja de São Marcos.

Personalidade complexa, arrebatada, causou admiração em todos aos que, em seguida, sucedeu. Uma noite, talvez a 1.º de setembro de 978, em grande segrêdo, deixou a cidade e demandou a abadia beneditina de Cusan em Roussillon, entre a França e a Espanha. Nem mesmo a espôsa, com a qual convivia há mais de vinte anos, soube de seu paradeiro, e por muitos anos.

Tão insólito procedimento pode, a princípio parecer precipitado, mas supõe-se que, conforme querem os biógrafos, a idéia de deixar o mundo para levar vida de religioso vinha sendo acalentada pelo Santo desde algum tempo, precisamente quando do nascimento do primeiro e único filho, que, diga-se de passagem, foi um dos maiores e mais célebres doges de Veneza.

Sob a direção dum santo abade, Guerino, São Pedro Urséolo levou vida austera, dada tôda ela à oração, a lutar para morrer para si mesmo.

Desejoso de solidão, e sòmente de solidão, construiu um eremitério, e nêle, sempre e sempre, viveu para Deus enquanto ia morrendo totalmente para o século.

Falecendo em 987, foi sepultado modestamente. Vários milagres foram então por Deus operados à beira da tumba singela, o que se repetiu, quando foi da transladação do corpo, em 1027, para a igreja de São Miguel de Cusan.

* * *

No mesmo dia, em Dijon, Santa Flórida, virgem e mártir provàvelmente do século III.

Em Lentino, na Sicília, as santas Tecla e Justina.

Na diocese de Valença, São Petrônio, bispo de Die. De família senatorial de Avignon, foi monge, abade de Lerins, depois bispo. Devotado à instrução do povo, faleceu em 463.

Em Meaux, Santa Setrida, virgem.

Na Campânia, o bem-aventurado Benincosa, oitavo abade do famoso mosteiro de La Cava.

Em Chipre, São Nicanor, um dos sete primeiros diáconos, digno de admiração pela eminência da fé e da virtude; mereceu receber a coroa da glória. — Em Milão, São João Bondoso, bispo e confessor. — Na Tebaida, o decesso de São Paulo, primeiro ermitão, cuja festa sòmente se celebra no décimo-quinto dia dêste mês.

11.º DIA DE JANEIRO

SÃO TEODÓSIO

Abade na Palestina

Era Teodósio da Capadócia, como o seu amigo São Sabas. Desde a mocidade, foi ordenado leitor, e, impressionado pelo que lia, resolveu abandonar o seu país e rumar para a Palestina, na época em que se realizava o concílio da Calcedônia. Passando pela Síria, foi visitar São Simeão Estilita, que o fêz subir na coluna, e lhe predisse que seria pai de um grande rebanho. Após visitar os santos lugares, colocou-se sob a direção de um recluso chamado Longino, e foi também ensinado por dois discípulos de Santo Eutímio. Em seguida, temendo ser feito superior, retirou-se para uma caverna a duas léguas de Jerusalém, onde viveu trinta anos de frutos ou legumes, sem comer pão. Teve, a princípio, seis ou sete discípulos; depois, como se multiplicassem e a gruta não pudesse contê-los, ergueu nas cercanias um grande mosteiro, onde se exerciam tôdas as artes necessárias à vida, de tal modo que parecia uma cidade. Era o refúgio de todos os miseráveis. Nêle se praticava a hospitalidade, davam-se esmolas, aliviavam-se os enfermos. Havia quatro enfermarias, duas para os monges, a saber, uma para os enfermos e outra para

os que estavam aniquilados pelo trabalho e pela velhice; duas para os seculares, segundo a sua condição, pondo em separado os que eram mais importantes. Havia, outrossim, quatro igrejas: uma para os que falavam grego como êle; uma para os bessas, povo da Trácia; a terceira para os armênios, a fim de que uns e outros celebrassem o ofício na sua própria língua; a quarta para alguns monges que, tendo desejado temeràriamente viver como anacoretas, haviam perdido o juízo, readquirindo depois o bom-senso. Cada povo celebrava, pois, o seu ofício à parte, exceto o santo sacrifício, porque, depois da leitura do Evangelho, todos se reuniam na grande igreja, que era a dos gregos, e lá comungavam juntos. Saíram de tal mosteiro vários abades e bispos. São Teodósio, sem ter nenhuma tintura dos autores profanos, não deixava de ser eloqüente e persuasivo. Servia-se muito dos tratados ascéticos de São Basílio e o propunha para seu exemplo.

Como São Basílio, teve a glória de combater e até de sofrer o exílio, pela fé de Jesus Cristo. O imperador grego Anastásio, contaminado pela heresia de Eutiques, perseguia os católicos, quando não podia corrompê-los. Havia exilado o bispo católico de Jerusalém, chamado Elias. Para conquistar o abade Teodósio, enviou-lhe uma grande quantia de dinheiro. O santo distribuiu-a aos pobres, e, ao mesmo tempo, dirigiu ao imperador uma sólida profissão de fé católica, segundo os decretos dos quatro grandes concílios: o de Nicéia, que proclamara a divindade de Jesus Cristo contra a impiedade de Ário; o de Constantinopla, que proclamara a divindade do Espírito Santo contra a impiedade de Macedônio; o de Éfeso, que proclamara a unidade de pessoa em Jesus Cristo

contra a impiedade de Nestório; o da Calcedônia, que proclamara a distinção das duas naturezas em Jesus Cristo contra a impiedade de Eutiques. São Teodósio acrescenta estar pronto para sofrer a morte, a ter de comunicar com os que não reconheciam a autoridade do concílio da Calcedônia. No momento, a carta causou impressão no imperador, que aliás estava empenhado numa guerra, e êle respondeu ao santo de maneira tranqüilizadora. Mas não tardou em voltar ao vômito, publicou novos editos em favor da heresia, e de tôda parte enviou tropas para que fôssem executados. Em tão extremo perigo, São Teodósio, que contava mais de noventa anos, reuniu o povo de Jerusalém na igreja, subiu ao púlpito, e diz em voz alta: "Se alguém não receber os quatro concílios ecumênicos, como os quatro evangelhos, seja anátema!" Em seguida, percorreu as cidades da Judéia, firmando por tôda parte os católicos na fé e refutando em público e em particular as heresias de Nestório e de Eutiques. O que imprimia grande fôrça às suas palavras era o fato de Deus, por seu intermédio, realizar um grande número de milagres.

Finalmente, porém, o imperador Anastásio o condenou a um exílio perpétuo. Mas o exílio não teve duração. Pouco depois, em 518, morreu o imperador atingido por Deus, bem como morreram os executores da perseguição. Justino, sinceramente católico, sucedeu-lhe. Os exilados regressaram, e a paz foi devolvida à Igreja. São Teodósio viveu ainda onze anos, e o seu zêlo foi louvado pelo papa Santo Agapito.

No último ano de vida, afligiu-o crudelíssima enfermidade. Sofreu-a com inteira resignação. Certo dia, alguém lhe aconselhou a dirigir-se ao céu, para

obter um alívio aos males: "Não, não, respondeu o santo, essa prece seria sinal de impaciência, e me roubaria a coroa." Ao ver que chegava ao derradeiro momento, reuniu as fôrças para dar ainda alguns conselhos aos irmãos: predisse-lhes, em seguida, várias coisas que se verificaram, realmente, após a sua morte. Por fim, adormeceu no Senhor, no ano 529 de Jesus Cristo, com cento e cinco anos de idade. Pedro, patriarca de Jerusalém, assistiu ao seu funeral, com todos os habitantes da região, e, durante a cerimônia, foram comprovados vários milagres.

* * *

O BEM-AVENTURADO TOMÁS DE CORA

Da ordem de São Francisco

O bem-aventurado Tomás nasceu em Cora, na diocese de Velletri, estados pontificais, de pais piedosos e honrados. A graça de Deus o bafejou desde os mais tenros anos. Desde cedo, foi piedoso e meigo, e de costumes sempre puros, até na idade das paixões. Atraiu, dessarte, o afeto e o respeito de todos os que o conheciam; os seus companheiros só lhe chamavam *santinho*. Após a morte dos pais, vendeu a modesta herança que lhe haviam legado, e vestiu o hábito de São Francisco, no mosteiro da sua cidade natal.

Sacerdote, o jovem e fervente religioso resolveu seguir a regra de São Francisco em todo o seu rigor, e nem as enfermidades, nem as doenças que freqüentemente o afligiam constituíram para êle um pretexto de dispensar o que lá havia de mais austero.

Apegou-se sobretudo à prática da pobreza tão estritamente recomendada pelo patriarca seráfico aos seus discípulos; e em tal artigo, jamais sofreu infrações ao regulamento nos diversos conventos que habitou, distribuindo pessoalmente aos pobres tudo quanto, nos produtos das esmolas e dos presentes

dos fiéis, ultrapassava o estrito necessário da comunidade.

O seu zêlo, porém, não se contentava com o estreito palco no qual se exercia, e êle pediu aos superiores permissão para ir à China e à Índia, a fim de lá contribuir, com os seus exemplos e exortações, para a propagação da fé cristã. A recusa de um favor ao qual dava o maior valor, não acarretou a menor perturbação ao seu espírito. Tomás submeteu-se com piedosa resignação, contente com fazer todo o bem que dêle dependia nos arredores do convento no qual residia. Percorria os campos, exortando os enfermos, consolando os aflitos, e dando a todos úteis conselhos, sempre sorvidos dos princípios da fé e da religião. As suas pregações, a que acorria verdadeira multidão realizaram várias conversões maravilhosas de pecadores até então endurecidos, e rebeldes à palavra santa. Chamavam-lhe apóstolo do país.

Ao cabo de uma missão em que o piedoso cenobita consultara mais o seu zêlo que as fôrças, caiu doente no convento de Civitella, e o seu estado não deu lugar a esperanças. Sentindo que a morte se aproximava, preparou-se para ela com calma e recolhimento, recebeu o auxílio da Igreja com santo fervor, e entregou a Deus a alma terna e benfazeja, no dia 11 de janeiro de 1729, aos setenta e quatro anos de idade. Diante dos vários milagres que se efetuaram à beira do seu túmulo, a Santa Sé deu os passos para a canonização, e o papa Pio VI emitiu o decreto da beatificação em 18 de agôsto de 1786.

* * *

SÃO TIPÁSIO (*)

Mártir

Tipásio prestara serviços aos exércitos do império. Desligado da carreira das armas, transferiu-se para a Mauritânia, onde passou a levar vida de asceta.

Quando Maximiano solicitou a volta de todos os veteranos que haviam dado baixa, o ex-soldado negou-se a cumprir as ordens, declarando-se cristão. Tal desobediência lhe custaria a vida, mas como dissera ao imperador que, por quarenta dias, obteria vitórias sôbre vitórias, Maximiano, adoçado, ordenou:

— Prendam-no. Se o que diz é apenas para me ludibriar ou ganhar tempo, sofrerá duplamente.

A predição cumpriu-se absolutamente, e o Santo, felicitado pelo imperador, conseguiu o livramento e reiniciou a vida pela qual ansiava e tão ardorosamente principiara a praticar.

Pouco depois, foi novamente perturbado no retiro por editos de Diocleciano e Maximiano. Prêso, ei-lo na presença de Cláudio, então governador da província da Mauritânia. Negando-se, como antes se negara, a retornar ao serviço militar, dizendo-se cristão, enfureceu o governador, que o encarcerou.

Foi quando Deus, dignando-se operar inúmeras curas por intermédio daquele servo fiel, o chamou a si.

Levado novamente à presença do governador, foi submetido a um longo interrogatório, que terminou com o apêlo da volta ao serviço das armas. Sempre se negando, Cláudio, enfurecido, ordenou que o levassem para fora da cidade e o decapitassem.

Morto o Santo, novos e retumbantes prodígios se deram à beira do túmulo.

* * *

SANTO ANASTÁCIO (*)

Confessor

Santo Anastácio morreu de modo singular, chamado por Deus, com mais outros sete monges.

Por muito tempo, fôra o Santo notário da Igreja romana, segundo nos conta São Gregório, o Grande (1). Desejoso de se entregar a Deus exclusivamente, deixou aquela função, apresentou-se ao abade Nonnósio, sob a condução do qual ficou a santificar a alma.

Logo depois, vários outros monges ligaram-se a êle por um estreito laço de amizade, principalmente sete dêles.

Ora, uma noite em que Santo Anastácio orava fervorosamente, ouviu uma voz: dir-se-ia que vinha dos lados ou do alto dum elevadíssimo rochedo, e lhe dizia claramente:

— Anastácio, Anastácio, vem!

E, em seguida, passou a citar os nomes daqueles que o deviam seguir, e que eram os sete. Êstes, que nas suas celas também haviam escutado aquêle mesmo

---

(1) Gregório, Diálogos.

chamamento, e a mesma citação, acordaram que era o fim que se aproximava.

De fato, um a um, todos foram desaparecendo, calma e docemente, no ano 570 de Nosso Senhor Jesus Cristo.

* * *

SÃO VITAL (*)

Monge

São Vital foi monge de Gaza. Virtuoso, austero, depois de velho se decidiu a empreender uma perigosa missão: lutar sem cessar para a salvação das mulheres de vida fácil.

Em Alexandria, onde principiou, trabalhava para ganhar algum dinheiro. Conseguida certa importância, ia à procura duma delas, propondo-lhe o abandono daquela má vida, e ao lado da pobre ficava durante tôda a noite a orar, pedindo a Deus que a ajudasse a levar vida honesta. De manhã, quando se retirava, fazia-a prometer que nada diria do que se passara.

Como era de se esperar, as más línguas denunciaram-no ao bispo, mas, como era velho e austero, o prelado não ousou sequer tocar de leve na questão, de uns tempos àquela parte, um grande número de mulheres de vida airada vinha deixando, miraculosamente, os maus costumes.

Ora, um homem, assíduo freqüentador daquele baixo mundo, violento, encontrando-se, certa vez, com o velho monge, esbofeteou-o em público. Vital, olhando-o docemente, disse:

— Filho, se soubesses o que te sucederá, não demorará muito . . .

Morto São Vital, meses depois, êste homem, esbofeteado por um abissínio, viu-se possuído do demônio. A gritar, seguido pelos curiosos, tomou a direção da cela onde Vital falecera. E, ali, jogando-se ao chão, aos gritos, e em lágrimas, passou a invocar o Santo, para que o livrasse do demoníaco jugo. Curado, desmaiou. E o povo que o seguiu, passou a comentar os dizeres impressos numa tabuletazinha que lhe acharam sob o corpo, que dizia: "Povo de Alexandria, não julgueis antes do tempo, até que venha o dia do Senhor".

São Vital, que morreu em 625, foi venerado logo após a morte daquele homem que o esbofeteará em público.

* * *

SANTO EGWINO (*)

Bispo e Confessor

Egwino era natural do condado de Worcester. Moço, desejoso de se afastar do século para se dedicar à ciência e servir a Deus no aperfeiçoamento da virtude entrou num mosteiro, donde, mais tarde, foi solicitado pelo rei Ethelred, que o nomeou conselheiro.

Em 692, elevava-se ao bispado de Worcester. Rigoroso, conquistou inimigos terríveis, que acordaram em o denunciar ao rei e ao papa.

Chamado a Roma para se defender, diz-se que, por penitência, mandou fazer cadeias de ferro, as quais, ligadas por correntes também de ferro, prendeu às pernas. Fechando-as a chave, a esta atirou-a ao rio de Avon e partiu.

Ora, sucedeu que alguns dos amigos que o acompanhavam na viagem, para matar o tempo, resolveram pescar. E, nem bem se puseram ao passatempo, e já pescavam um grande peixe, no qual, ao abri-lo, encontraram a chave que o santo bispo atirara às águas dum ribeiro da Inglaterra.

Egwino, cujas cadeias de ferro o faziam andar com grande sacrifício, exultou, recebendo aquilo como bondade do Altíssimo.

Tal prodígio, correndo Roma, valeu-lhe a absolvição e cartas do papa ao rei Ethelred, que o recebeu de volta com grandes honrarias, restabelecendo-o na sé de Worcester.

São Egwino fundou, depois da morte do rei, ajudado por Kenred, filho de Ethelred, a abadia de Evesham, onde, depois duma segunda ida a Roma, faleceu entre seus monges, em 720, desembaraçado do bispado, no dia 30 de dezembro.

* * *

No mesmo dia, São Paulino, patriarca da Aquiléia e confessor, luz de tôda a Igreja, nascido, segundo se crê, em Friuli ou na Alsácia. Adquiriu tal reputação que o imperador Carlos Magno o recompensou com terras na Lombardia, em 776, ano em que foi elevado ao patriarcado, cuja sede era em Friuli. Contribuindo grandemente para a conversão dos povos que se situavam além das fronteiras de sua jurisdição, tornou-se querido de vários reis. Participou dos concílios de Aix-la-Chapelle (789), de Ratisbona (792), de Francfort (794), contra a heresia de Epilando de Toledo e de Félix de Urgel. Foi legado do papa São Leão III, presidindo o concílio de Aix-la-Chapelle de 802. Assistiu ao de Altino (803), no qual foram reprimidas as violências dum doge de Veneza, contra o patriarca de Grado. São Paulino escreveu hinos e poemas. O trabalho mais conhecido é o *Carmen de Regula Fidei*, sôbre a fé. Operou milagres durante a vida e depois da morte, que ocorreu em 804.

* * *

No mesmo dia 11, em Roma, Santo Higino, papa e mártir. Grego de origem, foi sucessor de São Telésforo. Martirizado quando da perseguição movida por Antonino, faleceu em 412, sendo sepultado perto do corpo de São Pedro, no Vaticano.

Em Roma ainda, São Melcíades, também papa, também mártir, sob Maximiano. Celebra-se-lhe a festa a 10 de dezembro.

Em Colônia, São Baltasar, um dos reis magos.

Na Irlanda e na Gália, São Beandan, abade no século VI. Nascido na Irlanda, transferiu-se para a Grã-Bretanha, combatendo os pelagianos. Passando para a Gália, fêz-se monge, depois abade.

Em Brindisi, São Lêucio, bispo e confessor do século II. Crê-se que era natural de Alexandria. Fixando-se na Itália, operou várias conversões, fundou a Igreja de Brindes, da qual foi o primeiro bispo. Faleceu na paz do Senhor depois de profícua vida.

Na Tebaida, São Palimão, abade, mestre de São Pacômio. Faleceu em 330, e o discípulo, vindo de longe e às pressas para lhe render as últimas homenagens, viu que os anjos lhe carregavam a alma para as alturas, para o céu.

Em Antioquia, São Teodósio, abade, desaparecido em 412. Retirado a uma selvagem região ao sul duma cidade da Cilícia, provàvelmente Roso, vivia de trabalhos manuais. Quando não se dedicava ao labor, orava. Atendendo aos discípulos, consentiu em erigir um mosteiro, impondo aos religiosos severíssimas regras, e o trabalho, do qual deviam tirar a subsistência.

Em Pavia, finalmente, Santa Honorata, virgem, falecida em 500, irmã de Epifânio, bispo daquela cidade. — Na África, Santo Sálvio, mártir, para cuja festa Santo Agostinho proferiu um discurso ao povo de Cartago. — Em Alexandria, os santos mártires Pedro, Severo e Lêucio. — Em Fermo, na marca de Ancona, Santo Alexandre, bispo e mártir. — Em Amiens, São Sálvio, bispo e mártir. — Em Castel-Santo-Elias, perto do monte São Silvestre, Santo Anastácio, monge, e seus companheiros, os quais, chamados por uma voz divina, entraram na alegria do Senhor.

12.º DIA DE JANEIRO

SÃO BENTO BISCOP

Abade na Inglaterra

Biscop, cognominado Bento, era um jovem nobre, ilustre entre os oficiais de Oswi, rei de Northumberland. Santo Wilfrido, mais tarde arcebispo de York, indo em peregrinação a Roma, ligou-se com o seu compatriota Biscop, que para lá também rumava. Biscop fêz novamente tal peregrinação, na qual o príncipe Alfrido quis acompanhá-lo, quando foi impedido pelo rei Oswi, seu pai. De regresso dessa segunda viagem de devoção, Biscop visitou a ilha de Lerins, recebeu a tonsura e abraçou a disciplina monástica. Após lá ficar dois anos, voltou a Roma, e foi então que o papa São Vitaliano, conhecendo-lhe ao mesmo tempo a nobreza, a piedade e o saber, lhe recomendou o novo bispo de Cantuária, Teodoro, e lhe ordenou o conduzisse ao seu país, servindo-lhe de guia e intérprete. Biscop obedeceu à ordem do papa e partiu de Roma para a Inglaterra, com o bispo Teodoro e o santo abade Adriano, em 27 de maio de 668.

Bento Biscop governou, a princípio, durante dois anos o mosteiro de São Pedro de Cantuária, que então cedeu ao abade Adriano. Os dois amigos trabalhavam poderosamente, Bento mais que qualquer outro, para implantar na Inglaterra letras, ciências e

artes. Pelo ano de 670, realizou a quarta peregrinação a Roma, trazendo grande número de livros eclesiásticos, em parte vendidos, em parte dados. Repassando por Vienne, na França, retirou ainda outros que havia comprado e deixado com os amigos.

De regresso à Inglaterra, narrou ao rei Egfrido dos northumbrios tudo quanto fizera nas suas viagens para o serviço da religião, tudo quanto aprendera em Roma e alhures no tocante à disciplina eclesiástica e monástica, e mostrou-lhe os livros e relíquias trazidos. O rei de tal modo se lhe afeiçoou, que lhe deu uma terra de setenta famílias, isto é, de setenta arados, a fim de lá construir um mosteiro em honra de São Pedro. Bento Biscop construiu-o na embocadura do rio Vire, donde o nome de Viremouth, ou seja bôca do Vire. Era o ano 674.

Um ano depois, Bento foi à Gália e voltou com pedreiros para erguer a sua igreja com pedra, e cúpula romana. Não existindo na Bretanha obreiros que soubessem fabricar vidro, mandou-os igualmente vir da Gália, e colocou vidraças nas janelas da igreja e demais construções. Assim foi que aprenderam os inglêses a arte da vidraria. Mandou vir, outrossim, de além-mar, tudo quanto se fazia necessário para o serviço do altar e da igreja, e que não podia encontrar no país, quer se tratasse de vasos, quer de ornatos. Finalmente, para ter o que nem na Gália se lhe deparava, rumou pela quinta vez para Roma. Mas antes dessa última viagem, fundou outro mosteiro, pois o rei Egfrido, vendo o bom uso que havia feito da primeira terra, lhe cedeu outra de quarenta famílias, num lugar chamado Jarou, a duas léguas de Wiremouth, para que ali estabelecesse um mosteiro em honra de São Paulo. O santo sacerdote Geolfrido

foi o seu primeiro abade, e êsses dois mosteiros, de São Pedro e São Paulo, estavam de tal maneira unidos, que formavam como que apenas uma comunidade. Bento Biscop colocou também um abade em São Pedro, em virtude das suas freqüentes viagens, e foi São Esterwin, seu parente. Tendo, pois, rumado para Roma pela quinta vez, trouxe de lá uma incalculável multidão de livros de tôda espécie, e um sem número de relíquias. Trouxe ademais várias imagens de santos para ornato de sua igreja de São Pedro. Obteve do papa (era Santo Agatão, terceiro sucessor de São Vitaliano) um privilégio, segundo a ordem recebida do rei Egfrido, para conservar a liberdade do seu mosteiro. Finalmente, para ali estabelecer o canto e as cerimônias romanas, rogou ao papa que enviasse com êle João, abade de São Martinho de Roma, e cantor da igreja de São Pedro, o que o papa lhe cedeu (1).

O papa Agatão incumbiu o abade João de uma missão mais importante, que era a de se informar exatamente da fé da igreja da Inglaterra, e apresentar um relatório a Roma. Desejava o papa conhecer o estado da província, tão bem quanto conhecia o das outras, principalmente em relação à heresia dos monotelitas. O abade João levou consigo os atos do concílio realizado em Roma sob o papa são Martinho. Quando chegou à Inglaterra, assistiu a um concílio que o bispo Teodoro reuniu em tôrno da mesma heresia, em 17 de setembro de 680. O lugar do concílio chamava-se Hertfeld. A igreja da Inglaterra proferiu nêle uma profissão de fé, e declarou que recebia os cinco concílios gerais e o concílio do papa São Mar-

(1) **Act., Bened.**, t. II, p. 104.

tinho, anatematizando os que êles condenavam, e recebendo os que êles recebiam. Deu-se ao abade João um exemplar dêsse concílio, a fim de que o levasse a Roma João, por sua vez, mandou transcrever, no mosteiro de São Bento Biscop, o concílio do papa São Martinho (1).

Deixou lá, igualmente, por escrito, a ordem da celebração das festas por todo o ano, da qual inúmeras pessoas tiraram cópias, e ensinou de viva voz o canto romano. Os mais hábeis cantores iam ouvi-lo de todos os mosteiros do país, e vários lhe faziam convites para que os visitasse. Finalmente, o abade João embarcou para regressar a Roma; mas pouco tempo após ter passado o mar, adoeceu e morreu. Os amigos fizeram levar-lhe o corpo a São Martinho de Tours, onde foi sepultado honrosamente. Por lá havia passado na vinda, pois tinha particular devoção pelo santo, de que trazia o nome o seu mosteiro de Roma. Os monges haviam-no acolhido com grande caridade, tinham-lhe rogado que reaparecesse no regresso e até lhe tinham cedido pessoas que o ajudassem na viagem. A morte não impediu que a confissão de fé dos inglêses fôsse levada a Roma, e recebida com enorme satisfação pelo papa e por todos os que a viram.

São Bento Biscop ornou os seus dois mosteiros com as imagens trazidas de Roma. No fundo da igreja de São Pedro, colocou a da Virgem e dos doze apóstolos; na parede do sul, as histórias do Evangelho; no lado do norte, as visões do Apocalipse. De tal modo que, ao entrarem na igreja, até os que não sabiam ler viam em todos os cantos objetos agradá-

(1) Beda, L. IV, C. XVIII.

veis e úteis, viam Jesus Cristo e os santos, e relembravam a graça da sua encarnação ou o terror do seu derradeiro juízo. Assim fala um santo, o venerável Beda, que tinha as pinturas diante dos olhos. Bento Biscop colocou no mosteiro de São Paulo imagens que representavam a concordância do antigo e do novo Testamentos. Por exemplo, Isaac levando a lenha do seu sacrifício, e Jesus Cristo levando a cruz, a serpente de cobre, e Jesus Cristo crucificado.

Era assim que os três apóstolos da fé divina e da civilização humana, São Teodoro, Santo Adriano e São Bento Biscop, popularizavam tanto uma como outra entre a gente inglêsa.

Os últimos três anos de Bento não foram mais do que um tecido de enfermidades. Uma cruel paralisia, que o privara do uso dos membros, o obrigava a ficar de cama. Quando se viu na impossibilidade de assistir ao ofício canonical, alguns monges, divididos em dois coros, iam cantar ao seu lado os salmos de cada hora do dia ou da noite; unia-se a êles, na medida do possível, misturando a sua débil voz à dêles. O seu espírito se ocupava apenas de Deus e da perfeição dos seus discípulos, aos quais êle exortava freqüentemente a observar a regra com exatidão. "Meus filhos, dizia-lhes, não considereis uma invenção do meu espírito as constituições que vos dei. Após ter visitado dezessete mosteiros bem disciplinados, cujas leis e cujos costumes me esforcei por conhecer perfeitamente, formei uma coletânea de tôdas as regras que se me afiguraram as melhores, e o que vos dou é essa coletânea." Bento, que sentia crescer a fraqueza, pediu o santo viático, e morreu pouco tempo depois de o receber, em 12 de janeiro de 690.

SANTO AELREDO

Abade na Escócia

Nasceu Aelredo no ano de 1109, na parte setentrional da Inglaterra. Distinguiam-se-lhe pela nobreza os pais, que cuidaram zelosamente da educação do filho, o qual lhes correspondeu perfeitamente. A sua reputação chegou até Davi, rei da Escócia, filho de Santa Margarida, e o religioso príncipe quis atraí-lo ao seu lado. Para tanto, confiou-lhe o govêrno do seu palácio. Aelredo desincumbiu-se da missão com uma superioridade que lhe granjeou a estima do príncipe e de todos os cortesãos. A corrupção do mundo não conseguiu atacar-lhe a alma, incapaz de ficar ofuscada por efêmeras grandezas. Conservou sempre a humildade, essa virtude favorita de Jesus Cristo, sem a qual não há verdadeiro cristão. Possuía também em elevado grau a doçura que, segundo o espírito do Evangelho, é inseparável da humildade. Prová-lo-ão um ou dois trechos.

Um dia, estando um varão de prestígio a censurá-lo injuriosamente na presença do rei, Aelredo ouviu-o com paciência, e lhe agradeceu a caridade com a qual advertira dos seus erros. O procedimento produziu tal impressão no inimigo, que êste, imediatamente, lhe rogou perdão. Outra vez, estando a discutir um determinado ponto, interrompeu-o alguém

do grupo que o cobriu de insultos. Aelredo recebeu-os em profundo silêncio, e retomou o fio do discurso, sem dar provas da menor emoção.

Sentia em si um ardente desejo de abandonar o mundo para consagrar-se ùnicamente ao serviço de Deus; mas os encantos da amizade, aos quais era bastante sensível, retiveram-no ainda por algum tempo. Entretanto, à fôrça de refletir que a morte o separaria, cedo ou tarde, daqueles aos quais devotava o mais terno carinho, acusou-se de covardia, e tomou, enfim, a generosa resolução de partir tais laços, embora lhe fôssem infinitamente mais agradáveis que os demais prazeres da vida. Eis de que maneira descreve o seu estado de espírito no meio das lutas travadas pela natureza contra a graça. "Os que sòmente me consideravam pelo esplendor externo que me circundava e avaliavam a minha situação sem conhecer o que se passava no meu íntimo, não podiam deixar de exclamar: Como é digna de inveja a sorte dêsse homem! Como é feliz! Não viam, porém, o acabrunhamento do meu espírito; não sabiam que a profunda chaga do meu coração me causava mil tormentos e que me era impossível suportar a infecção dos meus pecados." Acrescenta, ao falar do tempo em que resolveu renunciar ao mundo: "Foi então, meu Deus, que conheci, por experiência, o inefável prazer encontrável no vosso serviço, e desfrutei da linda paz que lhe é companheira inseparável (1)".

O santo, para livrar-se cada vez mais de qualquer apêgo ao século, deixou a Escócia e rumou para Rieval, onde abraçou a ordem de Citeaux, sob a guia

(1) **Speculum charitatis, l. I, c. XXVIII**

de Guilherme, discípulo de São Bernardo e primeiro abade do mosteiro. Mal contava vinte e quatro anos de idade, quando vestiu o hábito. Dir-se-ia que o fervor lhe fortalecia o corpo naturalmente débil e delicado, de tal modo demonstrava júbilo na prática das mais graves austeridades. A prece e as leituras piedosas lhe consumiam quase todo o tempo; os ardores do amor divino de tal maneira lhe inflamavam o coração, que só encontrava doçura no que contraria as inclinações da natureza. "Êste jugo, exclamava, não me acabrunha; pelo contrário, só me eleva a alma. O fardo é leve, não tem nada de pesado (1)." Fala com uma espécie de transporte da divina caridade, e é de julgar, pelas suas exclamações freqüentes e feitas de fogo, que a sua ocupação mais comum e agradável era produzir atos de tal virtude. Ouçamo-lo: "Possa a vossa voz, ó amado Jesus, fazer-se ouvir por mim, para que o meu coração aprenda a vos amar, para que vos ame o meu espírito, para que tôdas as fôrças e, por assim dizer, as entranhas de minha alma e o âmago do meu coração fiquem inteiramente penetrados do fogo do vosso amor, para que todos os meus afetos vos possam abraçar, vós que sois meu único bem, minha alegria e minha delícia! Que é o amor, meu Deus? É, se me não engano, êste inefável prazer da alma, tanto mais doce quanto mais puro, tanto mais sensível quanto mais ardente. Quem vos ama vos possui, e vos possui na proporção em que vos ama, porque sois amor. Eis a torrente de arrebatamentos com que embriagais os vossos eleitos, transformando-os em vós pelo vosso amor (2)".

(1) **Ibid., l. I, c. VI.**

(2) **Speculum charitatis.**

Tendo o nosso santo feito excelentes estudos na mocidade, e sendo dotado de espírito fora do comum, sentia melhor que ninguém tôda a beleza dos antigos autores. Daí, o prazer que encontrara antes na leitura das obras de Cícero. Mal, porém, se consagrou a Deus no retiro, todos os livros profanos se lhe afiguraram insípidos e tediosos, porque nem se lhe deparava o santo nome de Jesus, nem tampouco a palavra de Deus. Êle próprio no-lo assegura no prefácio do livro intitulado: *A Amizade espiritual.*

Bastava a vista dos religiosos que se distinguíam pelo fervor para que Aelredo pretendesse emulá-los. Um dêles, chamado Simão, lhe atraiu particularmente a atenção. O amor da penitência fizera-o renunciar às vantagens que lhe destinavam no mundo um nascimento ilustre, enormes bens, as mais raras qualidades de espírito e tôdas as atrações do físico. Viam-no sempre recolhido e absorto em Deus. A sua capacidade de manter-se calado era extraordinária. Só raramente falava, sempre com pouquíssimas palavras, e apenas aos superiores; assim mesmo, mister se faziam razões prementes. O seu exterior, todavia, tinha tudo de meigo, agradável e edificante. Eis o que diz dêle Aelredo: "Bastava a virtude da sua humildade para me confundir o orgulho; fazia-me corar de mortificação. A lei do silêncio, que entre nós se observa, nos impedia lhe falássemos de propósito deliberado; certa vez, porém, tendo-me escapado inadvertidamente uma palavra, percebi, pela expressão do seu rosto, todo o desgôsto que a infração lhe havia causado. Lancei-me aos pés dêle, e êle assim me deixou algum tempo para pagar o êrro.

Sempre me censurei por isso, e nunca me pude perdoar (1)".

O santo religioso não se desmentiu absolutamente, durante os oito anos passados no mosteiro de Rieval, onde faleceu em 1142, proferindo estas palavras: "Senhor, meu Deus, cantarei eternamente a vossa misericórdia, a vossa misericórdia, a vossa misericórdia!"

No mesmo ano, foi Aelredo, mau grado seu, abade de Revesby, no condado de Lincoln, e, no ano seguinte, obrigaram-no a assumir a direção da abadia de Rieval, onde então viviam trezentos monges. Assim descreve êle a maneira de vida no mosteiro: "Só bebiam água, comiam coisas comuníssimas, e em diminuta quantidade; dormiam pouco, e em pranchas; exercitavam-se em trabalhos duros e penosos; carregavam pesados fardos sem temor de cansaço, e iam para onde pretendessem guiá-los. Desconheciam o repouso e as diversões. A essas práticas, acrescentavam um rigoroso silêncio, só falando aos superiores, e apenas, quando o exigisse a necessidade; detestavam as disputas e as discussões (2)." O santo fala ainda da paz e da caridade que os uniam pelos mais doces laços. Sôbre tal ponto, exprime-se da maneira mais comovente; vê-se que as palavras lhe faltam para dar uma idéia do júbilo que lhe causava a vista de cada um dos religiosos.

Foram-lhe oferecidos vários bispados; mas a humildade e o amor à solidão o levaram a recusá-los. O único prazer que experimentava era dedicar-se ao

(1) **Speculum charitatis**, l. I, cap. últim.
(2) Ibid., l. II, c. XXVII.

exercício da prece, e entreter-se no fervor, mediante piedosas leituras. Quando caía na frieza, abria as divinas Escrituras, e imediatamente sentia a alma penetrada das luzes do Espírito Santo; os olhos se lhe banhavam de lágrimas, e o coração provava as mais vivas impressões do amor divino. Para terminarmos de caracterizar o santo, citaremos as palavras de um famoso abade da mesma ordem, Gilberto de Oillândia. "Que vida terá sido mais pura que a de Aelredo? Quem terá sido mais circunspecto nas palavras? As palavras que lhe saíam dos lábios tinham a doçura do mel; era fraco o seu corpo, mas forte, vigorosa, a alma. Semelhante à espôsa dos Cânticos, languescia na espera dos bens eternos; era-lhe o coração um altar sagrado sôbre o qual oferecia contìnuamente a Deus o fogo do seu amor, a mortificação da carne e o ardor dos causticantes desejos... Sob um corpo magro e descarnado, ocultava uma alma fortalecida pelas unções e doçuras da graça; daí, a inefável alegria com a qual louvava a Deus... Sofria pacientemente os que o importunavam, e nunca atacava ninguém... Ouvia, de boa vontade, os outros, e não se apressava absolutamente em responder aos que o consultavam. Jamais se encolerizava; palavras e atos seus traziam o cunho da unção e da paz de que lhe estava repleta a alma."

Morreu Santo Aelredo em 1166, com cinqüenta e sete anos de idade. Fazia vinte e dois que era abade. O capítulo geral realizado em Citeaux, em 1250, o inscreveu no número dos santos da ordem, e mandou se lhe celebrasse solenemente a festa no dia 12 de janeiro, dia da sua morte, e é essa a data assinalada no Menológio de Citeaux; encontramo-lo.

porém, no dia 2 de março no novo Martirológio publicado por Bento XIV, para uso dessa ordem. Lê-se aí um belo elogio do saber, da inocência, da humildade e da paciência de Santo Aelredo. O mesmo papa acrescenta que Deus coroou as virtudes do servo com o dom das profecias e o dos milagres (1).

Temos de Santo Aelredo obras ascéticas e obras históricas. As principais, entre estas últimas, são: 1.º *Descrição da guerra do Estandarte*, sob o rei Estêvão; 2.º *Genealogia dos reis da Inglaterra;* 3.º *A Vida de Santo Eduardo*, rei e confessor; 4º. *a Vida de Santa Margarida*, rainha da Escócia; 5.º *a Vida de uma religiosa de Wathun*. As obras ascéticas são: 1.º *Sermões do Tempo e dos Santos;* 2.º *trinta e um Sermões sôbre Isaías;* 3.º *o Espelho da Caridade*, em três livros, com um resumo da obra; 4.º *da Amizade espiritual;* 5.º *um tratado do Menino Jesus*, com a idade de doze anos. Todos êsses trabalhos, escritos com elegância e gôsto, respiram a mais terna piedade. O tratado da Amizade espiritual, sobretudo, mereceria ser traduzido. Santo Aelredo distingue três espécies de amizade: a amizade carnal, a amizade mundana, a amizade espiritual. A primeira se origina do consentimento aos próprios vícios; a segunda da esperança do ganho e do desejo dos bens temporais; a terceira, a única verdadeira, não tem por alvo nem as volúpias nem a riqueza; é uma união que se forma entre pessoas de probidade e bons costumes. Essa amizade é um grau do amor de Deus; logo, só é encontrável entre os bons; não pode ser vista entre

(1) P. 304.

os maus, e é preciso detestar o sentimento dos que acreditam ser permitido faltar ao dever para ser agradável a um amigo. Com efeito, sendo o amor de Deus fundamento da amizade cristã, é necessário também que Deus lhe seja o fim, e que os amigos levem a êle tudo quanto lhes sugere o amor.

* * *

SANTO ARCÁDIO (*)

Mártir

Era em 304, no auge da perseguição que Valeriano movia à cristandade na Mauritânia. Ao menor indício de que alguém era cristão, as portas das casas eram forçadas, o interior varejado, e os ocupantes presos, espancados pelo caminho, eram entregues ao juiz.

Arcádio era cristão, e fervoroso cristão. Para melhor servir a Deus, deixou a casa em que vivia e retirou-se para um lugar ermo e calmo, não muito afastado da cidade, e ali orava e fazia penitência.

Um dia, como era figura conhecida, notaram-lhe a falta, e as autoridades, convencidas de que se fizera cristão, porque não mais comparecia aos sacrifícios públicos em honra de Baco, enviaram agentes à sua procura.

Na casa em que morava encontraram apenas um dos parentes.

— Onde está Arcádio? perguntaram-lhe os enviados do governador.

— Não sei, respondeu-lhes.

— Por onde anda? Fora da cidade? tornaram a perguntar.

— É possível.

— Por que não mais comparece aos sacrifícios públicos?

— Não sei, respondia sempre negativamente o interpelado.

— Não sabes, tornaram os agentes, ou não queres falar?

— Não sei.

— Quem sabe se, em presença do governador, acabarás sabendo. Vamos, acompanha-nos até o palácio.

Diante do governador, novas negativas exacerbaram os ânimos.

— Prisão com êle! gritou o governador. Ficará prêso até que o outro apareça.

Arcádio, sabedor do que sucedia, temendo pelo que pudesse acontecer a outrem e não a si, desejoso que vivia de sofrer pelo Senhor, apresentou-se ao juiz.

— Então és o procurado Arcádio?

— Sou-o.

— Que fazes?

— Sou cristão, e desejo que livres meu parente da prisão, uma vez que lá está por minha causa. Eis-me aqui: solta-o, que é inocente.

— Soltá-lo-ei, e com prazer a ti também darei a liberdade, a não ser que não queiras sacrificar aos deuses.

Arcádio, firmemente, respondeu:

— Impossível. Sou cristão e nada me fará faltar com o dever. Jesus Cristo é minha vida, e a morte, para mim, será um prazer. Sejam quais forem os suplícios, nenhum dêles me levará a trair meu Deus.

O juiz, enraivecido, olhou-o cheio duma cólera insopitável. E, sem o desfitar, ia pensando nos tormentos que poderia infligir àquele homem. O cavalete? As unhas de ferro? Os azorragues? Não. Havia coisas bem mais interessantes, tremendas, que levaria o supliciado a recuar. E, chamando o carrasco, ordenou que agarrasse o renitente e lhe cortasse, uma a uma, as articulações tôdas do corpo. Assim foi. Principiando pelos membros superiores, seccionaram-no dos braços até as espáduas. Descendo, das pernas até o alto das coxas.

Arcádio não cessava de bendizer a Deus. E, dirigindo-se aos espaventados espectadores, dizia docemente:

— Vêde: os maiores tormentos nada são para quem tem diante de si a vida eterna. Não valerá a pena sofrer um pouco para gozar na eternidade dum prazer que jamais terá fim? É doce morrer por Deus! Por Êle, morre-se para que se viva verdadeiramente. Por Êle, sofrer é estar gozando das mais inefáveis delícias.

Assim falando, muito suavemente, fechando os olhos, morreu diante dos pagãos boquiabertos e estuporados. Aquilo era um prodígio! Recolhidos os membros esparsos do mártir por pessoas caridosas, sepultaram Arcádio reverentemente, e, então, muitos milagres foram operados por Deus, que o recebia na glória.

* * *

No mesmo dia, em Arles, Santa Cesária, virgem, irmã do bispo de Arles, Cesário, nascida em Chalons-sur-Saone. O irmão, um dos primeiros a tratar da

regulamentação das virgens que viviam em comunidade, fê-la vir de Marselha para governar o mosteiro que dedicara a São João, onde grande número de jovens viveram sob sua direção.

Em Constantinopla, os santos Tigre e Eutrópio, mártires. O primeiro era padre, o segundo leitor. Quando São João Crisóstomo foi banido, em 404, ambos foram acusados de ter incendiado, por vingança, a igreja patriarcal e o palácio senatorial, já que eram muito unidos ao arcebispo expulso. Optato, o governador, violento e desumano, aos dois ordenou que fôssem supliciados. Eutrópio, delicado, não suportou os maus tratos, e faleceu. Tigre, mais fortemente constituído, sobrevivendo, foi enviado a Mesopotâmia, exilado.

Na África, São Mércio, mártir. Alistado nos exércitos imperiais, quando de Diocleciano, foi obrigado, antes, a sacrificar aos deuses. Cristão, recusou-se. Supliciado, viram-no, inquebrantável, a sustentar a fé, sem uma única palavra de desalento, sem quaisquer queixas. Trancafiado numa escura e úmida masmorra, sem alimento algum, oito dias depois falecia santamente.

Em Aragão, São Vitoriano, abade, falecido em 560.

Ainda em Aragão, São Nazário, também abade, no século VI. Depois de ter passado por tôdas as vicissitudes e de ter conhecido tôdas as perfídias do mundo, fêz-se monge, caridosíssimo, amigo de pobres e peregrinos.

Em Grenoble, São Ferreol, bispo e mártir, padroeiro da igreja de La Tronche. Em 670, resis-

tindo às exigências que lhe impunham contra a fé, foi deposto, exilado, depois massacrado.

Em Liège, Santo Estêvão, abade e confessor, falecido em 1059, fundador da abadia de São Lourenço, daquela cidade.

Em Ravena, São João, bispo e confessor, que enfrentou Átila, rei dos hunos, corajosamente fazendo com que o "Flagelo de Deus" apenas passasse pela cidade e se fôsse sem as atrocidades costumeiras. Faleceu em 494.

Em Tonkin, os bem-aventurados João Cuspard Cratz, Bartolomeu Álvares, Emanuel de Abreu e Vicente de Cuntra, mártires desaparecidos em 1747.

No mesmo dia, em Roma, Santa Taciana, que, sob o imperador Alexandre, foi dilacerada com garras e pentes de ferro, exposta às feras, e lançada ao fogo, sem, no entanto, sofrer danos; finalmente, perecendo pela espada, entrou na morada da beatitude eterna. — Em Acaia, São Sátiro, mártir, o qual, ao passar em frente de um ídolo, e soprar-lhe, gravando-lhe na testa o sinal da cruz, o fêz cair ao chão, sendo, por isso, decapitado. — No mesmo dia, Santo Arcádio, mártir ilustre pelo nascimento e pelos milagres. — Na África, os santos Zótico, Rogato, Modesto, Cástulo, e quarenta soldados, mártires. — Em Tivoli, São Zótico, mártir. — Em Éfeso, quarenta e dois santos monges, os quais, tendo sido cruelmente atormentados pela defesa das santas imagens, sob Constantino Coprônimo, sofreram, enfim, o martírio. —Em Verona, São Probo, confessor.

* * *

13.º DIA DE JANEIRO

SANTA VERÔNICA DE MILÃO

Nasceu Santa Verônica de Milão em Binasco, aldeia pouco distante daquela cidade. Seus pais, de condição vil aos olhos do mundo, eram inteiramente desprovidos de bens de fortuna, e só dispunham do seu trabalho para fazer subsistir a família; se não eram ricos, tinham, em compensação, o temor de Deus, infinitamente preferível a qualquer riqueza. As leis da probidade mais exata constituíram sempre a invariável regra do procedimento dêles; e tinham tamanha aversão à fraude, que quando o pai da santa tinha alguma coisa para vender, descobria-lhe francamente os defeitos, para a ninguém iludir.

A pobreza em que viviam não lhes permitia mandar a filha às escolas; assim, Verônica não aprendeu a ler, o que a não impediu, todavia, de conhecer e servir a Deus, por assim dizermos, desde o berço. Trazia constantemente debaixo dos olhos exemplos domésticos que lhe gravaram no coração o amor da virtude. A prece era o seu objeto de preferência; ouvia atentamente os ensinamentos familiares que se costumam fazer às crianças, e o Espírito Santo a iluminava. As luzes interiores que a graça lhe comunicava punham-na em condições de meditar quase incessantemente sôbre os mistérios e principais ver-

dades da nossa santa religião. Assim, a sua alma, nutrida celestialmente, adquiria sempre novas fôrças. Os deveres da piedade não lhe enfraqueciam os do estado. Trabalhava com infatigável ardor, e obedecia aos pais e aos mestres até nas mais pequeninas coisas. Era extremamente gentil para com as companheiras e se considerava a última dentre elas; tamanha a sua submissão que se diria não ter vontade própria.

Possuía algo de extraordinário o seu recolhimento. A sua conversação estava sempre no céu, até no meio das ocupações exteriores; nada observava de tudo quanto se passava entre os que trabalhavam com ela. Quando a faina era nos campos, trabalhava em separado, para sofrer menos distrações e entreter-se mais livremente com o divino espôso. Aquêle amor à solidão, que constituía a admiração dos que o testemunhavam, nada tinha de sombrio nem de austero. Verônica se reunia ao grupo e deixava transparecer no rosto uma doce serenidade. Freqüentemente, parecia trazer os olhos úmidos, mas ninguém sabia o motivo, pois a santa ocultava cuidadosamente o que se passava entre Deus e ela.

Entretanto, sentia viva atração pela vida religiosa; persuadida de que Deus a chamava para tal estado, tomou a resolução de ingressar no seio das agostinhas de Santa Marta de Milão, onde era austera a regra seguida. Infelizmente, não sabia ler nem escrever; nem por isso perdeu o ânimo. Estando todos os dias ocupada no trabalho, valeu-se da noite para aprender a ler e a escrever, e o conseguiu sem auxílio de nenhum mestre. Imaginem-se as dificuldades que se lhe antolharam. Um dia em que a lentidão do progresso a havia lançado em grande inquietação, a santa Virgem, a quem sempre honrara

com particular devoção, consolou-a numa visão. Expulsai essa inquietação, disse-lhe ela; basta-vos conhecer três letras: a primeira é essa pureza de coração que consiste em amar a Deus acima de tudo, e a sòmente amar as criaturas nêle e por êle; a segunda é nunca murmurar, não impacientar-se à vista dos defeitos do próximo, e suportá-los com resignação, orando por êle; a terceira é ter cada dia uma hora marcada para meditar na paixão de Jesus Cristo.

Finalmente, após um preparo de três anos, foi a santa recebida no mosteiro de Santa Marta; em breve ali se distinguiu pelo fervor em todos os exercícios, e pela exatidão em observar todos os pontos da regra. Abraçava-lhe a fidelidade as menores coisas e as maiores; a vontade das superioras constituía o único móvel do seu procedimento. Se não conseguisse alcançar a permissão de velar na igreja por tanto tempo quanto desejava, submetia-se humildemente, persuadida de que a obediência é o mais agradável sacrifício que se possa oferecer a Deus, pois Jesus Cristo se tornou obediente até a morte para cumprir a vontade do Pai.

Quis Deus que a sua servidora fôsse provada por uma enfermidade de langor que durou três anos. Nem por isso deixou de ser mais exata na observância da regra. Era inútil recomendar-lhe que cuidasse da má saúde; limitava-se a responder: "é preciso que eu trabalhe enquanto me é dado fazê-lo e me sobeja tempo." Nunca sentia mais prazer do que quando podia servir os outros e desempenhar os mais humildes misteres; por alimento, só pedia pão e água. A grandeza do seu recolhimento podia ser julgada pelo silêncio em que se mantinha. O coração unia-

se-lhe contìnuamente a Deus pela prece, e ia tão longe a viveza da sua compunção que as lágrimas quase nunca se lhe secavam. O dom das lágrimas e o espírito de prece, entretinha-os ela por meditações freqüentes sôbre as misérias, o amor de Deus, a paixão do Salvador e as castas delícias do paraíso. Embora a vida lhe tivesse sido sempre puríssima e inocente, considerava-a bastante criminosa, e dela só falava com sentimentos de dor e penitência. Possuíam tal unção as suas palavras que os mais endurecidos pecadores ficavam profundamente impressionados. Tantas virtudes reunidas não podiam deixar de atrair sôbre Verônica as maiores bênçãos do céu. Morreu em 1494, na hora predita por ela, com cinqüenta e dois anos de idade.

Foi-lhe a santidade confirmada por vários milagres. O papa Leão X, após as informações necessárias, deu à publicidade uma bula pela qual permitia às religiosas de Santa Marta que honrassem Verônica com o título de bem-aventurada. O seu nome foi incluído entre os santos do dia 13 de janeiro, no Martirológio romano, publicado por Bento XIV em 1749; mas a festa está marcada no dia 28 do mesmo mês no Martirológio dos Agostinhos, que foi aprovado pelo mesmo Papa (1).

* * *

(1) Acta Ss. e Godescard, 13 de janeiro.

OITAVA DE EPIFANIA. BATISMO DE JESUS CRISTO

Entre essa multidão de pecadores que se apresentam a João para receber o batismo da penitência, há um a quem êle se recusa a admitir. Quem é? é Jesus, que vem da Galiléia ao Jordão e se apresenta a João para ser batizado. O mestre apresenta-se ao servidor, o criador à criatura, Deus ao homem. O Santo dos santos confunde-se entre os pecadores, o Juiz entre os culpados. João, que o reconhecera e adorara no seio de sua mãe, de novo o reconhece e adora. "Sou eu, diz, inclinando-se-lhe na frente, sou eu que preciso ser batizado por vós. E vós vindes a mim!" Ó bem-aventurado João, obtende para mim, de Jesus, a vossa humildade.

Que vai fazer Jesus? Que vai dizer? Deixai-me agir agora, pois convém se cumpra assim tôda a justiça. Jesus, que havia arcado com as iniqüidades de todos nós, era justo, era conveniente se misturasse aos pecadores. Tendo vindo principalmente para nos curar do orgulho, da vaidade, da rebelião contra Deus, convinha nos proporcionasse o exemplo da humildade, do abaixamento. Admiremos tão maravilhosa contestação entre o mestre e o servidor. Trata-se de quem vai abaixar-se mais que o outro.

Ai! São da mesma natureza as nossas contestações? Entre nós, não se trata de ver quem se erguerá mais acima dos outros? Quão pouco nos parecemos a Jesus e a João Batista! Ó divino mestre, tende piedade de nós, tende piedade de mim! Dai-nos, dai-me a ventura de ser meigo e humilde de coração, como vós próprio e o vosso santo precursor.

A humildade de João era sincera. Assim, obedeceu à ordem de Jesus. Descem ambos ao Jordão. Êsse rio, que outrora se detivera diante do arco da aliança, para deixar passar o povo de Deus conduzido por Josué ou Jesus, o Jordão estremece de uma alegria desconhecida; as suas águas circundam com respeito a carne adorável do Filho de Deus feito homem; afastam-se com esfôrço, vão-se, santificadas por tal contacto, e santificam tôdas as águas do universo e lhes comunicam a virtude de apagar os pecados pelo batismo. Entretanto, o bem-aventurado João coloca sôbre a cabeça sagrada de Jesus uma mão agitada pelo respeito e pela alegria, e batiza o Senhor e Deus. Jesus mergulha nas águas, deixa os pecados do mundo, e delas sai para criar um novo mundo, e um homem novo.

Talvez digam os judeus: João é certamente maior que Jesus, pois que o batiza. Mas, de repente, abrem-se os céus: o Espírito Santo desce visìvelmente sob forma de pomba, e repousa não em João, mas em Jesus. Ao mesmo tempo, vem do alto uma voz de trovão, e ouvem-se distintamente estas palavras: Êste é meu filho bem amado. Êste, não João, mas Jesus sôbre quem repousa o Espírito Santo. Prosternemo-nos, e adoremos a adorável Trindade: o Pai, que do alto dos céus dá testemunho ao Filho; o

Filho, que é batizado no Jordão; o Espírito Santo, que sôbre êle repousa, em forma de pomba.

Êste é o meu Filho bem amado, em quem me comprazo. É a voz do Pai. E nós também, como nosso Pai que está no céu, nos comprazemos ùnicamente em seu Filho único; comprazamo-nos, não em nós mesmos, não em qualquer criatura, mas apenas em Jesus. Nada nos agrade sem Jesus! Tudo nos agrade com Jesus! Assim seja! Ó Jesus, meu Deus e meu tudo.

* * *

SÃO POTITO (*)

Mártir

Segundo as Atas dêste mártir, Potito, em menino, converteu-se ao cristianismo, sem que o pai, pagão, ficasse sabendo.

Um dia, informado de que o filho abraçara a fé cristã, idólatra que era, agarrou o menino e o prendeu.

Potito, ardorosamente, sempre a orar, pedindo a Deus pelo pai, instruindo-o, ora um pouco, ora mais, conseguiu convertê-lo. Livre, então, do encarceramento a que o convertido o confinara, deixou a cidade em que os pagãos pululavam e foi viver em Valéria, segundo querem alguns autores, ou em Gargara, segundo opinam outros. Em Valéria ou em Gargara, Potito, ao chegar, curou a espôsa dum senador, leprosa.

Os comentários daquela cura, um dia, chegaram a Roma. Ora, a filha do imperador jazia possuída pelo demônio, e, pois, ordenou o pai que o jovem fôsse levado à sua presença.

Em Roma, Potito livrou a endemoninhada do espírito imundo, e, embora o imperador se sentisse satisfeito, atribuiu a cura à magia, exigindo que o Santo adorasse os deuses.

Potito recusou-se. Enviado aos suplícios, heròicamente morreu em 154.

Em Nápoles há uma igreja sob a invocação de São Potito, e os beneditinos, que nela oficiam, conseguiram do papa Clemente XII, um ofício especial em honra dêsse mártir.

* * *

SANTOS HÉRMILO E ESTRATONICO (*)

Mártires

Hérmilo era diácono. Acusado de ser cristão, foi prêso. Esbofeteado, insultado, foi encarcerado, para, no dia seguinte, ser interrogado.

À noite, um anjo lhe apareceu, consolando-o, encorajando-o, falando-lhe dos percalços por que ia passar. Levado, na manhã seguinte, à presença do imperador, exigiu-lhe êste que abjurasse a fé. Impossibilitado de o fazer, foi chicoteado terrìvelmente. Como parecia nada sentir e o algoz mostrasse sinais de cansaço, outro foi substituí-lo. Já exausto também êste, não conseguia o imperador arrancar do Santo um queixume, um contrair sequer dos músculos da face, denunciadores de que sofria.

Seis homens, ao todo, um após outro, flagelaram Hérmilo. Cansado, o imperador deixou a sala dos suplícios e o Santo tornou ao cárcere, fortemente a cantar o *Dominus illuminatio mea*. E o carcereiro, atônito, ouvia, dir-se-ia que do céu, um doce eco a repetir o salmo.

No dia seguinte, levado para novos suplícios, Hérmilo deixou a cela cantando. entoando louvores

a Deus. E o carcereiro, chamado Estratonico, olhava-o diferentemente, encantado, atraído.

Convertido Estratonico, denunciaram-no ao juiz. Supliciado, a todos os tormentos suportou heròicamente. Compreendia como o prisioneiro podia receber tantos maus tratos sem que deixasse escapar um gemido, um queixume. Deus todo-poderoso transformava em delícias as rudezas que lhe infligiam. Sofrer pelo Senhor era doce e suave. E aquela voz que ouvira, prometendo-lhe a glória eterna? "Amanhã terás a recompensa!" Ouvira-a distintamente.

Ambos, Hérmilo e Estratonico, aos quais não pôde vergar a paganidade, foram, juntos, arrojados ao Danúbio, onde, cumprido o martírio, receberam a gloriosa coroa dos que sofrem pelo Senhor.

* * *

SANTA GLÁFIRA (*)

Virgem

Gláfira era natural da Itália. Trabalhava no palácio do imperador Licínio, quando êste resolveu expulsar todos os cristãos que ali o serviam. Seduzido, porém, pela beleza de Gláfira, antes da expulsão, quis sujeitá-la a si com más propostas.

Gláfira, aterrada, resistindo, fugiu e procurou a proteção da imperatriz, Constância Augusta, à qual tudo contou, implorando-lhe a ajuda.

A imperatriz prometeu auxiliá-la. E, na noite daquele mesmo dia em que fôra solicitada por Licínio, acobertada por Constância Augusta, a virgem, disfarçada com roupas masculinas, deixou o palácio, indo albergar-se na casa do bispo de Amaséia, Basílio, no Ponto.

Licínio, luxurioso, enraivecido, acabou descobrindo o paradeiro de Gláfira. E ordenou que a trouxessem de volta, bem como ao bispo, que ousara protegê-la.

Deus, porém, misericordioso, antes que nela tocassem, levara-a para a eterna glória (1).

* * *

(1) **In «Vida de São Basílio de Amasée».**

BEM-AVENTURADO HILDEMAR (*)

Confessor

Conquistada a Inglaterra, Guilherme, duque da Normandia, desejoso de se ver rodeado de homens doutos e piedosos que se incumbissem das várias abadias do território que governava, recebeu, com satisfação, dois padres: Hildemar e Conon.

Elevados a capelães do palácio, principiaram a trabalhar pela fé no novo reino. Quando Guilherme faleceu, os dois, desejosos de levar vida solitária, deixaram o país e voltaram para a França, donde haviam vindo.

Rogério, outro religioso que também ansiava pela vida de ermitão, e ao qual ambos encontraram em viagem, juntou-se a êles, dizendo-lhes que conhecia um ótimo lugar, na floresta de Arrouaise, onde poderiam estabelecer-se. Era sítio retirado, ermo, às vêzes refúgio dum bando de malfeitores, terríveis ladrões comandados por um tal Berenger, facinoroso.

Uma vez na floresta, os três religiosos escolheram um bom plano, mais ou menos limpo, e deram andamento à construção de humildes celas que os abrigassem e lhes proporcionassem o necessário isolamento para a prática dos exercícios que ardorosamente desejavam principiar naquelas brenhas.

Primeiramente, erigiram um oratório, que, terminado, foi dedicado à Santíssima Trindade, jazendo sob a invocação de São Nicolau. E, com o pensamento nos ladrões, todos os dias, elevando a voz, os três solitários entoavam cânticos de louvor a Deus, todos na esperança de que pudessem conquistar os malfeitores para o Senhor.

O tempo foi passando, uma comunidade surgiu, e, um dia, um dos ladrões, homem perverso e perdido, disfarçado de clérigo, foi admitido entre os religiosos, fingindo humildade e fervor. Surgida uma desavença, o bandido, agredindo Rogério e a Hildemar feriu-os gravemente. Embrenhando-se na mataria desapareceu.

Rogério, mais resistente, sobreviveu, mas o irmão Hildemar, não suportando os ferimentos, logo depois falecia, pedindo a Deus que perdoasse ao matador.

Sepultado Hildemar, Conon, ternamente, sôbre o túmulo, erigiu um oratório. Era no ano de 1097, e em 1716, o corpo de Hildemar foi transladado e colocado sob o altar da Virgem Santíssima, na diocese de Arras.

* * *

BEM-AVENTURADO GODOFREDO DE CAPPENBERG (*)

Confessor

Godofredo de Cappenberg era descendente, pelo lado paterno, do imperador Carlos Magno; pelo materno, estava ligado aos duques da Suábia. Hermann, o avô, bem-aventurado, morrera santamente, e muitos milagres se operaram à beira de seu túmulo.

Godofredo, riquíssimo, bafejado pelos exemplos da família, decidiu levar vida santa. Humilde, suave, modesto, boníssimo para com a pobreza, desejoso de transformar o castelo em que vivia numa grande comunidade, sentia-se triste porque a espôsa não partilhava daquela idéia.

Jovem, cheia de vida, ligou-se ela a Othon, o irmão mais moço de Godofredo, para, juntos, dissuadir o conde da emprêsa que se propusera com tanto fervor, mas o bom Godofredo, pacientemente, docemente trabalhando aquelas almas, orando e jejuando, pedindo a ajuda de Deus, conseguiu conquistá-las, entusiasmar e dirigir para o grande projeto que tinha em mente. E, em 1122, vindo a saber que o fundador dos premonstratenses, Norberto, estava em Vestfália, foi procurá-lo. E, muito gostosamente, de olhos

a brilhar, cheio de zêlo, ofereceu-lhe o vasto castelo, com tôdas as dependências, para que nêle instalasse um mosteiro de sua instituição.

Aceita a oferta, tempos depois tudo se concretizava, e o bispo de Munster, a 15 de agôsto do ano seguinte, isto é, em 1123, solenemente abençoava o claustro e a capela, que era provisória.

Godofredo exultava, e, mais humilde e contrito, agradecido a Deus, em 1124, recebia a tonsura monacal, envergando, com a mais pura alegria, o branco hábito dos premonstratenses.

A dedicação, o amor que votava à pobreza, agora, nêle, se acentuava mais e mais. Então, levado pela caridosa idéia que o consumia, havia muito, construiu enorme hospital para os pobres.

A espôsa do conde, piedosamente, contaminada pela exultação do marido, tomou o véu, e Othon, levado pelas exortações do bom irmão, fêz-se religioso.

A maior satisfação do bem-aventurado Godofredo de Cappenberg era desincumbir-se, na fundação, dos mais humildes, mais singelos trabalhos, êle que fôra conde, riquíssimo e de boa cepa, de ilustre e decantada família.

Quando Norberto foi elevado ao arcebispado de Magdeburgo, desejou que Godofredo fôsse ficar ao seu lado, mas, logo depois, o bom conde, adoecendo, faleceu. Era em 1127, e Godofredo desaparecia com trinta anos tão-sòmente.

* * *

BEM-AVENTURADO BERNON (*)

Abade e Confessor

Bernon foi o fundador da famosa abadia de Cluny.

Em 894, com o florescimento sempre crescente dos mosteiros de Gigny e de Baume, que Bernon governava, o renome do bem-aventurado estendia-se por tôda a parte. Jovens de importantes famílias, desejosos de viver sob um abade tão famoso, afluíam de todos os quadrantes, e passavam a professar ao pé do mestre.

Guilherme, duque da Aqüitânia, cognominado o Piedoso, querendo ter tão renomado religioso ao seu lado, rogou-lhe que acedesse ao seu desejo. Indo a Cluny, Bernon principiou a fundação dum novo mosteiro. Era aquêle que estava fadado a ser um dos mais celebrados de tôda a cristandade, sob a regra de São Bento, e que se iniciaria com doze religiosos apenas.

Até hoje é ignorada a terra natal do bem-aventurado Bernon, filho do conde de Audon, possuidor de vastas propriedades em Gigny. Filho de pais virtuosos, o que o levou a abraçar a vida monástica.

Bernon procurou professar num intenso centro de vida espiritual, e ingressou na abadia de São Martinho de Autun. Tempos depois, por ordem superior, pôs-se a trabalhar pela reforma de Baume. Bem sucedido, determinou fundar Gigny. E assim, quando voltava de Roma, em 894, onde obtivera do papa, então reinante, que a abadia recém-fundada ficasse sob a imediata jurisdição da Santa Sé, foi solicitado por Guilherme, o Piedoso.

O bem-aventurado Bernon reformou e fundou outros mosteiros mais. Os de Monthier-en-Bresse, de Boury-Dieu, de Massay são alguns dos que lhe sentiram o zêlo.

Vendo-se próximo do fim da vida, Bernon, então em Cluny, convocando os bispos dos arredores, demitiu-se do cargo, encarregando-os da designação do abade que lhe havia de suceder. Rogando-lhe os bispos que escolhesse êle mesmo o sucessor, o mosteiro teve, para substituí-lo, um piedoso e santo homem: Odon, um dos jovens que, há tempos, colocara-se sob sua direção.

E o *Bom Pai*, como todos o chamavam, tranqüilamente, rodeado de todos os filhos, faleceu a 13 de janeiro de 927, sendo sepultado em Cluny, conforme deixara estabelecido, na igreja de São Pedro, o Velho, atrás do altar de São Bento.

* * *

SÃO KENTIGERN (*)

Bispo e Confessor

Quando Loth, rei dos lotianos, chamou a filha, a princesa Tanei, e disse que ia casá-la com um nobre bretão, a jovem recusou-se. E o pai, desejoso de saber o motivo da escusa, perguntou-lho. Tanei, então, simplesmente, disse-lhe que resolvera permanecer na virgindade.

Loth, furioso, porque Ewen, o nobre que lhe solicitara a mão da filha seria vantajoso para o reino, injuriando-a, confiou-a a um dos seus administradores.

Ora, Ewen, o pretendente, descobrindo o paradeiro de Tanei, violentou-a, e, quando o rei Loth veio a saber do sucedido, vendo-a grávida, num acesso de cólera ordenou que a precipitassem duma montanha.

A pobre princesa, aflita, conseguiu escapar. Com a ajuda do administrador, sob cuja guarda jazia, e que era, secretamente, cristão, numa noite escura, a desoras, acomodando-a num barco, deixou-a à mercê dos ventos, na embocadura do Firth.

A embarcação, vogando ao acaso, embicou em Culross, e ali lhe nasceu o filho, ao qual chamou Kentigern.

Corria então o ano de 518, e a jovem mãe, com o filho nos braços, recolhida por pessoas piedosas, foi encaminhada ao bispo Servan, sob o qual, sossegadamente, passaram a viver.

Kentigern foi batizado, educado e protegido pelo bom bispo. O prelado tanto o amava que, ternamente, passou a chamá-lo Mungo (1), que quer dizer o *bem-amado*.

Depois de moço, sentiu-se o filho de Tanei atraído pela vida solitária. Era contemplativo, dado à oração e aos jejuns, pacato e humilde. Um dia, deliberou deixar o século e procurou as solidões de Glasghu (2).

Com o tempo, uma comunidade surgiu naqueles ermos. E tal era então a reputação de santidade de Mungo que o clero e o povo desejou vê-lo alçado ao bispado.

Um prelado, vindo da Irlanda, sagrou-o, e o novo bispo, todo zêlo, percorrendo, sempre a pé e sem protocolos, a grande diocese, foi, a pouco e pouco, inteirando-se do grande número de pagãos que por tôda ela ainda existia.

Tocados por tanta santidade e simplicidade, por tanto zêlo, pelo carinho com que o novo bispo, só, sem qualquer séquito, consolava viúvas, provia pobres, e encaminhava órfãos, os pagãos, em bandos, a êle acorriam, solicitando o batismo com ânsia.

O pelagianismo, então, deitava raízes por tôda a Escócia, e, não fôra o Santo, árvores do mal vicejariam, frondosas e maléficas. Pela Escócia do Norte, pelas ilhas de Orkhney, pela Islândia e por tôda a

(1) Nome pelo qual São Kentigern também ficou conhecido.
(2) Mais tarde Glasgow.

Noruega, apóstolos pelo *Bem-Amado* formados, avançavam, a pregar a fé.

Um dia, por questões políticas, que o poder fôra parar nas mãos dum ímpio usurpador, Kentigern foi constrangido a se refugiar no país de Gales, passando a viver ao lado do bispo de Menevia. Foi quando Cathwallan, um bom príncipe, muito religioso e piedoso, lhe cedeu enorme extensão de terra para a fundação dum mosteiro, que mais tarde seria famoso, a princípio conhecido como Llan-Elwy, depois celebrado com o nome de Santo Asaph.

Morto o usurpador, Kentigern regressou a Glasgow, deixando o mosteiro de Llan-Elwy sob a direção do discípulo Asaph. Acolhido com grande alegria, pouco depois o Santo recebia a visita de São Columba, então abade de Iona, que viera a Glasgow especialmente para conhecê-lo.

Montalambert refere uma curiosa história em que São Kentigern aparece, desempenhando importante papel. Diz êle:

"A espôsa do rei Rydderch (3), cedendo à adúltera paixão, amava um cavaleiro da côrte, e teve a fraqueza de lhe dar um anel, presente do rei seu marido. Rydderch, por ocasião duma caçada em companhia daquele cavaleiro da côrte, cansado, deitou-se à sombra duma árvore, ao lado do súdito, à beira do Clyde. O cavaleiro não tardou a dormir, e, involuntàriamente, estendida a mão, deixou à mostra, num dos dedos, o anel que a rainha lhe dera. O rei, reconhecendo-o, entristeceu-se sobremodo. A cólera, logo depois, vinha substituir a tristeza, e o

(3) Êste soberano, muito piedoso, quando do apostolado de São Mungo, tomou-o sob sua proteção (N. do T.).

desejo de matar o rival, enquanto dormia, tomou-lhe o coração.

"Rydderch, contudo, serenado, não o fêz: contentou-se com tirar do dedo do cavaleiro a jóia da rainha, atirando-a às águas do Clyde.

"De volta ao palácio, procurando a espôsa, perguntou-lhe pelo anel que lhe havia dado: desejava vê-lo. Como a rainha não pudesse satisfazer a vontade do marido, Rydderch ordenou que a metessem na prisão. Contudo, rogando-lhe e obtendo um prazo de três dias, foi ela procurar, secretamente, o cavaleiro. Desesperançada, porque êste não pôde, é claro, socorrê-la na emergência, a desventurada quis obter o concurso de Kentigern.

"O bom pastor sabia de tudo ou tudo adivinhara: a jóia, encontrada no interior dum salmão que havia pescado no Clyde, estava em seu poder. De posse do anel, a rainha correu a mostrá-lo a Rydderch, assim escapando dum triste fim.

"O rei, comovido, pediu-lhe perdão, oferecendo-se para punir quem a traíra. E a rainha, confessando-se a Kentigern, passou o resto da vida a fazer penitência".

Montalambert, referindo-se às antigas efígies de São Mungo, conclui:

"Eis porque São Kentigern é representado com o báculo numa das mãos, tendo na outra um salmão com um anel entre os beiços."

Nosso Santo faleceu em idade avançada, com oitenta e cinco anos, a 13 de janeiro de 603, sendo sepultado em Glasgow, na catedral.

* * *

No mesmo dia, oitava da Epifania do Senhor.

Em Cesaréia, Capadócia, São Leôncio, bispo. Evangelizou a Armênia, convertendo o rei Tiridates, sagrando bispo Gregório, o Iluminador. Em 314, vê-se-lhe o nome entre os bispos que acorreram a assistir aos concílios de Ancira e de Neocesaréia. Falecido em 337, trezentos anos depois da morte um padre de Cesaréia, Gregório, assegurava que lhe vira o corpo, na igreja de Santo Hesíquio, absolutamente incorruptível, exalando suave odor.

Em Huy, na Bélgica, a bem-aventurada Ivete, viúva, falecida em 1228, nascida naquela cidade próxima de Liège, em 1158. Casada muito jovem, contra a vontade, teve três filhos. Viúva aos dezoito anos de idade, recusou segundas núpcias. Praticando boas obras, aplicou-se a cuidar carinhosamente de leprosos internados num lazareto. Ao pai, pagão, converteu-o depois de muitas preces endereçadas a Deus. Satisfeita, viu-o ingressar numa ordem de religiosos.

Em Reims, na França, natalício de São Remígio, bispo e confessor, que converteu ao cristianismo a nação dos francos, depois de ter batizado o rei Clóvis. Célebre pelos milagres e santidade, é festejado principalmente em outubro, no dia 1.º.

Em Viena, São Vero, bispo e confessor, falecido em 594.

Na diocese de Rennes, Santo Enogat, bispo e confessor, sagrado em 628. Faleceu em 631.

Em Córdova, Espanha, os santos mártires Gumersindo, sacerdote, e Servideu, monge, nos tempos de Abderam II, que reinava naquela cidade e ordenara a morte, sem preâmbulos, de todo cristão que

pregasse contra Maomé. Gumersindo e Serdieu foram denunciados e decapitados pela fé, em 852. Os corpos raptados pelos cristãos, foram condignamente sepultados na igreja de São Cristóvão.

No mesmo dia, em Roma, na via Lavicana, quarenta soldados, que mereceram a coroa por terem abraçado a verdadeira fé, no tempo do imperador Galiano.

* * *

14.º DIA DE JANEIRO

SANTO HILÁRIO

Bispo de Poitiers

No tempo em que o imperador Constâncio, governado pelos arianos, perseguia os católicos, a Gália, depois França, foi particularmente favorecida por Deus e preservada da heresia anticristã. Em primeiro lugar, Santo Atanásio, tendo sido exilado para Trèves, de que era bispo São Maximino, revelou os embustes dos arianos e firmou os bispos da Gália na verdadeira fé. Em seguida, suscitou Deus no país Santo Hilário de Poitiers, que se opôs aos herejes com firmeza e constância semelhantes às de Santo Atanásio. Assim, foi exilado para bem longe, no Oriente, na Frígia, província da Ásia Menor. Partiu, alegre por haver sido julgado digno de sofrer por Cristo. Nunca o ouviram queixar-se dos inimigos, nem das fadigas inseparáveis de viagem longa e penosa. A sua alma, unida a Deus da maneira mais íntima, triunfou constantemente de tôdas as perseguições que o inferno lhe provocou.

No exílio, combateu os herejes com mais fôrça ainda que antes. Em 360, vendo o extremo perigo a que expunham a fé as intrigas e as violências, diri-

giu um pedido ao imperador Constâncio, rogando-lhe uma conferência pública com os inimigos de Jesus Cristo, para lhes refutar a impiedade. Constâncio, além de lhe não conceder o pedido, cada vez mais lidava por fazer que todos renegassem a divindade de Jesus Cristo, como que pretendendo preparar o reino do Anticristo. Santo Hilário, então, redigiu novo escrito que não enviou ao imperador mas a todos os fiéis. Começa assim: "É tempo de falar, pois já passou o tempo de calar. Esperemos a Cristo, pois o que domina é o Anticristo. Gritem os pastôres, pois os mercenários fugiram. Santifiquemos a vida, uma vez que os lôbos entraram e que nos rodeia o leão furioso. Vamos ao martírio com estas palavras, pois o anjo de Satã se transformou em anjo de luz... Oh, se o Deus Onipotente do Universo me tivesse dado o prazer de o confessar, êle e seu Filho único, no tempo dos Neros e dos Décios! Pela misericórdia de Jesus, animado do Espírito Santo, não teria temido o suplício, sabendo que Isaías foi cortado em dois; não teria temido a fornalha ardente, lembrando-me de que os filhos dos hebreus nela cantaram; nunca teria evitado nem a cruz nem a quebra dos ossos, lembrando-me de que o ladrão foi transferido para o paraíso. Contra inimigos declarados, houvera combatido com felicidade, teria sabido que eram perseguidores que obrigavam à apostasia pelo ferro e pelo fogo. Mas agora, temos de combater contra um perseguidor que engana, contra um inimigo que lisonjeia, contra o Anticristo Constâncio. Dizia João a Herodes: "Não tens permissão para fazer isto". Os mártires Macabeus censuram a Antíoco a crueldade, e lhe anunciam o próximo castigo. Digo-te, Cons-

tâncio, o que houvera dito a Nero, o que Décio e Maximino teriam ouvido da minha bôca: combates contra Deus, lutas contra a Igreja, persegues os santos, odeias os pregadores de Cristo, aniquilas a religião, fazes-te tirano, não nas coisas humanas, mas nas coisas divinas..."

Era com tal vigor que Santo Hilário falava no momento do perigo. Os bispos arianos, irritados por tal generosa liberdade, persuadiram Constâncio a enviá-lo à Gália, por estar tumultuando o Oriente. Os gauleses acolheram-no triunfalmente. O seu regresso contribuiu poderosamente para livrar todo o Ocidente da impostura dos arianos e da tirania dêles. Agradecemos a Deus ter dado à nossa pátria e à Igreja um amparo tão firme em tempos tão difíceis, e roguemos-lhe que continue a dar-lhe outros iguais, até o fim do mundo.

Santo Hilário, de uma das famílias mais ilustres da Gália, nascera e fôra criado nas superstições do paganismo. Mas as ponderadas reflexões que êle próprio fêz sôbre os fins do homem, e em seguida a meditada leitura do Velho e do Novo Testamentos, o converteram a Jesus Cristo. Desde que recebeu o batismo, pareceu outro homem, e o seu procedimento se pautou sempre pelas máximas do Evangelho. Exortava ainda os outros à virtude, e firmava-os na crença do mistério adorável da Trindade, atacado pelas blasfêmias dos arianos. A virtude o elevou, maugrado seu, por volta de 353, ao trono episcopal de Poitiers, onde revelou ainda mais virtude, e onde morreu santamente, em 368. Foram êsses os bons resultados das suas reflexões e boas leituras.

Desejamos saber o resumo das suas leituras e reflexões? É que a simplicidade do coração é a vir-

tude mais essencial a um discípulo de Jesus Cristo. Com efeito, diz êle, o Salvador nos assegura que ninguém pode entrar no reino do céu se se não faz igual às crianças, e se, pela simplicidade de tal período de vida, não extirpa do coração tôdas as paixões desregradas. Que vemos na criança? Está submetida à vontade do pai; ama sua mãe; desconhece o orgulho, o ódio, a avareza; ouve com doçura e crê fàcilmente as verdades que lhe ensinam. Feliz do homem dotado de tal coração! Trilha o caminho que conduz ao céu. Voltemos, pois, à simplicidade da infância, a única que nos pode dar alguma semelhança com um Deus humilde.

* * *

SÃO FÉLIX DE NOLA

Sacerdote e confessor

Em Nola, na Campânia, refugiara-se o santo bispo Máximo em páramos desertos, quando da perseguição de Décio, em 250. Os perseguidores saíram, então, no encalço de São Félix, que Máximo ordenara sucessivamente leitor, exorcista, finalmente sacerdote, e que destinava para seu sucessor. Prêso, foi Félix carregado de correntes. O chão cobriram-no de cacos para que não pudesse repousar. Entretanto, o bispo Máximo, na montanha deserta para a qual se havia retirado, estava prestes a morrer de fome e frio, deitado no chão sôbre espinhos, exposto às injúrias do ar, sem alimento, arcado pelos anos, pela tristeza e pela inquietação em prol da salvação do seu rebanho, orando noite e dia. Deus não o abandonou.

No meio da noite, surgiu um anjo na prisão de Félix e, com a voz e o esplendor da luz, o despertou. A princípio julgou Félix que se tratava de um sonho, e dizia que as correntes, as portas e os guardas o impediam de o seguir. Ordenou-lhe o anjo que se levantasse; os ferros caem-lhe das mãos, do pescoço e dos pés, as portas abrem-se, os guardas continuam a dormir; Félix sai e, por caminhos desconhecidos, chega ao lugar onde se achava o santo ancião Má-

ximo, prestes a dar o derradeiro suspiro. Reconhecendo-o, abraça-o e beija-o, mas encontra-o frio, sem voz, sem pulso, sem movimento. Restava-lhe apenas alguma respiração. A primeira coisa que fazer era dar-lhe alguma comida. Félix procura, roga, e percebe, finalmente, acima da cabeça um cacho de uvas; pega-o, aproxima-o da bôca do ancião moribundo, que já tinha os dentes apertados e nada mais ouvia. Afasta-lhe os lábios ressequidos, aperta a baga e faz deslizar o suco. O enfêrmo readquire um pouco de fôrça, volta-lhe a palavra, reconhece Félix e diz-lhe: "Vindes muito tarde; há muito que Deus me havia prometido o vosso auxílio. O estado em que me achais bem evidencia que não fugi por mêdo à morte; o que fiz foi desconfiar da fraqueza do corpo. Por favor, levai-me ao meu rebanho." Félix põe-no aos ombros e leva-o. O bispo vivia pobremente, e como criadagem tinha apenas uma velha.

O próprio Félix, após receber a bênção de Máximo, que lhe colocou sôbre a cabeça a mão, ficou oculto durante algum tempo em sua casa. Legara-lhe o pai grandes haveres, mas êle distribuíra a maior parte aos pobres. Tendo-se aliviado um pouco a perseguição, mostrou-se ao povo fiel, a quem instruía pelas palavras e mais ainda pelo exemplo do que havia sofrido. Os pagãos não conseguiram suportá-lo muito tempo. Foram procurá-lo na casa e, sabendo que fôra para a cidade, onde ensinava os cristãos, para lá acudiram empunhando espadas. Mas ou porque Deus os cegasse, ou porque alterasse o rosto do santo, não lograram os pagãos reconhecê-lo. Ao próprio Félix perguntaram onde estava. Êle, percebendo naquilo a mão de Deus, disse-lhes.

rindo, que desconhecia inteiramente o tal Félix que andavam procurando. Os perseguidores retiraram-se para outra banda e continuavam sempre a perguntar pelo paradeiro de Félix, quando alguém lhes afirmou que se tratava da mesma pessoa à qual tinham dirigido a palavra pouco antes. Imediatamente refizeram o caminho. Mas o santo, advertido pela bulha do povo, ocultou-se num casebre que dava para a praça. Estando aberta como estava teria sido agarrado, se no momento não tivesse feito a sua teia uma aranha, fechando a abertura das ruínas. Os perseguidores acharam que seria loucura supor que um homem tivesse podido passar por lá sem romper a teia, e, certos de que tinham sido objeto de chacota, afastaram-se. Quando sobreveio a noite, Félix rumou para um bairro mais distante, onde, sendo conduzido por Deus, descobriu uma velha cisterna quase sêca, numa estreita abertura entre duas casas. Lá se acomodou e lá viveu, ao que dizem, seis meses. Numa das casas vizinhas, havia uma santa mulher que o alimentou durante todo o tempo, sem o saber, pois quando amassava pão ou cozia carne, ia pô-los no peitoril da cisterna, sem saber o que fazia, certa de que os guardava na casa, e logo se esquecendo do que fazia e por onde fôra ou voltara. Deus nutriu, assim, milagrosamente o servidor, até que a paz voltasse à Igreja. Foi São Paulino, que de cônsul romano se fêz bispo de Nola, quem nos contou tais atos e milagres de São Félix (1).

* * *

(1) **Euseb., I. VI, C. XLVII, e Acta SS., 14 jan.**

SÃO BARBACEMIN E SEUS COMPANHEIROS, MÁRTIRES NA PÉRSIA

Após a morte de São Ciadusto ou Sadot, seu irmão Barbacemin, sobrinho, como êle, de São Simeão, pelo lado materno, subiu em 342 ao trono metropolitano de Selêucia e Ctesifon, capital da Pérsia. Após governar a sua igreja durante seis anos, foi denunciado como inimigo da religião persa. Detiveram-no com dezesseis membros do seu clero. Sapor, não logrando demovê-lo com as ameaças, mandou-o fechar numa prisão da qual se exalava insuportável cheiro. Naquela medonha morada, sofreu o santo os rigores da fome e da sêde, com todos os maus tratos que a crueldade dos magos foi capaz de inventar. Onze meses depois, levaram-no, com os companheiros, à presença do rei. Achavam-se todos horrìvelvelmente desfigurados. Não tinham parte do corpo que não estivesse ferida, e o mau ar da prisão lhes tornara o rosto negro e lívido.

Entretanto Sapor, persuadido de que o exemplo do bispo seria imitado pelo clero, envidou novos esforços para conquistar Barbacemin à religião nacional. Ofereceu-lhe ricos presentes e prometeu-lhe uma das primeiras dignidades do império se concordasse em se iniciar nos mistérios do sol. Respondeu-lhe o santo constantemente que preferiria morrer a

violar a lei de Jesus Cristo, que condenava os apóstatas a suplícios eternos. Foi decapitado com os companheiros, em 14 de janeiro de 346, em Ledan, na província dos Huzitas (1).

São Marutas, autor dos atos dos nossos santos mártires, acrescenta que Sapor, a fim de exterminar o nome cristão em todo o império, publicou um novo édito que ordenava fôssem mortos todos os que se recusassem a adorar o sol, o fogo e a água, e a beber sangue de criaturas vivas. Abstinham-se de tal os cristãos, de conformidade com o que fôra decidido pelos apóstolos. O trono de Selêucia ficou vago durante vinte anos, em virtude da perseguição, cujas devastações se fizeram sentir em tôdas as províncias da Pérsia. A multidão dos mártires foi incalculável. São Marutas, que não conseguira saber-lhes os nomes, celebrou-lhes o glorioso triunfo num belo panegírico, no qual se deparam os sentimentos da mais terna devoção.

* * *

(1) Act. MM. orient., p. 111.

SANTA MACRINA, A VELHA (*)

Viúva

Macrina, a Velha, foi avó de São Basílio, o Grande. Nascida em Neocesaréia, no Ponto, foi doutrinada por São Gregório, o Taumaturgo.

São Basílio, o Grande, num dos seus escritos, diz:

"Aquela santa mulher conservara fielmente na lembrança a pregação de Gregório, e afeiçoou nossas almas de criança com uma piedade baseada na sã doutrina".

Assim, os ensinamentos que do Taumaturgo recebeu, transmitiu-os aos filhos e aos netos.

Galero e Maximiano moviam, então, crudelíssima perseguição contra os cristãos. Macrina, de comum acôrdo com o marido, retirou-se para o deserto, embrenhando-se numa intrincada floresta do Ponto. Foi uma vida áspera aquela, cheia de incomodidades, a sofrer excessivo calor durante o dia, um frio cortante pelo decorrer da noite.

Por sete anos levaram os dois aquela vida, às vêzes a passar fome, sempre experimentando as maiores privações. A fé, porém, sustentava-os, e Deus, quando tudo parecia perdido, os socorria misericordiosamente.

Um dia, sem quaisquer recursos, caindo de exaustão, porque sem alimento desde alguns dias, ambos, com fervor, rogaram a Deus que os auxiliasse. E tão ardorosamente o fizeram que a caça, então desaparecida, abundou, deixando-se apresar com docilidade.

Finda a perseguição, tornaram ao antigo lar. Pouco depois, o velho espôso falecia.

Macrina viveu até uma idade bem avançada, que não se precisa. Sabe-se que morreu para o Senhor em 340.

* * *

BEM-AVENTURADO ENGELMAR (*)

Ermitão e Mártir

Um velho bispo armênio, ansioso de Nosso Senhor, resolveu, um dia, levar vida de solitário para, na pobreza e na penitência, conseguir uma boa morte e o prêmio da vida eterna. Fixou-se, então, num lugar ermo, perto de Passau, e principiou uma vida de austeridade, isolado do mundo.

Um dia, apareceu-lhe um jovem. Chamava-se Engelmar, e desejava falar-lhe. Estivera pensando muito e queria aconselhar-se. Era filho dum pobre camponês e amava Jesus Cristo profundamente. Poderia viver junto dêle, servi-lo, instruir-se, levar a mesma vida de pobreza?

O velho bispo foi um mestre excelente, e, quando faleceu, santamente, em 1093, Engelmar continuou sòzinho naquele retiro. Trabalhava, orava e jejuava, levando vida das mais austeras.

Quando o bispo era vivo, a gente das redondezas ia visitá-lo, recomendar-se-lhe às orações, pedir-lhe conselhos, levar-lhe coisas para amenizar a rudeza da vida, coisas que, sem que soubessem, deixava de lado, por amor a Jesus, medroso de comodidades.

Tais visitas, agora que Engelmar vivia só, continuavam; um belo dia, um homem que viera com um

grupo ficou. Queria partilhar com o bem-aventurado a mesma vida. Era piedoso, humilde, silencioso, mas falso e miserável.

Certa noite, levantou-se de mansinho, aproximou-se do ermitão, atirou-se a êle e, num instante, o matou. Depois de meticulosa busca, viu que o tesouro que julgara haver no retiro existia tão-sòmente na sua perversa imaginação.

Era na noite de 13 para 14 de janeiro, em 1096, noite fria, de vento; a neve ia-se acumulando por tôda a parte. Terminada a busca, decepcionado, o assassino levantou aos ombros o santo ermitão piedoso, saiu, enterrou-o na neve, desapareceu na escuridão e deixou o país.

Com o degêlo, encontraram o corpo do bem-aventurado, que um padre, caridosa e respeitosamente, sepultou.

Em 1131, transportaram-no para Wingsberg e lhe erigiram um mausoléu. Verificaram-se, então, muitos prodígios.

* * *

BEM-AVENTURADO ODORICO DE PORDENONE (*)

Confessor

Odorico, nascido perto de Pordenone, no Friuli, em 1285, da família dos Matiussi, foi um incansável andarilho, que viajou perto de dezesseis anos a pregar e a batizar infiéis sem conta.

Franciscano, pertenceu à ordem dos irmãos menores de Udine. Profundamente humilde, alimentava-se tão-sòmente de pão e água, andava descalço e nunca se separava duma couraça de ferro que lhe envolvia o torax e que uma simples túnica muito pobre recobria.

Um dia, amante que era da solidão, solicitou e conseguiu autorização superior para levar vida de ermitão. Tantos eram os progressos que fazia no retiro que o Senhor lhe conferiu o dom dos milagres.

Logo, porém, deixou o ermo e tornou ao convento de Udine, para se dedicar aos trabalhos apostólicos que se faziam necessários no Friuli, onde os maus cristãos iam, insensìvelmente, trilhando um caminho perigoso, que comprometia a salvação das almas.

Em 1314, desejoso de partir para o Oriente, em evangelização, obteve o consentimento e embarcou.

E, principiando de Constantinopla, passou em Trebizonda, pela Armênia, Pérsia e Caldéia. Sempre pregando, evangelizando, penetrou nas imensidões da Índia.

Em Tana, demorou-se mais. É que descobrira a sepultura de quatro irmãos menores, mortos por infiéis, e tratara de desenterrá-los, para enviar os preciosos restos a um dos conventos da ordem. Muitos milagres, então, tiveram ocasião, atestando a santidade daqueles que, em 1321, martirizados, haviam tombado pela fé. Eram êles Tomás de Tolentino, Jaime de Pádua, Demétrio e Pedro de Siena.

Terminada tão santa tarefa, o piedoso Odorico, infatigável, reiniciou as andanças. Estêve no Ceilão, em Java, em Sumatra, nas Filipinas e, querem alguns, também no Japão.

Na China, pregou em várias cidades. Em Pequim, então denominada Cambalek, viveu três ou quatro anos.

Incansável, como sempre, atiçado por um zêlo incomum, cheio de vitalidade, embora dado às mortificações, deixou Cambalek e penetrou na Tartária. Quando no Tibete, em Lhasa, juntou-se aos missionários franciscanos que ali já se achavam desde alguns anos.

Quando retornou à Europa, pôs-se a ditar o relato de tudo aquilo que levara a cabo, tendo em mente presentear o Santo Padre.

Um dia, em Pisa, São Francisco de Assis lhe apareceu. Sorria-lhe, dizendo-lhe do fim que se aproximava, advertindo-o:

— Volta para Udine.

E o bem-aventurado Odorico de Pordenone, em 1331, depois duma vida singular, aventuresca, de andanças por todo o mundo, depois de ter colhido frutos infindos, veio a falecer no convento onde fervorosamente se iniciara. Santamente, rodeado dos irmãos entregou a alma, a imensa alma, ao Senhor, que por êle se dignara obrar tão maravilhosamente por terras bravias e quase desconhecidas. Milagres foram operados, e muitas curas tiveram oportunidade, antes do enterramento.

Tempos depois da morte, verificou-se que o corpo do bem-aventurado Odorico jazia incorrupto no esquife.

Bento XIV confirmou-lhe o culto em 1704. Em Pordenone há uma estátua do bem-aventurado.

* * *

BEM-AVENTURADO ODON DE NOVARA (*)

Confessor

Odon era natural de Novara, onde nasceu em 1140. Humilde, sóbrio e penitente, solicitou admissão no convento dos cartuxos de Casota.

De grande santidade, com o nome a correr por tôda a parte, foi escolhido, pouco depois, para prior de Geyrach, na Eslavônia. Por questões surgidas entre o convento e o bispo da diocese, dirigiu-se a Roma, para se aconselhar com o papa, então Clemente III, depois do que, em busca de repouso, se retirou para a calma de Tagliacozzo.

Perto, havia um mosteiro de religiosas, e uma igreja dedicada a São Cosme e São Damião. A abadessa, descobrindo em Odon as qualidades que desejava num homem para dirigir as religiosas pela estrada da perfeição, propôs-lhe a emprêsa.

Odon, dada a autorização pelo papa, que era aparentado com a abadessa, construiu uma pequena cela perto do mosteiro, e passou a praticar a pobreza, ali vivendo à cartuxa, até a idade mais avançada. Do retiro saía tão-sòmente para ir à igreja. Aconselhava as religiosas, e o mais eram jejuns, vigílias e macerações.

O bem-aventurado nunca se julgava digno de Deus. Todos o olhavam como duma santidade sem par, e o veneravam. A respeito, conta-se dêle o seguinte prodígio: "Um homem, chamava-se Silvático, sofria de constantes, atormentadoras e fortes dores de cabeça. Quase diàriamente, era acometido dêste mal. Durante muito tempo consultara médicos sem conta, e nada conseguira, nem mesmo a mais pequena melhora. Um dia, ouvindo falar da santidade do bem-aventurado, resolveu procurá-lo, para que, orando a Deus, curasse-o da enxaqueca.

"— Que poderei eu fazer, irmão? Sou um pobre pecador, respondeu-lhe Odon, revestido duma carne fraca e corrompida. Deixa-me em paz. Vai, e que Cristo, Filho de Deus vivo, te cure do que te aflige.

"Odon chorava, derramando abundantes lágrimas. E, no mesmo instante, apenas Odon terminara o dito, Silvático sentiu que a dor o abandonava miraculosamente, dor que, até o último dia em que viveu, jamais se manifestou".

Quando Odon jazia no leito de morte, ouviram-no dizer:

— Recebei-me, Senhor, que vou para vós!

— Que queres dizer? perguntaram os que o rodeavam, vendo-o sossegado, mas estendendo os braços para um alguém invisível.

E o bem-aventurado, d'olhos fixos em determinado ponto, respondeu suavemente:

— Eu vejo o Senhor, meu Senhor e meu Rei! Estou na presença de meu Deus!

E, de braços estendidos, expirou.

Odon foi sepultado diante da igreja dos santos Cosme e Damião, numa modesta cova. Quarenta anos depois, o bem-aventurado aparecia a um padre, o padre Oderígio, dizendo-lhe que lhe dessem melhor jazigo. Desenterrado o corpo, apareceu absolutamente incorrupto, tal qual fôra visto pela última vez. Sepultado perto do altar de São Cosme e São Damião, muitos milagres foram operados, repetição do que sucedera em 1200, quando deixara o mundo e subira para a glória de Jesus Cristo.

* * *

No mesmo dia, em Milão, São Dácio, bispo e confessor, do qual o papa Gregório faz menção. Pertencia à importante e nobre família dos Alliati, de Milão. Quando a guerra assolava a Itália e a fome ceifava vidas sôbre vidas, São Dácio, então bispo, sacrificou tôdas as riquezas da sua Igreja para socorrer os famintos. Milão apresada, viu-se ao sabor da pilhagem, dos desmandos e da miséria. Expulso da cidade, refugiou-se Dácio em Constantinopla, onde faleceu em 552. O corpo, transportado para Milão, foi venerado como santo.

Na Espanha, São Fulgêncio, bispo e confessor, desaparecido em 632. Nascido em Sevilha, teve três irmãos, todos santos: Leandro, Florentina e Isidoro. Bispo de Ecija, faleceu em 632.

Na Sérvia, São Sabas, arcebispo e confessor, filho do conde Estêvão de Nemania, nascido por volta de 1159. Elevado ao sacerdócio, foi feito arquimandrita da Tessalônica. O imperador e o patriarca

de Constantinopla, colocaram-no na Sé arquiepiscopal da Sérvia. Faleceu em 1237.

Em Poitou, Santa Neosnádia, virgem, no século V.

Na África, São Cler, diácono.

Em Mende, São Firmino, bispo.

Em Viena, São Caldeolo, bispo.

Em Constantinopla, Santo Estêvão, abade, fundador do mosteiro do Lago dos Gansos. Rodeado de inúmeros discípulos, faleceu santamente em 740.

Em Bonnevaux, diocese de Annecy, o bem-aventurado Amadeu de Clermont, confessor. Casado, de comum acôrdo com a espôsa, retiraram-se ambos do mundo. Ela para a abadia de Bressieux e êle, mais o filho, também Amadeu, ingressaram em Bonnevaux. Faleceu em 1150.

No mesmo dia, na Judéia, São Malaquias, profeta. — No monte Sinai, trinta e oito solitários massacrados pelos sarracenos. — No Egito, no país de Raita, quarenta e três monges, igualmente assassinados pelos Blêmios, por defenderem a religião cristã.

* * *

15.º *DIA DE JANEIRO*

SÃO PAULO, PRIMEIRO ERMITÃO

Havia na baixa Tebaida um jovem chamado Paulo, a quem, quando contava quinze anos de idade, pai e mãe tinham legado grandes haveres. Conhecedor das letras gregas e egípcias, era dotado de espírito doce e cheio de grande amor a Deus. Tinha uma irmã casada e com ela morava. A perseguição de Décio o obrigou a refugiar-se numa casa de campo. Estava-se no ano de 250. O marido de sua irmã propunha-se denunciá-lo para despojá-lo dos bens herdados. Paulo, sabedor do que se passava, rumou para as montanhas desertas. À espera do fim da perseguição, afeiçoou-se à solidão em que vivia por necessidade. Avançava pouco a pouco, retrocedia de vez em quando, e recomeçava freqüentemente. Descobriu, por fim, uma montanha de pedra, ao pé da qual havia uma grande caverna, fechada por um rochedo. Abriu impelido pela curiosidade, e lá dentro distinguiu uma grande sala, aberta em cima e sombreada por uma velha palmeira. Uma fonte límpida jorrava, formando um regatozinho, que após correr um pouco fora, tornava a penetrar a terra. Paulo escolheu o lugar para morada, e lá

permaneceu noventa anos, pois contava vinte e três e viveu cento e treze.

Deu-lhe Deus a saber que nos mesmos páramos havia outro anacoreta, o qual um dia iria visitá-lo e sepultá-lo.

Era Santo Antônio o outro anacoreta. Tinha noventa anos, quando refletiu que ninguém, exceto êle, vivera no deserto uma vida tão perfeita. Na noite seguinte, estando a dormir, foi-lhe revelado que, mais adiante, existia outro muito melhor, e que devia visitá-lo. Mal surgiu o dia, o santo ancião começou a caminhar, apoiado a um bordão sem saber para onde ia, mas certo de que Deus lhe mostraria o seu servidor. Com efeito, permitiu-lhe encontrar o caminho da morada de São Paulo, e no terceiro dia, de manhãzinha, chegou à caverna em que São Paulo, o primeiro ermitão, se encontrava, havia noventa anos. A princípio, Santo Antônio nada lobrigou, tamanha a escuridão. Avançava devagar, detendo-se de vez em quando para escutar, caminhando na ponta dos pés e retendo a respiração. Finalmente percebeu, de longe, alguma luz, o que o levou a se apressar. De repente, bateu com o pé contra uma pedra e fêz ruído. São Paulo, então, fechou com o ferrolho a porta que estava aberta. Santo Antônio prosternou-se e lá ficou até meio-dia passado, rogando-lhe que abrisse e dizendo-lhe: "Sabeis quem sou, donde venho e porque. Sei que não mereço ver-vos, mas não me irei sem vos ver. Morrerei à vossa porta; pelo menos, enterrareis o meu corpo." Respondeu-lhe Paulo: "Não se pede ameaçando; como vos admirais de eu vos não receber, se só vindes aqui para morrer?

Sorrindo, abriu-lhe a porta. Abraçaram-se, saudaram-se pelo nome, êles que nunca tinham falado um ao outro, e, juntos, deram graças a Deus. Após o santo beijo, sentados, Paulo assim começou: "Eis quem procurastes com tanto trabalho; um corpo gasto pela velhice, coberto de cabelos brancos e sujos, um homem que, daqui a pouco, será pó. Mas, dizei-me, como vai o gênero humano? Fazem-se novas casas nas velhas cidades? Sob que império está o mundo? Ainda existem adoradores do demônio?" Estavam conversando, quando viram um corvo empoleirado no galho de uma árvore, o qual, voando docemente, lhes pôs na frente um pão inteiro, e se retirou. "Ah, exclamou Paulo, vêde a bondade do Senhor que nos mandou comida! Há sessenta anos que, todos os dias, recebo a metade de um pão; à vossa chegada, Jesus Cristo dobrou a parte." Tendo orado, sentaram-se à beira da fonte. Mas para saber qual dos dois iria partir o pão, nasceu uma desavença que pareceu durar até a noite. Paulo alegava a hospitalidade, e Antônio a idade. Convieram, finalmente, que cada um o puxaria do seu lado. Em seguida, beberam um pouco de água, encostando a bôca à fonte, e passaram a noite na vigília e nas preces.

Chegado o novo dia, disse Paulo a Antônio: "Meu irmão, sabia, há muito, que moráveis nestas regiões, e Deus me havia prometido que vos veria. Como soou a hora do meu repouso, enviou-vos para cobrir-me de terra o corpo." Antônio, chorando e suspirando, rogou-lhe que o não abandonasse, e que o levasse com êle. Paulo respondeu-lhe: "Não deveis cuidar do vosso proveito, e sim do dos outros;

é ainda útil aos irmãos ser ensinados pelo vosso exemplo. Assim, rogo-vos, se não fôr demasiado trabalho, que vades buscar, para me envolver o corpo, o manto que vos deu o bispo Atanásio."

Não era que o bem-aventurado Paulo se importasse com o sepultamento do corpo; o que pretendia era poupar ao visitante a aflição de vê-lo morrer. Talvez quisesse também provar que, com aquilo, morria na comunhão de Santo Atanásio, então perseguido pelos arianos. Santo Antônio, assombrado com o que êle dissera de Santo Atanásio e do manto, julgou ver Jesus Cristo presente nêle e não ousou replicar; mas, chorando, beijou-lhe os olhos e as mãos, e regressou ao seu mosteiro com mais diligência que a que aparentava o seu corpo esgotado de jejuns e vigias. Dois dos seus discípulos, que o serviam havia longo tempo, apresentando-se-lhe, disseram: "Meu pai, onde vos demorastes tanto? Respondeu-lhes êle: Ah, infeliz pecador que sou! Falsamente é que uso o nome de monge! Vi Elias, vi João no deserto, vi Paulo no paraíso! Nada mais falou e, batendo o peito, tirou o manto da cela em que vivia. Rogaram-lhe os discípulos que se explicasse, mas êle disse-lhes: "Há horas em que é preciso falar, e horas em que é preciso calar."

Saiu, então, e, sem tomar nenhuma nutrição, voltou pelo mesmo caminho, tendo sempre Paulo no espírito e diante dos olhos, e temendo o que iria suceder. No dia seguinte, já fazia três horas que caminhava, quando viu, no meio dos anjos, dos profetas e dos apóstolos, Paulo subir, revestido de esplendente brancura. Imediatamente se prosternou, de rosto no chão, atirou areia sôbre a cabeça, e disse,

chorando: "Paulo, por que me abandonais? Nem vos disse adeus; por que vos conheci tão tarde, para vos perder tão cedo?" Parecia voar durante o resto do caminho. Quando chegou à caverna, encontrou o corpo ajoelhado, de cabeça erguida, e mãos estendidas para o céu. Pensou, a princípio, que ainda estivesse vivendo e orando, e logo se pôs a rezar; não o ouvindo, porém, respirar, abraçou-o, chorando, e notou que só na postura é que estava orando. Envolveu o corpo, tirou-o da caverna, e entoou hinos e salmos segundo a tradição da Igreja. Afligia-se, contudo, por não ter levado instrumento com o qual lhe fôsse dado cavar a terra, e não sabia o que fazer, se voltar ao mosteiro, se ficar, quando dois leões, de crinas flutuantes, acorreram do fundo da mata. Paulo estremeceu, mas o pensamento de Deus o tranqüilizou. Os dois leões rumaram diretamente para São Paulo, e, acariciando-o com a cauda, deitaram-se-lhe aos pés, rugindo, como que para lhe testemunharem a sua dor. Depois, começaram, lá perto, a cavar o chão com as unhas e, atirando a areia para fora, fizeram uma abertura capaz de guardar um homem. Imediatamente, como se pedissem uma recompensa, aproximaram-se de Santo Antônio, de cabeça baixa e remexendo as orelhas. Compreendeu o santo que êles exigiam a bênção, e disse: "Senhor, sem cuja vontade nem uma fôlha de árvore, nem um passarinho cai ao chão, dai-lhes o que sabeis que lhes convém e, fazendo sinal com a mão, ordenou-lhes se afastassem. Depois de vê-los partir, sepultou o corpo, e cobriu-o de terra, segundo o costume. No dia seguinte, pegou a túnica que São Paulo próprio

fizera de fôlhas de palmeira entrelaçadas, voltou ao mosteiro com o precioso legado e tudo narrou aos discípulos. A partir de então, usava sempre a túnica de São Paulo nos dias solenes da Páscoa e de Pentecostes (1).

* * *

(1) **Hier., Vita Pauli.**

SÃO MACÁRIO DO EGITO

Cognominado o velho

Nascido no alto Egito, incumbiu-se primeiramente de guardar rebanhos. Na infância, sucedeu-lhe roubar uns figos, com os companheiros, e comer um dêles. Não podia, depois, lembrar-se de tal ato sem chorar amargamente. Era ainda jovem, quando a graça lhe inspirou o projeto de abandonar o mundo. Retirou-se para uma pequenina cela de aldeia.

Ao trabalho das mãos, que consistia em fazer cestos, unia uma oração constante e a prática das maiores austeridades. A paz de que desfrutava no serviço de Deus não tardou em ser perturbada pelas mais delicadas provas. Uma jovem da vizinhança, esperando um filho, acusou-o de havê-la desonrado.

Não foi preciso mais para o expor aos mais indignos tratos. Arrastaram-no ignominiosamente pelas ruas, bateram-no e ultrajaram-no por hipócrita que ocultava o mais corrompido coração sob o hábito de anacoreta.

Tudo sofreu Macário com paciência. Fêz mais, cuidou da subsistência da infeliz que o difamara, enviando-lhe o produto dos cestos. Mas Deus não tardou a manifestar a inocência do seu servidor.

A caluniadora só conseguiu dar à luz o filho, quando nomeou o verdadeiro pai. O povo abriu os olhos, e o furor se mudou em admiração. Macário, porém, que tudo sofrera, fugiu aos louvores, retirando-se para o deserto de Cete.

Entretanto, várias pessoas foram pôr-se debaixo da sua guia, desejosas de aprender os meios de atingir a perfeição. De todos os seus discípulos, só mantinha um ao seu lado, para cuidar dos forasteiros; os demais viviam em ermidas, separados uns dos outros.

Um bispo do Egito, que conhecia a eminente santidade de Macário, ordenou-o sacerdote, para que pudesse celebrar os divinos mistérios para a comodidade da santa colônia que ia crescendo. Estando consideràvelmente aumentada ao cabo de algum tempo, construíram-se quatro igrejas no deserto, e cada uma delas, para servi-la, recebeu um sacerdote.

Não se podia deixar de admirar a doçura e a paciência de Macário. Nada conseguia mudar-lhe essas duas virtudes. Um sacerdote pagão e vários outros infiéis ficaram tão impressionados, que se converteram à religião cristã.

Um dia, foi consultá-lo um jovem sôbre a vida solitária, que pretendia abraçar. Macário ordenou-lhe rumasse para um lugar repleto de mortos, e lhes atirasse ao rosto as mais pesadas injúrias. Mandou-lhe que lá fôsse outra vez, e lhes dirigisse elogios. Ao vê-lo de regresso, perguntou-lhe que resposta lhe haviam dado os mortos. "Não responderam, disse o jovem, nem às injúrias, nem aos elogios. — Ide, pois, retrucou o santo, e imitai-lhes a insensibilidade. Se morrerdes para o mundo e vós próprio, começareis a viver para Jesus Cristo."

Certa vez, soube Macário, por revelação, que não era ainda tão perfeito como duas mulheres casadas, moradoras de uma cidade vizinha.

Foi imediatamente visitá-las, e verificou realmente que levavam a vida mais santa. Sempre vigiando a língua, nunca proferiam palavras inúteis. Humildes, pacientes, doces, bondosas para os maridos, conformavam-se em tudo à vontade dêles, quando o não obstaculasse a lei de Deus. Sempre recolhidas, recorriam freqüentemente a Deus por orações jaculatórias, a fim de lhe consagrar incessantemente a fôrça da alma e do corpo.

Na perseguição dos hereges arianos contra os católicos, vários solitários do Egito conquistaram a coroa do martírio; mas os principais dentre êles, tais como os dois Macários, Isidoro, Pambon, etc., foram relegados, por ordem do imperador Valente, a uma pequenina ilha do Egito, circundada de pântanos. Imediatamente se notou na ilha prodigiosa mudança. Os moradores, ensinados pelos santos confessores, renunciaram ao culto dos ídolos, e receberam o batismo.

Macário, de regresso à querida solidão, morreu em 390, com a idade de noventa anos.

* * *

SÃO JOÃO CALIBITA

Recluso

Era João filho de um rico senhor de Constantinopla, chamado Eutrópio. Em tenra idade ainda, abandonou a casa paterna, para ir viver entre ferventes religiosos. Seis anos depois, voltou a Constantinopla, revestido dos andrajos de pobre. Escolheu por morada um pequeno recinto situado na vizinhança da casa dos pais, que o nutriam, sem saber quem era, e dêsse pequeno recinto, chamado em grego Calibê, foi que lhe adveio o cognome de Calibita. Gênero de vida tão extraordinário foi santificado por uma prece constante, e pela prática da doçura, da humildade, da paciência e da mortificação. Só na agonia é que o santo se deu a conhecer à mãe.

Morreu em 450, e foi sepultado no recinto, como havia pedido. Em seguida, construíram seus pais magnífica igreja sôbre o túmulo.

* * *

SANTO AMARO

Discípulo de São Bento

Egrico, pai do nosso santo, mais ilustre ainda pela virtude que pelo nascimento, confiou-o a São Bento em 522.

Amaro, que só contava doze anos ao entrar no mosteiro, não tardou em ultrapassar os coetâneos, pelo escrúpulo com o qual cumpria os deveres. Sempre se lhe notou profunda humildade e admirável simplicidade de coração, que Deus recompensou com o dom dos milagres. Um dia, tendo-lhe São Bento ordenado fôsse socorrer o jovem Plácido, o qual estava prestes a morrer afogado num lago, Amaro saiu a correr, e caminhou sôbre a água sem pensar onde se achava, e salvou a vida ao irmão. Considerou o milagre efeito das preces de São Bento, mas êste o atribuiu à obediência do discípulo. Santo Amaro, enviado à França, fundou o mosteiro de Glanfeuil, em Anjou, e morreu santamente em 15 de janeiro de 584.

* * *

SANTAS MAURA E BRITA (*)

Virgens

O que se conhece da história destas duas santas virgens nos vem da tradição popular. Eufrônio era bispo de Tours. Duas virgens, que se consagraram a Deus, jaziam sepultadas próximo da cidade, numa elevação arborizada, onde abundavam espinheiros e sarças.

Um dia, era de tarde, um camponês passava pelas imediações da colina, quando duas jovens lhe apareceram e disseram:

— Nossa tumba vive cheia de mato, e os espinheiros a enfeiam. Não a deixes assim, por mais tempo.

O camponês, impressionado de momento, acabou por dar de ombros, e o repouso das duas santas continuou na mesma.

Dias depois, o mesmo camponês, passando pela colina, de novo as viu pela frente. Suplicando-lhe pela segunda vez, indicaram-lhe o lugar da tumba. Impressionado, o homem erigiu-lhes um oratòriozinho e foi procurar o bispo, ao qual contou o que lhe sucedera e fizera, terminando por pedir que lhe fôsse benzer a modesta obra.

O bispo, já velho, pretextanto doença e cansaço, discorrendo sôbre a pesada velhice, desculpou-se, esperando melhores dias.

Uma noite, fugia-lhe o sono. Eufrônio virava-se e revirava-se na cama. Eis senão quando, iluminando-lhe o aposento, apareceram as duas santas virgens, e suplicaram-lhe que atendesse a solicitação do camponês que o havia procurado, não fazia muito.

O bispo, no dia seguinte, todo unção, cumpriu o que às duas santas prometera, e, bento o oratòriozinho construído pelo camponês, espalhou-se o sucedido. Desde então as duas santas, Maura e Brita, passaram a ser grandemente veneradas.

* * *

SANTA ITA (*)

Virgem

Santa Ita, ou, como querem muitos, Ida, nasceu perto de Drum, na Irlanda, no condado de Waterford. Desde a mais tenra idade, mostrava-se piedosa, doce e pensativa, o que pressagiava a santidade.

Uma noite, menina ainda, um anjo lhe apareceu ao pé da cama. Sorria-lhe e apresentava duas jóias belíssimas, de inestimável valor. Era um símbolo: representava a Santíssima Trindade, da qual Ita receberia, perenemente, a ternura, o socorro, o olhar propício.

Quando moça, os pais quiseram casá-la, mas a Santa, com humildade, declarando que pretendia guardar a virgindade, solicitou-lhes aquêle favor. Pais compreensivos e piedosos, talvez com veneração, consentiram, e Ita, pouco tempo depois, recebia o véu das virgens.

De joelhos, pedindo ao Senhor que lhe indicasse o lugar em que pudesse servi-lo quieta e amorosamente, pensou em Hy-Conaill, distante de Limerick algumas milhas. Uma sensação de bem-estar a invadiu tôda. Então, certa de que era o retiro que lhe rogara, dirigiu-se para aquela localidade.

Não demorou muito para que muitas jovens se reunissem em tôrno da Santa e verificassem quão aplicada era nas coisas do Senhor e como aos que com ela privavam edificava.

Santa Ita, pelo dom que Deus lhe conferiu de profetizar, foi chamada a segunda Brígida.

Depois de imensos sofrimentos, advindos de insidiosa moléstia, que suportou com a maior paciência, a piedosa Santa faleceu em 570.

Na Irlanda há várias igrejas que lhe são dedicadas.

SÃO BONETO (*)

Bispo e Confessor

Boneto nasceu em Auvergne. Educado esmeradamente, depois da morte do pai, que pertencia a uma família importante e senatorial, o jovem foi colocado na côrte de Sigeberto III, como referendário ou guarda dos selos.

Boneto, no turbilhão da côrte, modesto, simples e casto, conseguiu sair inocente e alevantado, de espírito sempre voltado para Deus.

Quando Thierry, o Terceiro, foi feito rei, Boneto viu-se alçado ao govêrno de Marselha, que era, então, disputado, porque o mais importante de tôda a monarquia dos francos. Teve o Santo papel preponderante naquele cargo: extinguiu a escravatura e fêz cessar as dissensões que disseminavam o desassossêgo.

Naquela altura, Avito, o irmão mais velho, era bispo de Clermont. Velho, cansado, muito doente, dirigiu-se ao rei Thierry, propondo-lhe como sucessor o governador de Marselha.

O rei, satisfeitíssimo por ver que possuía um magistrado digno do cargo, acedeu sem delongas, e Boneto foi sagrado.

Se o Santo naquela época já era penitente e casto, tornou-se modêlo que se tomaria afoitamente, sem quaisquer considerações.

Tempos depois, como era respeitador dos regulamentos eclesiásticos, passou a se inquietar com a elevação que tivera ao episcopado. Não fôra êle sagrado por solicitação do irmão?

Torturado, certo de que o haviam sagrado irregularmente, foi consultar Tillon, o abade de Solignac (1). Tillon ouviu-o com carinho e opinou favoràvelmente à demissão: a eleição fôra defeituosa.

São Boneto não titubeou. E, alegre, porque aquilo vinha de encontro a uma velha aspiração, qual seja a de levar vida solitária, demitiu-se. Distribuiu o que possuía aos pobres, às igrejas, aos hospitais, aos mosteiros, e isolou-se na abadia de Manlieu.

Levando vida penitente, de grande austeridade, depois duma peregrinação a Roma, faleceu em Lion, em 710. Enterrado na igreja dos beneditinos de São Pedro de Lião, o corpo, em 723, no dia 6 de junho, foi transladado para a igreja catedral de Clermont, quando, então, muitos milagres foram assinalados.

* * *

(1) 7 de janeiro.

SÃO CEOLWULF (*)

Rei e Confessor

Filho de Cutha, irmão de Coenred, São Ceolwulf foi rei de Norhumbrie. Príncipe pacífico, duma religiosidade incomum, amigo da solidão e do estudo, era tido em alta consideração por Beda, o Venerável, que chegou a lhe dedicar a sua *História Eclesiástica*.

"É com prazer, diz São Beda naquela obra, que vos envio êstes escritos para que os leiais e transcrevais, a fim de que os estudeis mais à vontade. Não ignoro que vos deliciais com a santa Escritura e amais os feitos dos grandes heróis de nossa nação".

Um grande partido do reino não via com bons olhos aquêle príncipe que consentia que a Igreja interferisse em negócios do Estado, príncipe arredio, que consideravam um tanto afastado das coisas dêste mundo. Foi, então, a abdicação, e Ceolwulf recebeu a tonsura e abraçou a vida monástica, em Lindisfarne.

Desaparecido em 764, foi enterrado no mosteiro onde professava. Mais tarde, transferiram-lhe o corpo para Horham, e vários milagres, à beira do túmulo, foram operados por Deus.

* * *

BEM-AVENTURADO PEDRO DE CASTELNAU (*)

Mártir

O bem-aventurado Pedro de Castelnau nasceu em Languedoc. Abraçando o estado eclesiástico, tornou-se arcediago de Maguelone. Foi legado do papa Inocêncio III, que o encarregou de negócios nas regiões em que se alastrava a heresia albigense.

Em 1200, Pedro de Castelnau fazia profissão em Citeaux, na abadia de Frontfroide.

Três anos mais tarde, o papa incumbia-o duma missão apostólica em Toulouse, onde, encontrando certa frieza por parte do arcebispo de Narbona, escreveu a Inocêncio III, para que o desobrigasse da legação.

Desejoso de retornar ao mosteiro, integrando-se assim na vida pela qual ansiava, recebeu a resposta do papa, que o encorajava a continuar no que lhe fôra impôsto.

Numa conferência havida na diocese de Carcassonne, em Montreal, entre missionários e heréticos, Pedro viu-se obrigado a excomungar o conde de Toulouse, então Raimundo VI, que teimava em prestigiar os heréticos, excomunhão que o sumo pontífice confirmou. E, um dia, perto da abadia de São Gil,

Pedro Castelnau foi morto, assassinado miseràvelmente. Doce, cristãmente, erguendo os olhos para o céu, depois para o frio matador, disse as últimas palavras:

— Que Deus te perdoe como eu te perdôo!

O bem-aventurado Pedro Castelnau, cujo culto foi confirmado por Pio IX, desapareceu a 15 de janeiro de 1209. O corpo, enterrado na igreja de São Gil, foi queimado pelos huguenotes em 1562.

* * *

No mesmo dia, em Alexandria, São Pansofo, mártir, que viveu perto de trinta anos na solidão. Denunciado ao prefeito Augústolo como cristão, foi morto, em 250, pela fé, quando da perseguição levada a efeito por Décio.

Na diocese de Rodes, Santa Tarcisa, virgem. Querem alguns escritores que tenha sido neta do rei Clotário II e irmã de São Ferreol (1). Viveu na solidão por muitos anos. Venerada na catedral de Rodez, onde jaz sepultada.

Em Chartres, São Malard, bispo e confessor.

Em Cambrai, Santo Emeberto, bispo e confessor, falecido em 710. Natural de Ham, era irmão de Santa Gúdula, celebrada no dia 8 de janeiro mesmo.

Em Huy, na Bélgica, São Mauro, ermitão, nascido morto no condado de Namur. Levado à igreja de São João Evangelista, tornou à vida, por isso que é conhecido pela alcunha de *Morto Vivo*. Viveu como ermitão numa cela que construiu num intrin-

(1) Bispo de Uzès, celebrado no dia 4 dêste.

cado bosque. Faleceu absolutamente sòzinho, sendo descoberto pelas pessoas que costumavam procurá-lo para se aconselhar, ou ouvi-lo discorrer sôbre as coisas de Deus. Enterrado em São João, operou milagres.

Em Trento, o bem-aventurado Romédio, confessor nos fins do século IV. Filho de nobre família, tendo sido educado com esmêro, piedosamente se retirou do século para a solidão, para as austeridades da penitência e as doçuras da oração e da contemplação. Mortos os pais, herdeiro de bens consideráveis, desfez-se de tudo, dando parte à pobreza e parte às igrejas de Trento e Aosta. Deus conferiu-lhe o dom dos milagres. Teve o culto confirmado pelo papa Pio X em 1906.

Na diocese de Nápoles, Santo Eugípio, abade e confessor, nascido em Cartago. Menino ainda, transferiu-se para Roma. Na cidade Santa fêz os estudos e ordenou-se padre. Discípulo de São Severino, escreveu-lhe a vida. Abade de Luculano, faleceu em 511.

Na China, o bem-aventurado Francisco Fernandes de Capillas, mártir. Consagrado a Deus no convento dominicano de Valladolid, distinguiu-se pelo amor que votava à pobreza evangélica, pela prática da humildade, pelo afã com que lia as santas Escrituras e pelo espírito de oração. Dado ao ministério apostólico na Espanha, em 1642 partiu para a China, em companhia de Francisco Dias. Deus abençoou-lhe o trabalho, e grande número de conversões naquela terra teve ocasião. Iniciou-se então a perseguição movida pelo mandarim de Fogan. O bem-aventurado foi prêso e submetido a cruéis torturas,

sendo morto logo em seguida. Corria o ano de 1648. Francisco foi beatificado em 1909.

No Egito e em Constantinopla, Santo Alexandre, o Acemeto, confessor, nascido numa das ilhas do arquipélago pertencente à diocese da Ásia. Das leituras do Antigo e Novo Testamentos, veio-lhe o desejo de abandonar o mundo. Foi cenobita e anacoreta. Apóstolo na Mesopotâmia. Ali, converteu o decantado Rabbulas, que mais tarde havia de ser bispo de Edessa. Estabelecido por vinte anos num deserto dalém Eufrates, reuniu perto de quatrocentos monges de diversos lugares, sírios, romanos, gregos e egípcios, com êles organizando um sistema ininterrupto de salmodia. Fundador do mosteiro de Gomon, faleceu em 430.

Em Clairvaux, o bem-aventurado Godofredo de Perone, confessor. Foi tesoureiro da igreja de São Quentino. Em 1131, quando em Liège, teve ocasião de ouvir São Bernardo, o que o levou a abraçar a vida monástica. Em 1140, era prior de Clairvaux. Por humildade, recusou o bispado de Tournai. Faleceu em 1147.

No mesmo dia, na Judéia, os santos Habacuque e Miquéias, profetas, cujos corpos foram encontrados por revelação divina, sob o império de Teodósio o Grande. — Em Anagni, Santa Secundina, virgem, martirizada na época do imperador Décio. — Em Cagliari, na Sardenha, Santo Efésio, mártir, que, durante a perseguição de Diocleciano, revestido de fôrça superior, venceu os tormentos inflingidos pelo juiz Flaviano; depois, tendo tido a cabeça cortada, entrou vitorioso no céu. — Em Nola, na Campânia, São Máximo, bispo, cuja vida se encontra na de São

Félix, do dia precedente. — No mesmo dia, Santo Isidoro, recomendado pela sua santidade, fé e milagres. — No mesmo dia se encontram dois santos dêsse nome, Santo Isidoro, de Alexandria, que Santo Atanásio tirou da solidão de Nítria, para o ordenar sacerdote e lhe confiar o grande hospital da Igreja. Ocupava-se tão fortemente de Deus, que lhe sucedeu por vêzes, nas horas de refeição, ser arrebatado em espírito, a ponto de não poder mais falar nem mover-se. Defendeu corajosamente a fé católica com Santo Atanásio, e foi perseguido pelos arianos. Foi também perseguido pelo bispo Teófilo, que terminou, no entanto, por se reconciliar com êle. Isidoro de Alexandria morreu em Constantinopla, em 404. Santo Isidoro, ermitão de Cete, morreu algum tempo antes do ano 391. Exortando-o alguém, na velhice a moderar um pouco o trabalho, respondeu: "Como poderemos permanecer ociosos, ou até despreocupados, quando consideramos o que fêz por nós o Filho de Deus? Ainda que o meu corpo fôsse prêsa das chamas, e as minhas cinzas atiradas ao vento, tudo deverá ser considerado nada."

* * *

16.º DIA DE JANEIRO

SANTO HONORATO

Bispo de Arles

Santo Honorato, nascido nos confins da Lorena e da Borgonha, pertencia a uma família nobre que até tivera a honra do consulado. Convertendo-se, recebeu o batismo na flor da idade, apesar da oposição do pai e de tôda a família. A partir de então, iniciou uma vida severa e mortificada; cortou os cabelos, usou vestes grosseiras, e o jejum lhe abateu a fisionomia. Um de seus irmãos, chamado Venâncio, abraçou o mesmo gênero de vida. Tendo distribuído os bens aos pobres, os dois puseram-se sob a direção de um santo ermitão chamado Capresa, que vivia nas ilhas de Marselha. Com êle, empreenderam uma viagem e permaneceram algum tempo em Acaia. Venâncio morreu em Metona, e Honorato voltou à Provença. A veneração que tinha por Leôncio de Frejus o levou a se estabelecer na sua diocese; escolheu a pequenina ilha de Lerins, e lá construiu, por volta do ano de 410, um mosteiro em breve habitado por grande número de monges de tôdas as raças. Embora evitasse, havia longo tempo, a clericatura, foi ordenado sacerdote, pois dispunha de especiais

qualidades para a condução de almas. A igreja de Arles o exigiu como pastor, e lá foi êle consagrado bispo depois de Patrocles; no entanto, governou-a apenas dois anos. Reuniu os espíritos divididos, e tornou-se principalmente recomendável pela caridade, que em pouco tempo o fêz distribuir os tesouros amontoados pelos predecessores. Ensinou até no leito, durante a derradeira enfermidade, e pregou ao povo no dia de Epifania, cêrca de oito dias antes da morte, que se verificou no ano de 429. Teve por sucessor, Santo Hilário, seu parente.

* * *



Monges ocupando-se da agricultura. Segundo uma miniatura do século XIII.

SÃO MARCELO I (*)

Papa e Mártir

Com a abdicação de Diocleciano, a perseguição vinha se arrefecendo. A Igreja romana, porém, vivia num estado de confusão. Os lugares de reunião dos fiéis haviam sido confiscados, bem como os cemitérios, de modo que a desorganização imperava.

Marcelo, romano de origem, foi eleito quando Maxêncio, consolidando-se, entreteve maiores e melhores relações com Constantino. Reorganizaram-se, então, os centros de reunião para o culto, mas, surgindo perturbações, Maxêncio não titubeou em exilar o sumo pontífice, já que o acusavam veemente.

Conta-se de São Marcelo que, tendo uma rica senhora dado sua vasta casa à comunidade cristã, para que o papa a transformasse numa igreja, ali se reuniam freqüentemente os fiéis. Ora, o imperador, dado o grande movimento que no templo se registrava, excitado por conselheiros, ordenou que a igreja se transmudasse em estrebaria dos cavalos imperiais e Marcelo em palafreneiro. Ali servindo por muito tempo, veio a falecer de miséria o santo homem, segundo a lenda.

A morte do papa Marcelo, no exílio, ocorreu em 309, sendo imediatamente venerado como santo. Enterrado na catacumba de Santa Priscila, foi o corpo, mais tarde, transladado para a igreja que lhe tomou o nome: São Marcelo, em Roma.

* * *

SÃO MELAS (*)

Bispo e Confessor

Natural do Egito, Melas, filho de pais pobres, nasceu em Rinocolur. Educado sob as máximas cristãs, viveu o moço, piedosamente, longe de ambições, e, quando foi elevado ao bispado da terra onde nasceu, procurava viver apagadamente, despercebido de todos.

Tal simplicidade acompanhou-o como bispo, porque sempre suspirou por uma vida escondida. Endossando a fé que se estabeleceu em Nicéia, viu-se perseguido, e, quando os agentes do imperador vieram prendê-lo, Melas se dedicava ao prosaico mister de alimpar as lamparinas da igreja. Conta-se, então, que os enviados, sem saber que se avistavam com o bispo, foram por Melas muito bem tratados. Levando-os à casa, serviu-lhes o almôço, muito humildemente, findo o qual, disse:

— Senhores, eu sou aquêle que procurais.

Espantados, os enviados do imperador, tocados e edificados pelo bispo que vinham prender, muito respeitosamente se prontificaram a lhe facilitar uma *fuga honrosa*.

São Melas sorriu tristemente, e foi positivo:

— Não. Agradeço a bondade, muito do coração, mas quero ser tratado como foram os demais prelados católicos.

Exilado, (ignora-se o lugar para onde o baniram), quando de Teodósio foi restabelecido na Sé, morrendo em paz, em 390.

* * *

SANTO HONORATO (*)

Abade e Confessor

Honorato era filho dum rendeiro do senador Venâncio; desde menino, entrou a viver numa abstinência que desejava ardorosamente perpétua.

Os pais, agastados com aquela *rabugice* do jovem, viviam, às vêzes, gracejando, outras vêzes, encolerizando-se, apoquentando o *mau* filho, induzindo-o a abandonar as práticas a que se atinha religiosamente.

Honorato, imperturbável, pôs-se a orar ao Senhor, pedindo-lhe sem cessar que fizesse com que os pais, compreendendo-o, consentissem naquilo que verdadeiramente amava e que considerava a melhor forma de servir seu Deus e Criador.

Atendendo-o, o Senhor, valendo-se dum prodígio, pôs fim à perseguição paterna.

Era por ocasião duma festa, e, à mesa, onde se sentavam consideráveis personalidades, Honorato recusava pratos sôbre pratos, fiel ao seu voto.

O pai, então, a certa altura, para humilhá-lo perante os convidados, disse-lhe, elevando a voz em tom increpador:

— Tu queres que te sirvamos peixe, aqui, um país de montanhas, onde não os há jamais?

Honorato abaixou os olhos, abaixou a cabeça, e não respondeu.

Eis senão quando, faltou água para o serviço da mesa, em meio ao repasto, e dois servidores foram buscá-la na fonte próxima, apressadamente. E, ali, rabeando, encontraram um peixe, que levaram e prepararam para o jovem senhor, o qual lhes era amigo e bondoso.

Os pais, desde aquêle dia, jamais gracejaram ou se enraiveceram com as *rabugices* do filho. Pelo contrário, consentiram com as práticas de abstinência e de piedade.

Honorato erigiu um mosteiro em Fondi, território que estava encravado entre Roma e Nápoles. Abade do mosteiro, teve sob sua direção perto de duzentos religiosos, aos quais encaminhou, paternalmente, nas vias da perfeição evangélica.

Quando faleceu, em 550, em Totila, muitos milagres foram obrados por Deus. O mais importante dêles é o que se liga à ressurreição dum menino (1).

* * *

(1) Gregório, o Grande, Diálogos, L. I, c. I e XII, P. L. t. LXXVII.

SANTO HENRIQUE (*)

Ermitão

Henrique, contrafeito porque os pais queriam casá-lo, certa noite, teve uma visão, na qual o advertiam que fugisse de casa, deixando a família e o país.

Seguindo à risca aquêle conselho, fêz-se para o norte da Inglaterra, abandonando a terra natal, a Dinamarca. Estabelecendo-se na ilha de Cocket, principiou a levar vida de ermitão. Construiu uma tosca choça, erigiu um pequenino oratório e, debaixo de rígidas austeridades, principiou a servir a Deus, que o guiara tão bondosamente.

Santo Henrique alimentava-se sòmente de pão e só bebia água. Nas horas vagas, dava-se à jardinagem, e, com grande carinho, cuidava das flôres que se enfileiravam num jardinzinho que plantara perto da cabana.

Um dia, acabou sendo descoberto pelos compatriotas. Exortado pelos amigos, que lhe diziam não faltarem na Dinamarca bons, belos e solitários pagos para se fixar, não sabia que fazer.

— Não desejas, então, edificar a gente de tua terra? acrescentaram.

Naquela pergunta, o zêlo de Santo Henrique descobriu uma reprimenda. Não haveria êle então

de se dar todo inteiro ao povo da terra que lhe servira de berço, que lhe embalara a infância tôda? Deus lhe daria a conhecer a vontade.

Era de noite, e os amigos, aos quais prometera dar uma resposta definitiva no dia seguinte, já se haviam ido. Henrique ajoelhou-se diante de Jesus crucificado e pôs-se a orar com fervor. Pedia-lhe que decidisse por êle. E assim, a rezar, passou tôda a noite.

Deus desejava-o ali mesmo, na tosca choça, ao lado do jardinzinho singelo: um tumor num dos joelhos vinha adverti-lo da vontade do Senhor, tumor incômodo, dolorosíssimo, que mal lhe permitia mover a perna.

Santo Henrique morreu no seu eremitério. Corria o ano de 1127, e os habitantes do lugar quiseram conservar-lhe o corpo. Os monges de Tynemouth, enterraram-no no seu mosteiro, na igreja, ao lado doutro santo, o rei e mártir Santo Oswin.

* * *

SANTOS BERALDO, PEDRO, OTO, ACÚRSIO E ADJUTO (*)

Mártires

Beraldo, Pedro e Oto, padres, e Acúrsio e Adjuto, leigos, foram os cinco primeiros mártires da ordem dos irmãos menores de São Francisco de Assis. Por terem pregado a fé cristã e falado contra Maomé, passaram por vários e bárbaros tormentos, sendo mortos por ordem dum rei sarraceno.

São Francisco, quando soube do martírio, teria dito, transportado:

— Agora posso dizer que verdadeiramente tenho cinco irmãos menores!

Decapitados em 1226, os mouros pretenderam, logo em seguida, queimar-lhes os corpos, mas vários prodígios os impediram. Desanimados, acabaram por deixar aos cristãos a incumbência de lhes recolher os restos. E o infante Dom Pedro Fernando, irmão de Afonso II, rei de Portugal, que com os cinco embarcaram para Marrocos, recolhendo piedosamente as preciosas relíquias, transportou-as para Coimbra, depositando-as na igreja de Santa Cruz. Operaram-se, então, muitos milagres, que vinham confirmar a santidade dos cinco valorosos soldados de Cristo.

* * *

No mesmo dia, em Oderzo, São Ticiano, bispo e confessor. Nascido em Heracléia, às praias do mar Adriático, foi educado cuidadosamente pelo bispo daquela cidade, então Floriano. Diácono, foi encarregado de cuidar da pobreza. São Ticiano, feito bispo, piedosamente administrou a diocese e faleceu cheio de méritos.

Na Ilíria, São Danax, mártir, originário de Aulona. Obrigado pelos infiéis a sacrificar a Baco, recusou-se e foi morto.

Em Pavia, Santa Liberata, virgem, irmã dum bispo daquela cidade, Epifânio, e de Honorata e Especiosa. Faleceu em 500.

Na diocese de Belley, São Trivier, solitário e confessor, falecido em 550. Filho de importante casal romano, desde a mais tenra idade foi propenso à vida contemplativa. Ocupou-se de prisioneiros de guerra. Repartia o tempo entre orações, canto de hinos e salmos, jejuns, vigílias e macerações. Setenta anos depois do falecimento, milagres principiaram a ser registrados à beira do túmulo em que jazia. Desenterrado, encontraram-no perfeitamente conservado.

Em Sorrento, Itália, São Valério, bispo e confessor. Solitário durante a juventude, foi procurado para ser elevado ao episcopado da terra natal, Sorrento, da qual é um dos protetores.

Na diocese de Auch, São Fritz, mártir, sobrinho de Carlos Martelo. Incumbido pelo tio de comandar uma expedição contra os sarracenos, morreu numa das batalhas. Desaparecido o corpo, anos depois foi encontrado milagrosamente, passando, então, a ser venerado como santo.

Em Tarentásio, santos Jaime e Marcelo, bispos e confessores. O primeiro, sírio de origem, servia nos exércitos do rei da Pérsia. Em vista das bárbaras perseguições que se moviam contra os cristãos, converteu-se. Bispo de Tarentásio, depois de três anos de atividade, designou São Marcelo seu sucessor, do qual poucos dados se tem.

Em Roma, Santa Priscila, que se consagrou, assim como os bens, ao serviço dos mártires. Dama romana, está ligada à mais antiga e interessante das catacumbas. Crê-se que o apóstolo São Pedro viveu numa vila que era de propriedade da nobre santa, na via Salária, então centro de atividade apostólica do primeiro papa.

Em Mézerolles, na França, São Furseu, confessor, filho de príncipes. Graças aos santos exemplos que deu e aos sábios regulamentos que estabeleceu, a abadia de Lagny, onde se fixou, enriquecida por liberalidades de Erquinoaldo, de Clóvis II e da rainha Bathilda, tornou-se em pouco tempo um modêlo de perfeição religiosa para os demais mosteiros franceses. É São Furseu o padroeiro de Peronne,. de Lagny-sur-Marne e de sete igrejas na diocese de Amiens. Deus concedeu-lhe o dom dos milagres. Faleceu em 648.

Na Itália, a bem-aventurada Joana, virgem da Ordem dos Camaldulos, cujo culto foi aprovado em 1823 pelo papa Pio VII.

17º DIA DE JANEIRO

SANTO ANTÔNIO

Patriarca dos Cenobitas

Por volta do tempo em que Paulo, primeiro ermitão, abandonou a família, nasceu em Como, perto de Heracléia, no alto Egito, em 251, outro jovem, cuja vida foi descrita por um dos maiores gênios que jamais viveram, Santo Atanásio. Chamava-se Antônio. Seus pais, egípcios de origem, eram nobres e ricos; cristãos, criaram-no cristãmente e debaixo dos olhos, de tal modo que o menino conhecia apenas a êles e à família. Adolescente já, contentou-se em saber ler e escrever a língua materna, o egípcio, e não quis aprender a literatura grega, para evitar comunicação com os demais jovens. Tal qual o patriarca Jacó, agradava-lhe a vida tranqüila em casa, obedecia ao pai e à mãe, ia com êles à igreja, prestava atenção aos sermões e lhes conservava os frutos no coração. Embora seus pais fôssem ricos, jamais os importunava com a exigência de nutrição mais delicada, contentando-se com o que lhe proporcionavam.

Com a morte do pai e da mãe, viu-se sòzinho com uma irmãzinha. Tinha dezoito ou vinte anos. Incumbiu-se da irmã e da casa. Não se haviam, contudo, passado seis meses ainda, que, indo, segundo o costume, à igreja, e recolhendo-se espiritualmente, refletia, caminhando, como tinham os apóstolos abandonado tudo para seguir Jesus Cristo, e como aquêles dos quais se fala nos atos vendiam os bens e levavam o produto aos pés dos apóstolos, e qual a esperança que lhes está reservada no céu. Com tais pensamentos, entrou na igreja no momento exato em que se lia o evangelho no qual diz o Senhor a um rico: "Se queres ser perfeito, vai, vende tudo quanto tens, dá-o aos pobres, volta e segue-me, e terás um tesouro no céu." Antônio considerou enviada por Deus a recordação dos santos, e feita para êle a leitura do evangelho. Mal saiu da igreja, distribuiu aos vizinhos todos os bens do seu patrimônio; quanto aos móveis, vendeu-os e, obtendo importante quantia, deu-a aos pobres, com exceção de uma parte que entregou à irmã.

Estando outra vez na igreja, e ouvindo o Senhor dizer no Evangelho: "Não vos inquieteis com o dia de amanhã", nada mais esperou; saindo, deu aos pobres o que lhe restava e confiou a irmã a algumas virgens cristãs de seu conhecimento, para que a criassem num partenão ou convento de virgens; depois, diante da casa, abraçou a vida ascética, vigiando-se e mantendo grande temperança. Não havia ainda no Egito mosteiros, numerosos posteriormente, e nenhum monge conhecia ainda o grande deserto, esforçando-se cada um dêles por se exercer na vida ascética, sòzinho, pouco distante da cidade.

Perto do lugar em que vivia Antônio, vivia um ancião que levava vida solitária desde a mocidade; Antônio, ao vê-lo, sentiu-se tocado de louvável emulação e começou, primeiramente, a viver também fora da cidade. Contudo, quando lhe falavam do fervor de outro, punha-se a procurá-lo, como abelha diligente, e só voltava depois de havê-lo visto e dêle recebido conselhos para progredir no caminho da virtude. De tal modo equilibrou o espírito, que nem sequer pensava mais nos bens dos pais, nem no próximo, absorvendo-se inteiramente na perfeição da vida ascética. Trabalhava com as mãos, sabendo que está escrito: que o que não trabalha não deve comer; e, só conservando o de que precisava para viver, dava o resto aos pobres. Orava constantemente, sabendo que é preciso orar sem cessar. Prestava tamanha atenção ao que lia, que nada ficava perdido, pois a tudo retinha, servindo-lhe de livro a poderosa memória.

Por tal maneira de viver, Antônio fazia-se amado de todos; era sinceramente submisso aos homens de fervor a quem visitava, notando em que virtude se sobressaía cada um dêles: o humor agradável de um, a assiduidade na oração do outro; a calma imperturbável dêste, a humanidade daquele; as vigílias de um, o amor ao estudo de outro; admirava a paciência dêstes, os jejuns e as austeridades de outros que só tinham por leito a terra; observava a doçura dêste, a longanimidade daquele, a piedade de todos por Jesus Cristo e a caridade entre si. Cheio de tôdas essas imagens, voltava para a sua solidão, onde, revivendo as virtudes que vira separadas em tantas pessoas, se esforçava por uni-las numa única pessoa. Nunca teve discussão com quem quer que fôsse da

sua idade, a não ser para não parecer segundo nos exercícios da virtude, e isso mesmo o fazia de modo que não entristecesse ninguém. Todos os amigos do bem da localidade o chamavam amado de Deus, e o saudavam, uns com o nome de filho, outros com o nome de pai.

O inimigo do bem, todavia, não logrando suportar tal zêlo num jovem, atacou-o mediante várias tentações. A princípio, colocou-lhe diante dos olhos os bens que deixara, o cuidado de sua irmã, a sua nobreza, o desejo da glória, os prazeres da vida. Por outro lado, figurava-lhe as extremas dificuldades no caminho da virtude: a fraqueza do corpo, a duração da vida e uma espêssa nuvem de outros pensamentos. Antônio dissipou-os pela fé e pelas preces constantes, mas o demônio o atacou violentamente por meio de pensamentos e fantasmas impuros, com os quais o torturava dia e noite. Antônio superou-os pela fé, orações, jejuns, pela consideração da nobreza que Jesus Cristo nos legou, da espiritualidade da alma e dos castigos do inferno. Finalmente, o demônio, vencido, apresentou-se-lhe sob o aspecto de menino negro, e disse-lhe: "Enganei muitos, derrubei muitos, mas quando te ataquei me vi sem fôrça. — Quem és, perguntou-lhe Antônio, para assim me falares? — Sou eu, retrucou o outro com voz de queixa, sou eu que desperto nos jovens impuras excitações; chamo-me espírito de fornicação. Sou eu que tantas vêzes te obceco, e que tu sempre repeles." Antônio deu graças a Deus, e respondeu: "És bem desprezível; tens o espírito negro, e és fraco como criança. Não me importarei mais contigo, pois o Senhor é o meu auxílio, e saberei desprezar o inimigo."

Longe de se descuidar, depois dessa primeira vitória, Antônio aumentou a austeridade. De tal modo vigiava, que freqüentemente passava a noite inteira, sem dormir. Comia apenas uma vez por dia, após o deitar do sol; às vêzes, cada dois dias, e muitas cada quatro. A sua nutrição consistia em pão e sal, além de água. Quanto à carne e ao vinho, já vigorava entre os solitários o costume de abster-se dêles. Por leito tinha uma esteira; a maioria das vêzes, porém, dormia no chão. Nunca se ungia de azeite. Dizia que os solitários deviam propor-se por modêlo o profeta Elias.

Estava o Egito repleto de sepulcros de enormes dimensões. Escolheu Antônio um dos mais afastados da cidade, e nêle se encerrou, após ter suplicado a um dos amigos que, de tempos em tempos, lhe levasse pão. O demônio, acompanhado de um bando de sequazes, o atacou durante a noite, e de tal modo o espancou que o deixou estendido no chão, sem poder falar e sentindo insuportáveis dores. No dia seguinte, como de costume, o amigo foi levar-lhe pão. Abrindo a porta e vendo Antônio estendido como que morto, levou-o à igreja da cidade onde o estirou por terra. Vários dos parentes e vizinhos, julgando-o morto, sentaram-se-lhe ao lado. Pela meia-noite, despertou Antônio e viu-os todos adormecidos, com exceção do amigo. Fêz-lhe sinal que se aproximasse, e rogou-lhe o levasse de volta ao sepulcro, sem despertar ninguém. O amigo cedeu. E Antônio, fechando a porta, continua a viver sòzinho no sepulcro. Não podendo suster-se, em virtude das pancadas recebidas, orava deitado e desafiava o demônio. Ouviu, então, tamanha bulha, que tôda a construção estremeceu; os demônios, como se tivessem aberto as quatro paredes

do recinto, compareceram sob o aspecto de medonhas feras: leões, ursos, leopardos, touros, lôbos, escorpiões, áspides e outras serpentes, cada um dêles dando os seus gritos e atirando-se furiosamente contra o santo. Antônio, embora atingido, continuou firme. Finalmente, erguendo os olhos, viu o teto abrir-se, aparentemente, e um raio de luz atingi-lo. Os demônios sumiram-se, as dores do santo cessaram, e a construção se refez. Disse Antônio: "Onde estáveis, Senhor, e por que não viestes desde o começo? Respondeu uma voz: estava aqui mesmo, mas quis contemplar a tua coragem e pois que resististe, sempre te auxiliarei e serás famoso em tôda a terra." Antônio levantou-se para orar, e sentindo mais fôrça que antes, logo ao amanhecer partiu para o deserto. Contava cêrca de trinta e cinco anos.

Foi procurar o primeiro mestre, o ancião, e rogou-lhe fôsse viver no deserto com êle. O outro desculpou-se, por causa da idade, e pelo fato de não ser aquilo ainda um costume. Antônio partiu para a montanha. Pelo caminho, julgou ver um grande prato de prata. Deteve-se e, olhando para o objeto, disse: "Como veio ter ao deserto êste prato? O caminho não é batido, e o prato é demasiadamente grande para ter caído sem que o dono o percebesse. Trata-se de um ardil do demônio; mas tu não diminuirás o ardor que me impele. Pereça contigo a tua prata!" Mal terminou de proferir as palavras, sumiu-se o prato.

Antônio, continuando o caminho, notou de súbito uma grande quantidade de ouro, não imaginária daquela vez, mas real, ou porque lha mostrasse o inimigo, ou um anjo, para experimentá-lo. Antônio passou por sôbre o ouro como se fôra fogo e, sem

voltar-se, deitou a correr, para nem sequer reparar no lugar. Chegou, pois, à montanha onde, tendo encontrado, no lado oriental do Nilo, um velho castelo abandonado havia tempo, e repleto de cobras, parou para lá fixar morada. Imediatamente todos os animais fugiram, como se tivessem sido expulsos; o santo fechou a entrada e fêz provisão de pão para seis meses, pois na Tebaida se preparava um de tal espécie que conseguia manter-se um ano inteiro. Havia água no interior da fortaleza. Antônio ficou sòzinho no seu mosteiro, sem sair e sem ver ninguém dos que lá chegavam.

Viveu longamente de tal modo, recebendo sòmente duas vêzes por ano o pão que lhe lançavam de cima do teto. Os amigos que iam visitá-lo, obrigados, pelo fato de êle os não deixar entrar, a passar fora dias e noites, ouviam do interior o ruído de pessoas que murmuravam, que faziam bulha e gritavam em tons doridos: "Retira-te de um lugar que nos pertence; que vens fazer na solidão? Não resistirás ao nosso ataque." Julgaram, a princípio, os amigos que se tratasse de homens que, tendo descido por meio de escadas, discutiam com Antônio; mas, observando por uma fresta, e não vendo ninguém, concluíram que eram demônios e, vencidos pelo terror, chamaram Antônio, que não testemunhava menos caridade por êles do que desdém pelos demônios. Iam contìnuamente vê-lo e, julgando encontrá-lo morto, ouviam-no, pelo contrário, entoar o salmo: "Erga-se Deus, e dissipem-se os seus inimigos; e os que o odeiam que sumam da sua presença!"

Após ter permanecido encerrado por vinte anos, vários, desejando ardorosamente imitá-lo naquela maneira de vida, e querendo os amigos à viva fôrça

abater a entrada, saiu como de um santuário no qual se havia consagrado a Deus sorvendo-lhe o espírito, e mostrou-se pela primeira vez fora do castelo aos que a êle acorriam. Os amigos foram tomados de assombro diante daquele corpo que se mantinha no mesmo estado, não emagrecido por tantos jejuns e tantas lutas contra o demônio; era o mesmo que tinham conhecido antes do retiro. Trazia tranqüila a alma, nem abatida pela tristeza, nem dissipada pelo júbilo; não se assustou com ver tamanha multidão, nem se alegrou com os cumprimentos recebidos; mantinha-se igual em tudo, como que governado pela razão, e firme no seu estado natural. Deus, curando, através dêle, vários males, livrava diversos possessos, e dava tamanha graça às suas palavras, que Antônio consolava os aflitos e reconciliava os inimigos, dizendo a todos não haver no mundo coisa preferível ao amor de Jesus Cristo. Persuadiu, dessarte, várias pessoas a abraçar a vida solitária, o que deu origem aos inúmeros mosteiros estabelecidos nas montanhas, e ao povoamento do deserto pelos monges. Uns ficaram ao seu lado, a oriente do Nilo; outros a ocidente, em direção à cidade de Arsinoé.

A obrigação de visitar os discípulos o levou a atravessar um canal repleto de crocodilos. Antônio pôs-se a orar e passou o leito de água sem que nem êle nem nenhum dos acompanhantes sofresse o menor dano. De regresso ao mosteiro, continuou os mesmos trabalhos. As suas freqüentes exortações aumentavam o fervor dos que já tinham abraçado a vida monástica, e levavam outros a abraçá-la; assim, em virtude do encanto das suas palavras, construíram-se vários mosteiros, que êle governava como pai. Um dia, estando todos os discípulos reunidos em seu

redor, dirigiu-lhes a palavra em egípcio, exortando-os a não levar em conta os trabalhos passados e descobrindo-lhes os diversos ardis dos demônios e os meios de vencê-los. Citou-lhes, para tanto, vários fatos a êle próprio sucedidos, entre os quais êste: "Um dia, bateram à minha porta. Saindo, notei alguém de elevada estatura. Perguntei-lhe quem era, e o desconhecido respondeu: Sou Satã. — Que vens fazer aqui? repliquei-lhe. Disse o demônio: Por que me acusam injustamente os monges e os demais cristãos? Por que me amaldiçoam a todo instante? Respondi-lhe: E tu, por que os molestas? — Não sou eu quem os molesta, retrucou, são êles próprios. Tornei-me impotente. Não leram, por acaso: as armas do inimigo foram-se para sempre, vós lhe tiraste as cidades? Com efeito, já não tenho lugar, nem armas, nem cidade. Há cristãos em tôda parte; o próprio deserto está cheio de monges. Êles que se acautelem, e me não amaldiçoem sem motivo. — Eu, admirando a graça do Senhor, disse: És sempre mentiroso, e nunca dizes a verdade; contudo, neste instante dizes a verdade, mau grado teu. Cristo tornou-te impotente, demoliu-te, despojou-te. — Mal ouviu o nome do Salvador, desapareceu, não podendo suportar os tormentos do fogo que aquêle nome lhe fazia sofrer."

Concluía Antônio de tais exemplos que era preciso não ter mêdo de Satã nem dos seus. Os solitários ouviram-no com júbilo e admiração, e sentiram-se animados de nova coragem. Havia grande número dêles nas montanhas que passavam a vida a cantar, estudar, jejuar, orar, rejubilar-se na esperança dos bens eternos, a se esforçar para poderem dar esmolas, conservando entre si caridade e união. Tratava-se verdadeiramente de uma região habitada pela piedade

e pela justiça. Não havia quem prejudicasse quem quer que fôsse, ou fôsse por alguém prejudicado; não se ouvia a voz do exator. Todos se sentiam possuídos de um único desejo: progredir na virtude. À vista daqueles mosteiros e monges, era possível exclamar de novo: como são belos os vossos tabernáculos, ó Jacó! Como são belas as vossas tendas, ó Israel! Como vales sombreados, como um paraíso no rio, como tendas que o próprio Senhor ergueu (1).

A perseguição de Maximino obrigou Santo Antônio a sair do seu mosteiro. Seguiu até Alexandria os mártires que para lá eram conduzidos de tôda parte. Dizia: "Vamos também combater ou ver os combatentes." Por maior que fôsse o seu desejo do martírio, não quis entregar-se por vontade própria; servia os confessores nas minas em que trabalhavam e nas prisões. Cuidava bastante de encorajar perante os tribunais os que a êles eram chamados, e, após terem confessado, acompanhava-os até a execução. O juiz, observando a firmeza de Antônio e dos que êle acompanhava, proibiu que qualquer monge comparecesse nos julgamentos ou se demorassem na cidade. Todos os outros se ocultaram naquele dia, mas Antônio desprezou de tal maneira a ordem, que, no dia seguinte, se postou em lugar elevado, tendo antes muito bem lavado o hábito de cima, branco, para que sobressaísse bastante. Apresentou-se assim ao juiz, ao vê-lo passar com o seu séquito, e sofreu muito por lhe não imporem o martírio. Deus o reservava para exemplo comum dos cristãos, e particularmente dos ascetas. Depois da morte de São Pedro de Alexandria, já passado o momento culminante da

(1) Atan., Vita S. Ant.

perseguição, regressou para o seu mosteiro, com a resolução de nunca mais sair e de não deixar entrar ninguém. Não o deixaram, porém, tranqüilo.

Um comandante de tropas, chamado Martiniano, cuja alma estava possuída pelo demônio, não deixava um dia sequer de lhe bater à porta, gritando-lhe que fôsse orar por ela. Antônio, sem abrir, e olhando por cima, disse-lhe: "Ó homem! Por que vindes gritar a mim? Sou um homem como vós. Se credes, orai a Deus, e sereis ouvido." O outro acreditou logo, orou a Cristo e encontrou a filha curada. Muitos outros doentes foram importunar o santo e igualmente ficaram curados. Temendo sucumbir à vanglória ou ser demasiadamente estimado, quis retirar-se para a alta Tebaida, a fim de lá viver desconhecido. Mas uma voz do alto lhe explicou que ainda haveria trabalhos e que, para encontrar descanso, seria obrigado a rumar para o fundo do deserto. "E quem me mostrará o caminho? perguntou êle." Imediatamente a voz lhe mostrou alguns sarracenos que para lá se dirigiam; Antônio uniu-se-lhes e rogou-lhes que lhe permitissem acompanhá-los no deserto. Os sarracenos concordaram.

Tendo caminhado com êles três dias e três noites, chegou a uma elevada montanha, em cujo sopé escorria uma água doce, límpida e fresquíssima; em volta, estendia-se uma planície com algumas palmeiras descuidadas. O santo gostou do lugar e, aceitando alguns pães dos companheiros de viagem, lá ficou sòzinho. Os sarracenos tornavam a passar por lá, sempre com prazer lhe levando pão. Antônio recebia também algum alívio das palmeiras. A montanha, chamada Colzim ou monte de Santo Antônio, encontra-se a um dia do Mar Vermelho. Quando os

irmãos souberam do paradeiro do amigo, não deixaram de lhe enviar pão. Para lhes poupar o trabalho, rogou-lhes lhe mandassem uma pá e um machado, além de um pouco de trigo. Com isso, lavrou um pedacinho de terra em volta da montanha e, depois de regá-lo, o semeou. Recolheu, assim, todos os anos o bastante para fazer o seu próprio pão, contente por não importunar ninguém; plantou até legumes, para com êles regalar os que por acaso o visitassem. No princípio, os animais da solidão, habituados a beber da fonte, lhe estragavam a semeadura. Agarrando um dêles com doçura, disse a todos: "Por que me causais dano, se eu a vós não causo nenhum? Ide-vos e, em nome do Senhor, nunca mais volteis." Como que terrorizados pela ordem, os animais desapareceram. Antônio ia envelhecendo; assim, pediram-lhe os irmãos licença para levar-lhe todos os meses azeitonas, legumes e azeite. Em troca, dava-lhes o santo cêstos feitos por êle próprio. Ouviam freqüentes vêzes um grande tumulto de vozes e uma espécie de ruído de armas, e viam, de noite, a montanha cheia de animais ferozes, enquanto o santo estava mergulhado na oração. Antônio enfrentou naquela solidão medonhas tentações.

Um dia, tendo-lhe pedido os monges que descesse da montanha para ir visitá-los, partiu com êles, mandando que pusessem no lombo de um camelo pão e água. Todo aquêle deserto é árido, e água potável só se encontra na montanha em que êle vivia. Faltou-lhes o líquido no caminho, em virtude de um extremo calor; procuraram-no por tôda parte, até que, finalmente, não podendo mais caminhar, se atiraram ao chão, deixando que o camelo andasse à vontade. O santo ancião, penetrado de dor por

vê-los em tão grande perigo, afastou-se um pouco, suspirando, e pôs-se a orar de joelhos e mãos estendidas. Imediatamente fêz o Senhor sair água do lugar em que o santo se pusera a orar; todos beberam, encheram os odres, procuraram o camelo, encontraram-no amarrado a uma pedra, na qual se havia enrolado, por acaso, a corda. Terminou felizmente a jornada. Antônio em Pisper, foi acolhido como pai, e rejubilou-se por comprovar o fervor dos monges e rever a irmã que envelhecera na virgindade e dirigia outras virgens. Depois de alguns dias, regressou à montanha, aonde muitos o iam procurar, para receberem os seus ensinamentos e a cura das enfermidades.

Entre aquêles visitantes, encontraram-se um dia dois filósofos pagãos. Antônio avançou e, falando-lhes por meio de um intérprete, disse-lhes: "Por que, ó filósofos, vos fatigais tanto em procurar um insensato?" Tendo êles respondido que o não julgavam insensato, e sim pelo contrário sapientíssimo, replicou-lhes o santo: "Se vindes procurar um insensato, o vosso trabalho é inútil; e se me julgais sábio, tornai-vos como eu. Se eu tivesse ido visitar-vos, vos imitaria; sou cristão." Os dois retiraram-se assombrados. Outros, crendo rir-se do fato de o santo não ter estudado, disse-lhes: "Que vos parece? Que está em primeiro lugar, o bom-senso ou as letras. Qual dêles é a causa do outro? — É, responderam, o bom-senso, que é o primeiro e que encontrou as letras. — Logo, retrucou Antônio, são dispensáveis as letras para quem tem bom-senso." Retiraram-se, surpreendidos com a sabedoria daquele ignorante, pois não se tornara selvagem por viver na montanha, mas agradável e civil, possuindo as suas palavras um sal todo divino.

Tendo ido outros filósofos perguntar-lhe o motivo da nossa fé em Cristo e da nossa veneração pela cruz, a fim de se divertirem, apiedou-se Antônio da ignorância dêles e, após refletir um instante, disse-lhes pelo seu intérprete: "Que é mais belo, confessar a cruz ou atribuir adultérios e sodomias aos vossos deuses? O que dizemos é sinal de coragem e prova do desprêzo da morte; o que dizeis são paixões de ignomínia." Após desenvolver tais idéias e outras com bastante graça e vigor: "Como, disse, rindo-vos da cruz, não admirais a ressurreição? Pois os que de uma escreveram, da outra falaram. Por que, falando sem cessar da cruz, não proferis palavra nem dos mortos que ressuscitam, nem dos cegos que recobram a vista, nem dos paralíticos e dos leprosos que se curam, nem dos inúmeros outros milagres que nos provam Cristo, não sòmente o homem, senão também o Deus? Pareceis-me assaz injustos para convosco mesmos, por não terdes lido as nossas Escrituras. Lede-as, e vereis que as coisas realizadas por Cristo demonstram que é Deus, vindo a êste mundo para a salvação dos homens. Mas dizei-nos igualmente o que vos diz respeito. Que direis dos animais ferozes, se não são coisas brutais e cruéis? Se me responderdes que se trata de mitos, e que, pelas vossas alegorias, fazeis de Proserpina a terra, de Vulcano o fogo, de Juno o ar, de Apolo o sol, de Diana a lua, de Netuno o mar, nem por isso adorais mais a Deus, nem menos servis a criatura e não o criador. Se vos parece bela a criação, deveis ater-vos à admiração e não a deificação, para não transportardes à obra a honra do obreiro. Que respondeis a isso, para que possamos ver se a cruz é digna de riso?"

Não sabendo os filósofos o que replicar, e voltando de um lado a outro, pôs-se Antônio a sorrir e disse-lhes: "Essas coisas são tão claras que, para delas nos convencermos, basta vê-las. Mas quereis demonstrações. Pois bem! Dizei-me, que é que nos dará um conhecimento mais certo de Deus? Uma demonstração por palavras, ou a fé que se demonstra pelas obras dêle? Responderam que era semelhante fé. Bem respondeis, disse-lhe o santo; ora, vêde agora a diferença: apoiamo-nos sôbre a fé em Cristo, e vos apoiais em logomaquias sofísticas. Os vossos ídolos caem por terra, e a nossa fé se estende por tôda parte. Com todos os vossos silogismos, não persuadis uma alma a passar do cristianismo ao helenismo; e nós, pregando a fé em Cristo, arruinamos tôda a vossa superstição, reconhecendo todos que Cristo é Deus e Filho de Deus. Com tôdas as vossas artes, não lograis impedir a doutrina de Cristo; e nós, apenas com o nome dêsse Crucificado, pomos em fuga os demônios, que temeis como deuses; onde quer que se faça o sinal da cruz, perde a magia tôda a fôrça, e perde o veneno o seu poder de prejudicar. Dizei-me, eu vos rogo, onde estão agora os vossos oráculos? Onde estão os encantos dos egípcios? Onde estão os espetros dos vossos encantadores? Quando foi que essas coisas cessaram e perderam a fôrça, senão quando a cruz de Cristo apareceu? Será ela, então, digna de riso, ou as coisas que ela elimina e cuja fraqueza patenteia?

"Atentai para o que não é menos admirável. Nunca foi a vossa religião perseguida: pelo contrário, os homens a honram em tôdas as cidades, ao passo que se perseguem os cristãos. E, no entanto, a nossa religião não deixa de crescer e florescer à custa da

vossa. Apesar das aclamações dos povos, que lhe servem de parapeito, a vossa religião se vai destruindo, ao passo que a fé e a doutrina de Cristo, por vós escarnecidas, e muitas vêzes perseguidas pelos reis, encheram o universo. Quando jamais se viu resplender a tal ponto o conhecimento de Deus, a prática da temperança, a virgindade, e o desprêzo da morte, senão depois do aparecimento da cruz de Cristo? Ninguém duvidará, se olhar para o número de mártires da Igreja que desprezam a morte por amor a Cristo, de virgens que, por amor a Cristo, conservam intacto o corpo: Eis provas suficientes de que a fé cristã é a única religião verdadeira.

"Mas para que tantas palavras? Eis pessoas torturadas por demônios. Curai-as com os vossos silogismos ou outro meio qualquer, ou até com a magia, invocando os vossos ídolos. Se o não puderdes, cessai de nos combater, e vereis o poder da cruz de Cristo." Tendo assim falado, invocou Cristo sôbre os possessos, marcou-os com o sinal da cruz duas e três vêzes. Imediatamente, os homens se levantaram serenados e gratos. Os filósofos ficaram estupefactos com a sabedoria do ancião e o milagre que acabava de realizar. Disse-lhes êle, então: "Por que vos admirais? Não fomos nós quem o fêz, senão Cristo, que faz tais coisas pelos que nêle acreditam. Acreditai nêle, e vereis." Os filósofos, saudando-o, retiraram-se confessando que tinham tirado grande proveito daquela visita (1).

Mais tarde os arianos, que perseguiam santo Atanásio, gabavam-se de que Antônio lhes secundava a opinião. Por ocasião da prece dos bispos e

---

(1) Atan., **Vita Antonii.**

de todos os fiéis, o patriarca dos solitários desceu da montanha e, entrando na cidade de Alexandria, excomungou os arianos, dizendo que era a última heresia, a que precederia o Anticristo. Ensinava ao povo que o Filho de Deus não é uma criatura, não é feito de nada, mas eterno, da substância do Pai, seu Verbo e sua sabedoria. "Não tenhais, pois, afirmava, comunicação nenhuma com os ímpios arianos. Sois cristãos: êles, que dizem que o Filho de Deus é uma criatura, em nada diferem dos pagãos, adorando a criatura em lugar do criador." O povo se rejubilou ao ouvi-lo anatematizar a heresia; multidões acudiram para vê-lo; os próprios pagãos e os seus sacrificadores iam à igreja, dizendo: desejamos ver o homem de Deus, pois todos assim o chamavam, e, pelas suas preces, libertou Deus vários possessos e curou vários alienados. Inúmeros pagãos pediam que ao menos os deixassem tocar o santo ancião, persuadidos que estavam de receber algum proveito; e naqueles poucos dias, fizeram-se mais cristãos do que num ano. Alguns, temendo que a multidão o pudesse importunar, pretendiam afastar todos. Êle dizia-lhes, sem se comover: "Não são em número maior que os demônios contra os quais combatemos na montanha." De regresso, acompanhado de várias pessoas e do próprio santo Atanásio, ao chegarem à porta da cidade, uma mulher gritou atrás de Antônio: "Esperai, homem de Deus, minha filha está cruelmente atormentada pelo demônio; esperai, eu vos rogo, para que eu própria não morra de tanto correr." Pediram ao santo que se detivesse, o que êle fêz de boa vontade. A mulher aproximou-se. A filha atirou-se ao chão, e Antônio, após orar e invocar Jesus Cristo, logrou o afastamento do demônio e a cura da jovem.

A mãe abençoava o nome de Deus, todos agradeciam ao santo, e Antônio reencetou o caminho com júbilo, voltando à montanha (1).



Santo Antônio, estatueta em pedra do século XIII.

O imperador Constantino escreveu-lhe, com os dois filhos Constâncio e Constante, tratando-o de pai e pedindo-lhe uma resposta. Antônio, sem se comover ao receber as missivas, chamou os monges

(1) Atan., **Vita Antonii.**

e disse-lhes: "Não vos assombreis se um imperador vos escreve, porque não passa de simples homem; assombrai-vos, isso sim, de haver Deus escrito uma lei para os homens, e ter falado a nós por intermédio de seu próprio filho." Nem quis receber as missivas, dizendo que não saberia responder a elas. Os monges, explicando-lhe que os imperadores eram cristãos, e que poderiam escandalizar-se de tamanho desprêzo, permitiu Antônio lhe fôssem lidas as missivas e deu as respostas, oferecendo salutares conselhos aos imperadores, que não atribuíssem grande importância às coisas presentes, e pensassem, antes, no juízo futuro, que considerassem ser Jesus Cristo o único rei verdadeiro e eterno e, finalmente, rogando-lhes fôssem humanos e cuidassem da justiça e dos pobres.

Contava Antônio noventa anos de idade, quando Deus lhe fêz conhecer São Paulo, primeiro ermitão, na maneira que vimos na vida dêste último, no décimo-quinto dia dêste mês. Outro ponto de grande consôlo para Santo Antônio eram as novas que recebia, de vez em quando, de Santo Hilário, seu discípulo na Palestina. Escrevia-lhe e recebia com júbilo as suas cartas. E quando iam visitá-lo doentes do lado da Síria: "Por que, dizia, vos cansastes em vir tão longe, se está perto de vós meu filho Hilário?"

Morreu Antônio em 17 de janeiro de 356, com cento e cinco anos, tão fervoroso, tão exato e, ao mesmo tempo, tão são como na juventude. Segundo as suas ordens, dois dos discípulos o enterraram em lugar só dêles conhecido. Receava Antônio que lhe embalsamassem o corpo e o guardassem nas casas, de acôrdo com o velho uso do Egito. Ao morrer, legou uma das peles de ovelha a Santo Atanásio, a outra a Serapião, bispo de Tmuis e o cilício aos dois discí-

pulos. Foram estas as suas últimas palavras: "Adeus, meus filhos, Antônio vai-se. Não estará mais convosco." Alguns meses antes, fôra, segundo o costume, ver os monges que viviam na montanha exterior, e dissera-lhes:

"É a minha derradeira visita, e muito me engano se nos tornamos a ver nesta vida. É tempo de partir, visto que já tenho cento e cinco anos." A essas palavras, desataram os monges a chorar e abraçaram o santo ancião, que lhes falava com alegria, como se estivesse abandonando um país estrangeiro para regressar à pátria. Santo Antônio exortou-os a não desanimar nos penosos exercícios, e a viver como se tivessem de morrer a qualquer instante. Recomendou-lhes também que se afastassem dos arianos. "E não vos perturbeis, acrescentou, por verdes à testa dêles os juízes; êsse poder mortal e imaginário não tardará em passar (1)".

* * *

(1) Atan., **Vita Antonii.**

SÃO SULPÍCIO

Bispo de Burgos

São Sulpício de Burgos, segundo do nome, cognominado o Bondoso, para distingui-lo de outro Santo Sulpício de Burgos, cognominado o Severo, nasceu em nobre família. Desde a mocidade, patenteou terno afeto pela prece e grande amor à castidade. Santo Austregésilo de Burgos não tardou em admiti-lo ao seu clero, com a permissão do rei Teodorico. Em virtude da fama das suas virtudes, deu-lhe Clotário II o cargo de abade nos seus exércitos. Os reis dos francos tinham por costume conduzir à guerra clérigos ou monges, para que celebrassem o ofício divino no campo. O príncipe teve motivos para congratular-se, pois, tendo caído perigosamente doente, houve mister recorrer às orações de Sulpício, que observou rigoroso jejum para lograr a cura. Entretanto, ao cabo de cinco dias, parecendo a enfermidade piorar e já não haver quase esperança, rogaram a Sulpício que comesse alguma coisa. Respondeu êle: "Só comerei no sétimo dia, e fá-lo-ei com o rei." Com efeito, Clotário, restabelecendo-se sùbitamente, mandou chamar Sulpício e convidou-o a sentar-se à mesa, a fim de lhe testemunhar todo o seu reconhecimento.

Morreu Santo Austregésilo em 20 de maio de 624, e houve divergências na eleição do sucessor.

Um dos principais cidadãos de Burgos, conseguindo alguns votos à custa de dinheiro, rumou para a côrte, com o intuito de lograr, mediante bons presentes, o consentimento do rei Clotário. A princípio, ficou o rei ofuscado. Mas a rainha relembrou-lhe o mérito e os serviços de Sulpício, em favor do qual se apresentava um ato de eleição, tanto mais canônico por não estar acompanhado de presentes. Feito bispo de Burgos, Sulpício ultrapassou a santidade dos mais ilustres predecessores. Aos trabalhos das funções episcopais, acrescentava as austeridades dos mais mortificados solitários, sòmente se deitando sôbre um cilício, jejuando constantemente e consagrando ao ensino do povo o tempo que não empregava na prece. Pregava freqüentemente, só buscando a conversão, e não os aplausos dos ouvintes. As suas palavras, sustentadas pelos exemplos e pelos milagres foram tão eficazes, que converteram os judeus fixados em Burgos. E êle teve o consôlo de os batizar quase todos. Os obstinados retiraram-se para outro lugar.

A principal virtude de Sulpício era a caridade. Em tempo de fome e de extremo frio, um menino extenuado lançou-se-lhe aos pés, rogando-lhe piedade. O santo recomenda-o insistentemente ao mordomo que promete cuidar dêle. No entanto, atarefado com outras coisas, perde-o de vista por alguns instantes. Transido de frio, o infeliz menino se arrasta para o fogão e morre. O mordomo procura-o inùtilmente, e quando Sulpício lhe pede novas, confessa que o perdeu. Imediatamente, o santo, entrando na cela, prostra-se no chão, derrama um mar de lágrimas e implora a misericórdia de Deus, como se êle próprio tivesse a culpa do sucedido. No intervalo, o criado incumbido de acender o fogão, descobrindo o cadáver

do menino, o leva aos pés do pontífice, que redobra as preces, as lágrimas e os gemidos, até que logra devolver-lhe a vida. O menino viveu vários anos com o autor que escreveu a vida de São Sulpício.

Outra vez, durante a noite, entrou um ladrão no guarda-comida do santo. No instante de sair não conseguiu descobrir a porta. Sulpício mandou que dois criados o levassem à sua presença. O ladrão, contudo, escapou e atirou-se a um poço bastante profundo, para subtrair-se aos olhares da multidão acorrida. Ao cair, implorou o bem-aventurado bispo que, acorrendo imediatamente, ordenou descesse um criado ao poço. O ladrão, retirado são e salvo, lançou-se aos pés do santo, rogando perdão. Sulpício concedeu-lho imediatamente, deu-lhe o que êle precisava, recomendou-lhe que, no futuro, em lugar de pegar, pedisse, e explicou-lhe que preferia fazer-lhe presentes a ser por êle roubado. Morreu o santo em 644.

* * *

SÃO GAMELBERTO (*)

Confessor

Gamelberto, também celebrado com o nome de Amelberto, era da Baviera, filho de pais riquíssimos, que desejavam vê-lo seguir a carreira das armas.

Quando chegou a idade que o pai estabelecera para o recomendar a um oficial, Gamelberto recusou-se a abraçar a profissão. Enraivecido, não conseguindo demover o filho, obrigou-o a se fazer pastor, transformando-o em guarda dos seus rebanhos.

Submissa e resignadamente, Gamelberto, com doçura, aceitou a imposição paterna. Logo descobriu que naquele ofício o tempo para meditar era bem razoável, e principiou a se exercitar na prática da oração e da contemplação.

Um dia, conta-se, vencido por um sono irresistível, dormiu à sombra duma árvore, enquanto o rebanho, calmo e unido, pastava quietamente. Quando despertou, sentiu que alguma coisa lhe pousava sôbre o peito. Ergueu-se e verificou que se tratava dum livro.

Convencido de que aquilo era providencial, recolheu o rebanho na hora de sempre, e, ansioso, foi procurar o padre do lugar. Contou-lhe o sucedido e pediu que lhe ministrasse ensinamentos.

Gamelberto fêz rápidos progressos no caminho das santas Escrituras. E, à medida que o tempo ia passando, avançava também, e a largos passos, na prática das virtudes.

Morto o pai, o jovem pôde receber o sacerdócio.

Um dia, quando efetuava uma peregrinação ao túmulo dos santos apóstolos, surpreendeu-o a noite a meio caminho. Na casa em que pediu hospitalidade, acabava de nascer um meninozinho, e os pais, satisfeitos com aquela chegada, rogaram-lhe que batizasse o filho. Gamelberto, emocionado, batizou-o, e, finda a cerimônia, disse aos pais da criança, compenetradamente, e profèticamente:

— Êste menino será meu sucessor nos trabalhos apostólicos.

Com efeito, o menino, Santo Uthon, foi o sucessor de São Gamelberto.

Quando o Santo regressou de Roma, cumprida a peregrinação, construiu uma pequena cela perto duma igreja e ali passou a viver. Atendia grande número de pessoas, principalmente cegos e estropiados, aos quais consolava e exortava.

Sentindo a morte próxima, aos que o procuravam diàriamente, disse:

— Deus me chama, mas vós não ficareis sem ninguém que vos aconselhe e proteja.

Nem bem acabara de pronunciar tais palavras, quando um moço apareceu diante dêles. Era Uthon, que São Gamelberto, fazia muito, batizara ao ir a Roma.

— Eis aí, disse o Santo, o pastor que vos acabava de prometer, da parte de Deus.

São Gamelberto faleceu pouco depois de ter recebido os últimos sacramentos, no ano 800, e, desde logo cultuado, confirmou-lhe a Igreja o culto definitivamente em 1909.

* * *

No mesmo dia, na diocese de Laval, Nossa Senhora de Pontmain. Maria Santíssima aparecia a quatro crianças: Eugênio e José Barbedette, o primeiro com doze anos, o segundo com dez, e Francisco Richer, onze anos, e Joana Maria Lebosse, de nove anos. No céu estrelado, a Mãe de Deus sorria-lhes e estendia-lhes os braços amoráveis, tendo na cabeça belíssima coroa de ouro. Uma multidão, ao lado dos meninos, nada via. Pouco depois surgiu no céu uma cruz vermelha, com a imagem do Crucificado, e Nossa Senhora, então entristecida, tomando-a, inclinou-a para a massa humana que se comprimia em tôrno das crianças. Quando a cruz desapareceu, Maria voltou a sorrir, pedindo mais orações, e desapareceu também. A aparição durou horas, e Pontmain tornou-se lugar de peregrinos, onde a Mãe de Deus foi e é venerada com o nome de Nossa Senhora da Oração. Em 1900, a igreja que lhe erigiram foi solenemente consagrada.

Em Cahors, São Genulfo, bispo, originário de Roma, alçado ao episcopado quando do papa Sixto II. Na Gália, com o pai, pregou o Evangelho e converteu considerável número de pagãos, falecendo em 250, provàvelmente.

Na Grécia, Santo Aquiles, confessor.

Na Irlanda, São Nênio, abade, descendente dos reis daquele país. Um dos doze apóstolos da Irlanda.

Na Mesopotâmia, São Juliano, ermitão e confessor.

Em Placência, São Sabino, bispo e confessor, tomou assento no concílio de Aquiléia, em 381, contra os arianos Peládio e Secundiano, bem como no de Milão, celebrado em 390, contra Joviniano. Amigo íntimo de Santo Ambrósio, correspondia-se regularmente com o grande Santo. Faleceu em 420.

Na Inglaterra, Santa Mildgite, virgem, filha de Merewaldo e de Santa Ermenburga, e irmã das santas Mildrede e Milburga. A mais moça, seguindo o exemplo das irmãs, abandonou o século e consagrou-se a Deus, que lhe conferiu o dom dos milagres. Faleceu muito santamente em 676.

Ainda neste mesmo dia 17 de janeiro, na diocese de Mans, São Richmir, abade. Querem alguns autores que seja originário de Tours. Pedindo o consentimento do bispo de Mans, fixou-se naquela diocese para levar vida de pobreza, à imitação do Cristo. Com alguns companheiros, construiu uma igreja, com pequena residência, às margens do Loire, onde quarenta monges viveram sob sua direção. Depois duma vida passada na prática da penitência, faleceu em 715, sendo sepultado na própria cela em que vivera. Morto, realizaram-se vários milagres.

Na Provença, nas dioceses de Fréjus e de Gap, a bem-aventurada Rosalina de Vilanova, virgem, desaparecida em 1329, filha do barão dos Arcos. Impondo-se severas austeridades, passava uma semana inteira sem qualquer alimento, dormindo apenas três ou quatro horas. Teve freqüentes visões e êxtases. Lia o fundo dos corações.

No mesmo dia, em Langres, os três santos gêmeos Espeusipo, Eleusipo e Meleusipo, que receberam a coroa do martírio com a avó Leonila, sob o imperador Marco Aurélio. — Em Roma, descoberta dos santos mártires Diodoro, sacerdote, Mariano, diácono, e dos seus companheiros. Estando a celebrar a festa dos mártires, num areal, na época do papa Santo Estêvão, os perseguidores da fé, fechando a porta, fizeram cair sôbre êles grande quantidade de terra. Mereceram, dessarte, a glória do martírio. — Em Roma, no mosteiro de Santo André, os santos monges Antônio, Mérulo e João, mencionados pelo papa São Gregório nos seus escritos.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

Sermão de Todos os Santos 7
A Monsenhor Bispo de Toul, o Papa São Leão IX 59
A Monsenhor Alexis Menjaud, bispo de Nancy e de Toul 67

JANEIRO

1.º dia de janeiro

A Circuncisão, festa do Santo nome de Jesus 71
São Fulgêncio 75
José Maria Tomassi 87
Bem-aventurado Guilherme, abade de São Benigno 90
Bem-aventurada Zedislava Berka 92
Bem-aventurado Ugolino de Gualdo 93
Bem-aventurado Vicente Maria Strambi 94

2.º dia de janeiro

Santo Adalardo, abade de Corbie, na França 98
São Macário de Alexandria, anacoreta 102
São Martiniano, Bispo e confessor 105
Santo Aspásio, confessor 106
São Vicentiniano, ermitão 107
Bem-aventurado Airaldo, bispo e confessor 108
Bem-aventurado Bentivoglio de Bonis, confessor 109
Bem-aventurado Geraldo Cagnoli, confessor 112
Bem-aventurado Marcolino de Forli, dominicano-confessor 114

Bem-aventurada Estefânia Quinzani, virgem 115
Bem-aventurado Gaspar del Bufalo, confessor 117

3.º dia de janeiro

Santa Genoveva, virgem e padroeira de Paris 121
São Górdio, mártir 129
São Pedro Bálsamo, mártir 132
São Narciso, Bispo 137
São Blimont, abade e confessor 138
Santa Bertília, viúva 140
A bem-aventurada Bonne de Armagnac, virgem 142

4.º dia de janeiro

São Tito, discípulo de S. Paulo e bispo de Creta 145
São Gregório, bispo de Langres 146
O bem-aventurado Libêncio, arcebispo de Bremen 151
Santa Fausta, virgem e mártir 154
São Ferreol, bispo de Uzès e confessor 155
Santa Farailda, virgem 157
São Rigoberto, arcebispo de Reims e confessor 159
Bem-aventurada Ângela de Foligno, viúva 160
Bem-aventurada Oringa, virgem 164

5.º dia de janeiro

São Simeão Estilita 166
Santa Sinclética, virgem 184
São Gerlach, ermitão e confessor 186

6.º dia de janeiro

A Epifania. Os Magos 191
São Nilamão, recluso 193
O bem-aventurado João de Ribera, arcebispo de Valência 195
São Melânio, bispo e confessor 200
S. Pedro Doroverne, abade 201

Santo Erminoldo, abade 203
São Guerino, bispo e confessor 204
Bem-aventurada Gertrudes Van Oosten, virgem 206
São Pedro Tomé, Patriarca de Constantinopla, mártir 208
Bem-aventurado Carlos de Sezze, confessor 210
São Raimundo de Penhaforte 213

7.º dia de janeiro

São Luciano, sacerdote e mártir 222
São Nicetas, Bispo dos dácios 224
São Reinaldo, mártir 228
Bem-aventurado Witikind, confessor 230
São Tillon, confessor 232
Bem-aventurado Vital, abade de Savigny 234
Santo Aldrico, Bispo e confessor 236

8.º dia de janeiro

São Severino, apóstolo da Nórica 239
Santa Gúdula, virgem e padroeira de Bruxelas 251
São Cartério, mártir 253
São Natalan, Bispo e confessor 254
Bem-aventurado Turpino, Bispo e confessor 255
São Félix, Bispo e confessor 256

9.º dia de janeiro

Santos Julião e Basilissa 259
Santo Adriano, abade na Inglaterra 260
Santa Pascácia, virgem e mártir 262
São Marcelino, Bispo e confessor 263
São Felan, abade 264
Santa Marciana, virgem e mártir 265
São Vanengo, confessor 266
Bem-aventurado Honorato de Buzançais, mártir 268
Bem-aventurado Filipe Berruyer, arcebispo e confessor 270
São Pedro Sebasta 272

10.º dia de janeiro

Santo Agatão, papa 274
São Guilherme, arcebispo de Bourges 280
Bem-aventurado Egídio de Lorenzana 287
São Marciano, padre e confessor 289
São Domiciano, Bispo e confessor 291
São Gonçalo de Amarante, confessor 292
Bem-aventurado Gregório X, papa 294
São Pedro Urséolo, confessor 297

11.º dia de janeiro

São Teodósio, abade na Palestina 300
O bem-aventurado Tomás de Cora, da Ordem de S. Francisco 304
São Tipásio, mártir 306
Santo Anastácio, confessor 308
São Vital, monge 310
Santo Egwino, Bispo e confessor 312

12.º dia de janeiro

São Bento Biscop, Abade na Inglaterra 316
Santo Aelredo, Abade na Escócia 321
Santo Arcádio, mártir 329

13.º dia de janeiro

Santa Verônica de Milão 334
Oitava de Epifania. Batismo de Jesus Cristo 338
São Potito, mártir 341
Santos Hérmilo e Estratonico, mártires 343
Santa Gláfira, virgem 345
Bem-aventurado Hildemar, confessor 346
Bem-aventurado Godofredo de Cappenberg, confessor 348
Bem-aventurado Bernon, Abade e confessor 350
São Kentigern, Bispo e confessor 352

14.º dia de janeiro

Santo Hilário, Bispo de Poitiers 358
São Félix de Nola, sacerdote e confessor 362
São Barbacemin e seus companheiros, mártires na Pérsia 365
Santa Macrina, a velha, viúva 367
Bem-aventurado Engelmar, ermitão e mártir 369
Bem-aventurado Odorico de Pordenone, confessor 371
Bem-aventurado Odon de Novara, confessor 374

15.º dia de janeiro

São Paulo, primeiro ermitão 378
São Macário do Egito, cognominado o velho 384
São João Calibita, recluso 387
Santo Amaro, discípulo de São Bento 388
Santas Maura e Brita, virgens 389
Santa Ita, virgem 391
São Boneto, Bispo e confessor 393
São Ceolwulf, rei e confessor 395
Bem-aventurado Pedro de Castelnau, mártir 396

16.º dia de janeiro

Santo Honorato, bispo de Arles 401
São Marcelo I, papa e mártir 403
São Melas, Bispo e confessor 405
Santo Honorato, abade e confessor 407
Santo Henrique, ermitão 409
Santos Beraldo, Pedro, Oto, Acúrsio e Adjuto, mártires 411

17.º dia de janeiro

Santo Antônio, patriarca dos cenobitas 414
São Sulpício, Bispo de Burgos 434
São Gamelberto, confessor 437

Composto e impresso nas
oficinas gráficas da
EDITÔRA DAS AMÉRICAS
São Paulo — 1959